O romance brasileiro sensação na Europa e nos EUA

A MÃE DA MÃE DE SUA MÃE E SUAS *filhas*

NOVA EDIÇÃO COM CAPÍTULO EXTRA

MARIA JOSÉ SILVEIRA

GLOBO LIVROS

Maria José Silveira

A MÃE DA MÃE DE SUA MÃE E SUAS FILHAS

Sumário

Pular sumário **[»»]**

Para Galiana, minha mãe, e tia Sina, Gali, José Gabriel e Laura.

Para Felipe.

Tal qual me vês, há séculos em mim:
números, nomes, o lugar dos mundos e o poder do sem fim.

Cecília Meireles, "Trânsito"

Inaiá (1500-1514) ——— Fernão, o Jovem

Região de Porto Seguro/Bahia, vizinha ao Monte Pascoal.

Teberetê (1514-1548) ——— Jean-Maurice

Região da Feitoria de Cabo Frio/Rio de Janeiro.

Sahy (1531-1569) ——— Vicente Arcón

Fazenda perto da costa da Bahia.

Filipa (1552-1584) ——— Mb'ta

Fazenda na Bahia e engenho em Recife.

Maria Cafuza (1579-1605) ——— Manu Taiaôba

Entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Maria Taiaôba (1605-1671) ——— Duarte Antônio de Oliveira

Olinda e Salvador.

Belmira (1631-1658) ——— Wilhelm Wilegraf

Olinda e Salvador.

Guilhermina (1648-1693) ——— Bento Vasco

Olinda, Salvador e fronteira do Espírito Santo e Minas Gerais.

Ana de Pádua (1683-1730) ——— José Garcia e Silva

Sabará/ Minas Gerais.

Clara Joaquina (1711-1740) ——— Diogo Ambrósio

Sabará e fazenda no interior do Rio de Janeiro.

Jacira Antônia (1737-1812) ——— Capitão Dagoberto da Mata

Fazenda no interior de Goiás.

Maria Bárbara (1773-1790) ——— Jacinto

Fazenda no interior de Goiás.

Damiana (1789-1822) ——— Inácio Belchior

Cidade do Rio de Janeiro.

Açucena Brasília/Antônia Carlota (1816-1906) ——— Caio Pessanha

Rio de Janeiro e divisa de Minas Gerais e São Paulo.

Diana América (1846-1883) ——— Hans G.

Cidade do Rio de Janeiro.

Diva Felícia (1871-1925) ——— Floriano Botelho

Cidade do Rio de Janeiro.

Ana Eulália (1906-1930) ——— Umberto Rancieri

Rio de Janeiro e São Paulo.

Rosa Alfonsina (1926-...) ——— Túlio Faiad

Interior de Minas Gerais e Brasília.

Lígia (1945-1971) ——— Francisco da Mata

Brasília e Rio de Janeiro.

MARIA FLOR (1968-...) ———— JOAQUIM MACHADO

Brasília e Rio de Janeiro.

ESTÁ BEM.

Se é assim que vocês querem, vamos contar a história das mulheres da família.

Mas vamos contar com calma.

O assunto é delicado, a família é complicada, e nem tudo foi beleza nesta história. Houve, claro, felicidades e amores, muitas lutas e conquistas, grandes realizações — afinal, elas ajudaram a construir quase do nada este país. Mas houve também loucas, assassinas, muitas desgraças e tristezas. Grandes dores. Muitas mesmo.

Lembrem-se também, se for o caso, de que foram vocês que me pediram para contar, desta vez, a vida das mulheres. Se em algum momento acharem que estou passando depressa demais pelos varões, não venham me acusar de feminismo tardio. Já lhes digo de antemão que a vida dos homens é tão interessante quanto a das mulheres, e se não entro mais na seara deles é só para atender ao desejo de vocês.

E, já que a hora cada vez mais se aproxima, vamos começar a contar a história por onde ela começou.

Com Inaiá, a pequena tupiniquim, a origem.

BREVÍSSIMO ENCANTO

Inaiá (1500-1514)

No lusco-fusco vermelho-dourado do entardecer no mar, quando depois de quarenta e dois dias os marujos da armada portuguesa viram as primeiras algas compridas se espalhando pelo verde-escuro do oceano, em claro anúncio de terra próxima, a mãe de Inaiá, no chão firme do terreiro de sua taba, olhou as primeiras estrelas e soube: “Está chegando”.

Quando a escuridão se alastrou e os marujos nos navios foram dormir alvoroçados, já tomados pelos canecões de vinho servidos como celebração antecipada da aproximação de terra desconhecida, a mãe de Inaiá virou-se de lado na rede de fibra de algodão, sentindo o primeiro repuxar das contrações.

De manhãzinha, quando as gaivotas de plumagem negra e cabeça branca transformaram a expectativa dos marujos em crescente euforia e fizeram repicar os sinos da armada, a mãe de Inaiá em sua tribo se levantou e retomou os afazeres daquele dia de céu azul-turquesa.

À hora da véspera daquele 21 de abril, um monte alto e redondo foi avistado pelos marujos em rebuliço, debruçados uns sobre os outros nos tombadilhos dos doze navios da armada, no exato momento em que a mãe de Inaiá se dirigiu para o recanto da floresta que previamente escolhera para esse dia, à beira de um pequeno remanso de águas límpidas que refletia no fundo o verde-esmeralda das árvores ao redor.

E quando o céu outra vez começou a escurecer e nos navios as âncoras foram lançadas e todos se ajoelharam para dar graças pela visão da floresta copada junto à estreita faixa de areia branca, as aves da beira do remanso se levantaram em revoada, assustadas com o primeiro choro de Inaiá.

Seu pai, guerreiro tupiniquim, cortou com os dentes o cordão umbilical. Rejubilava-se intimamente, porque dessa vez era mulher e ele não teria que ficar em abstinência na oca, protegendo-a dos maus espíritos. Poderia se juntar aos companheiros em vigília na praia, o grupo de guerreiros que mirava assombrado os gigantes marinhos se aproximando lentos sobre as águas.

Antes que os primeiros clarões do sol iluminassem a manhã seguinte, ele já estava com o grupo à beira-mar, oito guerreiros tupiniquins armados de arco e flechas. E de lá observaram a aproximação prodigiosa das doze naus e caravelas. Viram também quando o pequeno escaler se aproximou da areia com seres nunca vistos e se perguntaram, excitados: o que seriam?

Agora já eram mais de vinte guerreiros na praia — homens fortes, nus, pintados e adornados com plumas verdes, amarelas, vermelhas, segurando tensos suas armas — e viram os sinais daquelas criaturas e ouviram seus gritos em língua estranha que o rugido do mar arrastava para longe, incompreensível. As ondas encapeladas impediram que o escaler chegasse à praia, mas o grupo de guerreiros permaneceu ali a noite toda, ao redor de pequenas fogueiras, em vigília.

Na manhã seguinte, quase toda a tribo estava na areia para ver os caraíbas, os profetas que vinham do leste, o lado do sol. Mas o que eles viram nesse dia foi a armada se afastar para o norte, e imediatamente decidiram segui-la por terra ou em pequenos barcos, os guerreiros e boa parte da tribo, curiosa demais para voltar à aldeia.

Aos poucos foram chegando ao lugar onde a armada ancorou pela segunda vez, a dias de caminhada dali.

Até a mãe de Inaiá — que saiu três dias depois — acabou também chegando, com o bebê na tipoia às costas, a tempo de ver o erguimento da cruz, no dia 1º de maio, dois enormes paus cruzados, levantados com músicas, cantos e marchas, pelas criaturas de pele estranhamente branca e peluda, como animais. Estavam armados com ferro e fogo, esses homens estranhos que por fatídicos desígnios foram aceitos como amigos e irmãos.

Pode-se dizer, portanto, que Inaiá estava presente, embora nada tenha visto, no acontecimento que mudaria para sempre sua vida e a de seu povo.

Sua tribo vivia uma época de tranquilidade. Os homens pescavam e caçavam, as mulheres plantavam mandioca, faziam farinha e cauim e criavam belos cestos e cerâmica. Chegaram àquele lugar fértil, em sua peregrinação em busca da Terra Sem Males, e, embora as guerras com outras tribos acontecessem, eram como parte da ordem natural das coisas e não perturbavam o cotidiano sem grandes dramas de Inaiá e suas irmãs. Elas banhavam-se no rio, brincavam com os animais das matas próximas às tabas: sabiam reconhecer os tipos de cobras, aproximar-se das aves e dos saguis, dos tamanduás e dos bichos-preguiça; conheciam as plantas e as árvores, os passos seguros dos rios, ajudavam as mães a descascar mandiocas e aprendiam a fazer a farinha e o beiju. Ao anoitecer, as meninas sentavam-se ao redor das fogueiras com os adultos, para escutar as histórias e os risos, aprender as danças, músicas e brincadeiras.

Inaiá cresceu na crença de que a vida é sobretudo prazerosa e que nascemos para nos divertir. Melancolia e tristeza eram sentimentos que provocavam

profundo desagrado entre os nativos. Os deuses eram benignos, e a ideia de uma vida depois da morte era a de um jardim florido onde cantariam, dançariam e pulariam ao lado dos antepassados.

Inaiá também cresceu escutando as histórias sobre os caraíbas que chegaram com o sol no dia de seu nascimento.

Os fatos presenciados naqueles dez dias de abril e maio eram contados e recontados por todos os adultos, milhares de vezes, cada um acrescentando novo ponto de vista, esmiuçando os detalhes, como se o contar mais uma e outra vez fosse a maneira de ajudá-los a integrar aqueles assombrosos acontecimentos ao seu mundo, a fazer deles um componente de suas vidas e não um caos disruptor. Passavam de mão em mão guizos, espelhos, miçangas, os presentes dos brancos. Punham na cabeça o gorro vermelho dos marujos e pulavam, imitando o jeito deles, as piruetas, o modo de andar e de se mexer.

Uma e outra vez Inaiá viu caraíbas em visita à sua tribo ou na areia da beira do mar, junto às toras de pau-brasil que agora enchiam as praias à espera dos grandes barcos. Aqueles homens peludos já não eram tão imponentes quanto imaginara ao escutar as descrições dos que presenciaram sua chegada. Na verdade, aquelas figuras ao vivo não impressionavam em nada as indiazinhas. Elas riam muito de suas roupas molambentas, como se fossem uma sobrepele a pender dos corpos já não tão brancos depois de meses ao sol tropical, mas, ainda assim, de cor bem diferente. Achavam especialmente engraçados os cabelos que pareciam sair de todos os lados e cobrir as mãos, o corpo, o rosto inteiro. As indiazinhas riam muito e seguiam atrás deles, oferecendo o que encontravam pelos caminhos e recebendo em troca sorrisos gentis ou impacientes, muitos gestos e a repetição interminável das mesmas palavras para dizer quase tudo. Algumas vezes viam alguns mais bem-vestidos, de sobrepeles coloridas, essas sim vistosas e bonitas, um cocar não de plumas, mas de pele, na cabeça e pés dentro de carapaças duras.

Os adultos da tribo agora passavam boa parte do tempo cortando as árvores do pau vermelho, o pau-brasa, o magnífico pau-tinta que iria tingir as roupas da moda na Europa. A cor nobre dos reis e dos bispos fora liberada para uso geral, e a procura pela tinta de cor púrpura intensificara-se. Os nativos que possuíam o machado de ferro, presente dos caraíbas, cortavam muito mais rápido, frenéticos, orgulhosos de juntar um monte de toras em poucas horas. Se Inaiá vivesse um pouco mais do que viveu, veria como dia a dia iriam se extinguindo essas árvores de folhas verde-metálicas, flores amarelas e tronco avermelhado que abundavam pelos lugares por onde passava na infância.

E como era Inaiá?

Bom. Inaiá nunca foi especialmente bonita. Bem sei que vocês gostariam que essa mulher com quem tudo começou, essa mãe quase mitológica, fosse, como um mito, perfeita. Mas não posso lhes dar essa satisfação, pois estaria faltando com a verdade, embora, é claro, essa afirmação seja relativa, tanto porque os ideais de beleza de uma tribo indígena da época não são certamente os nossos, como porque a beleza jamais foi uma verdade absoluta e sempre há os que acham feio alguém que a maioria acha bonito e os que acham bonito alguém que a maioria acha feio. Mas é bobagem querer idealizar a beleza dessa primeira mulher da família. Não precisamos disso. Basta saber que, de todas as maneiras, as primeiras habitantes da nossa terra atraíam muito a vista, como ficou registrado por ninguém menos que o ilustre escrivão Pero Vaz de Caminha, no primeiro documento sobre a nova terra. Ele parecia não conseguir desviar os olhos delas, como descreve, sem poder esconder seu encantamento: “Tão moças e tão gentis, com cabelos muito pretos e compridos, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”.

Se todas eram assim tão encantadoras — e se foram vistas só de longe ou quão perto Caminha chegou para bem examiná-las — nunca vamos saber ao certo, mas nem por isso pensem que Inaiá era uma bela entre as belas, porque isso ela não era. Era de boa estatura e fornida de carnes, um pouquinho desproporcional na relação tronco-pernas, sendo essas mais finas do que se poderia desejar, um bumbum normal, nem grande nem pequeno, nem mais rijo nem menos, peitos gordinhos, infelizmente fadados a se deixar vencer pela lei da gravidade muito cedo, cabelos negros escorridos e compridos como os de todas as nativas, nem mais sedosos nem menos. O nariz um pouquinho esborrachado, os olhos negros também nem mais luminosos nem menos que o normal, uma boca tão vermelha como a de suas irmãs e uma marca de nascença, um triângulo escuro no começo da nuca, com o vértice virado para a esquerda, essa sim uma característica apenas sua. Mas, fora isso, nem mesmo a personalidade de Inaiá era especial. Era tão disposta às tarefas e alegre nos banhos, tão falante e despreocupada quanto as irmãs, tão adequada e satisfeita por estar no mundo quanto elas.

Com o tempo, ela já não seguia os grupos de brancos. Ficava de longe, junto com as irmãs, todas rindo muito, mas rindo já de outra forma, olhando já de outro jeito. Foi quando um deles — um caraíba quase tão jovem quanto ela, de nome Fernão, cara branca mas quase sem pelos, com olhos tão claros que pareciam pedrinhas feitas das águas límpidas do mar — a olhou, sorriu e começou a repetir:

“Aqui, aqui. Menina bonita, vem aqui.”

Inaiá foi. Tinha doze anos.

Curiosa, sorrindo — nunca chegara assim tão perto de um caraíba —, Inaiá foi e tocou e riu, cheirou, cheirou e riu, a carne tão branca por dentro da segunda pele, e riu, os cabelos da cor das folhas que caem, e tocou e cheirou e riu, os olhos, sim, quero ver de perto essas pedrinhas da cor da água do mar quando chega à praia, o mar sem ondas, o mar de quando o dia começa.

E riu, riu, riu.

Os pássaros multicores levantaram-se em revoada, e as árvores verdejantes cercaram sem pressa os dois.

Vocês podem não acreditar, mas Inaiá também foi a primeira mulher de Fernão. O jovem lisboeta já havia, com certeza, apalpado uma ou duas raparigas no cais do porto, em noites escuras, mas pela pouca idade, pela inexperiência ou pela inocência, ficara satisfeito o bastante para parar por aí.

E enquanto Inaiá descobria o corpo tão estranhamente branco de Fernão, seus cheiros e suas funções, ele também descobria o corpo da jovem de cor avermelhada e a cheirava e lambia seu gosto de natureza, e lá ficaram os dois entre as folhas, ela rindo ainda, rindo sempre, como era de sua natureza alegre, ele também achando graça das graças dela, jovens, plenos, em paz.

Fernão, o Jovem, um “brasileiro”

Fernão era grumete da tripulação de um navio que comerciava pau-brasil, um dos marujos por isso mesmo chamados de “brasileiros”, e pela segunda vez estava no litoral da Terra dos Papagaios.

Da primeira vez, tinha pouco mais de doze anos, e foi também sua primeira viagem marítima. Filho de taberneiros do porto de Lisboa, nascera escutando histórias de além-mar, de seus portentos, perigos e riquezas. Tudo o que queria na vida era um dia chegar às Índias ou, mais ainda, seu sonho de todas as noites, não confessado a ninguém, era fazer parte de uma tripulação que descobriria uma terra nova onde o ouro, a prata e as mercadorias seriam tantos que enriqueceriam até o mais miserável dos grumetes, e os homens de um olho só e dois chifres seriam derrotados depois de uma luta sangrenta, e as mulheres seriam belas e amorosas e acessíveis, com deliciosas escamas de peixe nos pés.

Fernão era quase um menino, mas tinha a esperteza de quem se criara observando atentamente o mundo à sua volta. Na taberna, era quem servia com mais disposição aos marujos, e deles se tornou amigo até que lhe conseguiram o lugar de grumete em uma das naus que buscavam o cobiçado pau-brasa na nova terra. Era uma nau do consórcio liderado por Fernão de Noronha, e o jovem lisboeta sabia que esse era o melhor jeito de começar a realizar seu sonho de aventuras e de ir às Índias.

A nau — como qualquer uma que saía daquele porto naquelas circunstâncias — tinha uma claríssima missão: trazer para Portugal a maior quantidade de pau-brasil no menor tempo possível e com o mínimo de despesas. Para isso, os regulamentos eram rígidos e a disciplina, militar. E bem no fim da cadeia hierárquica no navio, abaixo dos marujos, era onde estavam os grumetes cuja vida nada tinha de doce. Eram eles que faziam o trabalho mais duro, içavam os cabos, serviam aos marinheiros e estavam sujeitos a todo tipo de maus-tratos e castigos.

Mas Fernão, o Jovem, sentia-se um privilegiado naquela primeira viagem. Amava o mar e não se cansava de observá-lo, de admirá-lo, aprendendo a conhecê-lo, a prever suas mudanças e caprichos. Incansável, fazia pequenos favores para qualquer um e se tornou o grumete mais requisitado do navio, indo e vindo por todos os lugares da nau, que em pouco tempo conhecia tão bem quanto a pequena taberna onde nascera. Nessas suas andanças pela nau, não perdia nenhum comentário e logo começou a aproveitar a paixão dos marujos

por apostas para ganhar alguns ducados, apostando, por exemplo, quando haveria um pequeno acerto da rota para sudeste ou o que viria na ração do dia seguinte.

Ao chegar à nova terra, o jovem de primeira viagem se extasiou com o esplendor da luz na areia da praia, com os nativos em sua nudez, suas plumas e pinturas, as figuras risonhas das mulheres, os odores das árvores e das frutas dulcíssimas, a exuberância de uma vegetação e de uma realidade que fora incapaz de imaginar no mais desenfreado de seus sonhos.

Sôfrego, mesmo depois de horas extenuantes de trabalho ajudando os nativos a acomodar as toras dentro da nau, Fernão se deitava na areia da praia, respirando o bom ar e os cheiros que pouco a pouco começava a distinguir, e pensava que era aquela a terra de seus desejos, que nenhuma outra poderia ser assim tão bela, nem as Índias.

Com os ducados ganhos nas apostas durante a viagem, ele pôde negociar animais com os nativos — uma das poucas coisas permitidas à tripulação das naus — e comprou um extravagante papagaio, um dos novos produtos mais cobiçados em Portugal, o fantástico animal que, além da beleza da plumagem verde e vermelha, podia falar e divertir enormemente a todos. Ganhou também uma bela pele de onça ao apostar com um marujo o dia exato em que embarcariam de volta.

Na viagem de regresso, Fernão, como muitos outros da tripulação, passou o tempo de descanso ensinando seu papagaio a falar. Uns ensinavam cortesias, “Sim, meu cap’tão”, “Não, sinhoire”, outros ensinavam sacanagens, “Pap’rig de Lisboa, dai-me vossa mão e outras cheirosas partes”, e outros, ainda, querendo vendê-los caro para a nobreza do clero, ensinavam orações. Era um grande divertimento, e Fernão logo encontrou outra maneira de ganhar alguns ducados mais, começando a negociar sua habilidade nata como professor de papagaios.

Mal chegado a Portugal, ele se engajou para a segunda viagem ao Brasil. Dessa vez, porém, a sorte não lhe mostrou os dentes. O mau tempo os acompanhou durante quase todo o percurso, a comida foi mais racionada do que nunca, e a crueldade do guardião ultrapassava muito a que Fernão conhecera na viagem anterior. Por dá lá aquela palha, os grumetes eram chicoteados até desmaiarem, e Fernão já não tinha a mesma liberdade de andar pela nau como antes. Pior ainda, logo ao chegar à costa brasileira, foi detectado um roubo de machados e machadinhas destinados à negociação com os nativos, e ele foi um dos acusados, mais por antipatia do guardião do que por qualquer culpa de fato.

Proibido de baixar ao litoral pelo qual se apaixonara e que julgava mais belo do que todos os seus sonhos, inconformado e rebelde, não lhe foi difícil decidir desertar. Quando o navio zarpou de volta a Portugal, Fernão e outro companheiro, Cipriano, um português corpulento, exímio tocador de gaita, conseguiram se lançar ao mar e alcançar a areia.

Logo depois, Fernão conheceu Inaiá e se tornou amigo dos nativos. Com a perspectiva de chegada de novas naus, contudo, Fernão e Cipriano acharam melhor se afastarem do local onde certamente seriam procurados pela tripulação do próximo barco. Decidiram seguir rumo à feitoria de Cabo Frio, uma viagem longa, feita em canoas e dias de caminhada.

Inaiá e duas irmãs foram com eles.

Os motivos que fizeram as índias deixar sua tribo, quem vai saber? Podem ter ido apenas pelo prazer da aventura, ou talvez tenham ido mais ou menos forçadas, ou podem ter ido também pela ambição de ter acesso aos cobiçados objetos dos brancos. Embora Fernão e Cipriano fossem apenas desertores, traziam consigo a possibilidade de contato com um mundo que já passara a fazer parte do imaginário e do desejo dos nativos.

A feitoria de Cabo Frio, uma das três que os portugueses instalaram na luxuriante costa que se transformara em gigantesca área produtora de pau-brasil, não era mais que um pobre galpão de madeira, cercado por uma paliçada de toras pontiagudas. O consórcio de cristãos-novos portugueses, a quem a Coroa portuguesa entregara a exploração da nova colônia, só queria dessa terra — como parece ter sido desde sempre seu inescapável destino — extrair o máximo de riqueza com a menor despesa possível. Um mínimo de homens fora deixado ali, com duas arcas e alguns caixotes.

Fernão e seu grupo foram bem recebidos, mas não quiseram se estabelecer na feitoria. Procuraram uma clareira próxima na mata, na encosta de onde se avistava uma cachoeira cristalina em cujas águas peixes multicores desciam aos borbotões. Ali ergueram um rancho de pau de aroeira-branca e jatobá, coberto com palhas de buriti.

Inaiá lhe mostrava as plantas comestíveis, o plantio da mandioca, as madeiras que não apodreciam e, com fibras das árvores, fazia armadilhas de pesca. Fernão trazia os peixes ainda se debatendo em suas mãos, caçava capivara, sagui,

tatuetê. Inaiá preparava o beiju e alimentava seu homem com as mais variadas espécies de palmito, inhame, ananás, caju, pitomba, mangaba, abiu, umbu, jabuticaba, todos os tipos de amora, a branca, a preta, a vermelha, e todas as guabirobas. Ensinou Fernão a se pintar com a tinta azul-escura do jenipapo e com os pigmentos amarelos do abacaxi-de-tingir. À beira do rio, ela lavava e tratava os cabelos, enquanto aos risos e brincadeiras praticamente obrigava o jovem europeu a se banhar pelo menos uma vez por dia.

Fernão passava boa parte do tempo ensinando papagaios a falar e trocava-os com os homens da feitoria, que, por sua vez, trocava-os com as tripulações que vinham recolher pau-brasil. Desde que desertaram do navio, Fernão e Cipriano mudaram de nome e de história, dizendo-se náufragos, e, se alguém naquelas paragens alguma vez duvidou disso, nunca falou. Para maior segurança, no entanto, evitavam qualquer contato direto com os marujos portugueses.

As noites estreladas eram suaves e cálidas. Fernão aprendeu a tocar flauta indígena e, junto com Cipriano e sua gaita, compunha melodias novas para divertir as irmãs.

Em um ano Inaiá deu à luz. Chamou-a de Teberetê, e o pai balançou a cabeça, satisfeito.

Sim, eles estavam no paraíso, e vocês me perguntam se eles se amaram. O que é o amor, o que era o amor? Não ouso responder. Que eles certamente gostavam de transar um com o outro, que Fernão não procurou outras índias porque isso nem lhe passou pela cabeça, que os dois passavam horas rolando no chão entre as folhas, brincando e gemendo, que Fernão tomava banho no rio puxado por Inaiá, que queria melhorar o cheiro dele, que Inaiá só pensava em levá-lo para o sossego de sua rede, onde pudessem brincar sem as mordidas dos bichos nas folhas, tudo isso aconteceu assim.

É isso o amor? Então, sim, eles se amaram.

Com o tempo, a juventude aventureira de Fernão fez com que se pusesse a ruminar a ideia de procurar o reino da Serra da Prata, sobre a qual seus amigos indígenas contavam histórias surpreendentes. Ele chegara a ver, na maloca de um chefe tupiniquim, uma taça rústica de pura prata que diziam ser de lá. Falavam também de um caminho, uma rota para o sul, já usada desde tempos passados. Calculava ele que poderia arregimentar um grupo de brancos e índios

para essa expedição, desde que conseguissem mais armas e munição.

E se preparava: aprendeu com os nativos a fazer arcos de jacarandá e ipê com pontas cortantes de taquara ou — como ele gostava mais — com dentes de tubarão; a fazer tacape com a madeira dura de jucá e cordas com casca de embaúba. Com grande curiosidade, aprendia tanto a fazer armas e armadilhas como a distinguir as ervas medicinais. Inaiá lhe explicava as funções das ervas e à noite lhe oferecia paricá, um pó afrodisíaco e narcótico parecido com o rapé.

Imaginava-se já senhor de exuberantes terras desconhecidas, onde os rios cristalinos escondiam tesouros de ouro e prata em suas funduras azuis.

Mas o tempo não lhe coube para tanto sonho.

Ao alvorecer de uma noite de lua cheia, de repente um grito agudo. Inaiá desperta em sobressalto: era o grito de ataque dos tupinambás.

O grupo era pequeno, mas aterrorizador.

Atacaram aos urros, berros, gritos, batendo forte os pés no chão, tocando cabaças, pífanos e flautas, mostrando seus colares de muitas voltas, feitos com os dentes e os ossos dos inimigos que haviam matado e comido.

Fernão, o jovem, caiu varado por várias flechas. Um pouco mais longe, Inaiá morreu na hora com um dardo envenenado no coração. Cipriano e as esposas caíram dentro do rancho.

Urrando e pulando, o chefe do grupo levantou seu tacape e, com um golpe único e preciso, esmagou, vitorioso, a cabeça sonhadora de Fernão.

Só os tiros dos brancos da feitoria, alertados pelo alarido, conseguiram afugentar o grupo, frustrando sua clara intenção de levar partes dos mortos como alimento para a jornada de volta.

Os guerreiros, no entanto, ainda tiveram tempo suficiente para agarrar Teberetê e as outras crianças e pôr fogo nos ranchos e nos cadáveres, deixando-os queimar qual tochas incandescentes debaixo do solzinho ameno daquela fresca manhã tropical.

Tebereté (1514-1548)

O grupo de guerreiros tupinambás pretendia atacar a feitoria dos portugueses, mas o rancho de Fernão e Inaiá, no meio do caminho, foi um apelo irresistível. Era bastante comum naquela época o ataque ou emboscada de tribos rivais, e a investida contra a feitoria fazia parte da aliança dos tupinambás com os franceses disputando com os portugueses e os tupiniquins o comércio do pau-brasil na costa da nova terra.

Era um momento de incertezas.

Portugueses e franceses, todos traficantes de pau-brasil, dentro da lei uns, fora da lei outros, atracavam constantemente no litoral brasileiro. Cada grupo começara a ter seus aliados, nativos de tribos diferentes que, em troca de roupas, chapéus, facas, machados, eram os que cortavam, serravam, rachavam, atoravam e desbastavam as grandes árvores e as carregavam nos ombros nus até os navios.

Tebereté, robusto nenê de um ano, foi dada de presente ao chefe tupinambá, o morubixaba da região de São Vicente, porque era uma menina especial: seus olhos de cor muito rara, um quase verde translúcido na pele avermelhada, lembravam o quartzo do tembetá, a pedra de beiço usada pelos guerreiros, talismã de boa sorte.

Cresceu com os tupinambás como se fosse um deles. E, embora em tribo inimiga, sua infância foi em tudo igual à de sua mãe: muito riso, folguedos nos rios, brincadeiras com os animais da mata, frutas em abundância, árvores para subir, cipós, alegria, mandioca, comida boa, farinha. Ainda era possível ser feliz na Terra dos Papagaios, e Tebereté cresceu forte, roliça, cabelos pretos, lisos e compridos, com seus olhos de talismã.

O primeiro fato importante em sua vida ocorreu pouco depois de entrar na puberdade: o pai trouxe um prisioneiro branco para ser comido em casa.

Quando os guerreiros chegaram, Tebereté estava no grupo de mulheres, jovens e crianças que acompanhou o desfile do prisioneiro pela taba. Jogavam-lhe pedras, apertavam-lhe os braços para sentir a gordura e gritavam, esganiçados:

“Chegou nossa comida! Olha os braços dele! Vamos comê-lo, ‘peró’, português, mas antes você vai nos fazer rir”.

Porque era assim o costume: o prisioneiro a ser comido no próximo banquete da tribo era recebido com grande euforia e tratado muito bem para que pudesse cumprir todos os requisitos do ritual, que incluía não só alimentar, mas também divertir a tribo. Era o pão e o circo, essa combinação antiquíssima tão prezada à humanidade.

Terminado o berreiro de recepção, o pai chamou Teberetê e lhe disse que seria ela a esposa encarregada de engordar o “português”. Ali estava sua rede. Que ela cuidasse bem dele, vigiasse seus passos, o alimentasse e curasse sua melancolia para que um guerreiro não vivesse triste seus últimos dias. O morubixaba queria sua comida bem gorda, bem apetitosa e bem feliz.

Teberetê, orgulhosa, aproximou-se de seu cativo, encantada com seu tamanho e com a importância da tarefa. Com atenção, tirou suas roupas maltrapilhas, levantou-lhe o braço para olhar as axilas, cheirou e teve náusea de vômito. Controlou-se e continuou o exame. Puxou seus cabelos, olhou dentro das orelhas e repugnou-se. Passou a mão pela pele, tentando ver bem debaixo dos pelinhos, e apertou e beliscou várias partes do corpo para sentir a gordura e pesar quanto trabalho teria pela frente. Examinou o bumbum e achou-o em bom estado. Gostou das coxas e se abaixou para ver o que tinha dentro das carapaças duras que cobriam os pés, mas outra onda de náuseas, agora mais intensas, varreu seu estômago. Teberetê se convenceu de que antes de mais nada teria que banhar o branco no regato para tirar aquele cheiro pestilento de coisa podre.

Durante todo esse exame, Jean-Maurice, o cativo, meditava sobre o que deveria fazer. Seu navio fora atacado por duas naus portuguesas. Pegos de surpresa e sem condições de escapar quando ainda estavam ancorados, os franceses se espremeram nos botes em direção à praia, onde foram massacrados sem dó nem piedade pelos portugueses e seus aliados nativos. A batalha foi a mais violenta que Jean-Maurice jamais tinha visto, deixando a praia cheia de cadáveres ensanguentados. Por mera sorte, ele conseguiu escapar e fugir como doido das flechas e dos tiros, refugiando-se na mata densa e caminhando por dois dias, até ser capturado pelos tupinambás. Quando os índios o agarraram, pensou que o matariam ali mesmo e agora estava surpreso por ter sido deixado com essa jovem que o empurrava para o rio. Era sua primeira viagem ao Brasil, e não entendia nada do que diziam os nativos, embora pressentisse o que o destino lhe preparava. Sabia bem que eles eram canibais, só não sabia o que significava a inspeção cuidadosa daquela menina.

Jean-Maurice, o “Português” da Normandia

Nascido na Normandia, Jean-Maurice nada tinha de português. Mas por um desses azares do destino — ou talvez por trazer uma cruz portuguesa pendurada no pescoço e não ser completamente louro como geralmente eram os franceses, os “mairs” —, os tupinambás acharam que ele pertencia ao bando dos portugueses, os “perós”, a quem, por vários motivos, haviam começado a odiar. Uma pena, porque, se esse mal-entendido tivesse sido resolvido por algum intérprete, Jean-Maurice não teria sido comido. Dois fatores prejudicaram muito o rapaz: primeiro, sua boa constituição física e tendência a engordar e, segundo, o fato de Teberetê adorar carne humana. Assim, a pressão danada que a menina fez para o pai matá-lo logo não deu tempo para esperar algum intérprete aparecer na tribo e esclarecer a procedência do rapaz.

De certa forma, Jean-Maurice parecia mesmo fadado a um destino trágico. Nascido em Rouen, zona de porto, filho de prostituta e pai desconhecido, foi criado por uma tia cuja vida era se envenenar dia a dia numa fabriqueta têxtil, não podendo proporcionar ao sobrinho indesejado mais que uma manta para se deitar no chão imundo da cozinha, uma série de ameaças quanto aos castigos que uma vida de pecados poderia trazer a um homem e rancor. Não poderia chamar aquilo de lar — e nunca chamou. Com menos de oito anos, já havia abandonado Rouen a bordo de um navio ilegal ou, se preferirem sem eufemismos, pirata. E foi nesse e em outros navios do tipo que ele cresceu, enorme, espadaúdo, talvez um tanto carrancudo e um pouco lento de raciocínio, mas habilidoso e conhecedor das coisas do mar e das armas, um bom marujo.

Tornou-se um tipo procurado no porto, forte, leal, um pau para toda obra, capaz de lutar e matar a favor do bando sem nenhum tipo de segundos nem primeiros pensamentos.

Jean-Maurice não sabia quantos já matara em batalhas ou fora delas, nem sequer do seu primeiro morto se lembrava; dos homens que matara, lembrava-se apenas vagamente de um português que, antes de morrer, puxou com força inesperada sua camisa e, em delírio, lhe pediu que levasse a cruz de seu pescoço para Lisboa. O inusitado da situação fez Jean-Maurice arrancar a cruz de prata do moribundo, presa por um cordão forte de couro, e, sem refletir, pendurá-la no próprio pescoço para imediatamente depois, no fragor da batalha, se esquecer do que lhe pedira o moribundo. Por inércia, a cruz foi ficando ali, pendurada entre seus ombros, e, quando lhe perguntavam o que era aquilo, ele respondia “Sei

lá!”. E não sabia mesmo.

A nau pirata em que viajava daquela última vez ancorou na costa brasileira e já estava carregada com mais de duzentas toneladas de pau-brasil, duas mil peles de onça, quatrocentos papagaios, cem saguis, além de óleos medicinais, pimenta e algodão, pronta para partir, quando foi atacada por navios portugueses, particularmente coléricos e decididos a se vingar porque haviam, naquela mesma viagem, perdido uma nau para outros piratas franceses.

O sangue na praia foi tanto, naquele dia, que mudou a cor da água. Claro, é preciso muito sangue para tingir de vermelho as águas do mar, mas não estou exagerando nem usando metáfora, e essa não foi nem a primeira nem a última vez em que isso aconteceu. Muitas outras praias, pelo mundo afora, já foram tingidas pelo sangue de grandes massacres, vocês podem ter certeza disso.

Jean-Maurice, ao que tudo indica, foi o único a conseguir escapar e, se acabou morto no final, foi pelo menos de uma maneira mais original. Não posso, a rigor, responder por ele, mas creio que, se pudesse escolher entre esses dois tipos de morte, teria mesmo escolhido ser comido por Tebereté.

Nos dois meses que durou seu cativeiro, a jovem índia foi perfeita. Alimentava-o várias vezes por dia, banhava-o no rio e, com todo o cuidado do mundo e muitas ervas analgésicas, arrancou todos os seus pelos para deixá-lo liso e macio. Depois, como se fosse um pedido de desculpas pelo sofrimento que lhe causava, untava seu corpo de mel, embalava-o dia e noite na rede e, claro, transava com ele quantas vezes desse. E cantava e dançava só para ele e lhe ensinava jogos e palavras, penteava seus cabelos castanhos, enfeitava-o com penas e adornos e acariciava-o gentil e amorosa, ainda que com detalhada atenção para sentir em que pé estava o efeito de seu trabalho, a formação rápida das gordurinhas nos pontos desejados. Não o deixava nem por um minuto, atenta, carinhosa, tão habilidosa que efetivamente conseguia afastar a melancolia do rapaz, que, sem conhecer o ritual nativo, começara a acreditar em algum tipo de boa sorte.

Jean-Maurice só se sentia incomodado quando grupos de velhas barulhentas e agitadas cercavam sua rede e beliscavam sua bunda e suas coxas, estalando o céu da boca, *ruíii!, ruíii!* Riam muito e gritavam esganiçadas naquela língua impossível dos selvagens, obrigando-o a dizer as palavras que Tebereté lhe ensinara, mas cujo significado ele não entendia completamente: “Vejam como estou ficando gordo e gostoso para ser vossa comida!”.

Quando demorava ou não queria dizer sua fala, Tebereté o repreendia de olhar duro.

À noite, se vizinhos de outras tribos apareciam na aldeia ou se todos se reuniam para beber cauim e dançar, ele era levado ao centro do terreiro e lá

exibido, inspecionado, cheirado, beliscado. Logo o faziam pular e repetir *ad nauseam* as palavras decoradas, “Sou vossa comida! Vejam como estou engordando!”, enquanto todos riam e dançavam barulhentos a seu redor, parecendo se divertir a valer. Se fizesse alguma coisa errada ou demorasse a dizer sua parte, Teberetê o repreendia, brava.

Quando por fim chegou o dia em que decidiram comê-lo, Teberetê foi especialmente caprichosa. À noite, sossegada, transou com ele na rede, várias vezes, mas não tanto a ponto de deixá-lo esgotado. Ao amanhecer, levou-o ao rio e lhe deu um banho especial, com muitas ervas perfumadas, e depois untou lentamente todo o grande corpo dele com mel de flores silvestres. Mas já nesse momento, para espanto de Jean-Maurice, que a puxou como normalmente puxava quando sentia seu membro ereto depois de tanta esfregação, Teberetê recusou, brava, e bateu forte nas mãos dele. Surpreso com a recusa, o cativo sentiu-se ofendido e emburrou, sem adivinhar ainda o tamanho da sua tragédia.

Com gosto, Teberetê penteou pela última vez os cabelos dele e o adornou com diferentes colares que confeccionara especialmente para a ocasião. Depois, colocando uma corda ritual em sua cintura, levou-o até o centro do terreiro, cercada pelo berreiro das mulheres e das crianças que se aproximavam. Ali a tribo em peso estava reunida com convidados, todos pintados de maneira que ele não vira ainda e em poses que lhe pareceram diferentes.

Foi então, pela primeira vez, que Jean-Maurice pressentiu que chegara seu dia de virar banquete.

Sua primeira reação foi tentar se desvencilhar e fugir, mas, ao constatar como estava cercado, olhar para Teberetê e ver seu ar de repreensão, decidiu controlar seu instinto de fuga e seu medo. Afinal, também era um guerreiro, e corajoso, homem de trato natural com a morte, e, já que não havia mesmo uma saída, melhor seria tentar morrer como herói para dar esse último gosto à menina índia que o tratara como ninguém jamais o fizera antes.

E assim, quando a dança hipnotizante se intensificou sob o efeito do cauim e o guerreiro executor, qual pássaro selvagem de várias cores, dançava alucinado ao seu redor levantando a grande clava e gritando as frases rituais, Jean-Maurice respondeu com as palavras decoradas que Teberetê lhe ensinara. E tão concentrado estava em morrer bem que nem viu quando a clava foi enterrada em sua cabeça e caiu de bruços sem um *ai!*, num augúrio de bons tempos para todos os que estavam ali para comê-lo.

Aos gritos, as velhas desdentadas que não poderiam mastigar a carne correram

para beber o sangue ainda quente, estalando o céu da boca, *ruíi! ruíi!* Iam também recolhendo a massa encefálica, para que nada se perdesse.

Teberеté se ajoelhou ao lado do seu cativo sem vida e chorou rapidamente o pequeno choro ritual antes de besuntar o seio com o sangue para que a criança que já crescia em seu ventre experimentasse desde cedo o gosto do sangue do inimigo.

Imediatamente deram início aos trabalhos: um bastão foi enfiado no ânus do cadáver para evitar que expelisse os excrementos, depois escaldaram-no com água fervente para retirar sua pele e o esquartejaram para assar e moquear as partes. A gordura que pingava era recolhida num vasilhame para depois ser usada no mingau.

Jean-Maurice, sem dúvida, pelo tamanho e pela boa carne, proporcionou um belo banquete que varou a noite. De manhãzinha, Teberеté, de barriga cheia e satisfeita por ter executado sua tarefa com tão deliciosos resultados, ainda roía um ossinho do nariz do herói branco, o pai da filha que se agitava em sua barriga.

Agora, vejam como é interessante o desenvolvimento da ciência. Os antropólogos e os historiadores sempre consideraram que a antropofagia dos primeiros indígenas brasileiros tinha apenas função simbólica e mágica: ao comer o inimigo, o vencedor se apropriava de suas qualidades e perpetuava o desejo de vingança de toda a tribo, através do ritual coletivo. Hoje, no entanto, arqueólogos e pesquisadores sustentam que o canibalismo também cumpria uma função nutritiva: em um momento de crescimento demográfico e escassez, a carne dos inimigos fornecia proteínas aos vencedores. É claro que essa interpretação pode estar influenciada pelo viés da excessiva preocupação nutricionista que assola os tempos modernos, mas vários argumentos parecem provar essa tese, entre eles o fato de os nativos apreciarem tanto a carne humana, como sem dúvida era o caso da gulosa Teberеté.

Depois da morte de Jean-Maurice, Teberеté foi tomada como esposa por Poatã, o guerreiro das mãos fortes, um herói da tribo. E quando a filha nasceu, a filha que já estava em seu ventre, a filha de Jean-Maurice, o heroico inimigo, foi o pajé que escolheu seu nome.

Escolheu Sahy, a água dos olhos, a lágrima.

Pois alguma coisa ruim começara a acontecer à tribo.

De alguma forma não detectável, insidiosa, uma nuvem pairava sobre eles. A alegria natural da vida parecia contaminada. Uma nódoa manchava o ar

luminoso que traria agora uma ponta incrustada de ameaças.

Os pajés, no interior de suas pequenas cabanas escuras, refletiam inquietos, perturbados, ansiosos, sem conseguir ver nem compreender, mas pressentindo, intuindo, algum horror que se aproximava.

Mas qual? Onde estaria? O que lhes estava reservado?

Eles dançavam, incansáveis, suas danças cerimoniais, tocavam os maracás dos deuses, aspirando o fumo quente de folhas secas que saía pelos olhos, pela boca e pelos ouvidos das cabaças sagradas em forma de cabeça, e queimavam mais folhas secas, e fumavam mais e mais, pedindo, suplicando, implorando aos espíritos protetores a explicação que não vinha.

Algo estava se corrompendo, um mal crescia, mas o quê? Onde?

Os pajés dormiam entorpecidos e sonhavam sonhos agitados, nebulosos, cheios de escuridão. Tampouco em sonhos os espíritos lhes traziam respostas, nem bálsamos, nem serenidade.

Sahy cresceu ao lado da mãe e de Poatã, mas a vida da aldeia mudara muito e mudara para pior. Os dias já não eram tão despreocupados nem as noites tão alegres. Tebereté brigava com Poatã porque ele tinha menos machados que seus irmãos. Aliás, Tebereté brigava com todos. Sentia-se desconfortável, irritadiça, e só não brigava mesmo era com Sahy, a quem contava todas as noites a história de seu pai branco.

Os homens passaram aquelas décadas derrubando com disposição os pés de pau-brasil para trocá-los por machados, anzóis, tesouras, facas; as mulheres também enlouqueciam com a vontade de ter os apetrechos e as ferramentas dos brancos. Cada vez queriam mais, como se afetadas por algum tipo de doença.

Tebereté, curiosa, começou a seguir os brancos que apareciam continuamente na região e era sempre uma das primeiras a chegar à praia quando algum navio atracava. Uma vez convencera Poatã a acompanhá-la, e, juntos, roubaram a machadinha e três anzóis de um “mair”, um francês que se aventurara a pescar em um rio próximo enquanto esperava a ordem do capitão para embarcar.

Mas Tebereté queria era uma faca.

Quando os navios entravam na enseada, os nativos às centenas, de bote ou a

nado, se aproximavam e os cercavam. Em bandos, subiam a bordo, falantes, gesticulando, frenéticos, puxando, mostrando, pedindo. Mulheres mal entrando na puberdade, mulheres já feitas, velhas de peitos caídos, todas corriam alvoroçadas, oferecendo-se, agarrando, queriam colares, queriam facas, queriam canivetes.

Os marujos as espantavam como quem espanta mosquitos.

Tebereté, naquele dia, em busca de sua faca, tentou agarrar a roupa de um marujo e puxá-lo para um canto, mas ele a empurrou, já irritado, impaciente para se desvencilhar das mãos dela e dos abraços de duas velhas, as três gritando coisas que ele não podia nem queria entender.

Teberaté não o largou, e ele, exasperado, sacudiu-a com força enquanto as velhas estalavam gritos no céu da boca, *ruíi! ruíi!*

Teberaté caiu em cima de um velho prego enferrujado, meio solto. Feriu-se, mas nem sentiu a dor, só viu o prego e agarrando-o, rápida, meteu-o dentro dos lábios de sua vagina e pulou no mar.

Tão logo voltou à tribo, mostrou o prego a Sahy e fez um cordão especial para pendurá-lo no pescoço. Considerou-o um talismã mais forte que seus olhos de quartzo.

Mal sabia ela que nem um nem outro eram talismãs de sorte. Já não havia talismãs de sorte para os tupinambás.

Alguns dias depois, Teberaté ficou doente. Pode ter sido contaminada pelo prego enferrujado ou não: a essa altura, várias pessoas de sua aldeia estavam morrendo com doenças que os pajés, com suas ervas, suas fumaças, sua magia e sua perplexidade, não sabiam curar.

Sahy, no entanto, acreditava que a doença da mãe poderia ser curada com uma erva especialmente rara e, a conselho do pajé, aventurou-se na floresta para procurá-la.

Tinha dezesseis anos e nunca mais voltou.

Não viu a morte da mãe, que, na ardência da agonia, esperou sua volta, chorando pela filha mais do que por si mesma. Lamentava sobretudo não poder lhe dar o cordão de prego, que, assim que ela morresse, certamente seria levado pelas que, por isso mesmo, julgavam-se também donas daquele estranho adorno de ferro.

DESOLADA AMPLIDÃO

Sahy (1531-1569)

No dia em que foi capturada, Sahy tinha tido um sonho: era uma grande jaguaretê, nova, bonita, a pata capaz de matar um homem, a correr pela mata, forte, soberana, pulando, avançando, senhora plena em seus domínios. Mas então essa vitalidade, essa alegria, esse encantamento e poder vão se esvaindo, e a jaguaretê avança ainda, continua correndo, mas tropeça, já sem força, já sem luz, cai, reage, mas desfalece, sufoca, se levanta, cai outra vez.

Teberetê ardia a seu lado, a pele em fogo, e Sahy, ao acordar, pensou que a jaguaretê não era ela, e sim a mãe.

Só quando, naquela tarde, caiu na rede como um animal, Sahy compreendeu que a jaguaretê era ela, sim, e que, se tivesse prestado atenção no sonho, se tivesse entendido, não teria saído para a mata e teria evitado o que lhe aconteceu.

Desde então, Sahy se tornou uma *marauna*, alguém que presta atenção nos sonhos e é capaz de entendê-los. Tornou-se, assim, uma pessoa voltada para a observação e a reflexão, dedicada ao pensamento e não à ação, de certa forma capaz de rever o que aconteceu e sentir o que vai acontecer.

O Castelhano

Todos chamavam Vicente Arcón de o Castelhano, mas ninguém sabia ao certo sua cidade natal, nem seu verdadeiro nome. Filho da pequena nobreza espanhola, aos vinte e três anos, num dos acessos de fúria sanguinária que sempre marcaram sua vida, a golpes de espada matou a esposa e o irmão, por suspeita de traição. Foragido, alistou-se em um navio que tinha o propósito secreto de descobrir o caminho para o misterioso rio da Prata, o rio do rei índio que se sentava à mesa de ouro maciço e comia com talheres de prata e mandara instalar nos jardins de seu palácio reproduções em ouro de toda a flora e a fauna de seu reino em tamanho natural, para que reverberassem ao sol e fossem vistas a léguas e léguas de distância.

Mas o navio espanhol naufragou nas costas de Santa Catarina, e se o Castelhano conseguiu chegar à praia mais morto que vivo foi graças à tenacidade, à resistência física e à certeza de que havia nascido para dominar e não para morrer vencido pelo mar. Essas características fariam dele quase uma lenda viva na nova terra onde decidiu ficar e construir seu império. Formado como pequeno fidalgo de insaciável ambição e inteligência, em pouco mais de dez anos Vicente Arcón tinha sob seu comando um exército de mais de quinhentos guerreiros indígenas e o controle do comércio de escravos nativos na região. Levantou uma fortaleza completa, onde vivia com várias esposas nativas e centenas de escravos indígenas. Em pouco tempo, possuía mais armamento que muito donatário: vários canhões de pequeno calibre, arcabuzes, berços e bestas, chuços, espadas, gibões forrados de algodão, para defesa contra flechas, e toda a pólvora de que necessitava.

De sua fortaleza o Castelhano saía em incursões periódicas à captura de nativos que depois vendia para os colonos que começavam a se estabelecer no país. Construiu também bergantins de cedro e peroba e neles viajava por toda a costa brasileira, oferecendo e vendendo sua mercadoria.

Vicente Arcón não estava pessoalmente no bando que capturou Sahy. Seus homens a trouxeram junto com outros nativos que pegaram naquele dia, e o grupo ficou amontoado e amarrado no chão do bergantim, com destino à Bahia.

Havia chegado Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral nomeado por

dom João III, rei de Portugal, trazendo a primeira grande leva de soldados, artesãos, funcionários da Coroa, padres, degredados, mulheres e crianças para povoar o país. As ordens de dom João III eram claras: já era tempo de garantir a posse da nova terra e organizar a produção para o bem de Portugal. Isso significava controlar os nativos e fazer deles a fonte da mão de obra para construir o país. A procura por escravos indígenas aumentou.

O Castelhano não teria dificuldades para vender aquele carregamento de cativos, mas antes de chegar ao porto da baía de Todos os Santos, como planejava, parou como de costume para visitar um amigo, dono de uma fazenda no litoral da Bahia. Era um português com parentes na Espanha e queda por uma boa conversa. Tinha em muito boa conta o Castelhano, que, além de lhe trazer bons escravos, era também um apreciador, como poucos, de seus embutidos de carnes de caça.

Daquela vez, depois de passar boas horas entre comidas, bebida e chistes, e com pena porque os embutidos haviam há muito se acabado, o Castelhano já se preparava para partir quando teve uma ideia. Foi até o bergantim e, de entre o grupo de nativos, puxou Sahy e levou-a até o Português: “Esta nativa fica aqui como sua escrava para aprender a fazer embutidos. Assim, quando eu passar, haverá embutidos suficientes para que eu possa levar comigo”. O Português achou graça da ideia e concordou.

Não foi por acaso que Vicente Arcón puxou Sahy para deixá-la ali. Foi por uma noite, algumas semanas antes, em que os barcos acostaram à beira de um barranco e seus homens saíram para procurar caça. A escuridão úmida e calorenta dos trópicos fez o Castelhano pegar a primeira nativa que sua mão encontrou no monte apinhado no chão do bergantim. Era Sahy.

Ele a levou para terra firme, mas, antes de derrubá-la no chão, sentiu a cabeça dela exatamente no ponto em que antes sentia bater a cabeça de sua esposa, na exata mancha preta em forma de ervilha um pouquinho abaixo de seu mamilo direito. Um arrepio inesperado percorreu o corpo do Castelhano: Sahy tinha a mesma altura da morta. Tinha também o mesmo peso e contorno, o mesmo tamanho dos seios, a mesma densidade e a mesma maneira passiva de alguém cujo espírito parece estar a lonjuras dali, o que o excitava de modo marcante e especial. Tudo isso, sem aviso, pegou o Castelhano desprevenido e despertou

nele a sensação louca e dolorosa de possuir novamente a esposa morta.

Depois disso, quis ver-se livre de Sahy e, ao mesmo tempo, tê-la à mão para os momentos de inferno em que, pela mesma pontada de loucura, quisesse possuir mais uma vez a esposa a quem trespassara com a espada, mas de quem nem por isso deixara de lamentar a falta.

Por esse motivo, foi Sahy a escolhida para ficar na fazenda do Português.

Agora, cada vez que o Castelhano passava pela região, uma boa quantidade de embutidos esperava por ele, e à noite, junto à fogueira, podia puxar Sahy, levá-la para sua tenda e sentir de novo o corpo da mulher morta batendo na ponta exata da mancha em forma de ervilha abaixo de seu mamilo direito.

Para Sahy, o Castelhano passou a ser alguém a quem estava para sempre irremediavelmente ligada. Não sentia horror nem prazer com isso, não sentia nada. Desde que escolhera viver dentro de si, na tentativa da reflexão, era como se as coisas que lhe ocorriam acontecessem com outra pessoa; como se ela apenas as visse acontecer e sobre elas pensasse.

Quando ele a procurava, Sahy fechava os olhos e via passar o riacho doce de sua tribo e escutava seu murmúrio, *chiuí-chiuí*. Ou, então, via a si mesma, como se estivesse deitada no chão da mata, observando o ar escuro e úmido preso sob a copa densa das árvores, as folhas caindo uma a uma, sem som e sem abrir nenhuma brecha de luz na escuridão. Sahy se deixava trepar sem dramas, sem volteios, como quem come, respira, bebe água e faz suas necessidades.

Nos seus sonhos tinha visto que a cada passagem do Castelhano por ali lhe nasceria um filho e que todos morreriam ao nascer. Sabia que tinha que ser assim; embrulhava os bebês mortos nas esteiras que tecia especialmente para isso e enterrava-os na margem do riacho, na margem esquerda porque eram todos homens.

Com Sahy acontecera algo raro que talvez só se explique por sua tendência a ser *marauna*, que vive para decifrar os sonhos. Ela, que sonhara em ser uma jaguaretê no auge da liberdade e do poder, se deparara de chofre, no exato momento em que caiu presa naquela rede, com o que o animal traz de mais trágico nele mesmo: sua brecha para a fraqueza, o perverso atributo de poder cair preso, de poder ser dominado pelo outro. De certa maneira, naquele exato momento, para se sentir e saber que era mais do que mero animal, ela ultrapassou a revolta que previu impotente e a tristeza que sabia inútil e passou para o patamar em que depois sempre ficou, o patamar de onde aceitava e via o mundo como impassível observadora da infinita capacidade humana para causar

dor.

Só quando a filha nasceu, Sahy saiu um pouco disso, mas não muito, não totalmente, e só nos momentos em que punha Filipa no colo para lhe ensinar o que sabia.

A vida na fazenda do Português era bem dura para os outros cativos, mas não para Sahy, que ficava na cozinha e tinha quase um status especial por estar ligada ao Castelhano. Ela matava os animais que os homens traziam da caça e, quando terminava de fazer seus embutidos, ia sentar-se, solitária e quieta, aos pés de um majestoso cajueiro.

Ali fechava os olhos e via. Via o começo do começo de seu povo, como eles chegaram àquela terra aonde depois chegariam também os homens brancos. Via como antes havia sido aquela terra e como nela vivia seu povo. E via, agora, seus irmãos trabalhando na lavoura, plantando como antes plantavam as mulheres da tribo, e via o ódio crescendo no peito de todos eles ou, pior do que o ódio, o desgosto e a amargura. Só quando desmatavam a terra a seu jeito, separando uma parte e tocando fogo, e se agachavam para ver a voracidade das labaredas engolindo o mato, pareciam ter ainda alguma luz a brilhar por dentro. Os nativos que cuidavam das vacas e dos bois, estranhos animais que vieram de terras distantes pelo mar e cujo leite era muito mais branco e pesado que o leite da mandioca, esses viviam mais de acordo com sua natureza, soltos no campo, mas eram poucos. E, mesmo entre esses, todos os que não queriam seguir o que diziam os brancos e queriam descansar quando o corpo pedia, eram açoitados e amarrados e postos em jejum.

À noite, extenuados, se reuniam ao redor da fogueira, onde tentavam reviver a consoladora lembrança do caloroso terreiro das tribos.

Certa noite apareceu ali um branco diferente, vestido com uma manta negra. Seu nariz, o maior que Sahy jamais vira, lembrava o bico grande de uma ave, e seus ossos despontando na magreza de moribundo o tornavam ainda mais parecido com o anum, o pássaro de plumagem preta. Sua maneira de olhar os nativos era também diferente, como quem traz um grande sofrimento próprio e uma vontade de ver lá no fundo, por dentro deles.

Vinha conversar com os escravos à noite dos domingos, ao redor da fogueira. Dizia que tupã era um só, o deus pai de todos, que morrera na cruz que ele trazia

pendurada no pescoço e que era igual à cruz do pai branco de Sahy que a mãe usava como se fosse amuleto dos brancos. Agora ela sabia que aquilo era tupã. O pássaro preto dizia que deus era bom e amava a todos eles, e ali ficava durante horas falando de outras coisas de que esse tupã gostava.

Falava manso, todos os sons no mesmo tom rouco e baixo, como se dissesse uma mesma palavra sempre, e Sahy fechava os olhos e via o riacho de água doce que corria *chiuí-chiuí* em sua aldeia e via a mãe e as tias e as irmãs, e via todos sentados, fracos, desfalecidos como a jaguaretê de seu sonho, e ficava ali observando-os enquanto escutava o ciciado hipnotizante do padre e da água.

O padre a cutucava para que despertasse e escutasse, e olhava dentro dos seus olhos como se quisesse ver suas tripas.

O padre não gostava de Sahy.

O pobre jesuíta, quem poderia imaginar, apesar de seus votos de amar a todos os filhos de deus e estar ali especificamente para isso, para amar os nativos, tinha grande antipatia por Sahy. Julgava-a dissimulada, com aqueles olhos parados que ele não compreendia. Julgava-a indolente porque dormia ao redor do fogo em vez de escutar suas palavras. Julgava-a perniciosa porque recebia os homens em sua esteira, sem reconhecer que uma alma de deus não deveria fazer isso.

Ele tinha permissão do dono da fazenda para catequizar os nativos nas noites dos domingos. Era quando se juntava a eles ao redor da fogueira e começava seu falatório manso. Era quando Sahy fechava os olhos e via o padre, ele próprio amarrado na cruz, como se fosse aquele tupã de quem falava, e a cruz era levada pelas águas, mas dessa vez o que ouvia não era o barulho leve e doce da água transparente do riacho de sua aldeia, mas o barulho surdo de águas grossas e pesadas, águas carregadas de piranhas no rio caudaloso que aos poucos ficava vermelho, rosa, vermelho, com o sangue do padre amarrado na cruz-canoa levada aos pinotes pelas corredeiras.

E, quando o padre a cutucava outra vez para escutar as palavras do seu deus, Sahy abria os olhos, mas era como se não os tivesse aberto, porque dentro deles continuava a ver o pássaro negro amarrado na cruz sendo levado aos pinotes pela correnteza vermelha, rosa, vermelha.

Só na hora dos cantos o padre não se importava que Sahy cerrasse os olhos. Ao deixar sua voz de tenor se espalhar pela amplidão da noite, ele se esquecia de si mesmo e de Sahy e se imaginava na corte do senhor com seu rebanho. Mas nessa hora era ela que por si mesma abria os olhos, porque queria ver o som poderoso saindo da boca do padre e precisava ver esse deslocamento do ar em ondas sonoras para que pudesse aprender e, junto com os outros nativos, abrir também sua boca e produzir aquele som que enchia a noite, dando-lhe a densidade palpável da presença dos grandes e impenetráveis espíritos.

Às vezes, o padre trazia com ele o que a Sahy parecia um pedaço de um tipo desconhecido de palha onde desenhava algumas coisas com um pequeno graveto. Pedia que os nativos repetissem e repetissem as palavras e depois fazia rabiscos ali.

Sahy um dia lhe perguntou o que era aquilo. Ele lhe explicou que ali desenhava as palavras da língua deles, do gentio, para poder depois se lembrar do seu significado e mostrar aos outros. Sahy lhe disse, então, que ele deveria escrever ali *mañuçawa*, a palavra dos gentios para a morte, pois era essa a palavra mais certa para mostrar aos outros.

Por coisas assim era que o jesuíta não gostava de Sahy.

Ou talvez, também, por achar que ela poderia evitar sua ligação com o Castelhano, esquecendo-se de que era apenas uma escrava e que esse tipo de determinação estava totalmente fora do seu alcance.

A cada passagem de Vicente Arcón por ali, armava-se uma discussão cada vez mais exacerbada entre o violento comerciante de escravos e o jesuíta que queria proteger os índios. Por ser também espanhol, ele começou a desconfiar das origens de Vicente e de sua história. Gritava-lhe que iria pedir averiguações, que não deixaria que o mercador tratasse os nativos como animais. Ao discutirem os dois, a fúria do Castelhano era de tal monta que contagiava o indefeso jesuíta e o deixava irreconhecível a esbravejar como jamais deveria fazer um soldado de Cristo.

Na última vez em que o Castelhano passou pela fazenda, dormiu com Sahy, e ela soube que nessa noite em seu ventre ficara uma filha que dessa vez iria vingar.

De madrugada, viu quando o Castelhano e seus homens saíram em direção à rústica capela do padre. Na tarde anterior, tinha visto quando esses mesmos homens, a mando do Castelhano, pregaram em cruz dois paus de madeira de cedro, do tamanho de um homem. Depois, quando fechou os olhos, viu a água vermelha e rosa do rio pesado de piranhas.

Nem o padre nem o Castelhano nunca mais foram vistos ali.

Entre o gentio batizado e não batizado, houve comentários sobre pedaços pretos da batina do padre encontrados rio abaixo. Houve choros, imprecações e juramentos de vingança contra o Castelhano e seus homens. E as cantorias litúrgicas encheram a umidade da noite com um desalento que parecia parar o som no ar.

Sahy passou ainda um bom tempo fazendo embutidos, mas sabia que o Castelhano já não viria buscá-los.

Quando sua filha nasceu, seu patrão, o Português, mandou que o novo padre a batizasse com o nome cristão de Filipa, em homenagem ao rei espanhol a quem ele admirava e que em breve seria também rei de Portugal.

Filipa cresceu na fazenda, dez anos sem tragédias, mas também sem grandes alegrias. À noite, depois de terminar as tarefas na cozinha, Sahy a sentava em seu colo ao redor da fogueira, fechava os olhos e lhe contava com voz de sonho tudo o que estava vendo. Contava como havia sido seu povo no começo do começo. De onde tinham vindo e como costumavam viver. Falava da floresta e das ervas e dos seus segredos. E contava da chegada dos homens brancos que se disseram amigos mas não eram, da cruz no pescoço do homem que sua avó comera e que a deixara com a pele mais branca. Falava de sua tribo dizimada e da jaguaretê e de todos os outros bichos que conhecia bem como eram. Contava do padre pássaro-preto e do rio de piranhas e de seu deus estranho que dizia ser o único, falava do mercador de escravos que foi o pai de Filipa e lhe deixara com os olhos amendoados e o cheiro de embutidos.

Dez anos se passaram assim, a mãe contando para a filha a história de seu povo e do sofrimento.

Até que, uma noite, Sahy sonhou outra vez que era uma jaguaretê. Não uma jaguaretê nova nem poderosa, mas velha e caída debaixo de um tronco gigantesco de pau-brasil, onde logo aparecia um pássaro-preto que a pregava numa grande cruz de cedro, dessa vez do tamanho não de homem, mas de mulher.

Por ser uma jaguaretê velha, Sahy cometeu seu segundo grande erro de conhecedora de sonhos, achando que o mal que viria estava destinado apenas a ela. Ainda que tivesse entendido, no entanto, que o mal vinha em direção a ela mas no seu trajeto colheria Filipa, o que poderia ter feito?

Acordou um pouco mais cedo e foi para a cozinha ajudar a preparar o desjejum de tapioca e coco, pois a manhã era em tudo semelhante às outras, nem menos ensolarada nem mais silenciosa. Mas foi justamente nessa manhã em tudo igual às outras que tudo se tornaria completamente diferente, pois nessa manhã, nem menos ensolarada nem mais silenciosa do que as outras, Filipa foi vendida ao mameluco que comprava escravos para um engenho em Recife.

O comprador chegou bem cedo e escolheu índios jovens e fortes, que, se ainda fossem pagãos, eram imediatamente batizados pelo padre a seu lado. Quando Sahy se jogou no chão, oferecendo-se para ser levada com a filha, o mameluco examinou-lhe a boca com poucos dentes e disse que não servia.

Naquela noite, sem Filipa, Sahy sentou-se pela última vez à beira do fogo, fechou os olhos e viu a escuridão da mata se fechando sobre a jaguaretê.

Não os abriu mais.

Disseram depois que sua morte naquela noite junto à fogueira foi a primeira da grande epidemia de bexiga que matou mais de cinquenta mil dos gentios da Bahia.

Filipa (1552-1584)

Na fazenda do português dos embutidos, Filipa tinha tido a mesma posição privilegiada da mãe, ajudando apenas no trabalho da cozinha.

O Português não tinha lá muita certeza sobre quem era o pai da menina, mas, por via das dúvidas, e como era de seu feitio precavido cercar todas as probabilidades, resolveu lhe dar um nome cristão — mais ainda, espanhol — e tratá-la como tratava Sahy. Só que, em dez anos, o Castelhano não aparecera nem uma vez e o Português já estava achando que, no frigir dos ovos, que obrigação era aquela que ele pensava dever a um matador de padre? É bem verdade que, para além da boa conversa e dos elogios a seus embutidos, no fundo, como todos os demais, ele alimentava era um medo danado do espanhol de má fama, mas dez anos é muito tempo para alimentar alguma coisa, mesmo o mais escondido dos medos, que se não for cultivado vai desbotando com o tempo, como tudo o mais.

A única notícia que lhe chegava de vez em quando era que o Castelhano agora sempre passava ao largo da região para evitar constrangimentos, e assim o Português houve por bem consentir quando o comprador de escravos disse que gostaria de levar a mameluca gordinha Filipa. Que levasse, pois dinheiro era sempre das coisas mais bem-vindas que ele conhecia. Que levasse Sahy também, se quisesse, e, se não quisesse, não seria dele a culpa de separar mãe e filha, mas também, arre!, que problema havia em separar mãe e filha se são índias, e, o gentio, ele não ia dizer que não tinha sentimento, pois isso até afirmaria que tinha, mas era como gado: o sofrimento não tinha profundidade e passava logo.

E o fato é que Filipa, acostumada com os embutidos e às longas horas passadas no colo da mãe ao pé da fogueira, não estava minimamente preparada para o que ia encontrar no engenho de Pernambuco.

A coisa começou mal na viagem. Amarrada aos outros nativos, ela, que não estava acostumada a grandes caminhadas, ia quase arrastada, os pés logo em chagas, os músculos como tenazes em pontadas de dor viva, a fome desconhecida aguilhoando o estômago, a sede lhe fechando os sulcos da garganta. Esse inferno durou vários dias, e ela só resistiu porque o comprador, não querendo ter o prejuízo de perder uma escrava logo no começo, em alguns trechos acomodava-a no lombo do burro que levava o sal.

Quando chegou a Pernambuco, Filipa já não tinha nada da menina cheia de

carnes que saíra três semanas antes da Bahia. Chegou esquelética, dolorida e com um único pensamento na cabeça: fugir.

No primeiro dia em que viu a produção do açúcar, pensou estar vendo na terra o que o padre chamava de inferno. Fornalhas ardentes, de onde saíam borbotões de labaredas que envolviam as caldeiras, fazendo chiar seu líquido fervente entre nuvens de vapores, o barulho ensurdecedor das rodas e das cadeias, o cheiro acre que parecia grudar na boca e nos pulmões mesmo a quilômetros de distância. Tudo isso e mais os gemidos dos escravos, obrigados a entrar ali e ficar, paralisavam a menina Filipa. Sua obrigação era ajudar a separar o bagaço da cana que os negros amontoavam no descampado nos fundos do barracão das caldeiras; não precisava entrar naquela boca do diabo, mas seu terror nem por isso era menor.

Não só ela: muitos nativos adultos eram incapazes de entrar ali. Morriam açoitados na porta, mas não entravam.

Os portugueses tinham desenvolvido nos Açores uma tecnologia nova para a produção do açúcar, para a qual o clima do Brasil era propício e a terra, estupenda. O único problema estava na mão de obra. Os nativos, “os negros da terra”, eram bons para desmatar antes de plantar a cana, mas, para o trabalho complexo e repetitivo do engenho cujo propósito eles não entendiam, eram um fracasso. Com os machados e as facas dos europeus, os índios haviam dado um fantástico salto tecnológico, mas a complexidade do engenho, a mais avançada tecnologia da época, era demais para eles. A mão de obra africana começou a ser cada vez mais necessária para fazer a colônia produzir.

Mb'ta, o negro da Guiné

Mb'ta era negro banto, nascido em família de agricultores de uma aldeia monjolo na África. Tinha pouco mais de dezoito anos quando caiu numa emboscada ao regressar da roça de arroz do pai. Mb'ta ainda não pensava em se casar nem estava apaixonado por nenhuma moça de sua aldeia. Tinha alguns planos próprios: pedir permissão ao pai para ir morar com o tio ferreiro, na aldeia a meio dia de caminhada, e aprender esse ofício tão respeitado. Só esperava seu irmão poder substituí-lo junto ao pai e achava que a hora estava chegando.

O rapaz andava preocupado com rumores de que homens e mulheres estavam sendo capturados para ser vendidos como escravos em terras do outro lado do mar. Por isso, quando sentiu um arrepio nas costas e pressentiu que estava sendo seguido, o pânico se apossou dele.

Mb'ta não era guerreiro. Não se preparara para ser guerreiro. Sempre ajudou o pai na plantação, pensando no dia em que poderia se juntar ao tio para aprender a manejar a forja e dominar o ferro, fazendo armas que outros irmãos, e não ele, empunhariam. Ao pressentir a chegada de dois ou três homens soube que, só como estava, não teria chances. Tentou correr, mas em vão.

Seu destino sofreria ali uma mudança abrupta e irremediável. Mb'ta quis morrer e desde esse momento só teve um pensamento: fugir.

Ao chegar ao Brasil, depois do pesadelo infernal da travessia no porão do navio, amontoado junto com outros negros bantos, iorubas e hauçás, Mb'ta foi parar no mesmo engenho onde estava Filipa.

Eles passaram anos praticamente sem se ver, embora trabalhassem perto um do outro. E talvez nunca se notassem, não fosse Mb'ta ter perdido a figa de ferro que trouxera pendurada no pescoço desde sua aldeia da África. Figa que Filipa achou e escondeu, amarrada na cintura, por baixo da grossa roupa de algodão que todas as escravas usavam.

Mb'ta achou um jeito de procurar pela figa entre as mulheres escravas e chegou até Filipa para perguntar se ela, que o desculpasse, não teria visto um amuleto assim e assim quando passou pela trilha que ia até os estábulos. A reação de Filipa foi dizer que não, que não tinha visto nada, porque achara muito

linda aquela mãozinha fechada, mesmo sem saber seu significado. Só que depois, sempre que se apresentava a ocasião e por se sentir um pouco culpada, talvez, ou por motivos completamente diferentes, começou a procurar com os olhos aquele rapaz de pele de fruta negra brilhosa e bem lavada.

À noite, quando os escravos se reuniam em volta da fogueira, começou a reparar no som contagiante que Mb'ta fazia batendo nos tambores e atabaques. Seus olhos não se desgrudavam quando ele se levantava para mexer o corpo todo no frenesi daquela dança que ela achava estranha e, ao mesmo tempo, tão familiar.

Mb'ta, por sua vez, começara a perceber a atenção da escrava mameluca. No engenho, as mulheres eram poucas e quase todas índias ou mamelucas. As duas negras iorubas da cozinha eram mais velhas e já tinham seus esposos.

Dançando e batendo o atabaque, ele aproximou-se de Filipa, e de repente lá estava ela também no meio da roda, acompanhando o ritmo e mexendo o corpo, como se sempre tivesse dançado ao lado do negro banto.

Foi de maneira natural, assim, que o encontro entre os dois aconteceu. Mb'ta se achegou e gostou do cheiro picante de Filipa, um cheiro ancestral que fazia pensar nas carnes temperadas que durante dias ficavam curtindo sobre os fogareiros nas casas da sua aldeia. E Filipa gostou do breu da pele de Mb'ta, onde podia enterrar o rosto e sentir um pouco da segurança que costumava sentir no colo morno de Sahy à noite, à beira da fogueira.

Foi também naturalmente que começaram a falar da obsessão de fuga. Falavam na língua geral, a língua em que se comunicavam os primeiros habitantes do Brasil, de tantas procedências diversas.

Filipa dizia que era índia, que sua mãe lhe ensinara tudo sobre o mato, que buscariam algum lugar perto de um rio onde pudessem erguer uma tenda, e eu sei caçar, dizia Mb'ta, caçava muito com meu pai na minha terra, cacei até um leão uma vez com outros homens da aldeia, e com a carne da caça eu posso fazer embutidos, dizia Filipa, que é um jeito muito gostoso de conservar a carne que minha mãe me ensinou, e que ninguém aqui sabe que eu sei fazer, mas eu sei, e sei plantar mandioca e fazer farinha, e eu, dizia Mb'ta, posso pescar com lança ou com rede, e rede eu sei fazer, dizia Filipa.

E Mb'ta dizia que era preciso conseguir uma boa arma, pelo menos um bom facão, que também seria bom uma corda, e corda eu sei fazer, dizia Filipa, posso começar a fazer à noite, no escuro, e esconder durante o dia, tenho um lugar bom de esconder coisas — e riu, porque se lembrou da figa que ainda não tinha tido jeito nem coragem de dizer a Mb'ta que estava com ela —, e eu tenho uma lâmina que roubei um dia e escondi, dizia Mb'ta, faço um cabo para ela, e faço uma lança de madeira, e também posso fazer no escuro e esconder durante o dia.

Os preparativos, no entanto, tiveram que ser suspensos porque, quando se deu conta, Filipa estava grávida de vários meses. Ela queria fugir assim mesmo, era índia, dizia, índia tem filho no mato, mas como você vai correr dos homens, dizia Mb’ta, como vai correr dos cachorros, eu dou conta, respondia Filipa, vamos, Mb’ta, vamos.

Mas Mb’ta, pobre Mb’ta, convenceu Filipa de que era melhor esperarem.

Como poderia ele prever que tudo depois ficaria tão mais difícil? Como poderia saber que as fugas aumentariam tanto que as medidas de segurança também ficariam cada vez mais rigorosas e, o que é pior, como iria saber que João Tibiritê chegaria com sua monstruosa filosofia de que escravo fugido é escravo morto, porque só assim é que eles aprendem?

Por não poder prever nada disso, eles adiaram a fuga.

E Maria Mb’ta nasceu. Tinha uma marca de nascença, um triângulo escuro no começo da nuca, com o vértice virado para a esquerda. Filipa olhava a mancha e pensava nas histórias de seu povo que a mãe contava de olhos fechados à beira do fogo. Pensava no povo que nunca teve e pensava na beira do riacho sereno onde levantariam sua casa.

Mb’ta fez para Filipa um colar de pedrinhas que catou no rio e toscamente lapidou com um prego que escondera entre suas coisas. Filipa devolveu a ele a figa, sem nada dizer, como se a tivesse acabado de achar, e ele, sorrindo, colocou a figa no pescoço de Maria.

A vida no engenho ficava cada vez mais dura. As noites de tambores, música e danças no terreiro só eram permitidas agora em dias especiais, dias santificados ou de visitas de brancos importantes. O trabalho tinha se intensificado: aumentaram o número de caldeiras e o número de escravos, que agora trabalhavam em turnos para não parar a produção, e muitas vezes o turno de Filipa não coincidia com o de Mb’ta, e eles passavam dias sem se ver.

O dono do engenho, fidalgo ambicioso, saíra de Portugal no começo da década de cinquenta para começar vida nova na terra onde as coisas estavam sendo feitas do zero.

Com alguma sorte e muita esperteza, conseguiu montar seu engenho e, depois de bem estabelecidas a produção e a comercialização, mandou buscar a esposa e os dois filhos. O movimento da casa aumentou, e Filipa, com a filha recém-nascida, foi designada para ajudar na limpeza e na arrumação.

Era o trabalho errado para a pessoa errada: como poderia ela resistir a tanta tentação, entrando no quarto da senhora todos os dias?

Com seu fascínio de índia pelos objetos, Filipa tinha acumulado naqueles anos pequenas coisas que guardava em esconderijo que só ela sabia. Algumas haviam sido achadas, pois ela era de prestar muita atenção por onde andava, mas outras ela tirava daqui, dali, com cautela e habilidade. Eram sempre coisas insignificantes, como grampos de cabelo já estragados, alfinetinhos de cabeça que caíam no chão e ninguém achava, pregos enferrujados.

Mas o que é inevitável é. E acabou chegando o dia em que Filipa começou a namorar um camafeu preso em fita brilhante de veludo vermelho que a senhora às vezes pendurava no pescoço nos dias em que recebia visita. Quando o tirava, colocava-o num pequeno porta-joias de madrepérola, uma caixinha que deixava Filipa doente de vontade de levar para seu esconderijo. Quando estava sozinha limpando o quarto, sempre parava para tocar na caixinha e abri-la, e não sabia o que lhe fazia arder mais de desejo, se o camafeu com sua fita do vermelho mais lindo que já vira ou se a caixinha de pedrinhas brancas achatadas que ela queria que Mb'ta visse para poder, quem sabe, lhe fazer uma igual.

Na febre do desejo, um dia, resolveu levar os dois. Pôs a caixinha entre os seios e saiu e respirou aliviada quando chegou ao terreiro, pensando que o pior havia passado.

As consequências, vocês podem bem imaginar quais foram.

Mas o que vocês não têm como saber é que por essa época João Tibiritê já havia sido contratado como capitão do mato para pôr ordem naquela "alcateia de escravos sem lei", e foi ele quem amarrou Filipa no cepo e lhe rasgou a pele com as chibatadas e disse, alto e bom som, para todos escutarem bem, que, com ele, quem saísse fora dos eixos uma vez podia até sair fora dos eixos uma segunda vez, mas não teria como sair uma terceira porque já estaria bem morto e bem matado e de morte morrida lenta, que ele era do parecer de que uma lição, quanto mais devagar se aprende, mais se grava a ferro e fogo nos miolos.

Filipa escutou tudo isso até bem escutado, e Mb'ta também, pois todos os escravos foram reunidos para ver o castigo da mameluca ladra, e Mb'ta principalmente foi amarrado e puxado para ver de perto o sangue escorrer das costas da mulher. Mas os dois, em vez de refletir sobre o que estavam ouvindo, e nem digo Filipa, cujo temperamento afoito não era mesmo de esperar e achava que aquilo tinha sido a gota d'água de seu cálice de sofrimentos, mas Mb'ta, logo ele, que sempre fora tão sensato e precavido, em vez de refletir melhor sobre o que haviam escutado, de procurar estudar o caráter de João Tibiritê para ver se era ou não cumpridor de suas ameaças, qual nada! Por um desses surtos de temeridade inexplicáveis do raciocínio, os dois decidiram que não havia mais como adiar a hora de fugir.

Na noite sem estrelas e sem lua, uma semana depois, eles pegaram Maria

Mb’ta no colo e saíram na escuridão.

Maria Cafuza (1579-1605)

Maria Cafuza na verdade não era cafuza, pois não era filha de negro africano com índia, mas com mameluca. Mas a quem importava essa precisão? Não a Filipa nem a Mb'ta, para quem a filha sempre foi Maria Mb'ta, e assim foi até o dia em que caíram nas mãos de João Tibiritê, dia em que pela primeira vez ela foi chamada de Cafuza.

E, se vocês queriam alguém bonito na família, já encontraram. Pois essa, sim, tinha uma beleza rara, uma mistura do que existia de melhor em cada uma das várias raças que a formaram. Como descrevê-la para que vocês percebam quanto foi bonita essa mulher? Alta, pernas longas, pele de um moreno dourado raríssimo de encontrar. Cabelos pretos de graúna, sedosos, descendo em suaves caracóis pelos ombros. Lábios levemente carnudos em contorno delicado, olhos amendoados furta-cor, verde ou violeta, conforme a luz a incidir sobre eles. Queixo altivo e perfil tão bem delineado que a vontade de quem via era ficar ali, admirando. E um sorriso que seria certamente o mais bonito que jamais se viu, se Maria alguma vez tivesse sorrido.

Mas nunca em sua vida, desde que se tornou Maria Cafuza, ela sorriu.

E por que haveria de sorrir? Na vida que levou, nunca houve o mais leve motivo para provocar nem que fosse uma rápida aragem capaz de desanuviar o drama feroz escondido sob seu rosto perfeito.

Tudo isso é muito triste, eu sei, mas, como já avisei desde o começo, não tenho a menor intenção de suavizar as coisas que aconteceram nesta história.

Maria viu os pais morrerem sob tortura nas mãos do capitão do mato, João Tibiritê. Viu quando João arrancou as unhas de seu pai, enfiou uma peroba em seu ânus, furou seus dois olhos e deixou-o sangrando no chão. Viu quando o mesmo João, depois disso, se voltou para Filipa e lentamente foi cortando sua pele com um facão de ponta fina, de tal maneira que no final seu corpo em listras era uma fonte inundando de vermelho as folhas amontoadas no inocente chão milenar da mata.

Maria Cafuza viu tudo isso. Tinha cinco anos de idade.

E depois João Tibiritê a levou com ele.

O MAMELUCO PAULISTA

A HISTÓRIA DE JOÃO Tibiritê poderia ter sido diferente e seu caráter, outro. Mas quem pode dizer em que momento um gene se desvirtua e cria um monstro? Mas vamos deixá-lo de lado e contar que em seu bando de mamelucos caçadores de escravos havia um rapaz chamado Manu Taiaôba, filho de colono português com uma de suas três esposas índias.

Manu foi criado um pouco com os parentes na aldeia da mãe, um pouco na fazendola do pai, um pouco por aí, junto com outros curumins como ele. Houve um tempo em que os jesuítas o levaram para seu aldeamento, o batizaram e quiseram fazer dele um aluno do colégio e um "bom cristão", temente ao deus único e capaz do trabalho repetitivo necessário à organização econômica da colônia incipiente. Mas o apelo da mata, da aventura e dos seus genes foi muito maior no rapazote, que, aos doze anos, fugiu para se juntar ao temido bando de João Tibiritê.

Os paulistas já começavam a se tornar os violentos caçadores de escravos nativos que iriam entrar cada vez mais pelos sertões em missões de apresamento. O bando de João Tibiritê era um deles. Fazia incursões de longos meses e voltava com centenas de nativos presos em combates ou emboscadas. Saíam armados, preparados, exímios conhecedores da natureza do país, habilidosos para caçar, pescar e colher as plantas comestíveis, capazes de falar e entender qualquer língua indígena e a língua geral, eficazes ao enfrentar sol, chuva, tempestades, raios e trovões, matadores de onças e de cobras, educados para a aventura e a guerra. Uma raça de homens preparada pelas circunstâncias em que nasceram e viveram para fazer exatamente o que fizeram: penetrar no sertão e conquistar o país.

Manu Taiaôba, veloz com seus pés descalços, ouvido afiado e habilidade inata de caçador, adorava aquela vida. Parecia ter nascido para os combates com os quais sonhava e sobre os quais passava horas refletindo. Passou a desenvolver estratégias de combate e logística e em poucos anos se tornou o braço direito de João Tibiritê, com ideias novas de ataque, planos e táticas criativas.

Naquele verão de 1583, João Tibiritê conseguira um bom número de escravos para levar a Pernambuco e lá acabou contratado para ficar um tempo trabalhando

como capitão do mato.

Parecia estar acontecendo uma epidemia de escravo fujão, e ele era o homem indicado para botar um paradeiro nisso. Nem todos de seu bando gostavam daquele trabalho, mas João decidiu ficar uns tempos para ganhar um dinheiro fácil enquanto se preparava para a longa viagem de volta às bandas de São Vicente.

Por esse motivo, Manu Taiaôba estava presente quando João matou os pais de Maria. Como vários outros do bando, aventureiros acostumados a matar e a considerar as vitórias das guerras o único motivo que tinham para viver, aquela violência esquisita, sem exata razão, a violência da tortura, fez com que virasse a vista para não ver a fonte de sangue em que se transformara o corpo do negro e da mameluca. Nunca tinha sentido aquilo, essa pena desconhecida que lhe encheu o coração ao olhar para a filha deles, a menina magricela que pareceu se desconjuntar quando foi puxada pelo capitão.

Desde esse dia Manu acompanhou a vida de Maria.

No bando não havia mulheres, apenas uma velha índia meio bruxa que um dia se juntara a eles e foi ficando. Quando chegaram ao acampamento naquela tarde, Manu chamou a Velha e mandou que cuidasse da menina.

Graças a ela e à proteção de Manu, Maria Cafuza sobreviveu.

Quando entrou no acampamento, a menina já apagara para sempre de sua mente tudo o que vira até então, até a fala. Em seu peito só ficara a opressão esmagadora do sentimento convulsivo de ódio contra João Tibiritê. Sua vida, desde então, foi só e exclusivamente viver para se consumir por esse ódio.

Ela cresceu no bando, sem falar e como se não escutasse, como bicho selvagem. Acompanhava as andanças, via os combates, o tempo todo ruminando sua única ideia, sua obsessão, alimento, água e modo de respirar: a ideia de matar João. Agachada, escondida, se arrastando e se confundindo com as folhas e os ramos, Maria Cafuza observava minuto por minuto cada passo de seu demônio particular.

É curioso João Tibiritê, tão experiente e astuto, nunca ter percebido o olhar de Maria cravado nele, nunca ter pressentido que bem ali estava a mão que cruzaria seu destino. Jamais lhe passou pela cabeça que a criança muda que um dia, por impulso, ele resolveu levar para ser criada pelo bando pudesse em algum momento vir a ser algum tipo de ameaça. E praticamente se esquecera dela, a criatura arredia que vivia socada com a bruxa velha nas moitas de mato, muito mais bicho que gente.

Sua surpresa, portanto, foi absoluta quando, depois de uma noite de bebedeira para comemorar a vitória no apresamento de uma tribo inteira de carijós, Maria, aos catorze anos, qual invisível cobra cascavel, se esgueirou até sua tenda,

cutucou-o com a ponta do punhal para que ele abrisse os olhos e visse bem que estava sendo morto, e por quem, e cravou-lhe um punhal exato sobre o pomo de adão, outro sobre o coração e outro sobre o fígado, com a habilidade e o conhecimento anatômico de quem havia treinado durante anos e sem descanso exclusivamente para isso.

João Tibiritê esgazeou os olhos e estrebuchou, sem conseguir sequer exclamar seu terror e espanto.

Manu foi o único que viu Maria entrar na tenda de João, viu quando ela saiu e continuou exatamente no lugar de onde estava espiando.

No dia seguinte, ele assumiu o comando do bando.

Assim como Maria observava obsessivamente João, Manu Taiaôba observava Maria. À medida que a menina crescia, ele parecia cada vez mais enfeitiçado.

Uma coisa interessante estava acontecendo ali: o jovem capitão do mato não atinava com o motivo de andar sonhando com Maria em vez de sonhar, como antes, com os combates. Aquele rapaz, criado nas asperezas do mato, na adrenalina da guerra e na companhia exclusiva de brutamontes que nem ele, não sabia o que era a beleza de uma mulher. Beleza nenhuma fazia parte daquele universo de homens embrutecidos que nunca foram na vida preparados para reconhecer uma mulher bonita, se vissem uma. E uma pessoa só pode perceber e assimilar o que está preparada para perceber e assimilar. Se não se tem um conhecimento mínimo, um instrumental básico para detectar o que é beleza, como percebê-la?

Foi isso justamente que aconteceu com a beleza esplendorosa de Maria: não havia ninguém no bando capaz de percebê-la. Apenas a Velha e Manu, sem saberem a exata razão, ficavam longas horas olhando a moça e, ao olhá-la, sentiam alguma coisa inexplicável e melhor dentro de si. Manu começou a sonhar com ela em vez de sonhar com os combates.

Pediu à velha bruxa que lhe arranjasse uma erva para tranquilizar seus miolos, que ardiam sem conseguir pensar em outra coisa que não Maria.

Pois se Manu tentava se aproximar, Maria o escorraçava como escorraçava os outros. Jamais ninguém tocara nela. Todas as tentativas de estupro — e foram muitas, pelo simples fato de Maria ser mulher num ambiente daqueles — eram abortadas pelo vigilante Manu, que pouco a pouco conseguiu que todo o bando entendesse que deveria deixar Maria em paz ou teria de se haver com ele.

Depois da morte de João Tibiritê, Maria sentiu como que uma decepção por esse único alvo e motivo de sua vida não poder ressuscitar para que, agora que aprendera, ela pudesse matá-lo mais e mais vezes até morrer também, ela e o horror que levava dentro de si.

De certa maneira, contudo, alguma coisa mudou dentro dela, não muito, mas o suficiente para que numa noite de lua cheia, na beira do rio, ela deixasse Manu se aproximar. E ele se aproximou com tanto desejo e tanto medo que foi mesmo um milagre alguma coisa ter dado certo ali. Mas deu. E Maria gritou como um bicho, mas parou ao compreender que não gritara nem de ódio nem de horror, mas por outra coisa, que ela não sabia o que era, mas que não era ruim.

Sua vida, apesar de tudo, não mudou. O ódio ilimitado por João Tibiritê, mesmo defunto, não deixava espaço para que outro sentimento ocupasse sua mente e seu coração. E ela continuou da mesma maneira selvagem de antes, ao lado da velha índia, acompanhando as andanças do bando. Nas noites de lua cheia — e só então — ia para a beira dos rios e deixava Manu chegar.

A adoração que Manu tinha por ela era quase religiosa. Ele arrumava sua tenda perto da tenda da Velha e da moça e tudo fazia para que nada lhes faltasse.

A liderança do paulista aventureiro e estrategista não custou a se afirmar, e logo sua fama de eficácia nos combates sobrepujou a de João Tibiritê, e também sua ojeriza à violência desnecessária. Manu Taiaôba não era nenhuma flor de bondade, mas não gostava da violência pela violência: era de parecer que a morte limpa em combate resolvia com segurança as coisas e que, se o apresamento do gentio era uma necessidade, o mesmo não diria de castigos violentos, que só serviam para atrapalhar o bom andamento da marcha.

Nos dez anos que se passaram, seu bando fez várias vezes a marcha desde o sertão das bandas do Sul até a região dos engenhos de Pernambuco. Maria por duas vezes engravidou e por duas vezes, com a ajuda da Velha, abortou. Não podia tolerar sequer a ideia de colocar um filho no mundo. Jamais.

Um plano então começou a tomar corpo na cabeça de Manu Taiaôba: levar Maria ao engenho onde nascera. Quem sabe lá se recordaria do tempo em que era capaz de falar? Quem sabe encontraria lembranças dos pais que afastassem o horror que a habitava? Sua adoração por Maria fazia seu pensamento divagar na esperança de encontrar alguma coisa, qualquer coisa que fizesse a vida dela mais suportável.

Acabaram, por fim, voltando ao antigo engenho de Filipa e Mb’ta. O português que contratara o bando de João Tibiritê já havia morrido, e também

sua esposa. Um dos filhos tomava conta do engenho, que continuava em franca prosperidade. Com o pretexto de conversar sobre a ideia de conseguir uma terra nas redondezas, Manu pediu licença para acampar com seu bando na área da fazenda.

Ficaram ali um tempo, e Maria andava pelos lugares sem demonstrar reconhecer alguma coisa. Apenas se tornara um pouco mais contemplativa; sentava-se em algum lugar e ali ficava horas olhando para pontos irreconhecíveis no infinito.

Até que, numa madrugadinha fria e nublada, levantou-se e se dirigiu como um zumbi para a margem do córrego; foi caminhando cada vez mais rápido, como se seguisse uma trilha muito clara em sua cabeça.

Manu seguiu atrás.

Maria caminhou bastante antes de parar embaixo de um pé frondoso de jatobá, onde se agachou e começou a cavoucar furiosamente até tirar um pequeno pacote, um velho e sujo lenço amarrado.

Tremendo, desamarrou a pequena trouxa dos tesouros de Filipa.

E seu corpo, então, não teve mais forças para segurar a dor entranhada e avassaladora que guardara durante todos aqueles anos. Enquanto ela caía no chão em convulsões, Manu, estarrecido, pressentiu ter cometido um erro irremediável.

Mas vejam vocês como a vida é estranha.

Maria Cafuza, dessa vez sem saber, estava grávida. Quase não engordara, a barriga praticamente não crescera e, embora andasse desconfiada, não tivera ainda a certeza que a faria tomar suas providências. Talvez a própria chegada ao engenho de sua infância tenha desviado seus pensamentos para algum outro lugar que não seu corpo, e a natureza seguiu seu curso sem que ela nem a Velha percebessem. Mas naquele dia, ali debaixo do pé de jatobá, tudo aconteceu: Maria agonizou em convulsões, sem se dar conta de que, ao morrer com sua dor incurável, sua filha nascia.

Se percebesse, a teria matado.

Maria Taiaôba (1605-1671) e Belmira (1631-1658)

A cidade de Olinda, no alto do elevado muito verde, com vistas para a floresta e o mar azulíssimo, era, para muitos, talvez a mais bonita do país. E uma das maiores, com suas casas de pedra e cal, tijolo e telha, sua igreja matriz com três naves e muitas capelas espalhadas de tal maneira que o fiel não podia dar muitos passos sem se sentir intimado a pensar em sua alma. O movimento era grande, as tropas de animais passando, os escravos do gentio ou da Guiné indo e vindo para cumprir suas obrigações, as lojas de portas abertas e prateleiras cheias de mercadoria, as ruas calçadas de pedras claras.

Manu Taiaôba olhava zonzo tudo aquilo. Ele certamente já entrara em vários aldeados e povoados e nas cidades de Piratininga e da Bahia, mas Olinda o deixava com uma ânsia quase incontrolável de voltar correndo para o mato. Aquele movimento de gente e animais passando nas ruas, aquela dureza no chão onde seus pés descalços não conseguiam se aderir com firmeza às pedras das calçadas, a zoada barulhenta de conversa, carros de boi, animais, a mistura nauseabunda de cheiros de suor e comida, tudo lhe parecia demais e perturbador.

Mas ele estava ali para acertar a compra de sua terra e não iria embora sem resolver isso.

Na tarde em que enterrou Maria Cafuza, o capitão do mato jurou a si mesmo que não deixaria a filha crescer naquela vida de bando que tanto mal fizera à mãe. Decidiu se estabelecer e comprar uma terra na região entre Recife e Olinda, uma fazenda onde vira um extenso canavial, uma beleza de plantação com os pés de cana todos do mesmo tamanho, todos bem juntos, tão uniformes que pareciam formar um mar de folhas verde, verde. Manu nada sabia da plantação de cana, mas tinha certeza de que aprenderia. Quem do bando quisesse ficar com ele, muito bem; quem não quisesse, que tomasse seu rumo em boa paz. A única coisa que queria agora era comprar a fazenda onde, além do canavial, vira uma casa de cal e pedra: para lá levaria a filha e a Velha que tomara conta de Maria e agora cuidava da criança.

"Ponha nela o mesmo nome da mãe", disse ao entregar o prematuro bebê ainda sujo de sangue à Velha. "E guarde isto, que é dela", ao entregar-lhe o tesouro de Filipa, a trouxa de pano podre com os pequenos objetos cuja importância só mesmo uma pessoa como a Velha seria capaz de avaliar.

Sim, Manu sabia que a Velha seria capaz de tomar conta de tudo. Essa mulher

cujo nome ninguém nunca soube, se é que algum dia teve um, era chamada de Velha desde que apareceu no bando de João Tibiritê, e nem era velha na época, não teria talvez seus vinte e poucos anos, mas já tinha esse jeito de velha que parecia ter nascido com ela, a cara de velha, as maneiras de velha, a sabedoria de velha. Filha de índio com negra, ou apenas filha do mato, tampouco nunca se soube ao certo, conhecia os feitiços, conhecia as ervas, falava com os animais, e, se João Tibiritê deixou que ela ficasse encostada no bando sem molestá-la, foi porque a Velha salvou sua vida no dia em que João foi mordido por uma cobra venenosa, exatamente no momento em que ela apareceu pela primeira vez vinda do mato e disse que ia curá-lo e curou. Muitos disseram que ela é quem tinha mandado a cobra morder João para poder dominá-lo depois, mas quem disse isso nunca pôde provar, e, como a Velha era pessoa do bem, parece que foi mesmo coincidência ela passar por ali e resolver ficar.

Já Manu Taiaôba, na velhice, pensando no que acontecera em sua vida, achava que a Velha aparecera no bando predestinada a cuidar das duas Marias. Lembrava-se de que na verdade João Tibiritê só deixou que ela ficasse depois que Manu lhe fez ver que uma mãe de ervas era coisa boa de ter à mão na vida do mato e na vida das batalhas, como acabara de ser provado pelo caso dele mesmo, João Tibiritê, e a picada da cobra. Manu lembrava-se também de que naquele momento não sabia por que dissera aquilo, já que não tinha motivo nem competência para se intrometer nas decisões do chefe pois ainda nem era seu braço direito, era apenas mais um do bando.

Mas são coisas inexplicáveis assim que fazem a vida ser como ela é, e, se a Velha não tivesse se juntado ao bando naquele momento, nem a segunda, nem muito menos a primeira Maria teriam sobrevivido. E se com Maria Cafuza o máximo que a Velha conseguiu foi fazê-la sobreviver, com a segunda Maria ela conseguiu muito mais e as duas viveram inseparáveis, mais até do que mãe e filha, pois uma não via na outra nenhum laço obrigatório, só a pura necessidade e o gosto de estar perto e de fazer quase tudo juntas.

A Velha era a sombra de Maria e um pouco de sua alma: contava-lhe as histórias de seu passado nas vidas de Maria Cafuza e de Filipa, ensinava-lhe a sabedoria das ervas, mostrava os motivos de cada tom de verde da mata, explicava os animais e suas razões, indicava o caminho do espírito dos rios e suas águas e, mais que tudo, desde pequena, ensinava-lhe a olhar fundo dentro de si mesma para descobrir a fonte de sua força única e seu poder.

Maria Taiaôba não tinha a beleza da mãe nem seu caráter selvagem, mas herdou a mente estratégica do pai e sua tendência inata e até inconsciente de admirar e buscar o desconhecido.

Jovenzinha, ia com a Velha para Olinda, e lá se sentavam no banco da praça

vendo o povo passar. Maria entrava nas igrejas, admirava os santos e o cheiro cálido do incenso; passeava pelas calçadas e, das janelas e portas abertas, apreciava o interior das casas; entrava nas lojas e admirava as prateleiras; do alto do morro, olhava o movimento do porto, os navios carregando e descarregando, o brilho dos rios Capibaribe e Beberibe, o encanto azul do mar de Pernambuco. Maria amava tanto tudo aquilo; seu coração se enchia com a beleza da paisagem, e a Velha constatava sem surpresa como a sua era o exato oposto da alma turva e transtornada da mãe.

Menina ainda, começou a perceber que lhe faltava uma coisa importante: saber o que estava escrito nos papéis. Dona de si, ela sabia que tudo lhe era possível e, de pergunta em pergunta, achou a casa de um mestre aonde só iam rapazes para aprender português, latim, aritmética, mas cuja esposa, essa sim, ensinava as moças a ler, escrever, contar e coser.

Duas vezes por semana, Maria e a Velha, a cavalo, partindo do canavial, subiam o morro de Olinda. Maria ia para suas aulas, e a Velha ficava sentada num banco da praça da Matriz, sendo abordada pelas mulheres de Olinda, ansiosas por mezinhas que curassem postemas, febres noturnas, as dores mais variadas e poções de amor. A Velha, com paciência, atendia a todas sem pressa, pois era esse seu ofício e ela o cumpria com generosidade.

O pai, Manu Taiaôba, via a filha crescer de uma maneira desconhecida para ele, mas que sua intuição julgava certa e adequada. A fazenda que comprara era de terra úmida, terra boa e fértil. Com os escravos índios, logo desenvolveu uma alta produção de cana que mandava moer no Engenho Santo Antônio, seu vizinho.

Como filho do mato e da ação, no entanto, Manu andava inquieto: à noite armava sua rede bem longe da casa e durante o dia praticamente não entrava sequer no avarandado. A filha ia procurá-lo no campo, onde estivesse, para levar sua comida, e ali comiam os dois, ele agachado, ela sentada em algum tronco contando-lhe o que vira na cidade, e ele quase mudo, não por falta de interesse no que a filha lhe contava, mas por não saber o que lhe dizer e porque o som da voz da filha, aquele som límpido que com certeza seria parecido ao de Maria Cafuza se ela algum dia tivesse falado, era como se apenas aquele som lhe fosse mais tranquilizador que o chuá pacífico das águas serenas de um pequeno riacho da serra e lhe bastasse.

Chegou, assim, o dia em que, vendo o tempo passar e a filha tão bem ao lado da Velha e sentindo que as duas não precisavam dele, Manu se achou livre para

procurar outra vida mais de acordo com seu feitio. Pensou que poderia criar gado, animal cada vez mais necessário para a alimentação, para o funcionamento das fábricas de açúcar e para o transporte que era então todo feito em carros de boi. Seu desejo era sair com o gado desbravando terras, abrindo caminhos pelo coração escuro da mata espessa, e voltar à vida selvagem em que fora criado, dormindo sob o céu descoberto, comendo caça, enfrentando os índios.

Comprou uma casinha em Olinda, onde deixou a Velha tomando conta da filha, com escravos e homens de confiança; deixou o canavial nas mãos de um feitor, também homem seu, e foi com parte do bando antigo tangendo o gado para os descampados do sertão, rumo ao São Francisco.

Desde então, sempre vinha visitar a filha e escutar o som de sua voz, esse som que o acompanhava dia e noite pelo sertão e o fazia sentir alguma coisa parecida com um calor bom dentro do peito. Chegava a Olinda, negociava o gado, via o andamento do canavial, mas nunca ficava mais que um dia na cidade.

Em uma dessas visitas, Maria, aos dezessete anos, lhe disse que iria se casar.

Seu pretendente era Bento Diogo de Sá, nascido na Cidade da Bahia, filho de pai português, que chegou ao Brasil em 1550 para abrir comércio de miudezas e alimentos, e de mãe também portuguesa, criada no mosteiro das órfãs de Lisboa e enviada ao Brasil com outras órfãs, pela rainha dona Catarina, para ajudar a povoar a nova terra. Moça saudável e submissa, a mãe de Bento Diogo só fez uma coisa na vida: cumprir a missão que lhe dera a rainha, isto é, parir. Bento Diogo foi o décimo segundo filho de um total de catorze.

O pequeno comércio do pai se firmou como uma das mais movimentadas tascas da cidade, onde se vendia sobretudo vinho de Portugal e vinho de Espanha. Enquanto a maior parte dos outros irmãos e irmãs teve os mais variados destinos, ele ficou por ali, dizendo ajudar o comércio do pai. Moço bonito, conquistador, também deu uma boa contribuição para povoar o país e teve vários filhos com mamelucas e índias, todos bastardos, todos criados sem nenhuma assistência sua.

Preguiçoso, mas cheio de ambição e vazio de escrúpulos, Bento Diogo tinha grandes projetos próprios. Entre eles, o de ser o rei do vinho de mel, o vinho do país, a cachaça. Argumentava que, se havia quem não gostasse da cachaça, era por pura estultice. Que a cachaça era a beleza de bebida que faria o Brasil conhecido, a mais barata e acessível, a menos dependente das inconstâncias do mar e dos navios. Que o vinho de mel, autêntico produto da nova terra, era muito fácil de produzir e de armazenar e mais fácil ainda de beber. Que ele plantaria o canavial mais extenso que jamais se vira por ali e não faria açúcar de nenhum pé, nenhum, por menor que fosse, só cachaça, cachaça, cachaça, e encheria quantidades jamais vistas de barris.

E assim passava horas e horas, e meses e meses, e anos e anos, bebendo com os amigos e projetando seu grandioso império, ligado ao futuro portentoso dessa colônia portuguesa, a maior e a mais rica de quantas havia, ele não cansava de dizer.

Depois da morte dos pais, Bento Diogo ainda continuou por alguns anos a dilapidar a paciência de dois irmãos que ficaram trabalhando na tasca, dizendo, se perguntado, que atuava no comércio de importação de bebidas. Até o dia em que, pressionado pelos irmãos, que já não suportavam suas dívidas de jogo, bebedeiras e fanfarronadas, foi praticamente expulso da casa e obrigado a tomar alguma atitude e tentar se virar por conta própria.

Foi quando, já chegando aos quarenta anos mas ainda com bela figura e muita lábia, Bento Diogo partiu em busca de seu império.

Encontrou-o com Maria Taiaôba, em Olinda.

Ao vê-la passar, e perguntando daqui e dali, o baiano ficou muito impressionado com a faceirice e a graça da mocinha filha única e com o tamanho do canavial do pai. Sem perda de tempo, pôs todo o seu traquejo e sua experiência na conquista.

Maria, por sua vez, que não tinha nada de boba mas que sentia, de nascença, enorme curiosidade por tudo, havia algum tempo andava querendo saber como seria ter um marido. Queria conhecer aquelas coisas de que as mulheres de Olinda falavam tanto, mas até então, francamente, achara seus pretendentes muito tolos. Em Bento Diogo, viu um arrojo e um charme que nunca vira por ali e decidiu dizer *sim*.

Manu Taiaôba conheceu o futuro genro e mal resmungou uma ou duas palavras de cumprimento. Como em tudo o que dizia respeito à filha, perguntou à Velha se ela achava que aquilo estava bem e a Velha lhe respondeu que sim, que estava, que ele não se preocupasse, que esse homem não teria tempo de fazer nenhum mal à menina.

E assim foi. Com o casamento, Bento Diogo se mudou para a fazenda e passava os dias falando de seus planos para fazer com que aquela cana toda não fosse mais para o Engenho Santo Antônio e sim para uma fábrica que “já tenho aqui toda pensada na cachola, tu verás, Maricota, construiremos um império neste Pernambuco e tu serás a Rainha da Cachaça do Brasil, e iremos para Portugal e venderemos nosso vinho de mel em Lisboa e depois em Espanha. Tu sabes que os reinóis, quando aportam aqui, o primeiro que fazem é tomar do nosso vinho, e sabes por quê? Sabes o que tem de melhor esse nosso vinho? E que só é preciso um pouquinho assim, Mariquita, para que ele já te leve para o céu de todos os anjos e arcanjos? Não queres provar?”.

Maria agradecia.

Ela não gostava de cachaça e, embora achasse graça nas tiradas do baiano falante e charmoso, estava começando a achar um pouquinho cansativo aquele homem que só tagarelava, tagarelava e nada fazia. Tinha saciado sua curiosidade quanto aos assuntos da alcova e até os achara mesmo interessantes, mas não havia como ficar o dia todo na cama, e, fora da cama, ela começava a perceber, seu marido parecia não ter muita serventia.

Mas nem chegou verdadeiramente a se preocupar, pois com menos de seis meses, bem no meio de mais uma frase sobre as grandes mudanças que introduziria no canavial, o coração de Bento Diogo falhou e Maria Taiaôba ficou viúva.

Algumas pessoas da vila de Olinda andaram comentando, na época, que a Velha tinha alguma coisa a ver com o falecimento inesperado de um homem no auge de seus projetos. Mas de fato não foi preciso. Com seus poderes premonitórios, a verdade é que ela apenas intuíra que isso aconteceria assim e era só deixar o tempo agir que, de sua parte, nada precisaria fazer para evitar que Maria fosse mais longe na canoa furada desse oportunista galante mas sem escrúpulos.

O REINOL CRISTÃO-NOVO

DUARTE ANTÔNIO DE OLIVEIRA chegou a Olinda em 1628, com vinte e três anos. De família de cristãos-novos, seus pais decidiram que pelo menos ele, o filho do meio, tentaria a vida naquele país que começava e — se assim desejasse o bom deus — não sofreria a rigidez e os rigores da Inquisição. O pai entregou ao filho dinheiro suficiente para montar no Brasil uma fábrica de açúcar, cujo comércio estava enriquecendo muita gente. A intenção era que assim ele criasse uma alternativa para abrigar a família, caso a situação em Portugal piorasse. Em sua bagagem, o pai colocou também objetos e joias de família que estariam mais seguros no Brasil do que em Lisboa, onde o confisco era uma possibilidade cada vez mais temida.

O jovem reinol era culto, letrado, amante de Camões — seu exemplar de *Os lusíadas* estava sempre ao alcance da mão e ele declamava longos trechos de memória, com ardor e emoção. Sentia-se vivendo a sina de um herói, desbravador de um continente e conquistador de uma sorte melhor para os seus. Esbanjava entusiasmo e dinamismo quando chegou a Olinda e imediatamente se apaixonou pela pujança dos trópicos, sua luz, as cores, seus cheiros, vegetação luxuriante, a flora, o sabor sensual das frutas.

Estava indo com um guia a conhecer os engenhos e os canaviais da região quando encontrou Maria Taiaôba e a Velha pela estrada. Sem se importar com os costumes que nunca foram os seus, Maria não usava trajes de viúva, e, ao vê-la com flores coloridas no cabelo e o cesto carregado de cajus amarelos e vermelhos que colhera para fazer doces, Duarte Antônio, fascinado, pensou estar vendo uma ninfa dos bosques brasileiros.

Essa imagem de Maria Taiaôba devia ser mesmo de grande beleza e força, pois mais tarde fascinaria também um artista holandês que a pintaria exatamente assim, com flores e frutas, à beira de um bosque.

Maria começou a lhe servir de guia, e poucos passeios bastaram para também deixá-la encantada com o culto e educado reinol, tão jovem quanto ela, tão deslumbrado com a vida quanto ela, tão amante do país quanto ela.

Não muito depois, estavam os dois casados.

O dinheiro que Duarte trouxe de Portugal transformou o canavial em poderoso

engenho de açúcar, dessa vez com o irrestrito apoio da Velha e sob o olhar atento de Manu Taiaôba, que, pouco a pouco e pela primeira vez na vida, sentava-se à noite na varanda para conversar com uma pessoa culta como Duarte. O genro lhe contava como era além-mar, o que faziam os portugueses, a Corte, como eram os reis de Portugal e o rei da Espanha, o comércio, como as pessoas se vestiam, a importância da educação, a religião, os rigores da Inquisição, e Manu lhe falava do Brasil, os tipos de mato, os animais amigos e os inimigos, o que fazer frente a um rio, como era o gentio, suas diferenças, seus modos, suas crenças e suas artes.

Duarte, ao chegar ao Brasil, começara a trabalhar como escrivão na Câmara de Olinda e continuou a exercer essa função pública no primeiro ano de montagem de sua fábrica de açúcar, investimento definitivamente vultoso, não só pela compra e instalação do maquinário, mas também pela necessidade de comprar mais escravos. A mão de obra requerida para o funcionamento do engenho era grande, e os escravos índios de Manu Taiaôba, se eram bons para a plantação de cana, não serviam para o trabalho disciplinado e rude exigido para a fabricação do açúcar — era preciso comprar negros da Guiné, muito mais caros.

As coisas andaram muito bem, e Duarte já abandonara seu emprego público para cuidar apenas do engenho em franca produção quando os holandeses, em 1630, chegaram a Pernambuco, começando uma guerra que duraria longos dezesseis anos.

Belmira, a primeira e única filha de Duarte e Maria, nasceu na noite do incêndio de Olinda. Ninguém dormiu naquela madrugada na agora grande casa do engenho, vendo ao longe as labaredas e as fumaças se erguendo da cidade em chamas. Até Maria, com o bebê nos braços, se levantou para ver a boca voraz do fogo engolindo com ferocidade o ar úmido da noite sobre a mata. A recém-nascida Belmira chorou desesperada a noite toda, como se pressentisse as desgraças de sua vida de menina nascida na guerra e nela criada.

Durante todo o dia, tinham dado abrigo, comida e água às pessoas que fugiam da cidade. Conhecidos passaram, temerosos, impotentes: chorando a amargura de ter de abandonar casas, móveis, despensas cheias, provisões de azeite, farinha, barris de vinho. Lágrimas, imprecações, ódio, vidas desfeitas: essa a trilha dolorosa que estava sendo aberta e duraria anos de sangue e sofrimentos.

Foi também ali, vendo o fogo queimar Olinda, que Manu Taiaôba decidiu participar dessa guerra contra os flamengos. Não que tivesse qualquer simpatia pelo domínio dos portugueses em sua vida sem lei, não fazia diferença se o país

fosse dominado por portugueses ou por holandeses, e ele achava que a terra era de quem tinha nascido ali, dos brasileiros, e não de europeus, fossem de onde fossem. Mas, vendo o incêndio devastar a cidade que, embora não admirasse, respeitava, Manu achou que essa guerra tinha algo a ver com ele. Mais até do que qualquer tipo de patriotismo ou causa, porém, o que abrasou seu peito foi o desejo de participar outra vez de batalhas, e batalhas dessa vez muito maiores do que todas as que jamais havia vivido. Um entusiasmo juvenil o invadiu. O genro, que calculava a idade do sogro na casa dos setenta, ainda tentou alertá-lo para o problema da idade e o aconselhou a repensar essa ideia de participar de uma guerra que certamente seria muito diferente e disse que, se fosse seu o destino de morrer assim, o genro e a filha poderiam ter certeza de que lhe seria de grande consolo ouvir gritos de guerra e som de tiros na hora da despedida.

O velho Manu Taiaôba era um pequeno gênio militar. Embora não tivesse estudos, não soubesse ler nem escrever, houvesse vivido toda a sua vida no mato, mal conhecesse as cidades e nem conseguisse imaginar direito o que era um outro país, trazia no sangue o talento para a estratégia e a tática dos combates, a capacidade inata de armar as peças do tabuleiro de uma batalha, o dom da arte aprimorado por anos de experiência. Naquele momento sentia que seu corpo de capitão do mato, exercitado nas intensas caminhadas e nos rigores da vida ao ar livre, ainda era ágil e veloz como o de um jovem. Sua mente apaixonada e rejuvenescida voltara a sonhar com batalhas e vitórias.

Na madrugada do dia seguinte, Manu, com seu grupo mais aguerrido, composto de mamelucos e índios, foi se juntar ao exército da resistência.

Não demorou muito, no entanto, para que ele começasse a se desencantar com o estilo de guerra dos brancos, a guerra dos europeus que ele já via perdida, e seu entusiasmo e seus sonhos começaram a se arrefecer. Pois desde o começo se instalara no exército luso-brasileiro um conflito entre duas concepções bem distintas que só fez se acirrar.

Uma era a dos capitães da terra, homens como Manu, conhecedores do terreno e do clima que defendiam a adoção da guerra brasílica, a guerra feita no mato, pegando o inimigo de emboscada na topografia que o inimigo não conhecia. Achavam que era possível minar a resistência dos holandeses tirando proveito das vantagens que só os da terra tinham: o domínio do clima e da geografia, a velocidade dos nativos, a agilidade e a malícia no campo de luta.

A outra era a dos oficiais europeus que chegaram para chefiar o exército luso-brasileiro e defendiam a única guerra que conheciam: a guerra de posições, as

grandes batalhas campais, seguindo os preceitos estabelecidos pela arte europeia de guerrear. Desprezavam o empirismo militar dos pernambucanos e consideravam a guerra como uma arte, mas também ciência que tem suas regras e seus preceitos e depende de ordem e disciplina.

Só que muitas dessas regras e ordens nada tinham a ver com o Brasil, era o que Manu Taiaôba dizia ao genro e à filha quando conseguia uma folga para visitá-los rapidamente no engenho. Como vamos, por exemplo, usar a cavalaria e a artilharia como eles querem? Aqui temos bons cavalos, corredores, resistentes, mas por onde eles vão passar? Como poderão atravessar matas densas, canaviais fechados com palhas afiadas, mangues e lama que são verdadeiros atoleiros? E como levar a artilharia pesada por caminhos que não existem? E a infantaria, como eles vão conseguir fazer a travessia dos rios, a maioria sem pontes e sequer pinguelas, como atravessá-los de meias, sapatos e vestidos com uniformes feitos com muitos metros de pano? Eles não sabem distinguir um jacaré manso de um bravo e sufocam no calor e, além do mais, têm o sangue doce de branco que atrai como mel as nuvens assanhadas dos mosquitos.

Manu chegava a se exaltar — coisa tão pouco do seu feitio — ao contar as estultices do comando luso-brasileiro. Mas se deliciava ao contar sua própria tática imbatível de atrair os holandeses para canaviais onde a densidade e a uniformidade dos pés de cana da mesma altura e bem juntos lhes perturbavam o senso de orientação; eles ficavam como baratas tontas e se espetavam nas palhas afiadas, se perdiam um dos outros e se tornavam presa fácil para o ataque de surpresa dos homens de Manu.

Inquieto como estava com o que via, Taiaôba resolveu solicitar um encontro com um dos oficiais do comando. Depois de longa espera, finalmente foi recebido pelo mestre de campo, oficial veterano da guerra de Flandres e de outros conflitos europeus. Desse encontro, não se sabe qual dos dois saiu mais estarrecido e enojado com o outro.

Para o elegante chefe europeu, a figura selvagem do capitão de índios era assustadora e acintosa. Embora Manu estivesse sem a grande barba, que raspava ao fazer a guerra para melhor se pintar e se confundir com a mata, ao nobre fidalgo sua levíssima roupa de algodão cru parecia indecente, os grandes pés descalços, uma visão monstruosa e sua voz, habituada mais ao silêncio do que à fala, soava como grunhidos animalescos. Tudo em sua figura era insultante para o oficial, que só conseguiu esconder a repulsa porque entendeu muito pouco do que Taiaôba procurou lhe dizer. Taiaôba falava na língua geral com algumas

poucas palavras em português, mas o oficial nem sequer chamou um intérprete, porque não tinha nenhum interesse em entender o que aquele velho dizia. Para sua ética militar, que tanto devia à mentalidade nobre feudal, a guerra de emboscadas que aquele selvagem à sua frente representava era a negação de valores que fora formado para prezar. Julgava a coragem pessoal e a lealdade como opostos inconciliáveis à esperteza e à malícia dessa guerra de macacos que os nativos queriam guerrear. A emboscada — uma invenção assassina — era coisa de covarde e de ladrão, e aquela figura monstruosa parecia comprovar sua razão. Por mais que soubesse das vitórias já quase lendárias de Manu Taiaôba, ali estava um homem que ele não deixaria seguir às suas costas e ao qual jamais convidaria para se sentar à mesma mesa, nem para uma ligeira refeição de campanha.

Taiaôba, por sua vez, tampouco conseguiu esconder sua aversão pela figura estúpida que tinha à frente. A insistência do europeu esdrúxulo em seguir a ortodoxia militar em região tão inóspita, sua incapacidade de perceber o que parecia tão evidente a todos, essa teimosia que a muitos já parecia até colaboração, mais que burrice, começava a lhe parecer também inaceitável. Ao ver as mãos bem cuidadas do oficial, as unhas limpas como se tivesse acabado de esfregá-las, o bigode e os cabelos tão bem aparados e engomados que se confundiam com um capacete, o velho homem do mato compreendeu que qualquer esforço seu seria inútil. Aquele janota que se preocupava mais com a limpeza de sua roupa e de suas botas e cujas mãos não paravam de agitar frenéticas um lenço alvo sobre o rosto para se abanar e limpar o suor que lhe escorria em fluxos incessantes, convenceu Taiaôba do absurdo daquela guerra e ali, naquele momento, resolveu que mais valia voltar a cuidar de seu gado do que ficar vendo a derrota chegar cada dia mais perto.

Assim foi pensado e assim foi feito.

Quando o comando luso-brasileiro, depois de inúmeras derrotas, foi obrigado a se render, como ele previra, Manu Taiaôba já estava no descampado dos sertões distantes dali, cuidando do gado. Soube que outra vez tinham dado a ordem de queimar os canaviais e os roçados para não deixar nada além de terra arrasada para os holandeses, mas não se preocupou, pois tinha certeza de que o genro, como muitos outros donos de engenho, não obedeceria à ordem suicida. Duarte, como boa parte dos donos de engenho, optara por permanecer neutro e cuidar de sua terra, ao contrário dos que tinham abandonado seus engenhos e fugido para a Bahia ou para outras capitanias mais ao sul.

A neutralidade de Duarte estava muito bem fundamentada em sua cabeça.

Por mais que procurasse, não encontrava motivos para lutar por portugueses e espanhóis, que, além de tampouco serem nativos do Brasil, estavam confiscando os bens e a vida de tantos de sua gente d'além-mar. Por outro lado, desde que aqui chegara se sentira tão identificado com o país que de coração se considerava um verdadeiro brasileiro: iria construir sua vida naquela terra abençoada, iria fazer de sua família uma autêntica família de brasileiros, nascida, criada e defendendo os interesses do Brasil e não de estrangeiros, fossem eles quais fossem. Sua posição durante a guerra foi, pois, sempre a mesma e bem pensada: não colaborava com nenhum dos lados, mas dava abrigo a todos os soldados feridos e aos retirantes. Diante da fome que se avizinhava, mandou plantar mais roça de mandioca e de milho e diminuiu a produção de açúcar.

Maria Taiaôba aprovava a posição do marido. Achava certo não se forçar a escolher entre dois domínios estrangeiros. Como também achava que estava bem seu pai entrar na guerra, já que disso ele gostava e era esse seu ofício. O coração de Maria era de paz e, no meio de tudo aquilo, doía ao ver tanto sofrimento. Ela e a Velha eram incansáveis nos trabalhos para dar comida, água e palavras de conforto a todos os que passavam por ali. Armaram também um pequeno abrigo na entrada da fazenda para atender os feridos com ervas e mezinhas.

Quando as batalhas eram em locais próximos, elas iam cuidar dos feridos, carregando seus cestos de ervas. Maria levava também escravos com enxadas para cavar sepulturas e enterrar os mortos deixados pelos inimigos para serem comidos pelas nuvens de aves pretas que rondavam os campos de guerra. Muitas vezes, chegavam tarde demais, quando apenas um odor pestilento se espalhava no ar quente, denso, sem ventos, o odor das vísceras podres desprezadas até pelos saciados abutres que as miravam a distância com um ar quase de desprezo.

No movimento de pessoas que passavam e muitas vezes pernoitavam no engenho de Duarte e Maria, as notícias da guerra iam e vinham, de um lado e de outro.

Uns davam conta das tragédias que aconteciam, da fome que devastava, da paisagem queimada, da azáfama de donos de engenho e escravos enterrando à noite os utensílios de cozinhar o açúcar e outras riquezas, antes de fugir. Outros contavam das bebedeiras dos holandeses, verdadeiros alambiques ambulantes, e como se atolavam nos mangues, com seus uniformes pesados, ficando com a cabeça de fora, e era só os nativos chegarem e afundar-lhes, *tum!*, *tum!*, o tacape na cabeça. Outros relatavam como os escravos negros estavam aproveitando a

desorganização da guerra para fugir para a serra da Barriga, onde estavam construindo um arraial com muitas casas e gente, chamado de Quilombo dos Palmares. E contavam o que tinha acontecido com o mameluco Domingos Fernandes Calabar, uns dizendo que ele era apenas um guia e fora executado com tanta rapidez porque sabia demais, conhecia os colaboracionistas graúdos, pois era quem levava os chefes flamengos para os encontros na calada da noite, e que foram eles, os colaboracionistas, que mandaram executá-lo, temerosos de que desse com a língua nos dentes.

A conversa entrava pela noite adentro enquanto o céu se iluminava com o fogaréu que subia em vários pontos ao longe e transformava a noite cálida do sertão em noite quente de dor e sangue.

Como a resistência se transformou em um processo de retiradas, essa foi uma guerra que terminou aos poucos. O fogaréu noturno foi diminuindo, o movimento dos retirantes escasseando, o som das batalhas ficando cada vez mais distante. Até que tudo serenou na terra salpicada de queimadas, de casas e engenhos abandonados, de solidão, tristeza e fome. Agora os holandeses eram os únicos a passar pelo engenho, em tropas barulhentas, buliçosas, muitas vezes bêbadas.

Aos poucos, as notícias que chegavam ao engenho começaram a contar coisas boas. Eram notícias do príncipe holandês que chegara, de seu dinamismo e das obras que estava mandando construir. Recife ia se modernizar, ia se transformar, seria uma beleza de cidade. O comércio agora teria liberdade e não mais as dificuldades que lhe trouxera o monopólio português.

Os meses se passaram, e Maurício de Nassau se tornava um governante admirado.

Duarte ia a Recife e voltava entusiasmado. As obras que o príncipe estava construindo não eram templos luxuosos dedicados à glória de Deus, como faziam os portugueses, mas sim obras úteis, que trariam melhorias urbanas e serviriam à produtividade do trabalho. Vira os planos expostos da Cidade Maurícia, a ser construída ao lado de Recife, entre a foz do Capibaribe e do Beberibe, com ruas, praças e canais planejados. Vira o palácio em construção e o projeto do Jardim Botânico.

Naquela noite, depois de uma viagem a Recife, Duarte foi se deitar inspirado, a

cabeça cheia de planos. Comentou afetuoso com a mulher e a filha como fora acertada sua visão de apostar no país e como as coisas caminhavam para grandes mudanças. Logo ele poderia, quem sabe, mandar buscar os velhos pais, de quem há muito não tinha notícias.

De madrugada, seus gemidos e sua agitação despertaram Maria. Angustiada, ela mal conseguiu tocar a pele dele, ardendo em febre. A Velha nem precisou ser acordada; quando Belmira, a pedido da mãe, chegou assustada à porta de seu quarto, ela já estava desperta, preparando seus remédios.

Mas dessa vez toda a sua sabedoria foi em vão: em três dias Duarte faleceu com uma febre maligna dos trópicos, que pode ter sido malária, pode ter sido terçã, pode ter sido qualquer outra coisa. Ele, que amava tanto essa terra da qual só via os encantos, sucumbiu sem chances às suas mazelas.

Belmira estava ao lado da cama do pai, quando Duarte morreu. Menina nascida e crescida na guerra era calada e de olhos tristes, muito apegada ao pai e a seu romantismo. Aos oito anos, sabia trechos de *Os lusíadas* de cor, como lhe ensinara Duarte, e colecionava, em um grosso álbum que o pai lhe dera, flores e folhas secas que recolhia nos passeios pelas matas com a Velha e a mãe. Colava a folha na página e embaixo escrevia com caprichada caligrafia infantil o nome que a Velha lhe ensinava. Nas conversas com o pai dizia que queria aprender a curar as pessoas. E o pai, que a tratava como adulta, dizia que isso seria muito bonito, porque o país novo tinha doenças novas cujos remédios deveriam ser buscados ali mesmo onde a Velha os procurava.

A morte do pai a deixou tão inconsolável que Maria se viu obrigada a passar por cima de sua dor para cuidar da dor da filha, tão pálida e delicada. Como as louças de porcelana da Companhia das Índias Orientais, o último presente que o marido comprara entusiasmado em Recife, com sua finura e fragilidade, sabia que a filha também poderia se quebrar com qualquer golpe. Há pessoas que se fortalecem quando atravessam adversidades, mas a maioria, não. A maioria se fecha, incapaz de vencer o meio quando se vê obrigada a enfrentar os infortúnios de sua própria sorte.

Depois da morte súbita do pai, Belmira passou a achar inútil e vão seu sonho de curar doenças. Uma de suas poucas alegrias, no entanto, ainda era sair com a Velha e a mãe pela mata escura, onde catavam ervas e Maria colhia frutas para

fazer doces e flores coloridas para enfeitar seus cabelos e os da filha, na tentativa de trazer de novo, de alguma maneira, um pouco de cor e luz ao rosto da sua triste menina.

Ao voltar de um desses passeios, uma tarde suave de junho, encontraram um grupo de artistas e cientistas holandeses que chegaram com o príncipe Maurício. E a cena que anos antes tanto encantara Duarte também fascinou o jovem pintor Albert Eckhout, que, dizem, pediu a Maria que lhe permitisse pintá-la assim, com seu cesto de frutas e suas flores.

Pode ser que sim, pode ser que não, e, ainda que tenha sido mesmo Maria Taiaôba a figura retratada no famoso quadro *A mameluca*, de Eckhout, isso não quer dizer que ela tenha sido exatamente igual à mulher pintada no quadro: por mais que sejam realistas os retratos em tamanho natural que o pintor holandês fez da gente da terra, nenhuma imagem retratada corresponde em tudo ao modelo que o artista tem diante de si. A pintura não é fotografia, mas expressão do que veem ou podem ver os olhos de quem pinta.

Uma coisa é certa, porém: a tez marrom-dourada e o nariz bem definido, os lábios de contorno suave, os olhos amendoados com seu olharzinho de quem está achando engraçado o que está fazendo ali, são mesmo os de Maria. Os cabelos encaracolados, não, que os de Maria eram mais lisos e negros, mas as joias, sim, podem ser o colar e o brinco de pingentes de pérola e ouro que lhe deu Duarte, uma das joias de família que ele trouxe de Portugal. O traje de cetim branco também não — que Maria bem que tinha seus vestidos de seda, veludo e cetim, costurados por ela mesma, mas certamente não os vestiria para passear no mato. O pintor pode ter transformado o tecido de algodão branco em cetim brilhante pela necessidade de obter a densidade e a luminosidade que queria.

Seja como for, a amizade entre as três mulheres e os holandeses foi um fato. O jovem médico dr. Pies e o naturalista Georg Marcgrav se encantaram com o grosso álbum de plantas de Belmira e com a sabedoria da Velha.

Muitas vezes saíam os quatro a passeio pelas matas e beiras de rio. Elas lhes mostravam o mamoeiro macho, a sálvia, a jurubeba, o urucu, os vários tipos de ervas e plantas. Mostravam os espécimes para eles desconhecidos de bichos como o guará, o urutaurana, os muitos tipos de cobras. À beira dos rios de águas límpidas, mostravam os peixes de várias cores e tamanhos, e de longe os tipos diferentes de jacarés. Colhiam e lhes davam para experimentar frutas como ananás, pitomba. Sentados em troncos de árvores à beira dos córregos, o médico Pies e a Velha passavam longas horas conversando sobre venenos e antídotos, sobre as plantas medicinais e suas propriedades terapêuticas.

Embora, evidentemente, eles tenham feito muitas outras pesquisas, viajado pela costa e pelo interior de Pernambuco, até mais além do rio São Francisco, e

também conversado com muitos outros nativos e recolhido um material incrivelmente rico, que lhes possibilitou fazer a primeira classificação sistemática das coisas da terra, as obras que publicaram na Holanda em 1648, *Historia Naturalis Brasiliae* e *De Medicina Brasiliensis*, as duas primeiras publicações sobre a fauna e a flora tropicais, tiveram, sem dúvida, a contribuição dessa dupla de nativas, a menina e a Velha.

No coração de Belmira, a atenção dos cientistas conseguiu de certa maneira aliviar a dor da ausência do pai; quando eles se foram, em 1644, levaram o álbum de plantas que Belmira lhes deu e a promessa de que lhes escreveria quando descobrisse alguma planta nova.

Maria, viúva, era agora a única responsável pelo engenho. O feitor, homem de confiança de Duarte, continuava como braço direito, mas era ela quem saía para negociar o açúcar com os holandeses da Companhia das Índias Orientais, e era quem tomava todas as decisões. Inteligente, observadora, aprendia rápido e não se deixava enganar. Logo descobriu que gostava de fazer negócios e sabia fazê-los bem. Seu estilo não era de grandes apostas e riscos, e sim o de jogar no certo e seguro. Não ganhava somas vultosas de uma vez, mas ganhava sempre, e em pouco tempo tinha conseguido maiores lucros do que velhos negociantes de açúcar que se julgavam espertos demais. Ficou conhecida pelo jeito prático de fazer negócio, pela maneira gentil de tratar as pessoas, pelo olhar descomplicado e franco.

Na fazenda, os escravos a julgavam uma mulher boa e justa, e seu engenho foi um dos que menos tiveram escravos fugidos durante a desorganização da guerra.

Na cidade, porém, o respeito que tinham por ela certamente vinha muito mais da sua riqueza, vamos ser francos, do que do reconhecimento do seu valor.

Com a guerra e a invasão, muitas mulheres tinham assumido papéis que antes eram restritos aos homens, mas nem todas tinham a inteligência e o tino de Maria, nem todas tinham sua graça de mulher bonita, nem todas tinham seu frescor de viúva jovem.

E havia as mulheres intrigantes e invejosas, que sempre existiram e achavam Maria isso e aquilo, achavam que sua filha era muito pálida e, portanto, só podia ser mal alimentada, e achavam que a Velha, a quem não vacilavam em procurar sempre que julgavam precisar, era, afinal, uma bruxa e, uma vez bruxa, sempre bruxa, quem faz feitiço para o bem também pode fazer para o mal, e como se explica, então, o caso da morte do primeiro marido dela, aquele senhor charmoso e doido por um rabo de saia, que não tinha quem lhe resistisse aos encantos, e é bem verdade que ninguém resistiu mesmo e ele conheceu muitas camas de Olinda, tanto de solteiras quanto de casadas.

Claro, havia também muitos homens que queriam se aproveitar da jovem

mulher, seja na cama seja nos negócios, e ficavam mordidos ao constatar que a ingenuidade da viúva era coisa que só existia dentro da cabeça deles, pois, também quanto aos assuntos do sexo, Maria Taiaôba era uma mulher especial. Natural e livre, como sempre foi, se alguém falasse à sua sensualidade, e se ela assim quisesse, podia deixar que as coisas seguissem até algum lugar no bosque, mas não além. Viúva duas vezes e mais preocupada com a filha do que consigo mesma, não queria pensar tão cedo em outro casamento.

Quando a guerra recomeçou, a insurreição foi preparada a partir da Bahia, e as tropas luso-brasileiras começaram a fazer o trajeto de volta a Recife.

Os acontecimentos se atropelaram na vida de Maria e Belmira.

Primeiro chegou a notícia da morte de Manu Taiaôba no mato, como era de seu desejo. Seu velho homem de confiança enterrou o chefe no mesmo lugar onde ele antes enterrara Maria Cafuza, como lhe fora ordenado, e depois foi transmitir a notícia da morte à filha.

Logo foi a vez da Velha de lhes dizer que já estava muito cansada e precisava sossegar. Considerava que cumprira sua missão, criara três gerações, mãe, filha e neta, lhes ensinara tudo o que podia ensinar e não queria ver outra guerra. Que a desculpassem, mas já estava velha demais e, não, não queria ver outra guerra. Explicou-lhes detalhadamente o que deveriam fazer para enterrá-la, e, passados alguns dias, quando a Velha não apareceu de manhã, Maria soube que ela morrera.

Era 1646, a guerra avançava e Maria e Belmira, pela primeira vez na vida, estavam sozinhas.

O soldado Wilhelm

Wilhelm Wilegraf nasceu em Amsterdã, na época grande centro de comércio europeu. Seu avô, brilhante engenheiro naval, foi um dos responsáveis pela construção da fragata, novo tipo de navio feito para guerra que tanta fama deu aos holandeses no século XVII, tornando-os capazes de ameaçar tirar das mãos de portugueses e espanhóis o domínio dos mares. Wilhelm era o filho caçula de uma família rica e poderosa, luterana; seu pai tinha sido um dos ilustres comandantes da guerra da independência da Holanda contra o Império espanhol.

Os irmãos mais velhos eram grandes comerciantes: seus navios, que saíam de Amsterdã com mercadorias europeias, passavam pela costa da África para recolher escravos, seguiam para as Antilhas ou para a costa brasileira, onde negociavam as mercadorias europeias e os negros, e carregavam de novo o navio, dessa vez com o açúcar para a viagem à Europa. Voltavam, então, ao porto de origem, completando o giro do “negócio mais lucrativo sob o sol”, como diziam os ingleses.

Wilhelm não quis seguir o exemplo dos irmãos, e sim o do pai; ingressou na carreira militar. Como primeira missão, se alistou para ser enviado ao Brasil, esse ímã de luz tropical que parecia atrair de maneira irresistível os jovens europeus.

Wilhelm chegou em 1646, no momento em que os holandeses estavam outra vez quase cercados no litoral. Logo em sua primeira saída, depois de passar alguns dias em pequenas escaramuças no mato, Wilhelm e seu grupo passaram pelo engenho das Taiaôbas, e dali ele não saiu pois caiu prostrado, ardendo em febre, o que era muito comum acontecer com soldados europeus recém-chegados. Por ser filho da família que tinha, seu chefe achou que não convinha forçá-lo e deixou-o ali, aos cuidados da viúva e de sua filha, pessoas que ele sabia neutras e que, além do mais, eram muito reputadas pelo conhecimento que tinham das ervas, principalmente a mocinha, que parecia ter herdado os conhecimentos da Velha que morrera.

Assim, o jovem soldado ficou aos cuidados curativos de Belmira, e quem morasse no engenho ou quem apenas passasse por ali, escravos nativos ou da Guiné, senhores de engenho e lavradores de cana, gente de Recife e de Olinda, plantadores de mandioca e mascates, soldados e capitães, fugitivos e combatentes, ao verem o enfermo e sua enfermeira, todos sabiam o que aconteceria em breve, inevitável. Maria Taiaôba, sobretudo, se alegrou,

acreditando que ali poderia estar uma saída para a tristeza da filha, o desconhecido mal que parecia lhe corroer a alma desde a morte do pai.

Com a volta da situação de guerra, a economia do engenho se desorganizara outra vez: o preço do açúcar continuava caindo em Amsterdã, e, mais que isso, a produção da fábrica estava seriamente comprometida. Os homens de maior confiança de Maria sentiam cada vez mais forte a comichão de se juntar às tropas; muitos escravos também queriam lutar, outros queriam fugir para os quilombos, os mantimentos já começavam a escassear e os sofrimentos de todos aumentavam.

Maria tinha seus amigos, holandeses e luso-brasileiros, e sua neutralidade, como antes, era um sentimento tranquilo em seu coração. Mas não a visão da guerra. Sem Duarte, sem a Velha, sem o pai, sentia que o mundo parecia estar ficando sofrido demais. À noite, vendo ao longe o céu outra vez se encher com as labaredas dos canaviais queimando, pensava que talvez o melhor seria deixar o engenho de fogo morto e seguir para a Bahia, como muitos estavam fazendo.

Mas desistia da ideia ao pensar em Belmira, em cujos olhos começara a brilhar uma pequena luz. O jovem soldado holandês, mesmo depois de curado, procurava o engenho nos momentos de folga, e juntos os dois jovens se esqueciam do resto do mundo. Por causa da guerra, não podiam distanciar-se das terras do engenho; mesmo assim, Belmira o levava para longos passeios. No começo, tentava lhe ensinar a língua do país e lhe mostrar as plantas e os animais que antes mostrara aos cientistas holandeses, achando que Wilhelm também se interessaria. Mas não foi preciso muito tempo para constatar que o interesse do soldado não era nada científico. Seu único desejo era conhecer as pequeninas matas do corpo da frágil brasileira, as flores delicadas de seu rosto e a fauna úmida de suas grutas e seus esconderijos.

Quanto a Belmira, doce Belmira, também ela nada mais almejava que desfalecer de amor nos braços quentes e gentis de seu belo holandês.

Mas idílio em tempo de guerra é, por natureza, trégua curta. Chegou abril de 1648, e, com ele, a primeira Batalha de Guararapes, que mudaria a história da guerra, marcando o começo do avanço dos pernambucanos. Mudaria também a história de Wilhelm e Belmira.

Os holandeses foram para a batalha com um exército de quase cinco mil

homens; o exército restaurador, como agora eram chamadas as forças luso-brasileiras, contava com pouco mais de três mil e quinhentos, dos quais uns dois terços, para sua grande sorte, eram soldados da terra — nativos, mamelucos, índios. Os holandeses eram superiores, numérica e militarmente, mas os luso-brasileiros tinham a seu favor a posição privilegiada. Saindo dos mangues, dos matos e dos outeiros, atacavam de maneira ágil e veloz, saltando e se esquivando de tal jeito que aos holandeses parecia caótico, mas que na prática conseguia, com êxito, embaralhar a pontaria dos seus bem treinados e disciplinados batalhões. Nesse sangrento combate corpo a corpo, os brasileiros levaram a primeira grande vantagem, deixando mais de quinhentos mortos no campo inimigo, entre os quais o jovem soldado Wilhelm Wilegraf.

Como Wilhelm demorasse a dar notícias, Belmira foi procurá-lo no monte das batalhas. E foi tanta sua dor ao encontrar sem vida o jovem corpo do amado que dessa vez sua única saída foi se refugiar em um mundo interior, só dela, onde Wilhelm ainda vivia, ainda vivia seu pai, vivia a Velha, e onde ninguém nunca soube o que era uma guerra.

Nem quando a filha nasceu ela voltou desse seu mundo. Seu leite mal deu para alimentar a menina careca que, como Belmira ao nascer, chorou sem parar toda a noite. Mas, pelo tom de seu choro, a avó sentiu uma pontada de esperança: não era um choro de lamento, contaminado pela tristeza profunda da mãe, mas choro colérico de revolta. Com a revolta, Maria Taiaôba achava que seria mais fácil lidar.

Menos de um ano depois, veio a segunda batalha no mesmo monte Guararapes. E até hoje corre a lenda de que, nessa batalha, uma mulher de cabelos longos, muito branca e formosa, vestida de azul e carregando uma criança nos braços, foi vista caminhando cercada de luz entre os feridos da batalha. Muitos dizem que foi uma aparição de Nossa Senhora da Luz. Outros dizem que não, que a Virgem Santíssima de fato foi vista na Batalha das Tabocas e até na primeira Batalha de Guararapes, quando, inclusive, colheu as balas do inimigo herege em seu manto prodigioso e as distribuiu entre os pernambucanos. Mas que nessa segunda batalha não foi aparição o que eles viram, nem foi de Nossa Senhora. Foi mesmo a figura de Belmira carregando a filha e procurando uma bala para morrer na batalha, como Wilhelm.

Essa foi a última gota para Maria Taiaôba. Ela compreendeu que não deveria deixar a neta se criar na guerra como foi criada a filha. Pensou também que uma mudança de vida poderia fazer Belmira reagir e voltar a este mundo, e talvez encontrasse em outro lugar um remédio para o mal da tristeza que suas ervas não conseguiam curar. Fez como muitos já tinham feito durante aqueles anos: enterrou todos os utensílios do açúcar, colocou nos baús os pertences mais

necessários, escolheu os escravos mais leais, alforriou os outros que não estavam na guerra e partiu para a Bahia.

Maria Taiaôba deu à filha de Belmira e Wilhelm o nome de Guilhermina. Menina de pele alva, cabelos vermelhos, grandes olhos castanhos, parecia ter puxado a vivacidade natural da avó e seu temperamento decidido.

Ao chegarem a Salvador, Maria alugou uma casa na Ladeira do Lava-Pés. Com seu tino comercial e espírito prático, logo descobriu uma maneira de se recuperar economicamente, alugando os escravos negros. O preço da mão de obra subira muito devido às dificuldades de conseguir escravos da Guiné depois que os portugueses perderam as colônias africanas para os holandeses: um dos negócios lucrativos do momento era o aluguel de pretos. Seus outros escravos, do gentio, Maria usou para o corte de pau-brasil, que ainda continuava a ser uma das cobiçadas mercadorias da terra, embora cada vez mais escassa.

Quando acabou a guerra em Pernambuco, em 1654, e foi restaurado o domínio português, os proprietários que abandonaram seus engenhos começaram a retornar. Muitos desses engenhos, no entanto, haviam sido confiscados pelos holandeses e vendidos a brasileiros, interessados em adquiri-los a preços baixos e fazê-los continuar produzindo mesmo sob domínio holandês. Essa situação de duplicidade de donos de engenho, ao final da guerra, deu origem à famosa “querela dos engenhos”. Quem deveria ter direito a eles: os antigos proprietários, que os abandonaram, muitos inclusive seguindo as ordens e contraordens do comando luso-brasileiro nas diversas etapas da guerra, ou os novos proprietários, que garantiram sua produção no fragor das batalhas?

Nessa querela estava também o engenho de Maria Taiaôba, com a diferença de que Maria o abandonara já quase no final da guerra e, na verdade, não pensava em voltar. Temia uma piora da filha se regressasse ao lugar onde sofrera tanto, e estava bem em Salvador, conseguindo levantar seu negócio. No entanto, certamente não queria dar de mão beijada a terra que fora de seu pai e além disso, como todo mundo, receberia de bom grado um aumento no seu capital para investir. Seu espírito prático, mais uma vez, resolveu a bom termo a questão. Sem esperar uma decisão do governo restaurado — que, como era de prever, não queria desagradar nem a uns nem a outros e, portanto, demorou décadas para chegar a uma decisão —, Maria Taiaôba fez uma viagem rápida a

Recife, onde se encontrou com o antigo lavrador que se apropriara de seu engenho e fez com ele um acordo particular, que, se não foi o melhor, pelo menos deu a Maria condições para ampliar seus negócios na Bahia.

Aproveitou também a viagem para desenterrar suas coisas. Entre elas, um resistente baú onde estava o pequeno porta-joias de madrepérola que estivera dentro da trouxa de pano podre de Filipa.

A guerra em Pernambuco tornara Salvador o porto por excelência de quem fugia. A cidade encarapitada no morro, com vistas para a baía de Todos os Santos, tão formosa quanto Olinda, era uma das que mais cresciam no país. Diziam que, no começo da colonização, a Coroa portuguesa tomara Salvador como protegida, enviando-lhe colonos e dinheiro, fornecendo escravos e mercadorias, cercando-a de privilégios para que crescesse rápido e bem.

De volta à cidade, e com o dinheiro do engenho na bagagem, Maria Taiaôba comprou uma taberna na Ladeira do Bom Jesus. Nos fundos, fez sua casa com um grande quintal, onde Belmira e a filha pudessem passar os dias à sombra das árvores.

O alheamento da filha era sua dor particular. Procurou médicos, bruxas, padres, tudo o que havia para procurar. Um padre lhe disse que a doença de Belmira era obra do demônio: sofria de um incêndio causado pelo fogo do inferno, que, ao devorar seu corpo, lhe deixara no lugar a melancolia. Benzeu-a e tentou por várias vezes exorcizar o demônio particular da moça, até admitir que suas forças eram mais fracas do que as daquele ente do mal. O médico da cidade — um velho português — aplicou-lhe sangrias com sanguessugas diretamente sobre a pele: o diagnóstico era que as veias e o corpo de Belmira estavam entupidos, obstruindo os humores do seu corpo, fazendo-os entrar em efervescência e perturbando a harmonia de seu estado geral: daí a apatia, o alheamento, a falta de apetite, a ausência da voz.

Em vão.

Maria pensou em vender tudo e partir para Portugal, onde talvez encontrasse a família do marido e uma medicina mais avançada, capaz de curar tristezas. Mas pensava nas conversas com Duarte e em como ele sempre argumentava que não se encontrariam na Europa remédios para as doenças da terra; que os males daqui teriam de ser curados com remédios daqui. E não era daqui a doença de Belmira? Ou não? Ela não sabia de que mundo era aquele mal que fazia a filha definhar cada vez mais, cada vez mais pálida, cada vez mais escorregando para seus abismos interiores.

Maria levava-a para a beira do mar, para andar na praia com Guilhermina, que começava a se revelar uma menina de gênio forte, com acessos de cólera que por qualquer motivo a faziam se jogar no chão e parecer um bicho. A avó, que se sentira aliviada ao perceber no primeiro dia que o choro da menina não era choro de tristeza, começou a se preocupar pensando que a neta poderia ter herdado a cólera devastadora de sua bisavó, a Cafuza. Olhando as duas, uma pálida como a morte em seu silêncio, a outra de cabelos quase fogo, o rostinho cheio de sardas, correndo aos gritos pela areia da praia, ela se perguntava o que deveria fazer.

Felizmente a vida segue sem dar muita bola para perguntas como essa, e a taberna de Maria, aos poucos, se transformava em uma das mais bem frequentadas da cidade. Ali se reuniam intelectuais, poetas e músicos em serões que entravam pela noite adentro, jogavam cartas e gamão, e a banquinha de damas e xadrez era disputada a toda hora do dia.

Maria Taiaôba nunca teve religião nem quem lhe reprimisse ou impusesse muitas regras. Ao lado da Velha e sob a proteção do pai, aprendeu a viver de maneira diferente, mais livre que o habitual, acreditando em si mesma e em seus instintos. Sua experiência tocando o engenho e negociando o açúcar enriquecera muito seu conhecimento das coisas da vida. Duarte, o marido culto, também lhe ensinara muito, e talvez ela fosse, naquela época em Salvador, uma das mulheres mais instruídas. Vestia-se com tecidos do reino, sua casa tinha o que havia de melhor em móveis e conforto, sua mesa era farta em comida e vinhos. Tinha dinheiro suficiente para viver bem e sem trabalhar, se quisesse, deixando os escravos trabalhar para ela, mas seu espírito independente e dinâmico fez com que tomasse para si a administração da taberna. Seu jeito inteligente e livre fascinava muitos homens. E, embora não pensasse mais em se casar, não tinha problema nem vacilações quando lhe dava vontade de dividir seu leito com os homens que a atraíam.

Quase inevitável, portanto, que os homens baianos se apaixonassem por ela. Como inevitável também que a odiassem as mulheres. Não que essas mulheres fossem nenhumas santas, pois não eram. Os viajantes da época não se cansavam de se espantar com a licenciosidade de homens e mulheres da Bahia e do Brasil, de um modo geral, dos hábitos sexuais desinibidos da época, até nos conventos. O país, naquele momento, tinha muito mais homens do que mulheres, as mulheres certamente achavam essa desproporção numérica muito conveniente, e as coisas deviam mesmo pegar fogo.

Mas, se em Olinda as pessoas conheciam Maria Taiaôba desde criança e sabiam as razões de seu comportamento diferente, em Salvador ninguém sabia quem era ela, e suas maneiras, por misteriosas, eram ainda mais perturbadoras.

Podia ser de fato uma visão inquietante ver passar pelas ruas as três mulheres

independentes e livres — Maria, na plenitude de seus quarenta e poucos anos, Belmira, na formosura etérea de sua loucura, e Guilhermina, na força voluntariosa de sua infância — que desciam e subiam as ladeiras da cidade deixando um rastro de interrogação e fascínio.

As pessoas olhavam, comentavam, às vezes as seguiam até a praia.

Como fazia, às escondidas, Antônio de Sá, filho de reinóis, administrador da cadeia de Salvador, casado com uma filha de espanhóis de sangue quente e pai de três filhos.

Aliás, foi por culpa da esposa, que tanto falava dessa família de mulheres pernambucanas, que o pobre Antônio começou a reparar no trio e a reparar sobretudo na beleza de Belmira, que lhe pareceu uma criatura de outro mundo, sem saber que na verdade ela realmente o era. Passou a frequentar a tasca das Taiaôbas, e ele, que se julgava poeta, começou a fazer poemas em que a musa já não era a beleza morena de uma andaluza, e sim a palidez de anjo de uma pernambucana. A espanhola não sabia ler, mas, ao ver aqueles papéis garatujados de poemas sobre a mesa e não se contendo de curiosidade, certa de que eram todos para ela, pediu a uma comadre letrada que os lesse em voz alta.

Para quê!

Ao ouvir a descrição da musa do seu esposo, poeta cujo grande defeito talvez fosse o excesso de realismo, o sangue da espanhola ferveu, e nenhuma dúvida ficou em sua cabeça sobre a identidade da rival. Saiu agitada pelas ruas, pois sabia que, àquela hora do pôr do sol, Belmira e a criança deveriam estar na praia isolada para onde iam sempre, mesmo quando Maria não podia acompanhá-las, como mandaria a fatalidade naquele dia.

Vendo-a sentada em seu silêncio de sempre e a menina de cabelos rubros apenas um ponto ao longe na praia, a espanhola não vacilou e a atacou aos berros, com unhas e dentes, puxando-lhe os cabelos, mordendo-lhe a carne dos braços e gritando-lhe obscenidades. Ao ver que Belmira não se defendia e, na verdade, de perto parecia uma pessoa por demais doente e frágil, a espanhola se acalmou, mas o mal já estava feito. Saiu ainda vociferando ameaças, mas já sem veemência, como se tivesse de repente se esvaziado de todo calor e ar, tal qual uma bexiga murcha.

Belmira não se mexeu por uns instantes, ali caída no chão. Mas aquela violência contra ela tinha sido de fato a gota d’água.

Antes que Guilhermina voltasse de sua corrida ao longe, ela conseguiu se levantar e, muito devagarinho, entrar nas águas daquele mar verde-azul como se mergulhasse nos olhos úmidos e profundos de Wilhelm, seu belo soldado.

Guilhermina voltou para casa sem saber onde estava a mãe. Maria pressentiu que algo terrível acontecera, mas só na manhã seguinte vieram chamá-la, quando

encontraram o corpo de volta à praia.

No enterro, Maria Taiaôba não entendeu por que uma mulher morena, que ela nunca vira antes, chorava tanto ao seu lado e a abraçava, pedindo perdão.

Sem o contraponto silencioso da mãe, Guilhermina ficou ainda mais indócil. Talvez fosse apenas uma criança superativa e mimada, indisciplinada e sem limites. Com muito esforço e paciência, contudo, Maria conseguiu que ela aprendesse pelo menos a ler, escrever e contar, mas jamais conseguiu que escutasse quieta um trecho de poesia, a não ser uma ou outra mais crua do Boca de Inferno, frequentador da taberna, que a fazia rir junto com a avó. Mas havia uma coisa de que ela definitivamente gostava, e muito: o batuque e a cantoria do terreiro dos escravos. Era dona de uma bela voz, e seu vigor a tornava uma das cantoras mais animadas nas noites de festa dos negros.

A mocinha não tardou também a descobrir a música da igreja e a melodia do órgão, cuja intensidade foi para ela um deslumbramento. Descobriu qual era o lugar na igreja onde o órgão soava melhor e ali se sentava sempre, bem perto de onde ficava o coroinha, um crioulo vistoso que, como todos na cidade sabiam, era filho do padre.

Bento Vasco, o bastardo

Bonito, pardo, cheio de músculos. Bento era filho do vigário português da Igreja do Outeiro e de sua escrava, Domitila, negra de Angola, alforriada pelo padre quando lhe nasceu o filho, ele também alforriado. Os dois moravam na casa dos fundos da igreja e ajudavam o padre nos cuidados com a casa, a igreja e a celebração da missa.

Tranquilo e de boa paz, Bento, desde jovem, aprendera a arte de fazer santos e a ela se dedicava, sob a bênção do pai. Seu estilo próprio, embora não de todo amadurecido, começava a fazer sua fama de santeiro. Já recebia encomendas para igrejas e lares de cidades distantes.

Era ele também o coroinha das missas e, ajoelhado em seu lugar, começou primeiro apenas escutando a voz de Guilhermina, que sobressaía em meio ao coro dos devotos. Depois, sem se dar conta, passou a olhar para a moça de cabelos quase fogo, e esse olhar, como que dotado de vontade própria, acabava sempre se prolongando demasiado ali, naqueles cabelos, naquele colo, naquele rosto, de maneira bastante inadequada para uma igreja e para um coroinha.

Como era costume na época, quando todos se vestiam muito bem para ir à missa, Guilhermina também vestia seus mais caprichados vestidos para as cerimônias do domingo. Não era religiosa, nem fora batizada, e pouco sabia sobre Deus, pecados e santos, mas ir à igreja aos domingos era como ir a uma festa com música e cantoria, e ela se vestia como se fosse isso mesmo, com seus vestidos de veludo e seda. Bento Vasco ia ficando enfeitiçado.

A moça também começara a se deter um pouco e retribuir esses olhares arrebatados, elevando um decibel seu canto, como se assim pudesse chegar mais perto e, com o som cálido de sua voz, acariciar o dorso musculoso do rapaz.

Logo os dois passaram a se encontrar à noite nos batuques dos negros e a dançar juntos o lundu. O fulgor dos longos cabelos de Guilhermina se espalhava pela negrura musculosa do peito de Bento, e eles nada mais viam a não ser um ao outro. Com o tempo, o lundu acabaria saindo dos terreiros dos pobres para chegar aos salões dos ricos, juntando os corpos dos dançarinos em movimentos ritmados e lascivos, mas naquela época ainda era uma dança de pretos que os brancos não deveriam dançar.

Ah! Como a felicidade dos outros é ofensiva! A paixão de Guilhermina e Bento, cada vez mais assumida, mais aberta e livre, vicejando ali diante dos olhares de todos, não era fácil de ser tolerada. Há coisas que parecem adquirir

força desmesurada se deixadas crescer à luz clara do dia. A visão do contraste da alvura da mão da moça pousada languidamente sobre a negrura túrgida do braço do rapaz parecia pairar ameaçadora sobre a cidade.

Era como se a Bahia e o Brasil não fossem feitos de pretos e brancos e de suas mais variadas misturas. Era como se os dois jovens estivessem inaugurando ali um comportamento desconhecido e novo, e não apenas repetindo o que a maioria sempre fizera desde que os africanos chegaram no primeiro navio negreiro. Era como se fosse um escândalo deixar todos verem o que todos faziam sem que ninguém visse.

O padre proibiu Guilhermina de entrar na igreja e afastou Bento de seu ofício de coroinha. Ela, obsessiva admiradora da música do órgão, sentiu-se vítima de algo que não entendia e, mesmo se entendesse, jamais, de maneira alguma, aceitaria.

O escândalo que fez na porta da igreja fechada para ela na missa daquele domingo ficou anotado nos relatórios da colônia como um dos casos mais severos de possessão já vistos. Seus gritos e o ódio bruto chicoteando os olhos como brasas e o corpo que jogava repetidas vezes ao chão, as imprecações e os pontapés na porta fechada da igreja, as unhas na porta, unhas que cravava na madeira maciça fazendo o sangue quente escorrer por seus pulsos, os cabelos agora fogo em redemoinho, os rodopios e os pulos da cólera em combustão e os urros foram a visão de um pequeno apocalipse nos degraus da porta da igreja na manhãzinha de domingo.

Depois disso, acusada de possessão, não lhe restou outra saída a não ser fugir. Se dependesse dela, não iria, e só foi porque estava dopada com as mezinhas que lhe preparou Maria. Foi Maria também quem arrumou suas coisas na charrete onde ela, Bento e quatro escravos, cinco da terra e duas mucamas pretas (entre elas, uma grávida) partiram para bem longe dali.

Guilhermina tinha dezesseis anos.

Maria Taiaôba só teve notícias dela alguns anos depois.

Maria vivia então com um jovem baiano, filho de brasileiros, de mente aberta e sorriso grande, muito mais novo do que ela. Juvêncio estava sempre na taberna, e aos poucos, com seu ar de adoração ao vê-la, sua cor morena, riso largo, músculos bem torneados e sonoro dedilhado do violão, foi abrindo espaço na cama e no coração de Maria. Passou a morar com ela e a ser seu ajudante na administração da taberna. Era um moço simples, mas de coração generoso, e fez Maria feliz.

A taberna era o centro da vida dos dois. Maria se sentia bem ali, com seus amigos, o jovem Juvêncio e seu violão, e as noites entravam pela madrugada em calorosas discussões políticas, poesia e cantorias. Tudo o que de importante acontecia na cidade repercutia na taberna, e a casa de Maria Taiaôba, de maneira natural e não premeditada, como fora durante a guerra de Pernambuco, quando seu engenho se transformara em importante centro de convívio neutro e de informações, também era em Salvador um ponto de vida cultural. Na pasmaceira da vidinha colonial, era importante haver um lugar onde as pessoas pudessem se encontrar e conversar e trocar informações, e Maria tinha esse dom de reunir em torno de si pessoas diferentes e abertas.

Depois que recebeu notícias da neta, ela começou a fazer planos para visitá-la. Uma tarde, estava longe de casa, na mata onde ainda gostava de colher flores e frutas para seus doces, pensando que logo iria visitar Guilhermina, conheceria seus filhos, conheceria seu jeito de viver — será que ela canta como antes? será que faz os doces que lhe ensinei? será que é feliz? —, quando o céu se fechou e caiu um temporal de chuva grossa e farta.

Encharcada ao chegar em casa, ainda pensou em tomar alguma das mezinhas que sabia fazer para aquecer o corpo e a alma, mas sentia-se cansada, pensou, tomo alguma coisa amanhã.

Em poucos dias a pneumonia a matou, com sessenta e seis anos de idade.

Juvêncio vendeu a taberna, a casa, os móveis e os escravos e saiu para encontrar Guilhermina, pois esse fora o último desejo de Maria Taiaôba ao morrer.

Guilhermina (1648-1693)

Na tarde em que fugiram da cidade de Salvador, adormecida nos ombros de Bento, a mente já calma mas ainda um pouco nublada pelo efeito das mezinhas da avó, Guilhermina ia sacolejando pelo caminho e se lembrando de fragmentos de sua infância. Via chegar à fazenda a boiada que tinha sido de Manu Taiaôba, o rio revolto de cabeças de gado, os chifres batendo uns nos outros, o ruído dos cascos e mugidos e sentia o cheiro agre adocicado das bostas. Ouvia o velho de chapéu de couro, sentado na grande escada do alpendre, contando casos da travessia da boiada até ali.

Contava como Manu Taiaôba, muitos, muitos anos antes, tinha arrumado um jeito para ensinar o gado medroso a atravessar os rios fortes e caudalosos do sertão. Como pôs na cabeça uma caveira com chifres e se jogou no rio, nadando, fingindo que era um boi e mostrando ao gado o vau por onde passar. “Foi seu avô quem inventou esse jeito”, ele lhe dizia, “e hoje todo mundo faz assim.”

No sonho ela ria, orgulhosa do bisavô, mas logo pensava, não, não deve ter acontecido assim, não conheci Manu Taiaôba, não conheci a fazenda, não conheci o velho de chapéu de couro, não conheci meu pai, só conheci minha avó, só conheci Maria Taiaôba.

Por um momento se agitava confusa em seu sonho, mas logo, claro, sim, foi minha avó quem me contou. Sossegava de novo e se via na praia, correndo para longe da mãe, as ondas chegando e molhando seus pés, e Belmira quieta, quieta, olhando para uma distância infinita, e então já não havia ninguém e é o mar que agora chega trazendo o vestido da mãe, e depois o xale, mãe!, ela grita, mãeeee!... e Bento a aperta junto a si, *chiii... chiii...*, sossega, tudo vai dar certo, Guilhermina, vai dar tudo certo, eu sei.

Mas como Bento iria saber?

Bento não sabia sequer para onde estavam indo. Já estavam na charrete há muitas horas e os caminhos eram cada vez piores, mais estreitos, mais atrapalhados pelos cipós e galhos que atravessavam a rala clareira de chão batido. Logo teriam que abandoná-la e seguir a pé. Mas isso só depois de descansar e Guilhermina readquirir suas forças.

Ao anoitecer, pararam em uma clareira entre as árvores e dormiram até a manhã seguinte. Bento nunca se imaginara em situação assim, mas amigos ao se despedirem lhe disseram que deveria procurar um lugar onde ninguém os

conhecesse, um lugar onde pudessem começar nova vida. Que seguissem pelos caminhos que entravam pelo sertão e não os do litoral, mais conhecidos e onde, se o povo da cidade quisesse, poderia mandar procurá-los.

Abandonaram a charrete, desatrelaram o cavalo e seguiram a pé. Quem os guiava era um índio, um “negro da terra”, conhecedor da região. Quando possível, procuravam caminhar pelas margens do rio, para não se perderem e para ter água e peixe à mão.

Guilhermina já estava recuperada e caminhava bem, sem esforço, deixando Bento para trás. Gostava do frio e da umidade das matas densas e escuras, onde as árvores grossas, altas, de copa cerrada, impediam a entrada de qualquer nesga de sol. Dava-lhe tranquilidade caminhar seguindo os passos do guia, naquela escuridão estranha que compunha um cenário dramático perfeito para sua figura e seu temperamento. Parecia nem ver os mosquitos em nuvens pesadas que zumbiam em rondas sem descanso e deixavam suas picadas coagular sem pressa no vapor do calor úmido da mata.

Muitas vezes as roupas ficavam encharcadas pela travessia de lamaçais. Feitos para a cidade, os sapatos de Bento e Guilhermina não aguentaram muito tempo, e seus pés iam se escalavrando por paus e espinhos. O guia índio ensinava como caminhar esparramando a planta dos pés no chão e virando os dedos um pouco para dentro, para diminuir o cansaço e fazer o andar mais fácil. Passavam por regiões de onças e viam a terra revolvida por unhadas, grandes buracos como se feitos com enxadas, e derramavam óleo de catraia na pele para exalar um cheiro que as fizesse querer distância deles.

Caçavam o que desse, pescavam, comiam palmitos e cajus silvestres. Ficavam felizes quando encontravam um macaco para assar.

Alguns dias de marcha, e entraram numa região de serras e montanhas. O guia lhes avisou que evitassem fazer barulho, caçar com escopeta e mesmo acender fogo: estavam em território dos tapuias, guerreiros ferozes de cabelos compridos como os de mulher. O receio fez com que caminhassem mais rápido, descansassem menos, comessem pouco. Quando chegavam à beira de rios navegáveis, Bento e os escravos improvisavam pequenas balsas e seguiam assim até onde desse.

Andaram sem direção certa até encontrar uma tropa de criadores de gado, e as conversas com eles ajudaram Bento e Guilhermina a formar uma ideia na cabeça.

Pediram que o guia começasse a encaminhá-los para a região que servia de passagem para o gado do sertão, na bacia do rio Doce, quase divisa entre o que seria depois Minas Gerais e Espírito Santo.

Ao chegarem a um descampado no meio de um vale, Guilhermina achou que

esse era o lugar onde deveriam ficar. Bento concordou. Levantaram uma casa com toras de madeira, chão batido e coberta de palha. Armaram suas redes e escolheram madeiras para mesa e tamboretes. Fizeram um curral e plantaram as ramas de mandioca que traziam.

Naquela vastidão de terras, Bento percebera que a criação de gado tinha suas vantagens: o gado é mercadoria que não precisa de quem a carregue; são as vacas e os bois que arcam com o peso do próprio corpo e só precisam de quem lhes indique o caminho. Nas marchas longas, no entanto, acabava acontecendo de alguma rês se extenuar ou enfraquecer por falta de comida ou de água. Se eles se estabelecessem no caminho das boiadas, poderiam ficar com essas reses moribundas, cuidar delas e ir formando um pequeno rebanho para alimentação ou revenda. E poderiam também vender na porta, para os que passavam, os alimentos que plantassem.

Assim fizeram, e a vida seguiu seu rumo.

Construíram um açude e depois, com os viajantes que passavam, conseguiram grãos de milho e plantaram cana. Na pequena venda que levantaram à beira da estrada, vendiam o que tinham ou trocavam pelo que não tinham. Logo começaram a fazer rapadura, um tesouro no sertão; seu sabor doce, consistente, enchia o corpo de energia e dava ao peito um pouco de calor nas madrugadas frias de marcha.

As primeiras reses moribundas que conseguiram recuperar fizeram Guilhermina descobrir seu dom para a criação. Desde o começo, foi ela quem se encarregou do gado com os escravos. Tinha um jeito especial para fazer reviver as reses enfraquecidas e cuidava com tal desvelo das vacas e bezerros que pareciam suas próprias crias. Às vezes pensava que o sonho com as boiadas de Manu Taiaôba no começo da longa fuga para a nova vida tinha sido um sinal do que deveria ser feito.

Era alta, forte, destemida e possuía uma autoridade natural na lida que ninguém — nem homem, nem bicho — tentava contestar. Começou a se vestir como homem para executar melhor as tarefas no campo, e os vaqueiros a respeitavam como se fosse um deles, embora soubessem muito bem que ela era a dona e era mulher.

Guilhermina se sentia em paz naquelas vastas paragens e na solidão.

Assim como lhe era difícil aceitar as regras da vida em sociedade, era-lhe fácil aceitar a natureza. Amava a floresta densa, os animais bravios, as chuvas fortes. Sentia-se particularmente bem durante as tempestades de raios e trovões, amava

os rios caudalosos e os ventos. No parecer de Bento, sua mulher era também como uma força da natureza, irmã das tempestades, das grandes boiadas e das correntes fortes dos rios.

Era uma vida solar, aquela: levantavam-se mal os primeiros raios do sol brilhassem entre a cerração, descansavam quando ele estava a pino, começavam a se recolher ao entardecer e dormiam logo que escurecia. Viajantes e forasteiros apareciam. Como outros povoadores do mundo colonial, Guilhermina e Bento davam hospedagem a todos os que passavam por ali, o único contato que tinham com o mundo exterior. Eram escassos os viajantes na região, mas quando passavam, a qualquer hora do dia ou da noite, a porta da fazenda estava aberta e os escravos logo lhes serviam comida quente. Para quem precisasse de mantimentos para levar, eles vendiam, mas o alimento na chegada era parte da hospitalidade, uma necessidade, um costume respeitado naquela época de grandes distâncias e escasso povoamento.

Passavam os tropeiros e às vezes até uma bandeira, pequena cidade em marcha levantando um barulho, uma agitação, um burburinho que fazia Guilhermina sentir-se insegura, arisca, e lá ia ela se refugiar junto a seu gado, deixando Bento cuidar da pequena venda e das conversas.

De duas coisas apenas Guilhermina sentia falta: de Maria Taiaôba e da música do órgão da igreja, mas sabia que dificilmente teria alguma delas outra vez. Mais que nunca, no entanto, continuava a cantar, e Bento comprou a rabeca de um vaqueiro para poder acompanhar sua voz. Todos os que passavam por ali se maravilhavam com seu canto, e uma lenda começou a correr sobre a mulher de cabelos quase fogo que cantava como criatura do senhor e tocava o berrante de uma maneira tão melodiosa e bonita que parecia enfeitiçar o gado.

Bento, com tranquilidade, retomou o ofício de santeiro, vendendo suas imagens para os tropeiros, que as revendiam nas cidades e, aos poucos, começaram a lhe trazer encomendas. Além de esculpir pequenas estátuas, entalhava retábulos, mas era nas imagens de santas que seu talento mais se expressava. Elas, suas pequenas santas, eram robustas e de postura formal e rígida, características da arte sacra escultórica da época, da qual só se diferenciavam sutilmente por expressarem um sensualismo mais real do que os modelos barrocos e um padrão de cores mais vibrantes, embora não saísse de variações do vermelho, amarelo e preto, característica imposta pela limitação dos pigmentos que podia encontrar nas matas das redondezas.

A região era rica em pedra-sabão, pedra-panela, que usavam para fazer vasilhames de cozinha. De cor verde-azulada e cinza, duas variedades de idêntica formação geológica mas tonalidades diferentes, era uma pedra macia, de contextura homogênea e podia ser trabalhada com as técnicas da madeira. Bento

começou a esculpir pequenas peças de dimensão reduzida nesse material, peças cada vez mais delicadas, mais harmoniosas, pequeninas joias verde-azuladas e cinza.

Era uma vida de isolamento e de horizontes a perder de vista, e tanto Guilhermina quanto Bento sentiam que estavam bem assim. Sim, Guilhermina era feliz. Seu mundo, ao lado de Bento, eram o gado, a largueza dos horizontes, a música do berrante e sua voz criando sons para preencher os campos vastíssimos que se abriam até muito mais além do que a vista alcançava.

Ela ficou grávida duas vezes, mas não vingou; quando os gêmeos Jerônimo e Romualdo nasceram, ela já estava perto dos vinte anos.

Pouco depois, engravidou de novo, mas a menina nasceu morta.

Guilhermina não sabia o que fazer com os gêmeos. Aceitava seu papel natural — como os animais costumam parir, os humanos também —, mas, além de alimentá-los e dar-lhes um ambiente propício para crescerem, não entendia o que mais se exigia dela em relação a eles. Eram bem diferentes um do outro, mas para a mãe sempre foram um mistério: ela não sabia o que fazer nem o que esperar de nenhum deles.

O pai, por sua vez, deixava-os crescer como deus quisesse. Era também alguém distante dos meninos, mas, além de alimentá-los, considerava que sua obrigação era dar-lhes algumas noções religiosas. Para isso, começou a construir uma pequena capela num outeiro ao lado da casa e se entusiasmou tanto com a tarefa que passava o tempo todo trabalhando ali nos seus santos, nos retábulos e no altar, praticamente se esquecendo da educação religiosa dos meninos.

Quando a capela ficou pronta, era mais um motivo de admiração para quem passasse pela fazenda. Era pequena, e sobre o altar havia apenas uma única cruz de madeira. Todas as outras imagens, no entanto, muitas e variadas, eram miúdas e delicadas imagens de santas de pedra-sabão. Até sua morte, Bento criou novas imagens para a capela, enchendo quase completamente suas paredes e criando um efeito curioso de gruta cinza e verde-azulada povoada de miniaturas, estranho céu superpovoado de pequeninas santas.

Uma tarde, Juvêncio chegou à fazenda, trazendo a herança que Maria Taiaôba deixara para Guilhermina, uma boa quantia em dinheiro. Eram moedas de ouro guardadas em um baú de couro, onde havia também algumas joias — ainda as da família de Duarte — e o porta-joias de madrepérola com os objetos de Filipa. Guilhermina e Bento não sabiam o que fazer com aquilo e resolveram deixar ali, no canto do quarto, dentro do mesmo baú.

Convidado por Bento, Juvêncio não quis ficar. Agora que havia cumprido o que prometera a Maria Taiaôba, estava decidido a se aventurar pelos lados da região. Prometeu passar por ali sempre que pudesse.

Dos filhos de Guilhermina e Bento, o primeiro a cair no mundo foi Jerônimo. Partiu acompanhando uma tropa de vaqueiros que passou com destino a Sergipe. Havia mais de dois anos ele alimentava o plano de ir atrás das “drogas do sertão”. Sua ideia, uma vez chegado a Sergipe, era pegar a direção do Sítio do Uma, no Pará, e de lá ir até São José do Rio Negro. Tinha consigo um mapa feito à mão por um padre que estivera nas missões religiosas do Amazonas, e seu plano era seguir o destino desse mapa, presente que lhe dera um moribundo, dois anos antes.

Os meninos gêmeos tinham pouco mais de doze anos quando por ali chegou esse reinol extraviado, desidratado, subnutrido, já para morrer. Vagava perdido havia vários meses, e todos de sua expedição de quinze homens pereceram no caminho. Saíram do porto de Espírito Santo, rumo ao Caminho dos Currais da Bahia, mas foram tantos os reveses e as indicações erradas do guia que, para se desviar dos ataques dos tapuias, tinham tomado uma direção contrária à que pretendiam. O objetivo inicial era subir pelo São Francisco até Pernambuco, onde muitos diziam haver metal precioso. No caminho, no entanto, encontraram um viajante solitário, um padre que dizia ter estado nas missões religiosas do rio Negro e lhes falou de riquezas mais certas do que o ouro, em um lugar bem ao norte onde estivera e do qual tinha o mapa. Essas riquezas eram as “drogas do sertão” descobertas com os indígenas das florestas do Norte e incluíam vários tipos de plantas como o cacau, o cravo, espécies oleaginosas e resinas. Os europeus achavam que elas substituiriam as especiarias orientais, fosse na farmacopeia, fosse na alimentação, e por elas pagavam uma fortuna. O padre não parava de falar em como se enriqueceria com o mapa dessas drogas que valiam mais do que o ouro e a prata e eram de fácil comercialização, que ele já tinha planejado todo o esquema. E tanto falava e tanto se jactou que encheu a cabeça dos homens do grupo e alguns começaram a achar que não estava certo um homem de deus ter essa classe de ambição, e um deles acabou se desentendendo com o dito-cujo e o matou. O tal mapa, como descobriram logo, estava mesmo em sua mochila, todo feito à mão e muito bem-feito, embora poucos ali soubessem entender um mapa. E, seja por castigo ou por coincidência, o primeiro da expedição a morrer foi justamente quem matara o padre, e um a um acabaram todos morrendo e só ficou ele, o reinol extraviado, que agora sentia

que ia morrer também, mas queria antes fazer a boa ação de dar o mapa a alguém que pudesse usufruir dele sem culpa e temor de vingança, já que o teria ganhado e não roubado.

Assim, antes de morrer, deu o mapa aos dois irmãos, mas só um deles, Jerônimo, ficou impressionado com a história. Romualdo, não. Jerônimo tinha o temperamento sonhador e romântico dos aventureiros, mas Romualdo herdara o lado místico do avô padre e, embora seu pai pouco tivesse lhe ensinado, seu ideal parecia ser a vida religiosa. Havia algum tempo vinha juntando informações com um ou outro padre que passava por ali, e seu plano tinha como destino o Colégio de jesuítas de Piratininga. Logo depois da partida de Jerônimo com seu mapa, Romualdo decidiu que também deveria partir e se foi.

Os dois levaram, cada qual, um tanto das moedas da bisavó.

De nenhum dos dois, os pais jamais tiveram notícias.

E nenhum conheceu a irmã, Ana de Pádua, que nasceu alguns meses depois, em mais uma gravidez complicada da mãe. Também dessa vez, a filha pareceu algo incompreensível a Guilhermina, cujo sentido, significado ou propósito não conseguia atinar. Deixou-a, como fizera com os gêmeos, nas mãos de sua escrava de casa, a mesma que a acompanhara grávida desde a fuga.

Como a capela estava pronta, Bento pôde se dedicar mais à filha. Ensinou-lhe a ler e escrever, como ensinara aos meninos, e começou a lhe passar os rudimentos da religião.

A menina não gostava de gado e não saía com a mãe na lida. Ficava com o pai, ajudando-o no ofício de escultor, mas tinha adoração por Guilhermina.

Quando a mãe chegava ao entardecer, cheia de carrapichos e poeira, ia se banhar no ribeirão, e era esse o momento predileto da filha, que, fascinada, ajudava-a a lavar os longos cabelos quase fogo. Guilhermina sempre os enrolava para a lida, dando várias voltas na cabeça e prendendo-os debaixo do chapéu de couro. Sem pressa, então, os desenrolava e Ana também, com todo o tempo do mundo, untava-os devagar e delicadamente com um pouquinho de óleo de coco, que esfregava na palma das mãos para deslizá-las com suavidade entre os fios volumosos dos cabelos da mãe. Sentia a maciez das ondas encaracoladas e a beleza de seus reflexos sob o sol dourado do fim da tarde. Fazia-os brilhar na ponta do pente e via sua cor mudando como a luz se pondo. A mãe, nesses momentos, costumava soltar a voz e encher o descampado com a amplidão de seu canto privilegiado, e ali ficavam as duas até as primeiras estrelas ou o clarão da lua começarem a aparecer.

Esses cabelos quase fogo de Guilhermina, que ela nunca cortara e soltos chegavam a seus pés, um dia amanheceram brancos. Foi sem aviso prévio, sem explicação. De repente, uma tarde, quando ela os soltou, estavam completamente

brancos.

Ana e Bento abriram a boca em exclamação e Guilhermina também se admirou, mas ninguém realmente se entristeceu, pois os longos cabelos brancos pareciam tão lindos e extraordinários quanto os outros.

Imediatamente, Bento começou a dar uma nova característica aos cabelos de suas santas: embora não tivesse os pigmentos apropriados, descobriu um jeito de raspar de tal maneira a pedra-sabão que conseguia fazer lembrar a cor branca dos cabelos de Guilhermina e começou também a deixá-los cair em ondas até os pés.

É pena que tão pouco permaneceu da obra de Bento Vasco. Com crescente domínio técnico, sua escultura evoluiu de uma certa leveza frívola para figuras mais graves, sofridas, e a marca dos cabelos longos e esbranquiçados de suas santas dava uma característica particularmente sedutora às suas esculturas.

Um entardecer, no começo de uma forte tempestade, um vaqueiro veio avisar a Guilhermina que sua vaca parideira preferida escapara do curral. Imediatamente, partiram os dois a cavalo em busca da vaca fugitiva. Uma onça andava matando gado pela região, e Guilhermina não queria perder a vaca prenhe. Foram armados os dois, debaixo do forte temporal, e, perto de uma clareira conhecida, escutaram rugidos de onça e mugidos desesperados. Aproximaram-se e viram a vaca aterrorizada estendida no chão, parindo, e a seu lado a onça em ataque.

Talvez pelo efeito dos raios e trovões ressaltando a violência e a covardia do ataque à vaca indefesa, ou sabe lá deus por quê, a cena sangrenta parece ter enlouquecido de fúria Guilhermina, que, na cegueira ensandecida de um dos ataques irracionais que desde a cena na porta fechada da igreja ela nunca mais tivera, pulou em um átimo do cavalo e avançou de mãos nuas para a onça.

As duas se atracaram em uma cena de puro horror, e, por mais força que tivesse Guilhermina em sua fúria incontrolável, a onça, por natureza cem vezes mais forte, em poucos instantes, com uma patada, abriu sua veia jugular.

O vaqueiro que a acompanhava repetiria, durante toda a sua vida, que nunca entendeu por que a patroa fez aquilo. Paralisado de pavor, ele só conseguiu atirar na onça milésimos de segundo depois que ela já havia matado Guilhermina.

As duas morreram lado a lado, sob a tempestade elétrica que iluminava o nascimento do bezerro. Ele, sim, sobreviveu. Ele e a vaca.

O corpo de Guilhermina, durante aquela noite, foi deitado sobre a comprida mesa de madeira na sala da casa. Com muita delicadeza, Ana limpou o sangue do corpo da mãe, soltou seus longos cabelos brancos e os arrumou, mecha a mecha, onda por onda, para que cobrissem todo o seu corpo, até os pés.

Na manhã do dia seguinte, enterraram-na nos fundos da pequena capela.

ESPLENDOR IMPROVÁVEL

Ana de Pádua (1683-1730)

Ao contrário da mãe, Ana era pequena, magra, de cor morena, puxando mais ao pai crioulo. Frágil só na aparência, era decidida e corajosa, se não tanto quanto a mãe, pelo menos o suficiente para ser considerada uma mulher forte. Seu nome fora escolhido pelo pai, que também escolhera os dos gêmeos. O dela tinha sido uma promessa a Nossa Senhora de Pádua, santa da devoção de Bento, na hora da complicação do parto.

Quando o vaqueiro contou como a mãe morrera, Ana foi a única pessoa a dizer que entendia, sim, por que a mãe atacara a onça com as mãos, pois ela também, se estivesse lá, atacaria. E, apesar da pouca idade, foi quem arrumou o corpo de Guilhermina sobre a comprida mesa de madeira e o embrulhou em sua rede na hora de levá-lo para a cova aberta no outeiro.

Bento se viu perdido depois da morte da mulher, o centro em torno do qual construiu sua vida na fazenda. Homem sem outras ambições, artista que vivia para suas santas e para Guilhermina, agora que ela morrera sentia-se vazio e só.

Era ela quem cuidava não só do gado e das plantações, mas também dos escravos. Sem saber o que fazer com eles, Bento decidiu alforriá-los, ato cuja consequência talvez inesperada lhe foi de grande valia depois para minorar a solidão da velhice; os escravos forros não se afastaram, mas ergueram casas de taipa e teto de palha nas redondezas e continuaram trabalhando para ele por pagamento em bezerros, como faziam outros criadores de gado. Pouco a pouco, foi-se criando um pequeno povoado, tendo como centro a pequena capela construída por ele no outeiro ao lado de sua casa. Bento virou uma espécie de patriarca do arraial, a que deu o nome de Pouso da Capela.

Notícias de ouro começaram a chegar, cada vez mais seguras e eufóricas. Diziam que um mulato descera a gamela num ribeirão para tirar água e viu que nela havia granitos cor de aço que todo mundo achou esquisito, pois ninguém sabia que classe de metal era aquilo, mas que o mulato acabou vendendo os tais granitos para um comerciante que tampouco sabia o que estava comprando, mandou examiná-los no Rio de Janeiro e de lá veio a notícia de que era ouro finíssimo. Diziam que na região das minas tinha muito ribeirão assim e que era só descer a gamela na água para sair com ela cheia.

O movimento de viajantes aumentou, em direção ao rio das Velhas e das Minas dos Cataguás, e agora passavam rápido, nem sempre parando mais do que o necessário para um pequeno descanso.

Ana, ao lado do pai, via o movimento aumentar e gostou daquilo.

Era sempre a primeira a trazer água para os forasteiros e a puxar conversa. Ao contrário da mãe e do pai, gostava do convívio com as pessoas e era ávida por novidades.

Quem logo passou por ali, regressando à região do rio das Velhas, foi Juvêncio, o companheiro de Maria Taiaôba. Estava com Baltazar, um reinol recém-chegado de Portugal, movido pela febre do ouro. Tendo por volta de seus quarenta anos, Baltazar se engraçou com a juventude de Ana de Pádua, sua beleza morena de sedosos cabelos negros, e pediu a Bento a mão da menina, que a deixasse seguir com ele para Sabará e se fariam casar pelo primeiro padre que encontrassem.

Bento não viu motivos para recusar. A filha estava chegando à idade de casar, e não seria fácil arrumar marido naqueles descampados, a não ser assim, entre os viajantes que passassem. O reinol estava acompanhado de Juvêncio, que, pelo menos, era como se fosse da família. Quando viu que Ana parecia gostar da ideia de mudança de vida, Bento disse que dava sua bênção.

Para Ana, era como se as coisas já estivessem ordenadas desse modo e seguissem seu curso natural, como acontece com os rios, com o clima, com o tempo. Não havia por que nem o que pensar sobre a questão: se o reinol passou por ali, precisava de uma mulher para ajudá-lo a se estabelecer no país e quis que fosse ela, o que havia para contestar? O natural para Ana era seguir com ele. O único empecilho que talvez pudesse embaraçar esse movimento seria se ela fosse apegada ao pai e à fazenda, ou se fosse tímida demais. Mas, não. Ana não era nada tímida e, embora amasse o pai, o que mais queria era sair dali, conhecer outros lugares, ver por onde ia o mundo. Que fosse ao lado de Baltazar ou de quem fosse, para a menina de quinze anos não havia como nem por que questionar. Sua inquietude e sua curiosidade de jovem eram muito maiores do que qualquer receio.

A viagem até Sabará, se não fosse por Juvêncio e seus escravos nativos, teria sido desastrosa. Os matos e caminhos por pouco não acabaram com o português, que nada entendia da terra tropical onde pretendia enriquecer. Baltazar chegou a seu destino com febres, alquebrado e enfraquecido, e Ana de Pádua passou seus primeiros meses de casada cuidando das mazelas do marido.

Quando melhorou, o reinol, comerciante de origem, não se entusiasmou com o trabalho braçal da garimpagem, mas logo viu uma alternativa para enriquecimento fácil na grande escassez de tudo de que sofria a região. De fato, ali só o ouro havia em abundância, e, como ninguém come ouro, nem bebe ouro, nem dorme com ouro, faltava o básico para a vida nos acampamentos que, com a quantidade de gente que chegava, rapidamente se transformavam em vilarejos. Todos queriam se dedicar à extração da riqueza fácil, e ninguém pensava em perder tempo plantando ou garantindo o necessário para o sustento. Nesse vácuo entre as ambições e as necessidades, as ofertas de Baltazar encontravam a demanda de mãos ávidas e cheias de ouro, ouro que, afinal, acabava indo parar em suas mãos sem que precisasse moer o corpo nos ribeirões ao lado daqueles homens grosseiros e valentões cuja esperteza nessa área, isso ele não era nem bobo de não reconhecer, era muito maior que a dele.

Abriu uma estalagem com a casa nos fundos e, com as moedas e algumas joias da avó de Ana, comprou escravos para plantar mandioca, milho e cana, organizou sua rede de tropeiros e mercadores de gado e cobrava literalmente a peso de ouro tudo o que vendia: comida, bebida, tabaco, roupas, qualquer coisa.

Para Ana, a estalagem, com seu vaivém e agitação, era um lugar de sonhos. O trabalho mais duro era todo feito por escravos, e o marido, no começo, a tratava com alguma delicadeza e sem exigências descabidas. Era uma vida movimentada e barulhenta que parecia lhe cair como luva.

Mas, na região infestada de homens sem mulheres e onde ter mulher era um tesouro, principalmente mulher jovem e morena, mais branca do que negra, Baltazar começou a sofrer da fatal doença do ciúme. Como em toda zona de mineração, a maioria dos aventureiros preferia deixar a mulher, quando a tinha, nas cidades de origem. E, assim, as brigas por um rabo de saia de preta, índia ou do que fosse faziam parte das noites eufóricas do ouro. As brancas e as morenas, então, por muito raras, eram cobiçadas como joias de indescritível quilate.

Não era, realmente, lugar apropriado para homem ciumento. E depois da primeira gravidez de Ana, gravidez malsucedida, o filho natimorto, o humor de Baltazar só fez piorar.

Começaram as proibições: a mulher não podia ir à estalagem nas horas de movimento; não podia sair de casa, a não ser com o marido; e, quando saísse, tinha que se cobrir com um longo xale preto que envolvia o corpo da cabeça aos pés.

Mas Ana era jovem, alegre, extrovertida, e Baltazar achou que as proibições não bastavam. Partiu para a agressão física. Dava-lhe grandes surras de cinturão de couro que deixavam suas costas vermelhas e inchadas. E, se antes ela dava ou não motivos para o ciúme dele, com o tempo isso nem vinha mais ao caso, pois,

com essa vida de costas doloridas e corriões de couro, Ana inevitavelmente começou a procurar uma saída.

Encontrou-a num paulista, mais jovem e bem mais bonito e mais rico do que Baltazar.

O paulista José Garcia

José Garcia e Silva era de uma família de bandeirantes. Seu pai desde jovem participara das expedições que preavam os índios nas missões jesuíticas do Sul, de grande atração para os ataques dos paulistas, que encontravam ali centenas de índios aldeados, já pacificados e aculturados, praticamente prontos e esperando, digamos assim, para ser sequestrados e vendidos como escravos. Havia paulistas que preferiam se encarregar de entradas para o serviço de Sua Majestade, em contratos para pacificar e colonizar regiões em conflito, recebendo em paga parte dos prisioneiros feitos e terras, postos, pensões e comendas. Manuel Garcia e Silva, não. Gostava de trabalhar de maneira independente e queria distância dos homens da Coroa.

Para ele, o sertão era o mistério e a aventura. Era a força dos rios e as belezas das serras, o embate vigoroso contra a natureza. No sertão estava a possibilidade do ouro e das gemas preciosas, a certeza dos escravos índios, a vida aventureira do homem forte.

Vinte e duas vezes Manuel Garcia e Silva entrou pelo sertão, em viagens que às vezes demoravam até dois anos, para buscar braços escravos de índios para a lavoura, as “peças” de serviço que os paulistas consideravam como “remédio para a pobreza”. Sua vida era esse constante ir e vir, buscar, prender e vender índios.

Mas o sertão também era a febre malsã, o desvario, as peçonhas. Era o território das onças e dos animais bravios. Era a terra do gentio e do desconhecido. O sertão podia ser a morte, e, em sua última entrada, Manuel Garcia morreu varado por flechas venenosas. Tinha sessenta e nove anos.

José Garcia, ele mesmo, participou de sua primeira expedição ainda criança, com pouco mais de doze anos, não com o pai, mas com um tio, Bartolomeu Bueno da Silva, na bandeira à terra dos índios goiases. Ele e o primo, que tinha o mesmo nome do pai e era apenas um pouco mais velho, fizeram parte da expedição memorável do Velho Anhanguera, o diabo velho, o diabo legião, que incendiava os rios com álcool e estarrecia os índios.

Quando mais tarde, em 1722, esse seu primo, Bartolomeu Bueno da Silva, conseguiu organizar uma grande expedição para voltar à região onde estiveram e descobrir o ouro que sabia existir ali, mandou mensagem convidando José Garcia a ir com ele. Mas Garcia, já um tanto fora de forma e amolecido pela luxuosa vida que há anos andava levando nas Minas Gerais, houve por bem

recusar. Talvez, se tivesse ido, os dois primos que fizeram, meninos, aquele trajeto tivessem, juntos, conseguido recordar melhor o caminho feito à época, evitando os três anos em que a expedição do filho do Anhanguera andou perdida pelos sertões antes de finalmente chegar ao ouro dos índios goiases.

Os bandeirantes eram os continuadores da tradição paulista dos capitães do mato e seguiam, naquela época, desbravando e conquistando o país. Contavam, contudo, com um pouco mais de infraestrutura, como boas botas de couro, roupas mais apropriadas, adestrados cavalos de sela. Foram eles que descobriram o ouro nas minas e primeiro chegaram à região. Consideravam-se os donos do lugar e viam com muito maus olhos a invasão de forasteiros, os emboabas — baianos, pernambucanos e principalmente reinóis —, que começaram a chegar em massa.

José Garcia foi um dos primeiros a entrar na região do rio das Velhas, e era com assustadora rapidez, mesmo a seus próprios olhos, que a cada dia ficava mais rico. Com pouco mais de trinta anos, começava a sentir uma comichão para se aquietar um pouco. Comichão, aliás, que começara a sentir depois de uma tarde ver a moça do xale preto passar pelas ruas enlameadas, logo após uma chuvarada de verão. Sem ter o que fazer no momento, ou atiçado pela proibição do xale preto, ou por vontade de espicaçar o emboaba da estalagem, pois, claro, todos sabiam que a moça era a mulher do reinol, Zé Garcia desceu do cavalo e, com toda a cortesia, a carregou nos braços para atravessar uma grande poça de lama.

A moça abaixou o xale do rosto e lhe sorriu, agradecida. Zé Garcia decidiu, então, sem que ela o visse, segui-la até um ponto distante do ribeirão e ali, detrás de um pé de cupim, viu-a se despir para o banho. E, seja porque há tempos não via uma mulher se despir com tanta graça, seja porque depois disso se sentiu ainda mais motivado a espicaçar o emboaba, ou seja, porque simplesmente aconteceu ali a velha química que faz o mundo girar, Zé Garcia não conseguiu mais tirar Ana de Pádua da cabeça. E, naquele mundinho pequeno, logo ficou sabendo das surras que o emboaba dava na mulher.

Ana também já reparara no paulista, famoso por ser um dos mais ricos das minas, com centenas de “peças” escravas — índios e negros — e propenso a ir gastando sem constrangimentos a fortuna que os escravos garimpavam. Com os modos arrogantes do seu povo, Zé Garcia passava a galope pelas ruas, em sua formosa égua baiana corredora, levantando poeira e chamando a atenção. Ana sabia de todas as novidades sobre ele, que mandara construir uma casa

assobradada, a primeira da região, que seus cavalos tinham arreios cobertos de ouro e ajaezados de pedras preciosas, que dava banquetes para seus convidados com frangos e leitõezinhos assados, pacas e veados cozidos em molhos picantes, bolos de milho e fubá, pão de ló e bebedeiras com vinho importado até o raiar do dia.

Zé Garcia mandava-lhe recados pelos escravos; Ana de Pádua respondia rogando-lhe que não se ocupasse dela, pois o marido era capaz de tudo. Zé Garcia respondia que ele também era capaz de qualquer coisa por ela e que marcasse o dia e a hora que iria buscá-la. Ana de Pádua, em doces sobressaltos, rogava-lhe que não, que o marido a mataria caso desconfiasse de algo.

Enquanto isso, se acirravam os ódios entre as duas facções que disputavam os ribeirões. Os grupos se reuniam constantemente para comentar os acontecimentos, e qualquer rusga de menor importância adquiria proporções de ofensas imperdoáveis. A prepotência dos paulistas que se julgavam donos naturais do pedaço, de um lado, e a ganância e o atrevimento dos aventureiros, os emboabas, que chegavam dispostos a tudo, de outro, deixavam os ânimos cada vez mais tensos, e vários incidentes começaram a ocorrer. Um dos primeiros incidentes mais graves foi justamente o assassinato de Baltazar por Zé Garcia.

Ana e Garcia haviam se encontrado uma tarde, rapidamente, às margens afastadas de um riacho. O paulista lhe pediu que ficasse com ele e não temesse represálias da parte de Baltazar. Ana não disse que sim nem que não. Hesitava, indecisa, não porque quisesse continuar apanhando de Baltazar, mas porque sentia o destino escapar de seu domínio, o rio de sua vida encontrar corredeiras que pareciam levá-la para profundezas que ela não sabia avaliar. Ana não era mulher de tragédias. Gostava das pequenas novidades do dia a dia, aquelas coisas normais que mudam um pouquinho aqui, outro pouco ali e sem que se note vão tecendo um cenário novo, sem mexer muito, sem dramatizar nada, sem surpresas. Ana era corajosa e decidida, mas nas pequenas coisas, dentro dos limites do seu mundo conhecido. No meio de grandes acontecimentos, à vista do inesperado, ela se paralisava, sem saber o que fazer nem para onde seguir. Não fora assim quando sua mãe morrera, mas é que então Ana se mexera quando o grande evento já havia se realizado, a mãe já estava morta e as coisas estavam outra vez em sua dimensão normal. Então, ela pôde dizer que entendia, sim, o que a mãe fizera, que também ela teria feito o mesmo, e *a posteriori* agir com decisão, coragem e tudo o mais que se queira. Mas no momento do torvelinho, no olho do redemoinho, ela hesitava e se detinha, confusa.

Assim, Ana estava parada ante os rumos inesperados de sua vida quando os acontecimentos se precipitaram ainda mais.

Naquela noite, Baltazar, bêbado e sem motivo aparente, tirou o corrião de couro e lhe disse “Hoje você vai mais é conhecer o lado da fivela, para ver se aquieta um pouco que seja esse seu facho”, e a surrou como nunca, como se adivinhasse que nunca a surraria mais. Os espiões de Garcia ouviram os gritos roucos de Ana e não demoraram em avisá-lo.

Baltazar nem teve tempo de se levantar quando o bando de Zé Garcia entrou como horda intempestiva em sua estalagem. Morreu com um tiro na cabeça. Mas pelo menos soube por que estava morrendo, ao ouvir Zé Garcia lhe dizer, antes de disparar: “Covarde que bate em mulher merece morrer sentado”.

Sem esperar que o quase cadáver sequer acabasse de morrer, Garcia quebrou a estalagem toda e, sem tampouco dar tempo para Ana se certificar de que o marido de fato estava morto, mandou que pegasse suas coisas e a levou com ele para seu sobrado.

Mas Baltazar era um patrício benquisto entre os seus, e os emboabas, revoltados com sua morte e talvez ainda mais revoltados com tanta mercadoria boa quebrada, consideraram o incidente mais um ato de prepotência dos paulistas. Tomar a mulher do português era uma coisa; matá-lo, outra muito diferente. Desafiá-lo para um duelo, como homem honrado, poderia ter resolvido o caso a contento, mas invadir sua estalagem com um bando de facínoras e quebrar tudo e matá-lo a sangue-frio era uma afronta. Devido aos ânimos já exaltados entre os dois grupos, a morte de Baltazar foi um motivo a mais para que as coisas se esquentassem.

Com a tensão se alastrando e mais conflitos acontecendo, dizia-se à boca pequena que os paulistas tinham o desígnio de acabar com tudo o que fosse emboaba na região e que Baltazar e sua estalagem foram apenas o começo. Começaram a circular boatos de que eles estavam preparando um morticínio em massa dos forasteiros, que prometiam passar a ferro todos os emboabas e seus filhos. Ouvindo essas “invenciones diabólicas”, como disseram depois os paulistas, os forasteiros se sentiram ameaçados e se uniram, decidindo não ficar mais de conversa esperando e sim partir, eles mesmos, para o ataque. Tinham mais armas e munições do que os paulistas e eram, já nessa época, mais numerosos.

Atacaram primeiro o arraial de Sabará. Os índios aliados dos emboabas atiraram flechas incandescentes, e as casas, quase todas cobertas de palha, como até o sobrado de Zé Garcia, se tornaram fogueiras crepitantes, obrigando os moradores a fugir. Ana de Pádua, a galope em um cavalo mais assustado do que

ela, pensou que talvez fosse melhor procurar Juvêncio e pedir-lhe que a levasse de volta para a casa do pai, em Pouso da Capela. Mas Zé Garcia tinha outros planos e decidiu enviá-la para ficar com seus parentes em São Paulo. Uma guerra estava acontecendo, e ele queria deixar sua mulher protegida.

Depois de uma viagem de mais de três meses com os escravos e homens de confiança do marido, Ana chegou à Vila de São Paulo de Piratininga. Sentia-se muito mal com os redemoinhos recentes do rio de sua vida, e, para completar, os parentes de Zé Garcia — sua irmã, sobrinhas e primas — a olhavam com desconfiança e ojeriza. Sentia-se só. Moravam numa casa grande, também assobradada, de taipa e com telhas, na rua da Igreja de São Francisco. Achava a cidade triste, uma cidade de casas vazias, casas cujos donos preferiam residir nas fazendas ou estavam na campanha contra os emboabas.

Inácia Benta, a irmã de Zé Garcia, perdera o marido com a febre do sertão. Mas filha, mulher e irmã de bandeirantes, também ela continuava ganhando a vida com a venda de escravos índios. Seu negócio era emprestar pequenos capitais para a organização de entradas e receber de volta a metade dos escravos conseguidos na viagem. Era um bom negócio e ela também enriquecia, sem precisar do irmão. Por isso, no começo tratou mal Ana de Pádua. Achava-a pouco nobre para entrar na família. Perguntava-lhe de onde vinham seus pais, e Ana falava do baú da bisavó e do avô holandês, mas nada disso sensibilizava a cunhada, que achava comprometedora sua cor, que lhe parecia mais morena do que conviria. Dizia-lhe que a família Garcia e Silva era tida e havida como cristã-velha, sem nenhuma gota de sangue de mouro ou judeu, e ela esperava que continuasse assim.

Ana passava horas sozinha, sentada à beira da janela, esperando chegar notícias da região das minas.

E notícias chegavam, mas eram ruins. Contavam dos arraiais em pé de guerra e de combates sangrentos se espalhando por todo sítio. Contavam que os emboabas haviam recorrido ao governo-geral, que mandara tropas do Rio de Janeiro para apaziguar os conflitos, sim, mas a favor dos forasteiros. Contavam como os paulistas, em menor número e menos armados, iam sendo obrigados a recuar cada vez mais.

Sempre que chegava um mensageiro, as pessoas da família — a maioria mulheres — se reuniam na sala para escutar as notícias. Ana ficava ao fundo, de pé, mas escutava muito bem tudo o que diziam e o burburinho de revolta que quase sempre provocavam, pois eram quase sempre notícias de derrotas.

As mulheres paulistas, desde muito acostumadas a receber notícias de vitórias de maridos e parentes bandeirantes no desbravamento dos sertões, ficavam escandalizadas com essa reviravolta inesperada e tão injusta. “O ouro é nosso, só nosso!”, diziam, consternadas. “Fomos nós que descobrimos essas minas. Por direito, elas nos pertencem.” “Os emboabas precisam de uma lição”, enfureciam-se. “Deus Todo-Poderoso, como pode estar acontecendo uma coisa dessas?”, se perguntavam. “E a ajuda que os forasteiros estão tendo do governo do Rio, esse governo de portugueses que querem levar nossas riquezas?”, revoltavam-se.

Quando chegou a notícia de um verdadeiro massacre num pedaço perdido de mato que a partir daí ficou conhecido como Capão da Traição, as mulheres, inconformadas e furiosas, saíram às ruas. Convocavam a todos para que não deixassem sem vingança a morte horrível dos patrícios que confiaram nos facinorosos emboabas e depuseram armas e foram massacrados com crueldade nunca vista no lugar que de hoje em diante não sairá, jamais, de nossa memória.

Horror! Vergonha! Vingança!

Ana de Pádua foi puxada para as ruas pelas mulheres e de repente viu nessa revolta uma tábua de salvação entre as correntezas solitárias de seu rio. Desse dia em diante passou a ser uma das mais ardentes defensoras da honra dos paulistas, deixando a cunhada e as sobrinhas admirarem seu ardor e seu entusiasmo na defesa dos interesses de Zé Garcia. Ela finalmente foi aceita na família.

Depois de sucessivas derrotas, os paulistas retornaram a São Paulo, mas, para maior desgraça, foram recebidos na cidade com desprezo e revolta. Zé Garcia não viera; ferido em batalha, ficou se restabelecendo em casa de aliados.

As mulheres, inconformadas com a mortandade e a perda de seus bens, exigiam retaliações, revanches. Reuniam-se em casa umas das outras, saíam em grupo pelas ruas, conclamando, falando: “Não vamos deixar os emboabas pensar que são os donos deste país! Vamos retomar o que é nosso! Vinguemos nossos mortos!”.

Ana e a cunhada faziam parte da liderança e iam de casa em casa e faziam as mulheres sair pelas ruas e a pequena vila se agitar com movimento nunca visto. Tamanha era a comoção que ninguém ousava dizer que as mulheres estavam exorbitando de suas funções e deveriam voltar para dentro de casa. Ao contrário. Espicaçados por elas, humilhados pelas derrotas, irritados com a perda das lavras, os paulistas se reuniram no paço da Câmara de São Paulo, cujas portas foram abertas para o povo, e decidiram organizar uma expedição a Minas para

coagir os forasteiros a lhes devolver suas fazendas, suas lavras e seus escravos.

Numa bela manhã de agosto de 1709, mais de mil e trezentos expedicionários partiram do Pátio do Colégio. Os chefes a cavalo, os demais combatentes a pé. A eles foram se unindo, na passagem por cada arraial, grupos de Itu, Paranaíba, Sorocaba, Jundiaí, Moji, Taubaté, Guaratinguetá.

Só que, mais uma vez, os fados estavam contra.

Depois da difícil marcha de mais de quatro meses até o arraial que é hoje São João Del Rey, encontraram-no todo fortificado, preparado para revidar o ataque. Houve tentativas de acordo, mas os ataques continuaram, irredutíveis, durante oito dias e oito noites, com muitas mortes e muitos feridos de ambos os lados, porém sem vitória para nenhum. Até que a notícia da chegada de tropas do Rio de Janeiro, mandadas pelo governo-geral em apoio aos emboabas, fez com que os paulistas decidissem mais uma vez voltar para casa.

Terminava assim, melancolicamente, essa guerra pelo ouro das minas que, depois de dois séculos, haviam sido descobertas na colônia portuguesa.

José Garcia, convalescendo, não participara da expedição de revanche, e Ana só voltou a reencontrá-lo depois de todos os sucessos terminados, quando ele finalmente pôde buscá-la em São Paulo.

Reencontrou Ana muito adaptada à vida da família. Aprendera a coser, bordar e fazer doces. Achara no baú da casa dois livros que a fizeram se encantar: os *Mistérios da Paixão de Cristo* e *As novelas*, de Miguel de Cervantes. Ela bem que aprendera a ler com Bento Vasco, mas essa era a primeira vez que via um livro inteiro e que podia lê-lo. Gostava também de caminhar com as sobrinhas até o ribeiro do Agongabay e ali ficar sob a sombra das árvores admirando os trigais dourados dos sítios da outra margem do rio, enquanto as mocinhas brincavam na relva.

Começara a frequentar as igrejas. Sua educação religiosa, muito precária, fora também a ministrada pelo pai na pequena capela no outeiro. Ao conhecer as igrejas de São Paulo, Ana ficou fascinada com as construções que, embora nada sofisticadas para a época — a vila nos campos de Piratininga não era uma vila rica —, eram, de qualquer forma, maiores do que tudo o que já vira e marcariam seu grande amor pelas igrejas que depois veria construir em Sabará. Encantara-se com a pompa do ritual da missa, os paramentos luxuosos dos padres, a extrema formalidade de tudo, o cheiro perturbador do incenso e principalmente, principalmente, encantara-se com a música inebriante do órgão.

Pela primeira vez entendeu por que sua mãe dizia, naqueles momentos de

silêncio em que tudo parecia serenar depois que sua voz potente se espalhava pelos descampados à beira do rio, quando as árvores, as aves, as águas, o vento pareciam silenciar em reverência ao canto extraordinário que tinham acabado de ouvir, e Guilhermina, sem se virar, talvez para que a filha não visse a melancolia estampada em seu rosto, lhe dizia: “Você nunca saberá o que é a música e do que a música é capaz se não escutar o som de um órgão, menina”.

E, agora que escutava o som de um órgão, Ana unia em sua cabeça esse som à voz da mãe e chorava, não exatamente de tristeza, mas pela emoção da beleza que lhe havia sido dado presenciar naquele dia, naquela igreja, naquela cidade. Pela estética, Ana tornava-se religiosa e mística.

Zé Garcia, com o ferimento da batalha, ficara mancando de uma perna. Conseguiu, no entanto, manter a maioria de suas lavras, em boa parte porque, homem importante que era, o governo-geral considerou mais conveniente deixá-lo tranquilo e não amargando, além da humilhação da derrota, a revolta pela perda dos bens. Não. Havia que se fazer um esforço para pacificar a região, e isso incluía, certamente, não irritar homens do calibre de Garcia.

Mal chegando a São Paulo, ele mandou Ana arrumar suas coisas para voltarem imediatamente a Sabará e retomarem suas lavras. E assim fizeram.

Foi uma viagem mais tranquila e confortável do que a que Ana fizera ao fugir do arraial em fogo. Era época de estiagem, o clima ameno. O longo percurso de três meses, bem conhecido pelo bandeirante, que sabia evitar os trechos perigosos e os riscos, foi feito sem ansiedades nem temores. Se antes, pela pressa e pela angústia do tempo de guerra, Ana não pudera apreciar as belezas dos caminhos, agora podia, com tranquilidade, admirar as serras e mais serras recobertas de matas virgens e a amplitude dos campos imensos a perder de vista; podia à noite, no acampamento armado com toda a segurança, sentada em sua rede, ouvir as aventuras do bom contador de casos que era Zé Garcia e as cantorias dos escravos da tropa; à hora do descanso do sol a pino, podia deter-se perto dos rios mansos ou caudalosos, esperando os escravos prepararem um almoço de peixe fresco com pirão enquanto se refrescava à beira de um remanso tranquilo.

Ana gostava de comparar sua vida com um rio e sempre tivera por eles irresistível fascínio. Zé Garcia, por sua vez, um bandeirante, considerava os rios um caminho natural de valor inestimável. Sabia que, sem eles, os paulistas não

poderiam jamais ter desbravado os sertões e conquistado novas terras.

Sentados à beira de um barranco, à sombra fresca de pequenas árvores de copas entrelaçadas, Garcia contava a Ana que as entradas eram sempre feitas beirando os rios, o jeito mais seguro de não se perder, não se morrer de sede nem de fome e de, pelo menos por um dos lados, evitar os ataques de surpresa. Contava como era de enorme valia os rios paulistas serem rios de planalto, sem cachoeiras perigosas, de boa navegação, o que facilitava muito o avanço às terras desconhecidas.

Mas tem rios e rios, ele dizia. Tem os rios bons e os rios ruins. Tem os que se deixam navegar, são calmos, serenos, pode-se confiar neles, não guardam armadilhas. Outros, não. São rios bravios que escondem ventanias, preparam redemoinhos e sorvedouros, estão cheios de cachoeiras e de armadilhas, troncos perigosos, sujeiras, trechos de águas pestilentas e doentias. Tem os que são dominados por tribos inimigas, prontas para acabar com sua viagem e sua vida. E tem os rios caudalosos e intempestivos, mal-humorados, sujeitos a ataques de raiva ou de fraqueza diante dos humores do tempo.

O rio Tietê, dizia, sempre foi um rio amigo, e, ainda que sua navegação seja acidentada, pode-se confiar nele. Comentário com o qual, certamente, não concordariam os indígenas, para quem o Tietê havia sido o rio da escravidão, o rio das filas e filas de aldeias acorrentadas.

Já o Paraná, continuava Zé Garcia, é rio ruim. Não tem cachoeiras, mas suas águas são inimigas, com sorvedouros perigosos e ventos traiçoeiros. Ali, todo cuidado é merecido.

E assim, escutando-o falar dos rios, Ana começou a gostar de Zé Garcia. Antes, ele era um estranho, um homem que mudara o curso das águas de sua vida, mas continuava alguém a quem pouco conhecia. Agora, nessa longa viagem, ela começava a se deixar seduzir por sua segurança e experiência de homem que sabe seu valor e o valor do que encontra em seu caminho.

O falecido Baltazar, um forasteiro, não conhecia as coisas da terra e tentara superar esse desconhecimento e insegurança com agressividade e prepotência. Nem nos primeiros tempos Ana fora feliz com ele, porque não o admirava, via suas falhas, percebia sua arrogante ignorância. Desde os primeiros dias da viagem de Pouso da Capela à região do rio das Velhas, quando ele, morrendo de fome, desprezou um tamarindo muito ácido mas comestível e preferiu os coquinhos doces mas laxantes da babosa, sem dar atenção ao que lhe diziam os escravos índios. Ela, ainda quase menina, pensou que, mais velho e mais

experiente, e vindo, imagine!, do reino, ele certamente sabia mais do que todos ali e deveria ter suas razões; mas, quando à noite viu o homem gemendo e suando e se encolhendo com dilacerante diarreia, Ana compreendeu que, bem ao contrário, ele não era melhor do que ninguém. O desprezo que pouco a pouco veio a sentir pela ignorância do marido sem dúvida deve ter contribuído para o final trágico da união dos dois.

Agora, com Zé Garcia, ela conhecia o outro lado da moeda. O conhecimento e a segurança do experiente bandeirante a deixavam seduzida e feliz por ter a seu lado um homem assim. Além do mais, ele não era velho como Baltazar; não era jovem, tampouco, mas era garboso, elegante, moreno triguenho de bigodes bem tratados e um par de sobrancelhas que se uniam acima dos olhos castanhos como densas matas virgens.

Ana de Pádua estava feliz.

Ao chegarem a Sabará, retomaram a vida no sobrado reconstruído. O ouro nas lavras parecia jorrar junto com a água, e, quando nasceu o primeiro filho, Gregório Antônio, ainda nesse primeiro ano de vida em comum, Zé Garcia era um homem fabulosamente rico. Não só ele, mas boa parte dos moradores da região.

A riqueza e o luxo das minas começaram a refletir nos povoados. O governo-geral conseguira convencer um paulista, já que eles eram os únicos que até então conheciam bem a região, a abrir o Caminho Novo das Minas, ligando-as diretamente ao Rio de Janeiro. Era um caminho precário, mas permitia a passagem de homens e animais, trazendo não só mais e mais levas de emboabas para a região, como também mais e mais mercadorias para atender à nova demanda dos que se enriqueciam. Tropas de mulas, com todo tipo de produtos, começaram a substituir as costas dos escravos índios e negros no transporte para abastecer o crescente mercado. Vinham de São Paulo, vinham do Rio, vinham da Bahia, e sua chegada provocava grande agitação e rebuliço nas vilas e fazendas. Traziam também levas e levas de escravos africanos para trabalhar nas minas e escravas para a pequena corte particular das senhoras.

A vida dos senhores do ouro era francamente risonha. Enquanto os escravos garimpavam em condições quase subumanas, os “homens de bem” se reuniam para banquetes à refrescante sombra de árvores frondosas na beira dos ribeirões cristalinos: mesas fartas com hortaliças, frangos e leitões assados, galinha ensopada, suculentas frutas do país, doces trabalhosos feitos com muito açúcar e muitas horas no fogão, vinhos importados do reino. Não faltavam às missas e

novenas e, para enfatizar sua fé, se esmeravam em fazer das igrejas ostentações tão ricas quanto as da metrópole: altares de ouro puro, imagens de artesãos requintados, arquiteturas suntuosas. Tentavam imitar a nobreza de Portugal, importando tecidos, confeccionando roupas estranhas ao clima tropical, construindo casas vistosas, contratando artesãos, comprando joias. Alguns anunciavam sua passagem pelas ruas com escravos trombeteiros; outros faziam de suas montarias uma pequena obra de luxo e arte.

Uma agitação eufórica pairava sobre a cidade.

Ana, em casa, reinava sobre sua corte de escravas. As negras a cercavam no quarto, nas salas, nas ruas. Abanavam-na, vestiam-na, serviam-na e lhe traziam e levavam mensagens e notícias.

Se alguém as visse hoje, o grupo de mulheres sentadas na varanda, conversando, rindo, beliscando frutas tropicais e pequenos bocadinhos — e, claro, desconsiderasse as roupas da época —, pensaria ver um grupo de amigas se divertindo. Evidentemente, isso era mera aparência. Entre elas, a hierarquia era muito clara e intransponível; cada uma sabia perfeitamente seu lugar.

Com seu espírito ávido por novidades, Ana logo formou uma poderosa rede de informações no arraial onde as casas, com o vaivém de escravos e quartos sem portas, eram constantemente devassadas por olhares e ouvidos. Sabia das intrigas políticas e dos segredos de alcova, sabia das brigas e inimizades, sabia das fornicações dos padres, das comunhões cobradas a peso de ouro, dos capuchinhos que escondiam ouro sob a batina ou nas imagens ocas dos santos, das negras que escondiam ouro nas carapinhas. Sabia dos cavaleiros que se faziam servir por negras nuas, enfeitadas apenas com colares de ouro e prata. Sabia dos decretos do governo central e da chegada de seus oficiais.

Ana sabia de tudo.

Às vezes comentava com Garcia algumas dessas informações, outras, não. Sua rede de escravas informantes era seu prazer individual, seu pequeno poder particular. Ana foi uma precursora desse grande vício da modernidade pela informação. Esse puro prazer por estar bem informado que se desenvolveu a um nível antes inimaginável e está cada vez mais disseminado, criando aqueles que, como Ana naquele tempo, sentem sua endorfina aumentar apenas por saber alguma coisa, qualquer coisa, antes e mais do que os outros, como se isso lhes conferisse um poder especial e inefável.

Quando chegavam amigos de Zé Garcia, Ana sentava-se na sala em sua cadeira de espaldar alto, com um belo e aparentemente trabalhoso bordado na mão, e, quando achava adequado, fazia seus comentários às conversas que entravam pela noite adentro sobre a situação das minas.

A guerra acabara, porém ficara o ressentimento contra o governo central e os

portugueses. Havia ouro em abundância, é verdade, mas era ouro da terra, e a Coroa portuguesa exigia um quinto de tudo o que se extraía. Com o novo caminho direto até o Rio de Janeiro, a administração central já não dependia dos paulistas para chegar às minas e aumentara muito o controle sobre o que sucedia na região e também, e principalmente, a fiscalização de sua parte de imposto na extração do ouro.

Não vamos chamar esses encontros de conspiração, porque não eram. Eram apenas conversas entre amigos com as críticas de sempre que são feitas quando há governo. Mas também é bom não esquecer que esses foram os primeiros povoadores da capitania de Minas e certamente, sem o saber, estavam começando a cultivar o embrião da Independência que depois se alastraria justamente nessa região que, não por coincidência, foi o palco da Guerra dos Emboabas, uma das primeiras lutas no Brasil contra a primazia dos portugueses.

Ana, a par de todas as fofocas e notícias do povoado, não tardou a descobrir que José Garcia era marido infiel. Não tinha uma, mas várias mulheres, escravas e livres, e muitos filhos bastardos. Ana sabia que as relações eram assim naquela região de riquezas e aventuras, mas não se conformava e morria de ciúme do marido. Nos momentos em que deixava seu humor respirar em meio a seu desespero de mulher traída, dizia, em autoironia, que a praga e o castigo do falecido Baltazar fora contagiá-la com sua moléstia funesta.

Para que Garcia não olhasse mais para outra mulher, ela fazia tudo o que sabia e tudo o que lhe ensinavam. Dizia na hora do ato sexual, na boca do esposo, as palavras da consagração da hóstia, “*hoc est enim corpos meum*”, para consagrá-lo tal qual o padre consagrava o corpo de deus na missa, um encantamento que lhe garantiram ser muito eficaz para que o marido não procurasse outro corpo que não o seu. Dizia a oração da bruxa baiana, Antônia, a Nóbrega, cuja fama chegara à região das Minas, com os forasteiros que vinham da Bahia: “José Garcia, eu te encanto e reencanto com o lenho da Vera Cruz, e com os anjos filósofos que são trinta e seis, e com o mouro encantador, que tu não te apartes de mim e me digas quanto souberes e me dês quanto tiveres, e me ames mais que todas as mulheres”. Fazia o sortilégio do vinho, tirando da própria vagina, depois do ato sexual, o sêmen de Garcia e colocando-o na taça de vinho do marido, uma taça de prata que mandara vir de Portugal, e não as comuns de estanho, que nessas Garcia já não bebia mais.

E como nada disso desse certo, resolveu que pelo menos dentro de casa não veria mais as fornicações do marido e mandou vender todas as escravas da

família que tivessem entre dez e quarenta anos, ficando apenas com as pretas velhas e com escravos homens para o trabalho doméstico. Com isso, ficou muito prejudicada a alegria do bando de mulheres ao seu redor. Ana também já não era assim tão alegre, e as negras velhas tampouco tinham a mesma irresponsabilidade divertida das jovens que antes a cercavam com risos, malícia e brincadeiras.

Ana teve três filhos. Um ano depois do nascimento de Gregório Antônio, nasceu Clara Joaquina. Dois anos depois, nasceu Bernarda Bárbara, que morreu aos três meses e foi enterrada na igreja matriz, acompanhada por todas as pessoas de bem da Vila de Sabará. Seu pequeno caixão era de ouro puro, e o corpo pequenino foi enterrado todo coberto de joias. Depois, Ana não engravidou mais.

Clara Joaquina, desde pequena, foi menina doentia e complicada. Chorava, queria tudo, julgava-se o centro do mundo que conhecia. Fazia pirraça, brigava com todos, beliscava as escravas e detestava o irmão mais velho, o preferido do pai. Gregório Antônio, ao contrário, era um menino tranquilo, mas procurava sempre estar longe da irmã. Os dois foram criados por diferentes amas de leite e tinham seus círculos separados. Mesmo assim, Clara Joaquina não deixava o irmão em paz, sempre atrás dele, arreliando-o, inventando mentiras a seu respeito. Procurava intrigá-lo com a mãe e o pai, acusava-o de tudo, unhava-o e puxava seus cabelos.

Quando Gregório completou doze anos, José Garcia enviou-o para estudar em Lisboa. Tinha parentes no reino, os cristãos velhos sem mácula, como dizia Inácia Benta, que encaminhariam o menino.

Ana parecia ter herdado da mãe, Guilhermina, a mesma perplexidade diante do que se esperava dela como mãe. Tanto Clara Joaquina quanto Gregório Antônio cresceram muito mais com as escravas do que com os pais. Havia um distanciamento intransponível entre ela e os filhos, um desconhecimento, um vazio, um espaço preenchido por carência de intimidades, por temores e hesitações e, por isso mesmo, talvez, alguma indiferença.

Ana conhecia bem o caráter da filha, mas nunca entendeu o que lhe cabia fazer a respeito. Via suas implicâncias e pequenas crueldades com as escravas, com as pessoas pobres da vila, com os animais. Via sua dissimulação perante o pai, seu egoísmo e suas intrigas. Sim, Ana sabia. Só não sabia o que mais

poderia fazer a não ser ir atrás, desfazendo os malfeitos da filha.

Se Clara Joaquina batia num escravo, Ana achava alguma maneira de compensar os maus-tratos. Uma vez convenceu Zé Garcia a alforriar duas negras, mãe e filha, com quem Clara Joaquina implicava de maneira particularmente cruel, chegando a marcar o rosto da menina com duas lambadas de chicote.

Se Clara contava ao pai que o filho de dona Gertrudes, que também estudava em Portugal, escrevera para a mãe uma carta onde dizia que Gregório Antônio vivia nas estalagens de Coimbra em noites e noites de bebedeira, Ana chamava Zé Garcia e lhe dizia que não considerasse o que lhe fora dito como verdadeiro, pois não era, que essa notícia não se referia a seu filho, mas ao próprio sobrinho de dona Gertrudes.

Se dizia a alguma das senhoras de bem de Sabará que o marido dela, em suas viagens a Vila Rica, tinha o objetivo de visitar as amantes, Ana, nesses casos, nem tentava, porque sabia que não havia mesmo como remediar o mal que já estava feito.

Assim, quando a filha se casou com Diogo Ambrósio, o tropeiro rico do Rio de Janeiro, Ana pensou que agora talvez ela tomasse jeito. Esse casamento de Clara Joaquina, aos dezoito anos, foi um arranjo feito entre o pai e o futuro marido. Bem mais velho, Diogo Ambrósio foi aceito pela noiva porque ela pensava com isso se tornar mais rica e prestigiada e realizar seu desejo de mudar para a cidade mais importante da colônia.

Nem um ano depois do casamento da filha e vários anos antes da volta do filho já formado pela Faculdade de Leis de Coimbra, Ana de Pádua desapareceu. Foi um acontecimento muito comentado por todos durante muito tempo. Mas foi um episódio, na verdade, até muito simples.

Desde que descobriu as traições de Garcia, Ana praticamente centrou sua vida e seus pensamentos nas fornicações do marido. Era, de certa forma, uma espécie de ocupação que lhe consumia os dias: assim que sabia de algum novo caso, imediatamente se punha a campo para conhecer a rival, dizer-lhe algumas verdades e esclarecer-lhe alguns aspectos do que iria encontrar pela frente. Como se acreditasse que com uma boa dose de informação pudesse tirar de campo o perigo. E muitas vezes conseguia: o temor que incutia na rival, geralmente mocinha, com sua mistura de impropérios, ameaças e simples descrição sobre o que seria daí em diante sua vida de amante do marido da poderosa Ana de Pádua, podia suplantar a sedução do cavaleiro cujo charme,

sejamos francos, já estava em visível rota decadente e cuja riqueza não era e nunca foi uma exceção naquelas paragens.

Em uma dessas incursões de mulher traída, com duas escravas e um escravo de confiança, Ana estava de emboscada no barranco à margem do rio por onde soubera que a famigerada nova rival costumava passar.

Ali, de tocaia, ela pensava em sua vida. Pensava no pai que nunca mais procurara e de quem só de vez em quando tinha notícias trazidas por viajantes que contavam como Pouso da Capela crescia e como o velho Bento, com sua mansidão, era uma figura patriarcal que todos respeitavam. O pai lhe enviara algumas imagens de santas que a fizeram chorar, de tão bonitas, tão parecidas com a mãe.

Pensava no filho distante, um estranho à sua vida, morando na cidade de além-mar e fazendo coisas que ela nem conseguia direito imaginar o que eram. Pensava na filha que tampouco conhecia bem, embora tivesse todo o tempo vivido ali a seu lado, mas sempre com aquele caráter intrigante, aquela propensão para provocar sofrimentos.

Pensava que, afinal, o rio de sua vida se tornara um rio de águas muito turvas que fazia apenas levar para longe, constantemente, cada um à sua volta, como estava levando também o marido, e tornara seus dias naquele repetir de pequenas coisas que lhe pareciam sem significados, sem substância, sem destino.

Pensou em deus, que também lhe era algo distante, cujo significado tampouco entendia bem.

As novidades que antes lhe atraíam tanto, o suceder dos pequenos acontecimentos, tudo isso não tinha mais graça depois que ao seu redor já não contava com a malícia risonha das pretas jovens, só com a melancólica sabedoria das pretas velhas. O agitar das águas de seu rio não a encantava como antes, depois que se deixara contaminar pela obsessão de ter o marido só para si, de agarrá-lo como se de dentro dele fosse tirar as respostas para suas angústias, fosse fazer retornar os significados e as belezas do rio de sua vida.

A tempestade caiu de repente, sem aviso. Raios, trovões, gotas d’água que batiam como se quisessem furar e atravessar o que encontrassem em sua descida. Ana deu ordem para que os três escravos que a acompanhavam saíssem da tocaia e se pusessem a galope no descampado de volta ao arraial. Só ela continuou

acompanhando o curso do rio, hipnotizada pelas gotas duras da chuva que batiam céleres e violentas em suas águas endemoninhadas como se fossem de puro metal. Só ela foi atingida em cheio pelo raio que a eletrizou de um golpe único e imediato.

Ela e seu cavalo morreram ali, na hora, de fulguração.

Caíram pelo barranco ao receber a chicotada elétrica, e o corpo de Ana, ou o que restava dele, se perdeu no rio.

Sem corpo, não houve enterro.

Garcia mandou cobrir toda a casa de panos pretos durante seu luto de sete semanas e sete dias. Mandou celebrar quinhentas missas na Igreja de Nossa Senhora dos Martírios, que Ana ajudara a construir, e que cem dessas missas fossem cantadas ao som do órgão que ela tanto amara. Essas eram as missas mais caras, e Zé Garcia pagou ao pároco na hora, com barras de ouro puro e finíssimo.

Clara Joaquina (1711-1740)

Um carregamento de tropeiros se aproximava da cidade.

Desde longe, ouvia-se o tilintar festivo do cincerro da madrinha da tropa e, desde longe, podia-se ver também a aproximação barulhenta das mulas com suas cargas, ladeadas por estupendos cavalos em elegante galope.

Vinham com toda a animação, sabendo quanto seriam bem recebidos.

À frente, com sua natural elegância, vinha a madrinha, mula castanha de porte garboso, arreada com luxo e treinada para guiar os animais carregados de mercadorias. A seguir, os pelotões enfileirados, cada um com seu arrieiro, todos muito bem dispostos, a calculada distância uns dos outros para que não se atropelassem nem perturbassem a ordem em algum incidente do caminho.

No final do cortejo, montado em soberbo cavalo preto ajaezado com requintados arreios de prata, vem o dono da tropa, Diogo Ambrósio. Imponente em sua montaria, capa de lã vermelha jogada nos ombros, chapéu deixado cair com elegância sobre as costas, botas altas de couro branco e faca de ponta com cabo de prata no cano da bota, ele tem plena consciência de sua importância. A seu lado, cavalgam seus peões e domadores, todos com o ar altivo de homens que se sentem mais valentes e mais homens porque são donos dos mistérios do sertão e deles tanto depende o bem-estar do povo das vilas.

Ao entrar na cidade e passar pela praça, Diogo Ambrósio inclina a cabeça para cumprimentar Clara Joaquina, debruçada na janela do sobrado da família.

Na primeira vez em que entrou por aquela rua, sua cabeça se inclinou para outra janela, do lado oposto, a janela de Idalina, filha de dona Gertrudes. Mas isso foi só na primeira vez. Naquele mesmo dia, Clara Joaquina fez com que lhe chegasse uma mensagem dizendo que Idalina já estava de casamento marcado com um estudante de Coimbra e que a única moça de bem, prendada e ainda não comprometida da vila era a filha de Zé Garcia, dono de várias lavras e fazendas, aquela moça bonita que mora no grande sobrado da esquina da praça.

O rico tropeiro entendeu perfeitamente a mensagem. Só a desiludida e humilhada Idalina nunca compreendeu por que, ao sair da cidade, ele inclinou a cabeça já não junto à sua, mas junto à janela de sua vizinha, a insuportável Clara Joaquina.

Na viagem seguinte, trouxe-lhe presentes do Rio de Janeiro: um par de brincos de topázio, um vestido de igreja de veludo negro com mangas de tafetá azul, mantilha de seda da Espanha e sapatos de Valença, rasos e enfeitados com chapas de prata, tão apreciados por terem solas de cortiça. E fez os arranjos necessários com Zé Garcia.

Na terceira viagem, trouxe um belo vestido de matrimônio de chamalote branco, enfeitado com rendas das fiandeiras de Portugal.

O matrimônio se realizou, simples como exigia a vida de viagens do noivo, mas com missa cantada e celebrada com muita pompa e incenso, como exigia a noiva, seguida de banquete servido na fazenda de José Garcia e Ana de Pádua.

Diogo Ambrósio

A fama do tropeiro rico que vinha do Rio de Janeiro, fazendo questão de acompanhar suas tropas, era grande na região das minas.

Filho de família quase nobre, dona de sesmaria, seu pai fora intendente do governador da capitania do Rio de Janeiro, que, em meados de 1600, teve a ideia muito criativa de construir só com madeiras brasileiras o que deveria ser o maior navio do mundo. Esse governador, cujo nome era dom Salvador de Sá, entusiasta das riquezas da nova terra, pretendia provar com isso a excelência das madeiras tropicais e o extraordinário potencial da colônia. O pai de Diogo foi o jovem encarregado de supervisionar a escolha e o abate das árvores e o transporte das toras até a ilha do Governador, onde estava montado o estaleiro e onde, em cerca de quatro anos de trabalho, carpinteiros índios, dirigidos por técnicos vindos da Europa, aprontaram o gigantesco galeão, batizado com muito júbilo e orgulho com o nome de *Padre Eterno*. Foi um empreendimento cheio de sucesso, e quando o galeão chegou ao porto de Lisboa causou enorme admiração pela leveza que facilitava muito as manobras e pela resistência e capacidade de levar grande volume de carga.

Com o sucesso causado pelo navio, os que contribuíram para isso foram generosamente premiados pelo governador. O pai de Diogo ganhou uma sesmaria na vizinhança do Rio de Janeiro, perto de Campos. Ali cresceram os filhos, junto à plantação de cana, à criação de gado e mais de trezentos índios cativos aldeados, comprados com a herança da esposa, filha de fidalgos espanhóis. Diogo, o quarto filho de uma família de nove, desde pequeno foi apaixonado pelas lonjuras do sertão e viu no comércio de mercadorias para a fabulosamente rica região das minas uma boa maneira de se tornar independente dos irmãos e criar sua própria riqueza.

Sua ambição era ser mais rico e importante que o pai. Fazia questão de cuidar de tudo pessoalmente, e o sertão e as viagens com suas mulas e seus homens de confiança eram o estilo de vida que mais se adequava a seu temperamento aventureiro e empreendedor. De quebra, apreciava muitíssimo o prestígio que lhe dava o papel de tropeiro rico.

Diogo Ambrósio vendia a muito bom preço todo tipo de mercadoria que trazia, e era importante comprador da produção das pequenas localidades do caminho que aos poucos organizou conforme sua própria visão e suas necessidades. Se o sitiante de Pouso Alto cultivava mandiocas e fazia toda a

farinha de que precisava, o de Mato Aberto, logo a seguir, deveria providenciar o milho, aquele outro cuidar do fumo e o de Carapinha, do outro lado do morro, fazer a rapadura. Ele era também o portador de remédios, cartas, mensagens e notícias do mundo exterior, atribuições que lhe conferiam uma importância que reforçava seu olhar de condescendência ao povo das vilas e arraiais.

O casamento com moça herdeira de boas lavras lhe pareceu mais um excelente negócio, um negócio que acrescentaria barras de ouro fino e mais prestígio ao muito que já tinha.

Nem de longe suspeitava as surpresas que iria lhe aprontar o caráter caprichoso de Clara Joaquina! E ela, por sua vez, nem de longe imaginava o rol de decepções que enfrentaria desde o comecinho mesmo da vida de casada.

A primeira decepção foi a própria viagem pelo sertão até a casa onde iriam morar. Para a moça de vila, que conhecia apenas o lado festivo da chegada das tropas e, de viagem, fizera poucas e pequenas até povoados vizinhos como Vila Rica e Congonhas, o ritmo das mulas e dos cavalos começou a incomodar logo depois das primeiras horas. Seu corpo doía, o estômago apertava de fome, e, para seu azar, na primeira tarde a tropa enfrentou uma praga nojenta de mosquitos borrachudos. Nuvens de mosquitos zumbidores de repente irromperam no meio da tropa, girando ao redor das cabeças dos cavalos, deixando-os desatinados a correr desembestados pelos campos, tentando se livrar das picadas, da zoada e da pestilência. Clara Joaquina só não foi jogada no chão por seu cavalo atordoado porque Diogo Ambrósio a agarrou pela cintura, livrando-a do desespero do animal em que ia montada. Começou aí o primeiro de uma série quase ininterrupta de ataques de gritos, choros e reclamações.

Tinha faniquitos com os carrapichos que lhe grudavam nas saias e nas meias e gritava sem constrangimentos ao passar pelos capinzais altos de tiririca que cortavam como vidro quebrado. Temia a travessia dos rios cheios e tinha ódio dos lamaçais que encontravam várias vezes e onde os animais se atolavam até a barriga. Seus gritos horrorizados de “Me tirem daqui!” eram ouvidos a léguas de distância.

Com seus modos de mocinha inexperiente, seus vestidos e sapatos de cidade, sua total incapacidade de achar algum encanto na natureza, ela comia o pão que o diabo amassou.

À noite, Diogo armava a rede da jovem esposa na clareira que mandava limpar da melhor maneira possível, prendendo com todo o cuidado o mosquiteiro de aniagem para cobrir a rede até o chão, vedando-a como uma

barraca. Mesmo assim, Clara Joaquina não conseguia dormir com o assédio de pernilongos dos mais diversos tipos, as lagartas se arrastando pela rede, as aranhas descendo como mágicas pelos ares. Antes de se deitar, a mucama que a acompanhara como parte de seu dote esfregava-lhe o corpo com caldo de tabaco para tirar os carrapatos que se grudavam freneticamente à sua jovem pele macia, tenra e adocicada. Ao se deitar, não deixava a escrava sair de perto, fazendo-a dormir praticamente em pé à volta de sua rede para espantar os animais. Muitas e muitas vezes acordava durante a noite, e seus gritos, por sua vez, acordavam todo o acampamento.

Gritava à noite porque sentira o rastejar grudento de uma lagarta em seu braço ou porque vira morcegos agarrados à pele da escrava; gritava de manhãzinha porque encontrava seus sapatos infestados de formigas tanajuras; gritava à tarde ao ver uma sucuri gigantesca tomando sol à beira de uma ilhota no meio do rio que teriam de atravessar ou quando sentia a dor finíssima e intolerável da picada de marimbondos atraídos por seu cheiro de medo. Entrava em pânico quando caía uma tempestade que a encharcava e deixava tiritando de frio. O marido mandava a escrava lhe passar aguardente com sal nas picadas e que lhe preparassem suco de limão azedo bem quente contra a fraqueza.

Diogo Ambrósio a princípio tentou ser paciente, explicando-lhe que assim era a vida no sertão e que ele não deixaria que nada disso se constituísse em verdadeiro perigo para ela, mas Clara Joaquina parecia irracional em seu horror ao mato.

Diogo tentava recriar com maior esmero os pequenos hábitos que organizam o cotidiano desse tipo de vida, um costume entre os sertanistas. Como se a repetição conhecida conferisse previsibilidade ao desconhecido e criasse um pouco da monotonia necessária ao equilíbrio do passar dos dias, compensando os imprevistos da viagem. Respeitavam-se os horários para levantar a marcha ou parar, cumpria-se um pequeno ritual na hora das refeições, criavam-se as condições mínimas para um pouco de tranquilidade no sono da noite.

Ao chegarem a pousos conhecidos, fosse de fazendeiros amigos, fosse de ranchos que haviam deixado com roças plantadas para a volta, Diogo Ambrósio tentava animar a mulher organizando banquetes rústicos com o que fora plantado: mandioca nova, milho verde, feijão do dia, palmito. Mandava preparar carnes de caça, carne de macaco de várias maneiras diferentes, carne de paca, de veado, perdizes. Oferecia-lhe bananas maduras, laranjas de bom caldo, melancias que pareciam de açúcar. Sobremesas de melado com mandioca cozida derretendo na boca.

Diogo tentava fazer o que podia, porém ficava cada vez mais irritado com o que considerava a “moleza da pamonha” que tomara como esposa.

A segunda decepção de Clara Joaquina foi com o arraial onde foram morar. Um dos motivos, ou, melhor dizendo, o verdadeiro motivo que a fizera querer se casar com o tropeiro foi acreditar que ele era do Rio de Janeiro e, portanto, seu destino de mulher casada seria morar na vila famosa que enchia de ilusões a cabeça das jovens dos arraiais das minas de ouro. Mas, não, a casa que a família de Diogo Ambrósio possuía no Rio e aonde iam sobretudo para as festas religiosas fora praticamente abandonada desde as invasões dos piratas franceses que, em 1710 e 1711, tomaram e saquearam a cidade. Justamente nos dias da invasão dos piratas, a velha mãe de Diogo fora assistir ao batizado do neto de uma amiga e, aterrorizada com o ataque que presenciou e a fuga que teve de empreender com as duas filhas que a acompanhavam, fez a promessa de se vestir de preto durante todo o resto de sua vida e nunca mais voltar à casa da cidade saqueada.

O filho Diogo, por sua vez, crescido na fazenda, não era nem um pouco urbano e não gostava de cidade; a casa que planejava habitar com a nova esposa ficava na sua parte da sesmaria do pai, à distância de sete léguas do pequeníssimo arraial de São José do Matosinho. Era, além de tudo, muito mais pobre e sem os confortos da casa de Zé Garcia em Sabará; homem que vivia a maior parte do tempo em viagem, Diogo não era de se importar com confortos caseiros.

E aqui entra a terceira e mais importante decepção de Clara Joaquina: a decepção com o próprio marido, cuja imponência e elegância montado em seu cavalo soberbo existia apenas quando montava seu cavalo soberbo. Para montar a mulher, não tinha nem sombra dessa elegância e galhardia. Quando lhe ocorria alguma vontade, puxava Clara Joaquina de qualquer jeito, empurrava-a contra a parede, levantava o mínimo possível suas saias e, sem o menor interesse em ver uma brecha que fosse de seu corpo, empurrava alguma coisa dentro dela e resfolegava e resfolegava e pronto. Tudo acabava quase imediatamente, e ele, sem sequer pensar em dirigir os olhos para o lado dela, endireitava de novo as calças, puxava a camisa e saía do quarto, deixando-a lá, de saias um pouquinho só amarfanhadas, encostada na parede.

É assim?, se perguntou da primeira vez Clara Joaquina. É só isso?

Pobre Clara Joaquina!

Pobre Diogo Ambrósio!

Diogo constatou que seu casamento fora um erro desde aquela primeira e fatídica viagem quando, depois dos continuados gritos da mulher, ele percebeu que não a suportava. Pensou até em devolvê-la à família, mas pensou também nas lavras e decidiu que não. De qualquer maneira, ele tinha se casado pelas barras de ouro fino e pelos filhos que pensava ter. Era para isso que precisava de

uma esposa, e ela, apesar de sua irritante moleza, parecia saudável, pelo menos isso. Decidiu que a deixaria na casa da fazenda para lhe fazer os filhos e cuidar deles. Essa seria a vida dessa pamonha de mulher, e pronto.

Quando Clara lhe implorou que a levasse para conhecer o Rio, ele se negou terminantemente, sem sequer lhe dar explicações sobre seus motivos. De fato, mal falava com a mulher. Depois de muita insistência da parte dela, disselhe, de uma vez por todas, que não o arreliasse mais com aquilo, que não a levaria de jeito nenhum, tanto porque era mais que óbvio que ela não aguentaria a viagem, como porque, mesmo se ela aguentasse, ele é que não suportaria outra viagem ao lado dela.

E montou no seu cavalo e partiu.

Clara Joaquina se tornou, de fato, uma prisioneira, e sua vida, um pequeno inferno naquela fazenda isolada.

Diogo não lhe trazia sequer notícias da família, pensando evitar mais brigas e aporrinhações. Quando lhe contou que a mãe havia morrido, vários anos já haviam se passado. Quando lhe contou que o irmão chegara de Coimbra e estava tomando conta dos negócios do pai, se arrependeu depois pelo ódio que viu fulgurar nos olhos de Clara.

Diogo, mal chegava, partia outra vez, se fosse possível, no dia seguinte. E Clara Joaquina já não sabia ao certo quais os motivos, pois eram tantos, que a faziam se curvar pela intensidade do ódio ao escutar, no escuro das manhãzinhas, o barulho da tropa se reunindo para partir mais uma vez e a voz rude de Diogo Ambrósio, virado para o rumo que iria seguir, se elevar sobre o barulho dos relinchos, dos arreios e do latido dos cachorros, para dizer a oração de limpar os caminhos, enquanto suas mãos em concha traçavam uma cruz no ar:

“Em nome de Deus Padre, em nome de Deus Filho, em nome do Espírito Santo, ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de perlesia, ar esconjurado, ar excomungado, eu te arrenego em nome da Santíssima Trindade.”

A cada escuro da manhãzinha, Clara Joaquina desejava a morte do marido. Desejava-o mordido por cobra cascavel, cuja picada provoca a mais feia das mortes, ou esmigalhado pela sucuri gigantesca que vira um dia na ilhota, os ossos furando sua pele a partir de dentro, ou varado pelas flechas dos tapuias e deixado ao relento para morrer sangrando, seu cadáver putrefato devorado por formigas e lagartas.

A cada dia, o dia inteiro, Clara Joaquina imaginava uma maneira de sair dali. Seu único contato com o mundo eram os escravos e os homens de confiança de

Diogo Ambrósio. Havia também os poucos habitantes do pequeno arraial vizinho e os raros viajantes que passavam pela fazenda e pediam pernoite.

"Preciso pensar", ela se dizia. "Há de haver uma maneira de poder sair deste inferno. Preciso pensar em como me vingar e sair daqui."

Pensou em pedir a algum viajante que a ajudasse a fugir, mas sabia que ninguém se atreveria porque todos tinham certeza de que os homens armados da fazenda iriam atrás dela.

Pensou em pedir que levassem uma mensagem a seu pai, que nem sabia mais se estaria vivo. Para o irmão, não, isso não, preferia morrer. Mas, ao contrário da mãe, ela não sabia escrever nem ler direito, quase só assinar o nome. Quando a mãe a mandava para as aulas da mestra Catarina, onde deveria ter aprendido a bordar, coser, tocar piano e ler, escrever e contar, ela preferia ficar à janela, vendo o que acontecia nas ruas. Ou ficava desenhando. Gostava de desenhar figuras de mulheres com vestidos requintados, sapatos e joias.

Agora ainda desenhava às vezes, mas suas figuras harmoniosas iam se transformando em pequeninos monstros negros, figuras diminutas e deformadas que ela desenha sobretudo com carvão, porque Diogo Ambrósio, em suas viagens, muitas vezes se esquece de lhe trazer os lápis e folhas brancas de papel que sabe que ela aprecia, pois não vê nisso absolutamente nenhuma importância.

No pequeno porta-joias de madrepérola da família que a mãe lhe deu quando se casou — um porta-joias que ela achou muito feio, muito velho e sem graça e só não jogou fora por algum motivo inexplicável —, ela agora guarda seus preciosos tocos de lápis. Das coisas que havia dentro e que Ana lhe dissera que pertenceram à avó e à bisavó, ela só conservou as joias. O pedaço velho de fita vermelha, as flores secas, tudo isso ela mandou jogar fora e limpar.

Sem contar com o apoio dos escravos da fazenda, que eram fiéis ao patrão e não simpatizavam com ela e com seu jeito — que nunca perdeu — de mocinha superior, desprezando a tudo e a todos os que a rodeavam, só lhe restavam as cinco escravas que trouxera de Sabará, mas essas, embora lhe servissem, como era esperado, tampouco tinham por ela dedicação ou amor.

Clara Joaquina estava na mais completa solidão em que pode estar uma pessoa, a solidão seca, gélida e impenetrável de um lugar onde ninguém lhe dedica nenhum tipo de afeto.

As figuras que passa a desenhar são cada vez mais horrendas, monstros que se enrolam um no outro, trepam nas árvores, escondem-se atrás dos baús e têm, todos, a cara de Diogo Ambrósio.

É difícil saber quando exatamente a vida dos dois se tornou essa guerra invisível e muda, esse dar voltas e voltas nesse ar peçonhento cheio de miasmas mais daninhos do que os do sertão.

Para Diogo, talvez tenha de fato começado quando compreendeu que a mulher evitava os filhos, que considerava a única razão a justificar seu casamento. Descobrir isso foi mais importante que perceber as tentativas canhestras da mulher para assassiná-lo. “Então é assim, a senhora pamonha não quer ter filhos? Pois veremos.” E passou a encostá-la vezes sem conta nas paredes, nos dias em que passava na fazenda. Essa guerrinha particular com Clara Joaquina passou a ser, para ele, um substituto, talvez o único possível, para o casamento irremediavelmente errado desde o princípio. E, de certa maneira, se entretinha adivinhando o próximo passo da esposa, a armadilha que tentava lhe preparar, o andamento do próximo atentado, as surpresas.

Para Clara Joaquina, o ódio pelo marido se tornou seu único e mais precioso afazer. Preparava-lhe venenos, mas ele não tocava nas bebidas nem nas comidas que ela lhe dava; nas poucas noites que passava ali, preferia comer e dormir com os empregados no rancho. Colocava cobras venenosas e aranhas caranguejeiras entre suas roupas, afrouxava a sela de seu soberbo cavalo. Porém, sem contar com o apoio mais firme de algum dos homens de Diogo Ambrósio, nada do que ela tentava tinha sucesso.

As encostadas na parede passaram a machucá-la muito, e, como seus métodos de evitar filhos eram precários e nada científicos, essa foi mais uma batalha que perdeu. Quando ficou grávida, sentiu-se fraca demais para se decidir a fazer um aborto só com a ajuda de sua mucama de Sabará.

Depois que o primeiro filho, Alencar, nasceu, o pai deu uma trégua a Clara Joaquina, mas ela, não. Seu pensamento era obsessivo e implacável: como se vingar e sair dali.

Entre os meses de maio e agosto, acontecia grande feira em Sorocaba, região de amplos campos verdes de pastagens onde as tropas de mulas e de gado que vinham do Rio Grande do Sul, a caminho das Minas, paravam para descansar.

Para lá iam os tropeiros, como Diogo Ambrósio, comprar mais animais e contratar novos peões. Iam também se divertir, pois a vila se via tomada por todo tipo de gente — arrieiros, domadores, vendedores de quinquilharias, artistas de circo, jogadores. Era tempo de muita festa e de grandes jogatinas. Era a grande farra dos tropeiros.

Muitos negócios eram feitos, e gastavam-se fortunas nos cabarés, nos jogos,

nos circos. Era o paraíso de Diogo Ambrósio.

Naquele ano, no entanto, houve outro participante da feira de Sorocaba: a peste das bexigas. Diogo Ambrósio foi um dos muitos sorteados pela nefasta doença, e só não morreu porque era homem de organismo preparado para enfrentar ameaças. À custa das muitas sangrias dispensadas por um médico do Sul, pôde voltar para casa para um repouso prolongado como nunca tivera antes.

Não ficou na casa-grande com Clara Joaquina, mas no seu catre no rancho dos tropeiros, sob os cuidados da velha escrava que fora sua ama de leite.

Uma tarde, uma grande agitação irrompe entre os peões, um rebuliço e uma gritaria que terminam em silêncio sepulcral quando Diogo Ambrósio se levanta do catre para dar uma surra de chicote em um dos seus peões, escorraçando-o da fazenda para nunca mais.

No diz que diz que se seguiu ao incidente, Clara ficou sabendo, para seu inimaginável espanto, que tudo aquilo acontecera porque o peão fora pego olhando pela janela do quarto dela, Clara Joaquina. Pega de surpresa pelo sentimento de honra ultrajada do marido, Clara viu que achara, por fim, o ponto fraco por onde enfiar seu punhal.

“Então ele se importa! Ah, ele se importa! Então será assim!”

Mal conseguia controlar sua euforia, o borbulhar e o volume do entusiasmo que crescia e se espalhava, enchendo seu peito, subindo e querendo sair, que a fazia não se conter quieta, uma necessidade irresistível de se mexer, de esfregar as mãos, de ir e vir até a janela, abri-la, fechá-la, abrir, fechar, para que esse sentimento de euforia não a sufocasse e não transbordasse depois de ter preenchido com tanta gula o buraco oco de sua miserável existência.

“Será fácil! Ah, será fácil! Agora você vai ver!”

E seus dias adquiriram uma excitação desconhecida enquanto se dedicava à preparação da almejada vingança por fim ao alcance de sua mão.

Claro, estava fora de cogitação procurar um escravo para se encostar com ele na parede. Teria que ser um viajante ou, melhor ainda e talvez ainda mais fácil, outro peão. Se aquele que fora surrado e expulso tinha tentado alguma coisa sem que ela jamais tivesse sequer intuído nada, nem soubesse quem era, certamente não seria o único; outros deveria haver com a mesma ousadia e o mesmo desejo.

Não importa se Clara Joaquina era bonita ou não, se era vistosa ou não, se era ou não o que quer que fosse. Importa que era mulher entre tantos homens solitários. E mulher que não era escrava, nem mameluca, nem índia, nem negra, mas mulher de pele clara, clarinha, mulher de vestido rodado, sapatos finos, pois

isso, por estranho que pareça, Diogo Ambrósio nunca deixou lhe faltar: vestidos da cidade, mantas de Portugal, sapatos de Valença. Podia-se dizer quase tudo dele, menos que não vestia bem a mãe de seus filhos.

Sim, filhos, porque depois da trégua do nascimento de Alencar, Diogo Ambrósio voltara a empreender sua cruzada fálica contra os métodos contraceptivos de então e nasceu uma filha, Jacira Antônia, menina de olhos escuros, reflexivos, que a tudo olhavam precisando entender. O que Alencar tinha de fisicamente parecido com o pai, a menina tinha de parecido com a mãe, menos esses olhos pretos profundos e um triângulo escuro no começo da nuca, com o vértice virado para a esquerda.

Como Alencar, Jacira era criada pelas escravas e muito mais perto do pai, que idolatrava a filha. A mãe, se desprezava o filho pela semelhança com o pai, desprezava também Jacira por ser filha do pai. Ao contrário de Clara Joaquina e seu irmão, no entanto, Alencar e Jacira se adoravam, principalmente Alencar, que, mais velho, julgava-se protetor natural da pequena irmã.

Clara Joaquina, com o gosto da vingança já na boca, preparou-a com calma. Passou a reparar nos peões do marido, homens que lhe pareciam asquerosos, sujos, animais. Mas teria que escolher um deles e, quem sabe, se olhasse bem, se conseguisse ver debaixo do manto de lodo, lama e asperezas com o qual pareciam se cobrir como uma segunda pele, a pele curtida pelos dias e noites, sóis e luas, chuvas e miasmas do sertão pestilento. Ou conseguisse nada ver, nada sentir, não receber na cara o bafo quente que certamente viria desses antros de estupor.

Mas poderá ser pior do que é com o miserável do Diogo Ambrósio?

Dessa vez pelo menos não sentiria o gosto amargo do ódio, só a náusea do asco e a euforia de se vingar. Por isso, não havia por que demorar muito na escolha. Podia ser qualquer um, não importa. Qualquer um. Menos aqueles de confiança, aqueles mais serviçais, aqueles que ela sabia que morreriam pelo patrão.

Fora esses, qualquer um serviria. Qualquer um.

E foi um dos novos, contratado na feira de Sorocaba, que andava morrendo de tédio por ali, esperando o restabelecimento do patrão para seguir viagem.

E foi mesmo fácil. Só que não foi contra a parede, que no mato aonde foram não havia paredes e os métodos do sorocabano eram menos vexatórios do que os do patrão. Um pouco mais lento e um tantinho mais atento, embora Clara Joaquina não estivesse com o pensamento nessas diferenças, só querendo chegar

logo ao final.

O final.

Não sei se foi por estar tão eufórica com a descoberta do que poderia ferir o marido que ela se equivocou de tal maneira quanto ao final, achando que o final seria a tragédia da vergonha dele. Se simplesmente se esqueceu de pensar no final depois desse final. Ou se achou que de novo ele escorraçaria e talvez até matasse, mas só o peão, que sua honra se lavaria apenas com o sangue do homem e não com o da mulher que o desonrou.

Pobre Clara Joaquina!

Só mesmo sua inexperiência de mocinha, embora nos seus vinte e nove anos já não fosse assim tão nova, ou sua inexperiência de vida depois desses anos que passou tão isolada e solitária, poderia explicar como não viu que o final dessa história só poderia ser ela, mais do que ninguém, pagando pela desonra do marido.

Quando a faca de Diogo Ambrósio penetrou em seu peito, depois de matar o amante *ad hoc*, ela se surpreendeu, é verdade, mas, passada a desconcertante percepção do sangue encharcando seu vestido de tafetá azul, ela realmente, no fundo, no fundo, não se importou tanto assim. Sentia-se vitoriosa, como nunca se sentira antes. Conseguira o que tanto queria, e isso era de fato, de fato, tudo o que lhe importava.

E para absurdo requinte, nesse último momento de deleite, ao ver o rostinho da filha aparecer na porta do quarto com seus olhinhos interrogantes, Clara Joaquina ainda conseguiu dizer ao marido, entre as golfadas de sangue escuro, num lampejo de extrema crueldade e sem sequer pensar nem se importar se, ao dizer isso, estava virando verdugo de sua própria filha:

“Alguma vez o senhor pensou por que essa menina não se parece nada com o senhor, só comigo? Pois vou lhe dizer agora. Ela é bastarda. Ela não é sua filha.”

E morreu ali, com um sorriso de gelo nos lábios, certa de que então, sim, naquele último momento, completara sua magnífica vingança.

A primeira reação de Diogo Ambrósio foi ali mesmo acabar também de uma vez com a menininha na porta. Mas o profundo amor que sentia por ela, talvez, ou por talvez achar que muito sangue já correra por uma honra só, ou por constatar como seria covarde e estúpido tal gesto, alguma coisa fez com que abaixasse a faca e, em vez disso, esmurrasse várias vezes com ira surda a parede, a mesma pobre parede onde tinha se esforçado tanto para gerar os filhos.

Quando voltou a si, agarrou a menina com força, quase sem controle, montou

como cego em seu cavalo, colocou-a ensandecido na garupa e partiu a galope não para o arraial mais próximo, mas para outro, a boas léguas de distância e totalmente fora do seu caminho habitual.

Era o arraial onde morava o cabo Jesuíno, um pobre sujeito que lhe devia o pagamento de algumas mercadorias. Quando chegou de madrugada à porta da casinha de taipa que conhecia de outras vezes, colocou aos trancos a sonolenta menina no chão.

Ao surpreso cabo que saíra ao escutar o tropel do cavalo, ele disse, com voz seca e sem tremor, que desse dia em diante esquecesse suas dívidas e esquecesse também que fora ele, Diogo Ambrósio, quem deixara ali essa menina.

E, sem mais explicações, virou as costas e partiu, no mesmo galope enlouquecido.

Jacira Antônia (1737-1812) e Maria Bárbara (1773-1790)

O pobre e raquítico cabo Jesuíno teve seu único golpe de sorte no dia em que matou uma cobra cascavel que se abrigara no quepe do seu comandante, salvando-o de morte certa e ganhando, como recompensa, uma escrava fujona que o dono resolvera vender por qualquer coisa depois de lhe quebrar a bacia e torná-la praticamente imprestável.

Não que o fato de matar uma cobra venenosa merecesse grandes considerações naquela época. Aos olhos de todos, o cabo não fizera mais que sua obrigação, e o fato de matar uma cascavel, fato bem corriqueiro, aliás, pois cobra era o que mais aparecia naquela vila, puro mato perdido no fim do mundo, nem seria digno de ficar na lembrança não fosse ter o comandante sonhado, na noite anterior, precisamente com uma cascavel que lhe entrava pelo orifício de um ouvido e, antes de sair pelo outro, dava um bote em cada um dos aterrorizados miolos do seu cérebro inchado que nem uma bola. Ao despertar do pesadelo agoniado e com a cabeça latejando de dor, o comandante acordou a mulher, sabida em adivinhações e mandingas, que não pestanejou em lhe receitar duas coisas para serem feitas logo de manhãzinha: a primeira, passar na cabeça uma mistura especial que ela começaria a preparar naquele mesmo momento com os ingredientes de sua farmacopeia particular, e a segunda, procurar um jeito de fazer duas boas ações de uma só vez, em nome de São Bento, o santo duplo, o da entrada e da saída. Não valia se fosse uma boa ação de cada vez. Tinham de ser duas ao mesmo tempo.

No final dessa manhã, na pequena sede do posto de fronteira em torno do qual crescia o pequeno arraial, o comandante, desesperado pela dor que lhe torturava o cérebro e pela incapacidade de atinar com uma maneira de cumprir sua dupla obrigação, resolveu sair para dar uma refrescada, e foi quando tudo aconteceu num átimo de segundo: o comandante dirigir a mão para o quepe, a cascavel armar o bote, o pobre cabo, que geralmente olhava para as coisas sem ver, por um milagre naquele instante olhar e ver e, mais ainda, ter na mão uma garrucha e atirar, e não só atirar como acertar na cabeça da cobra. Fato realmente inexplicável, verdadeiro milagre. A mão do comandante ficou suspensa no ar, paralisada no meio gesto.

Foi nesse momento também que o dono da escrava fujona e já entrevada entrou, oferecendo-a por uma ninharia a quem quisesse lhe fazer a boa ação de

ficar com essa imprestável ou ele ainda acabava matando-a de pancada, que era isso que ela bem merecia.

O comandante viu nisso tudo o claro sinal do além para no ato fazer sua dupla boa ação, uma em favor do cabo, que lhe salvara tão espetacularmente a vida, a outra em favor do dono da escrava, a quem tirava um fardo das mãos e, de quebra, garantia sua boa vontade quando algum dia dela precisasse. Assim, comprou por uma ninharia a negra e entregou-a como presente ao cabo.

Depois, dando-se por muito satisfeito e bem cumprido seu dia, dirigiu-se de volta a casa para afinal descansar, agora que sua cabeça começava a desinchar, deixando o surpreso cabo como proprietário de uma negra que mal podia andar.

Sem alternativa à vista, o novo proprietário de escravos levou a mulher estropiada para seu rancho, e lá, andando com uma muleta que ele lhe fez com um pedaço de pau de mangueira, ela viveu o suficiente para ter com ele cinco filhos e ser a mãe adotiva de Jacira Antônia.

Desde que chegara na garupa do cavalo do pai em seu galope perturbado daquela manhã que se perdeu no tempo, Jacira sempre foi uma menina grave e de sorriso raro. O mundo, a seu modo de ver, deveria ser olhado com seriedade e mesmo desconfiança, e era isso que faziam seus grandes olhos escuros.

Na soleira da porta do quarto dos pais, naquele dia já sem memória, ela não chegara a ver o sangue no corpo da mãe esfaqueada. De seu ângulo de visão da porta, viu apenas as costas do pai. Mas sem dúvida percebeu que algo de muito errado acontecia ali e, quando o pai a puxou com força do chão e a colocou na garupa do seu cavalo, o pai que sempre a olhara com afeição e a tratara com gentileza, ela sentiu que esse algo de errado que acontecia, acontecia também com ela.

Nunca soube o que foi nem o que pensar do que vira. No entanto, a confiança que a menininha de três anos depositava no pai fez com que, mesmo sem entender e sem querer, ela aceitasse de certa forma sua nova vida. A princípio, tinha certeza de que o pai chegaria a qualquer momento e a puxaria com força para colocá-la na garupa do cavalo outra vez e sair a galope. Com o tempo, foi se esquecendo dessa esperança de maneira consciente, mas, no fundo de sua alma e até o dia de sua morte, ela ainda continuaria lá, a pequenina chama onde ardia a mesma e insuportável vontade de ouvir a qualquer momento o som do galope de um cavalo e o pai chegando para puxá-la com força e levá-la de novo para casa.

Aos catorze anos, Jacira era franzina e sem grandes atrativos, mas quando o capitão Dagoberto fez do povoado seu último posto antes de sair em bandeira para o interior, em busca de terras que lhe dessem riqueza e importância, foi a filha adotiva do cabo que ele pensou em levar para constituir família. É verdade que o capitão não tinha muitas opções, mas também é verdade que poderia ter ido só. Mais uma vez, no entanto, não vamos romantizar um simples cálculo feito por um homem prático. O que ele viu em Jacira — e estava muito certo em ver — foi uma força interior, uma energia que certamente não era fácil de encontrar nas moças do lugar. A mocinha miúda tinha um passo decidido, um olhar reflexivo nos grandes olhos escuros, sinal certo de inteligência e tirocínio, e sempre era vista em alguma atividade: varrendo a casa e o quintal, buscando água no rio, atiçando as brasas do fogão, lavando a roupa no rego, cuidando das galinhas e da porca, debulhando o milho, preparando a comida, que era comida de pobre mas substanciosa, graças justamente às iniciativas da menina, que substituía a mãe entrevada em praticamente tudo. Dagoberto intuiu que ela seria uma boa aquisição para seus propósitos e foi comunicar sua decisão ao cabo, que, evidentemente, teve a esperada reação positiva e só pôde dizer: “Fico muito honrado, meu capitão”.

Quanto a Jacira, casar com o capitão ou com qualquer outro lhe dava no mesmo, pois certamente essas coisas naquela época e lugar continuavam sendo aceitas, como acontecera com sua mãe e suas avós, como se aceita um dia de chuva ou de sol, a chegada da noite e do dia. Mas sair em bandeira, isso sim, era uma novidade inesperada que a deixou levemente alvoroçada, um sentimento diferente de tudo o que já sentira antes, uma sofreguidão interior que não conseguia definir e pela primeira vez, depois de um longo tempo, deixou seu corpo sem descanso à noite, seus olhos abertos na escuridão do seu canto no casebre. Não era uma sensação ruim, pelo contrário. Era bom sentir aquele suave roçar da curiosidade, a agitação desconhecida formando um sorrisinho que ela julgava tolo mas que teimava em assomar a seus lábios, a expectativa abrindo pequeninas asas de pássaro dentro do seu peito.

O capitão Dagoberto

Dagoberto da Mata vinha de muito longe, da capitania do Ceará, onde seu pai chegara seguindo o São Francisco e se tornara rico fazendeiro de gado. Quinto filho de uma família numerosa, ele resolveu fazer sua própria vida e foi para o Rio de Janeiro, onde pensava em se alistar a serviço do rei e sair para desbravar o sertão. Sua paixão pelo jogo, no entanto, fez com que desistisse da carreira militar, dela ficando apenas com o apelido de capitão.

Era homem justo, esclarecido, homem de fidalguia, com admirável capacidade de ler nas feições as características e as emoções das pessoas, capacidade que evidentemente estava na raiz de seu formidável talento para o jogo e foi também o que o fez, naquele arraial, escolher Jacira como esposa.

O jogo, apesar de ser uma paixão, não era a única nem a mais forte: o rapaz do Ceará sempre teve a ambição de conquistar novas terras. O desbravamento e a conquista do sertão desconhecido eram o canto de sua sereia. A princípio pensara em fazer essa conquista em nome do rei, mas, no movimento e nas conversas ao longo dos meses que durou sua viagem do Ceará ao Rio, convenceu-se de que poderia fazer tudo o que queria em seu próprio nome.

O jogo no Rio de Janeiro serviu para multiplicar o dinheiro que o pai lhe dera como adiantamento da herança e formar o capital necessário para comprar escravos, animais, armas e mantimentos. Os preparativos demoraram quase um ano e só se completaram realmente no povoado onde estava tomando as últimas providências, conheceu Jacira e pediu sua mão ao cabo Jesuíno.

O capitão Dagoberto da Mata completava a idade de vinte e cinco anos justamente no dia em que partiu para realizar seu desejo de entrar e fincar pé no sertão.

Naquele dia, no friozinho da madrugada de neblina baixa, Jacira partiu com o capitão seu marido, cada um em seu cavalo, acompanhados por vinte mulas carregadas de mantimentos, apetrechos e munição, quatro feitores mulatos e trinta peças escravas (vinte e cinco homens, cinco mulheres, todos negros). Iam armados, com boa munição e muita disposição rumo à capitania de Goiás, lugar ainda pouco desbravado, onde se dizia haver muito ouro e muita terra boa.

Depois de mais de oito meses de viagem, chegaram a um descampado nas

proximidades de um rio de águas cor de chumbo, árvores copadas, terra fértil de húmus. Estavam no alto sertão da capitania; um jatobá imponente levantava seus galhos para o alto, em sua resistente vontade de se unir ao brilho do céu azul sem nuvens.

Estavam acampados ali já há alguns dias, quando o capitão lhe disse que seria esse o lugar onde levantariam a casa e a plantação. Poderia ou não haver ouro perto, mas a terra era boa para plantar, e esse era seu objetivo mais concreto. Os índios estavam a considerável distância e não pareciam ser uma ameaça, não eram violentos. Ficariam ali. Amanhã começariam a limpar o terreno para a casa e a lavoura.

Jacira ouviu a notícia com tranquilidade. Também gostara do lugar. O rio de cor escura abria um braço mais adiante, entrando por um remanso que lhe pareceu de muita serventia. A terra era boa, a lavoura ia crescer bem. Ela plantaria arroz, feijão, mandioca e milho. Muito milho. Dagoberto ouvira o conselho dos paulistas que encontrara em seu caminho para levar sobretudo milho, cujos grãos eram mais fáceis de carregar em viagens longas do que os ramos da mandioca. Criariam gado. Sabia que o capitão planejava uma lavoura de cana. Do braço do rio, puxariam o rego. Construiriam um monjolo. Ali ela teria seus filhos, sua primeira barriga já dava para notar. Sim. Essa seria sua terra, sua casa. Ela se sentia bem.

O tempo passou rápido, e em quatro anos a casa reforçada de cinco cômodos e piso de terra batida era o centro de uma pequena fazenda. O canavial rendia. O ouro que os escravos achavam no leito dos rios da região — não era muito, mas também não era pouco — era secado no couro de bois e depois guardado em saquinhos também de couro que Jacira costurava e o capitão colocava em lugar onde só ele e ela sabiam.

Jacira se tornou a mão direita do marido. Ele a respeitava e a tratava com toda a consideração, admirando seu jeito incansável e sua autoridade exercida com calma, mas sem vacilações. Nas noites frias do sertão, sentavam-se os dois ao redor das brasas que queimavam no tacho de cobre onde, sem pressa, o capitão ia jogando sabugos de milho que pouco a pouco se transformavam em brasas vivas, consumidos pelo vermelho feroz e corrosivo da combustão. Era quando o capitão lhe dizia em frases vagarosas e meditadas seus planos e suas intenções, esperando a opinião que, sem ter plena consciência disso, foi se tornando imprescindível para ele. Olhando fixo as brasas, onde parecia ver mais e além do vermelho incandescente, Jacira tomava o tempo necessário para refletir. Só

emitia alguma opinião quando achava que tinha algo importante a dizer, caso contrário, apenas assentia: “Está bem pensado, meu capitão”.

Quando os índios, até então pacíficos, começaram a adotar atitudes cada vez mais hostis, o caso não foi considerado grave por nenhum dos dois. Desde o começo da vida ali, o gentio tinha sido um dado constante, às vezes olhando-os de longe por dias a fio, às vezes desaparecendo durante vários meses, às vezes chegando um ou dois mais perto para pegar uma roupa do varal, um apetrecho do paiol ou algo assim, por curiosidade ou por graça, Jacira imaginava, pois sempre faziam isso às abertas, buliçosos, chamando a atenção.

Dos fazendeiros que como eles se estabeleceram na região um pouco antes, um pouco depois ou na mesma época, quase todos tratavam os índios com violência, tentando expulsá-los para longe do que consideravam agora posses suas. O capitão era um dos poucos que dera ordens para que seus escravos e empregados nada fizessem. Não por especial virtude, pois, tanto quanto os outros, também achava que índio e bicho eram primos-irmãos, mas por uma questão de estilo; o capitão era homem mais afeito ao domínio pela força do caráter do que pela violência e desmandos. Quanto a Jacira, também lhe parecia natural a ideia de que o índio estava mais perto de um bicho do que deles. Essa geração de brasileiros, nem bem dois séculos tinham se passado e já havia por completo se esquecido de quem descendia. Além de não reconhecidos como parentes, os índios eram temidos e, pior, desprezados. Se dissessem a Jacira que tinha sangue índio correndo em suas veias, se lhe falassem de Inaiá, Teberetê e Sahy, seu espanto não caberia nos profundos olhos negros.

O que todos pensavam na época é que o mundo era assim: o branco no mando, o escravo no trabalho, o índio e o bicho no mato. Jacira jamais cogitou em dedicar a essas questões seus pensamentos ao redor das brasas ardentes no friozinho da noite. Não era tema que merecesse reflexão. Mas, assim como não se maltratavam os bichos, também achava que não se devia tratar mal o gentio. Além disso, muito se falava sobre o espírito vingativo deles, e isso, sim, às vezes era tema das conversas ao redor das brasas do tacho de cobre: casos de vingança, crueldade, selvageria, a alertar sobre a insensatez de se mexer com eles.

O perigo começava a se fazer notar aos poucos. Primeiro, até parecia molecagem, artes de meninos sem respeito. No meio da noite, despertavam com

o relinchar agoniado dos cavalos ou o grunhido aterrorizado dos porcos amarrados pela cauda de dois em dois e afugentados. Ou era o pilão que amanhecia cheio de esterco, o rego d’água seco, com seu curso desviado mais em cima, o monjolo parado, os animais pequenos desaparecidos.

Logo vieram contar ao capitão Dagoberto que a fazenda do seu Jahudehir fora invadida, a umas quinze léguas dali. As cabeças dele, da esposa, de dois capatazes e cinco negros escravos foram espetadas nos tocos e nas cercas das roças. Jacira escutou a notícia à noite, calada, quando o marido chegou em casa.

Jahudehir nunca tinha sido de boa convivência. Era bem conhecida a violência com que tratava os índios, queimando suas aldeias e plantações no afã de escorraçá-los para algum fim de mundo. As tribos da região, que não eram violentas, viam-se obrigadas a revidar os ataques de Jahudehir e seus homens, mas coisa assim de invadir a fazenda e matar a família nunca tinha acontecido antes. Também, a última notícia que haviam lhe contado do ganancioso vizinho é que ele mandara jogar estricnina no poço onde os índios pegavam água para beber.

O capitão Dagoberto avisou que, de madrugadinha, partiria com cinco homens para se informar melhor com os outros vizinhos e conseguir mais munição. Que Jacira tomasse cuidado e mantivesse os escravos próximos à casa. Que ninguém se afastasse muito e andassem sempre aos pares, de armas na mão, mesmo se fossem apenas buscar água no poço ou no rego.

Ele voltaria o mais rápido que pudesse.

O dia amanheceu em um silêncio tenso e carregado de ameaças. Podia-se sentir uma densidade nova no ar, a massa quente se condensando em volta de um núcleo de perigo e maldade que pairava quieto e pesado sobre eles. Os animais, numa quietude também fora do comum, postavam-se rígidos, os sentidos afiados em alerta.

Jacira mandou um grupo de escravos reforçar portas e janelas com trancas de madeira. Outro grupo, que cuidasse para os animais não se dispersarem. E um terceiro, que procurasse todo tipo de pau e pedra e o que mais fosse que pudesse ter alguma serventia como arma e trouxesse tudo para a casa. E as negras, que continuassem os afazeres domésticos na cozinha.

Foi no começo da tarde que o grupo que cuidava dos animais veio em pânico dar o alarme. Tinham visto índios com flechas se movendo perto do bambuzal. Jacira ordenou que imediatamente tocassem o sino convocando todos para dentro da casa. Em poucos minutos, escravos chegaram correndo dos quatro

cantos do quintal e flechas começaram a atingir a varanda da casa, como se fizessem parte da coreografia da correria. Portas e janelas foram rapidamente trancadas, e dos dois buracos para garrucha na porta da frente e dos fundos Jacira ordenou que atirassem, mas que mirassem bem, pois a munição era pouca e não podia ser desperdiçada.

De uma coisa ela estava certa: os índios não eram superiores em número. Sabia que nas aldeias da região havia mais mulheres e crianças do que homens. E, com certeza, as mulheres não estariam nessa linha de combate. Ali, fechada dentro da casa, Jacira não podia calcular ao certo, mas, pelos gritos e pelo relance da vista ao ver o grupo de ataque se aproximar quando fechavam a última janela, podia garantir que não seriam mais de duas dúzias. Já do seu lado, eram vinte escravos homens e cinco mulheres, pois para a defesa podia contar também com elas. Mandaria uma delas ficar com as crianças no quarto grande do meio, sem janelas, e as outras ficariam ali para ajudar no que desse. O capitão não demoraria, e o que ela precisava fazer era resistir até sua chegada com mais homens e mais armas.

Os gritos estridentes dos selvagens, os golpes dos tacapes forcejando portas e janelas, o pânico e o desespero nos olhos dos escravos só eram interrompidos pelos tiros da garrucha que na verdade não estavam sendo de muita serventia, a não ser para assustar. O grupo dos atacantes já estava muito encostado nas paredes, fora do alcance da linha de fogo, a não ser quando passavam diretamente debaixo do buraco das portas por onde saíam as balas.

A calma de Jacira era admirável, embora ela soubesse bem que não aguentariam muito tempo assim. Foi quando seus olhos passaram pelo fogão e uma ideia simples lhe ocorreu ao ver o grande tacho de cobre, esquecido sobre a trempe.

“Aticem o fogo do sabão”, ordenou rápido a duas de suas negras mais expeditas, e em poucos minutos o fogo crepitou, fazendo as bolhas do sabão começar a espocar no tacho, qual boca incandescente de um pequenino vulcão em erupção.

“Agora, vamos”, disse, “encham as conchas com cuidado e joguem nos índios pelas frestas das portas e das janelas. E vocês dois”, continuou, “prestem muita atenção e, quando sentirem que eles estão bem perto, abram rápido a portinhola enquanto vocês duas, uma de cada lado, jogam duas frigideiradas cheias direto na cara deles.”

Imediatamente, às colheradas e com as frigideiras, as negras passaram a despejar a gosma fervente nos índios que se aproximavam do vão das portas e das janelas, seguindo a ordem de Jacira. “Mirem nos olhos ou nas mãos. Não desperdicem a lava quente em outras partes do corpo.”

Os uivos de dor e surpresa que começaram a ouvir do lado de fora encheram a casa de entusiasmo. Logo todos perceberam que essa tática fora dos cânones de qualquer guerra conseguiria impedir a invasão da casa até a chegada do capitão com armas e munição.

E então, com sua calma extraordinária e um sorrisinho de triunfo nos lábios, Jacira se sentou em sua cadeira no meio da sala e ficou apreciando o estranho mas vitorioso combate.

Depois desse dia em que descobriu seu poder e se sentiu tão bem, algo em Jacira mudou. Sutil, muito interior, algo que nem mesmo o capitão Dagoberto, com sua astúcia de ledor de fisionomias, percebeu de imediato. Algo que poderia ser traduzido como uma paixão quase natural pelo poder e a certeza de que, para chegar a ele, acharia o caminho certo, fosse pela astúcia, fosse pela força.

Com o dinamismo de Dagoberto e Jacira, as atividades econômicas da fazenda prosperaram muito e rápido. O número de escravos e de vaqueiros, que trabalhavam por pagamento em dinheiro, produtos ou bezerros, também foi aumentando, e o dia a dia era uma azáfama grande. A criação de gado se espalhou pelo sertão adentro, as plantações de milho, cana e algodão foram se ampliando, porque a terra era muita e vastíssima e o capitão Dagoberto ia espalhando sua propriedade pela amplidão desabitada. Em suas idas ao Rio de Janeiro, tinha conseguido aumentar duas vezes a sesmaria que pedira inicialmente à Coroa. E, dos índios, já quase não se ouvia falar.

Jacira supervisionava a fabricação da farinha e do polvilho de inigualável alvura, a confecção de marmelada e de goiabada feitas com muita fruta, muito açúcar e muito tempo no fogo, nos grandes tachos de cobre como carvão por fora e como ouro brilhando por dentro, que as escravas mexiam sem parar. Ao pé dos enormes fogões de barro em galpões cobertos no quintal da casa, as negras mexiam com vigor a mistura até que começasse a engrossar aos poucos e a espocar bem lentamente em borbulhas grossas e ruidosas, *ploft, ploft*. Acondicionadas ainda quentes em pequenas caixas de madeira, logo seguiriam para atender às encomendas do Rio de Janeiro e da Bahia. Eram doces famosos, os doces da Fazenda do Jatobá.

Jacira também mandara construir um coberto para os teares e aumentou a plantação de algodão, colocando escravos para fiar o algodão e tecer as roupas brancas de todos da fazenda.

Quando o depósito das mercadorias estava cheio, Dagoberto mandava o capataz comandar a tropa de mulas em direção ao comércio do Rio de Janeiro.

Com o tempo, foram também ampliando e arrumando a antiga casa de taipa e chão batido cujos móveis eram apenas as redes, caixas e baús que trouxeram com eles na viagem, uma mesa comprida e dois compridos bancos de madeira que fizeram logo que chegaram.

Dagoberto trouxe um oleiro e um carpinteiro da Vila Boa de Goiás, a capital, e levantou uma casa-grande de tijolos e telhas, casa de muitos cômodos e uma grande varanda, com pé-direito de mais de quatro metros para garantir o frescor do ar. O chão já não era de terra batida, mas de madeira, largas tábuas corridas. Depois, mandou buscar no Rio de Janeiro dois catres torneados à cabeceira, cortinas rendadas para a sala e uma cortina de tafetá azul, guarnecida com franjas de retrós vermelho e amarelo, para o quarto. Mandou buscar também utensílios de prata para os dias especiais.

O capitão Dagoberto era homem de gostos refinados e ideias avançadas.

No baú com as coisas que vieram com eles, havia dois jogos de baralho, um tabuleiro de gamão e um copo de prata com seu monograma, um D e um M entrelaçados. Em sua primeira viagem ao Rio, Dagoberto trouxe para Jacira uma caixa de rapé de prata trabalhada e dois copos de prata com um novo monograma que mandara fazer para os dois, com um J entre o D e o M, monograma que a partir daí mandaria imprimir nos baús de couro e em tudo o que se referisse à fazenda. Em outras viagens, trouxe um cordão de ouro de um metro e meio, um camafeu de marfim, uma bacia de prata e uma mantilha de seda azul da qual ela jamais se separou e com a qual foi enterrada.

Jacira, desde o começo, aprendeu muito com o esposo.

Dagoberto ensinou-lhe três prazeres: o da cama, o do rapé e o do lava-pés. Todos para ela uma surpresa. Ensinou-lhe também muitas coisas úteis. Os conhecimentos de Dagoberto, suas ideias, seus empreendimentos e desejos, tudo isso ele transmitia a Jacira através de sua própria maneira de ser no cotidiano da fazenda e das conversas tranquilas ao redor do tacho de cobre, um costume que mantiveram também na casa nova. Ao anoitecer, uma escrava já trazia o grande tacho e o cesto de sabugos de milho, que colocava ao lado da cadeira de espaldar longo de Dagoberto na varanda alta, construída sobre o porão. Era ali que eles se sentavam, admirando o sol se pôr na amplidão das suas terras e tecendo planos e sonhos. Jacira, discretamente, admirava a alvura dos pés de Dagoberto mergulhados na água transparente.

Também ensinou Jacira a ler e escrever. Não foi de fato um ensinamento intencional, esse. Não ocorrera a Dagoberto que essa habilidade poderia ser útil à

mulher, mas sim aos filhos, a quem fizera questão de ensinar. Jacira procurava estar presente a essas lições e aprendeu facilmente vendo os filhos aprenderem. Quando descobriu que a mulher já sabia ler, Dagoberto balançou a cabeça, com admiração: “Sim, senhora!”, e passou a encomendar ao capataz que lhes trouxesse livros das viagens ao Rio.

Nem Dagoberto nem Jacira tiveram educação religiosa. Sentiam-se católicos, porém, e com o tempo a religiosidade dos dois foi aumentando. De modo difuso mas eficaz, a sociedade respirava o catolicismo; padres viajantes sempre passavam pela fazenda e faziam suas pregações, e muitos escravos e empregados eram batizados. Aos poucos, com as visitas mais amiúde do padre da vila mais próxima, que às vezes se prolongavam por vários dias, eles acabaram construindo o “quarto dos santos”, onde colocaram algumas imagens, entre elas duas pequeninas santas de pedra-sabão verde-azulada, cabelos esbranquiçados e soltos em ondas até os pés. Sem razão aparente, Jacira sentira uma desconhecida emoção ao ver as santas que um tropeiro que passara pela fazenda estava vendendo e imediatamente as comprou. Desde então as considerava as peças mais bonitas de seu pequeno altar, essas santas quase miniaturas que o tropeiro lhe contara que foram feitas por um velho já falecido, de uma cidadezinha que o povo chamava de Pouso da Capela. Aos pés das duas santas, ela deixava o ramo de palha benta do Domingo de Ramos que o padre sempre lhes trazia, para proteção contra raios, coriscos e tempestades.

Foi um casamento feliz, aquele. Muito contido, como deveria ser na época, mas cheio de mútuas atenções, de pequenos cuidados e do prazer tranquilo de estar um ao lado do outro. Tiveram nove filhos, dos quais apenas cinco sobreviveram: quatro homens e uma mulher.

A filha que sobreviveu chamava-se Maria Bárbara e nasceu quando a mãe tinha trinta e seis anos. Mas será que podemos chamar de sobrevivente quem não chega sequer aos dezoito anos?

Maria Bárbara era mocinha delicada, quase franzina como Jacira, mas de temperamento doce e vivaz. As escravas que ajudaram a criá-la chamavam-na de Passarinha, pela voz e pela constante alegria. Sua história, no entanto, é bem triste, embora talvez até um pouco banal para a época e as circunstâncias.

Em sua adolescência, ela se apaixonou por Jacinto, o capataz do capitão Dagoberto. Na verdade, era o capataz de dona Jacira, pois quando tudo aconteceu já haviam passado doze anos desde a morte do esposo, embora Jacira fizesse questão — como fez durante toda a vida — de se referir a ele em tudo,

como se o capitão ainda vivesse.

Sim, o capitão deixara Jacira viúva com a idade de trinta e seis anos e um vazio que não havia o que preenchesse, até a madrugadinha fria em que, depois de mais uma noite infinita que passara abrindo repetidas vezes a janela do quarto e olhando durante horas, hipnotizada, o fundo da escuridão, ela tomou a decisão de dedicar o resto de sua vida a fazer do nome do marido o mais importante da região. Desde a manhã em que Dagoberto, de repente, caíra morto praticamente a seus pés, quando faziam a ronda do canavial quatro semanas antes, ela não saíra do quarto. Até aquela manhã de sua decisão, quando, para surpresa de todos, abriu a porta de madeira e saiu outra vez com a serenidade de sempre, os cabelos presos em um coque e a cor preta de viúva que jamais deixaria de usar.

Naquela manhã, ela reuniu todos os homens e mulheres da fazenda, agregados, empregados e escravos, agrupou-os no grande pátio e, do alto da varanda, como lhes falava Dagoberto, ela disse: “Todos vocês sabem que o capitão morreu, e isso é uma verdade que eu daria a minha vida para negar, mas não posso. Mas aqui nesta fazenda, que é dele e que ele criou, ele não morreu e não morrerá, não enquanto eu viver. Tudo continuará a ser feito exatamente do jeito como ele queria e mandava fazer. Ninguém há de mudar nada, uma palha sequer. E vocês todos continuam a ser da fazenda do capitão Dagoberto, os homens e as mulheres do capitão Dagoberto. Até eu morrer”.

E assim foi feito. A fazenda continuou a ser do capitão Dagoberto, o gado continuou a ser o gado do capitão, o engenho, o algodoal, do capitão, as mercadorias e os homens continuaram a ser do capitão, a cabeceira da comprida mesa, que nunca ela deixou ser ocupada por ninguém, era o lugar do capitão, a cadeira na varanda ao lado do tacho, o lado esquerdo de sua cama de casal, eram todos lugares vazios que jamais ninguém preencheria e seriam para sempre dele, do seu capitão Dagoberto.

Jacira cuidava para que tudo saísse como deveria. Repetia gestos e atitudes do esposo; mais do que repetia, na verdade, adotara-os como seus. De madrugada, já partia, como antes partia o capitão, a fazer a ronda da fazenda e suas inúmeras tarefas. Fazia tudo como o vira fazer tantas vezes e aprendera. Usava o mesmo chapéu do marido, que com artifício especial conseguira fazer com que se firmasse bem em sua cabeça menor, e lá ia ela, em seu traje preto de viúva, feito com pouco pano para não atrapalhar a montaria, o dia todo cercada pelos homens do capitão.

Vocês estão surpreendidos por uma mulher assumir poder e mando naquela época? Pois não deveriam. Em qualquer época da história, em todo lugar, sempre houve mulheres de tanto poder quanto os homens. Sempre existiram, e não foram poucas. E a essas alturas já deu para perceber que as mulheres que

povoaram esta terra nos primeiros dois e três séculos, que foram para as lonjuras do sertão, viver no mato no país que começava, não poderiam ser fracas e submissas como muitos gostariam de pintá-las. Tinham de se virar, do contrário não sobreviveriam nas condições inóspitas em que viveram, muitas vezes passando longos meses sem o marido em casa, tendo que se defender de muita coisa e criar suas próprias condições de sobrevivência. Claro, sempre houve todo tipo de homens e mulheres, fracos e fortes, espertos e tolos, inteligentes e limítrofes, bons e maus, poderosos e impotentes. Mas de uma coisa vocês podem estar certos: as mulheres que viviam no vasto, terrível e belo sertão dos primeiros séculos do país podiam ser tudo, mas não eram nem bobas nem frágeis.

Era Jacira quem ia agora, com seu grupo de capatazes, esperar os visitantes nas imediações da propriedade para guiá-los até a casa da fazenda, como mandavam as regras de cortesia da hospitalidade que Dagoberto sempre fizera questão de oferecer. Se eram visitas importantes, a refeição que lhes servia, como servia o capitão, podia ser adequadamente comparada a verdadeiros banquetes. Na partida dos visitantes, era ela outra vez quem comandava a escolta dos viajantes, acompanhando-os até a saída de suas terras. Quando eram vizinhos que vinham de visita, ela os recebia, como antes os recebia Dagoberto, cheirando rapé sentada na rede da varanda, de onde presidia as cortesias que o marido costumava dispensar e dava sua opinião sobre o assunto em pauta.

Suas atividades se multiplicaram. Em alguns anos, tornou-se a mais poderosa fazendeira da região, e o que não conseguia no convencimento conseguia na astúcia ou na força, seu lema secreto, o lema que fazia assomar a seu rosto o sorrisinho de vitória quando, ao anoitecer, se sentava em sua cadeira na varanda, os pés mergulhados na água quente que a escrava vinha constantemente renovar para o lava-pés. Ali, ao lado da cadeira vazia do seu falecido mas eternamente presente capitão, ela ia jogando os sabugos de milho para queimar no tacho de cobre e lhe contando sem palavras o que havia conseguido em seu nome.

Os modos e a imponência de dona Jacira e a riqueza da fazenda do capitão Dagoberto eram conhecidos e comentados a léguas de distância. Até na capital, a Vila Boa de Goiás.

Todos sabiam da absoluta fidelidade exigida dos seus homens, mas também

sabiam que ela não hesitava em fazer sua parte, sempre que preciso. Virou quase lenda o que aconteceu com um de seus vaqueiros, Manuel Damasceno, que matou um homem por briga de jogo no arraial e foi preso imediatamente pelo comandante da guarda. O arraial de São Francisco, o mais próximo de suas terras, era pequeno mas já tinha sua igreja e sua cadeia. Tão logo soube do acontecido, Jacira saiu a galope, seguida por toda a sua tropa.

Entraram no arraial levantando poeira e provocando o barulho do ajuntamento de cavalos, esporas, chicotes, cachorros e homens. Em um segundo encheram o pequeno descampado que servia de praça para o povoado, e Jacira mandou um de seus homens apear do cavalo para chamar o comandante à porta da casa da cadeia. Homem direito, o comandante era calmo e de boa paz.

"Boa tarde, senhor comandante", disse Jacira.

"Boa tarde, senhora dona Jacira", ele respondeu.

"Fiquei sabendo, comandante, que sem querer o senhor prendeu um homem do capitão Dagoberto."

"Ficou sabendo certo, dona Jacira, mas não foi sem querer, não. Foi querendo mesmo."

"Ah, pois foi, comandante? E posso saber suas razões?"

"Manuel Damasceno matou um homem por questões de jogo, dona Jacira, e isso eu não posso permitir neste arraial."

"Se ele matou, o homem já está morto, comandante, não é prendendo um homem que o senhor fará o outro viver de novo."

"Farei não, dona Jacira. Mas farei justiça."

"Justiça é só Deus quem faz, comandante. E para meus homens e minhas coisas, eu e meu esposo. Mas, para encurtar nossa conversa, o senhor deve saber que vim buscar Manuel, que ele é homem do capitão Dagoberto e está fazendo falta."

"Posso permitir isso não, dona Jacira. E a senhora me perdoe, mas com esse povo todo que encheu o arraial, que falta pode estar fazendo um homem?"

"Falta grande, comandante. E todo esse povo veio comigo só para levá-lo de volta."

"Só se for me matando primeiro, dona Jacira."

"Mas, homem de Deus, por que essa teima?"

"Não é teima, não, dona Jacira. É autoridade. Estou aqui para prender quem perturba a ordem e mandar para ser julgado na capital. É isso que eu estou fazendo."

"Estou vendo, comandante, que o senhor é homem de autoridade. Só que a autoridade maior nesta região é a do capitão Dagoberto, é capaz que o senhor não esteja sabendo."

“Sei mesmo não, dona Jacira.”
“Então não seja por isso, comandante, que se é isso que está fazendo falta, o senhor logo ficará sabendo. Carece só aguardar.”
Com elegância, Jacira deu meia-volta em seu cavalo e a ordem de retirada a seus homens, mas o comandante soube que ali estava selado seu destino. Perturbado, pensava no que lhe competia fazer. Desde o começo do diálogo com dona Jacira, ele viu que se metera numa situação sem saída. Ficou ali, parado, os pensamentos se esvaindo e deixando um branco no lugar. Por um momento, teve a sensação de que também ele havia saído de seu corpo e olhava de longe, do alto do telhado, sua figura solitária parada na porta da cadeia vendo a viúva e seu povo partirem em seus cavalos e levantarem tamanha poeira que parecia redemoinho tomando conta do arraial.
O comandante não era casado e não tinha filhos. Chegara ali havia pouco mais de dois anos, enviado pelo comando da guarda da província para tomar conta da região com cinco soldados. Imagine: cinco soldados contra a jagunçada do capitão! Em que boa encrenca ele se metera! Um suor frio começou a lhe descer pelo rosto enquanto a adrenalina do diálogo com a viúva do capitão se esvaía.
Quando os pensamentos lhe voltaram aos poucos à cabeça, ele se convenceu de que não tinha outra opção a não ser soltar Manuel Damasceno. Decisão tomada, ele foi lá, destrancou a porta e resmungou: “Vá embora de uma vez, desgraçado, e nunca mais apareça por aqui, é o aviso que lhe dou”.
Mais tarde, nesse dia, foi com surpresa nenhuma que Jacira viu Manuel Damasceno chegar à fazenda, se ajoelhar a seus pés e beijar sua mão, agradecendo e pedindo a todos os santos por ela. Mas Jacira não se contentou com isso.
Na noite desse mesmo dia, um grupo de dez jagunços, cada um levando na garupa do cavalo um grande feixe de bagaço seco de cana, entrou no arraial, dessa vez sem levantar nenhuma poeira nem fazer ruído de ajuntamento nem mesmo ruído de um homem só, que para isso eles eram treinados, capazes de se confundir com a aragem fresca da noite para a armação das emboscadas. Cercaram a cadeia com os feixes de cana, arrombaram a porta para ver se havia algum preso; não havia nenhum, e, como não havia preso, até o soldado encarregado da vigia noturna fora dormir em casa. Sorte dele! Os homens do capitão jogaram feixes dentro das celas, acenderam o fogo e saíram tão invisíveis quanto entraram, na aragem da noite.
Os primeiros habitantes do arraial que acordaram com o crepitar do fogo e o cheiro de fumaça não puderam fazer mais que evitar o alastramento das chamas para as outras casas. A cadeia já estava tomada por labaredas encrespadas, furiosas por terem sido convocadas ao trabalho em noite tão tranquila e

pachorrenta quanto aquela.

A muitas léguas dali, em sua cadeira na varanda, Jacira por fim deixava o sorrisinho de vitória assomar a seus lábios. “Agora, sim, aquele comandante acabou de aprender que a autoridade aqui é você, Dagoberto.”

Essa era a vida de dona Jacira depois da morte do marido: comandar, astuciar, vencer. O que, no entanto, não lhe tirava a atenção e o amor que dava aos filhos. Queria fazer deles, os homens, uma cópia do capitão. E queria fazer de Maria Bárbara uma pequena rainha.

Não foi, pois, por maldade que aconteceu o que aconteceu. Foi por um erro tão comum em tantas mães que pretendem saber mais do que os filhos o que é o melhor para eles. Foi um erro trágico do qual se arrependeu amargamente por todo o resto de sua vida.

O capataz Jacinto

Bonito, forte, inteligente, Jacinto era o que na época se chamava de pardo, mulato nascido livre. Por pura competência e gosto pela família do capitão, ganhara o posto de ajudante de capataz ainda muito jovem. Filho de tropeiro da Bahia, não tropeiro rico mas remediado, sua família tinha se estabelecido no caminho para Goiás. Desde pequeno, quando passava com o pai pela Fazenda do Jatobá, gostava de ficar ali, e muitas vezes seu pai acabava deixando-o para pegá-lo na volta. Tornou-se amigo do peito dos filhos do capitão e o amor de Maria Bárbara.

Desde a adolescência, os dois saíam juntos para longos passeios, a cavalo ou a pé, e voltavam felizes, os olhos brilhantes, as faces coradas, o corpo exalando o dom vital da existência.

Mas Jacira tinha outros planos para a filha. Queria casá-la com alguém tão bom e importante quanto Dagoberto. Sejamos justos: não era por interesse material que planejava escolher o marido da filha; era por querer vê-la tão feliz quanto ela mesma havia sido. O amor acontecera em sua vida de maneira tão natural e segura que ela achava que assim deveria ser também com todos, principalmente com a filha. O que sem dúvida aconteceria se lhe encontrasse um marido à altura, como Dagoberto, esclarecido, culto, gentil, qualidades que, por algum motivo, talvez pela falta de instrução ou pela pobreza ou ainda, talvez, pela cor parda, não lhe pareciam ser atributos de Jacinto.

Tão logo percebeu que a amizade dos dois se transformava em outra coisa, não vacilou em afastar o capataz. Primeiro, enviou-o para cuidar das pastagens mais distantes, o que faria com que viesse poucas vezes à fazenda. Quando percebeu que a distância parecia deixar a filha ainda mais exaltada e feliz quando o via, chamou-o e disse que na verdade já não precisava de seus serviços e ia ser muito franca com ele, que desde menino fora aceito ali com a bênção de Dagoberto: que se afastasse de uma vez por todas da fazenda e esquecesse Maria Bárbara.

A primeira parte da ordem foi cumprida por Jacinto, mas a segunda e a terceira, não. Não lhe foi difícil conseguir trabalho com um fazendeiro vizinho, e, já que durante o dia seria visto, passou a visitar Maria Bárbara às escondidas, à noite. Ela mal esperava as batidas surdas na janela azul de seu quarto para abri-la e fazê-lo entrar.

Esse movimento constante acabou chamando a atenção. Sabedora de que

alguém estava entrando na fazenda na calada da noite, Jacira ordenou que esperassem o intruso de emboscada e atirassem sem piedade, pois fosse quem fosse a entrar assim só podia ser ladrão ou malfeitor.

Ninguém pode dizer com certeza se Jacira desconfiava da identidade do intruso. E ninguém pode questionar sua ordem, pois realmente quem entra sorrateiro em uma propriedade, seja quem for, provavelmente não o faz com boas intenções. E talvez, sempre talvez, se Jacinto não estivesse encapuzado e não tivesse corrido como ladrão ao escutar o grito de “Pare!”, poderia ter sido reconhecido e o destino seria outro.

Mas o destino nunca é outro.

A ordem foi dada, ele estava encapuzado, ninguém o reconheceu, acharam mesmo que era um ladrão e ali ele morreu, ao pé da janela azul, com um tiro no peito.

E como o destino às vezes fica assim, descontrolado, esse tiro também parece ter chegado ao peito de Maria Bárbara.

Nem o nascimento, sete meses depois, do bebê que estava esperando trouxe de novo alguma cor ou alegria a seu rosto.

Ela morreu de pneumonia, em menos de um ano, sem jamais ter perdoado a mãe nem lhe dirigido mais uma só palavra.

Em seus dias e dias de luto e arrependimentos, Jacira sentava-se na varanda, olhando horas e horas para suas terras, que agora outra vez lhe pareciam uma imensidão vazia. Tentava com todas as forças reviver a alegria do nascimento de Maria Bárbara e de Mariano, seus lindos gêmeos, e a euforia de Dagoberto, que achava gêmeos um sinal de fartura e porque finalmente lhes nascera uma menina. Em sua primeira viagem ao Rio, depois do nascimento, ele comprou um piano para a filha, um piano pequeno mas bem resistente e harmonioso, ideal para quem ia aprender, como lhe dissera o dono da loja. Queria que ela aprendesse a tocá-lo assim que crescesse um pouco mais e seus pequenos dedos conseguissem habilidade suficiente para dominar as oitenta e oito teclas de marfim e ébano.

Dagoberto era apaixonado pela música. Tinha o timbre de barítono e dizia que a música era um dom que lhe viera da mãe e passaria para todos os filhos. Jacira não sabia, pois de sua família só conservara na memória o primeiro nome do pai e o da mãe, mas também ela trazia no sangue o talento para a música. Não foi surpreendente, portanto, que pelo menos três de seus filhos tivessem esse dom, principalmente o mais velho, Antônio, e Maria Bárbara, os dois com ouvido

absoluto.

Antônio era barítono, como o pai; sua voz, porém, tinha um timbre mais profundo e mais belo, e também uma pungente e irremediável tristeza. Na adolescência, o coice de um cavalo bravo quase o matou, deixando-o inconsciente durante vários dias e completamente surdo do ouvido direito. Por esse defeito, talvez, ou por seu temperamento sempre muito submisso, Antônio nunca deixou de ser apenas uma sombra do pai e da mãe. E, se antes do acidente sua voz era frequentemente ouvida em dueto com o pai, depois praticamente emudeceu. Seu grande prazer, mais tarde, era sentar-se com o ouvido esquerdo voltado para o piano, para escutar a irmã tocar. Seu rosto, então, se iluminava de uma maneira inusitada e suave, e Antônio fechava os olhos e parecia sonhar um sonho leve e bom.

Era Antônio quem cuidava do instrumento e, depois de passar algum tempo pesquisando seu mecanismo, tornou-se exímio afinador e entendido. Quando Dagoberto morreu, ninguém sequer cogitou que o filho mais velho pudesse assumir o mando da fazenda. Seu papel sempre secundário e vacilante e sua falta de iniciativa faziam com que fosse uma figura sem lugar próprio nos trabalhos da fazenda. Aos trinta anos, casou-se com uma agregada da família, Maria Ambrósia, tão tímida quanto ele, e foram morar numa casa que Jacira mandou construir para o casal, nos terrenos da fazenda, perto dos campos de pastagens. Ali, depois da morte de Maria Bárbara, Antônio começou a construir instrumentos parecidos com o piano. Sem o material adequado, no entanto, ele conseguia criar instrumentos que originavam sons desconhecidos, belíssimos uns, perturbadores outros. Vários desses seus instrumentos hoje estão no Museu de Música Antiga do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Maria Bárbara aprendeu a tocar o piano sozinha. Às vezes passavam viajantes que sabiam tocar e lhe ensinavam uma ou outra característica do instrumento, e seu sonho era ir um dia para Vila Boa, ou para a capital do agora vice-reino do Brasil, estudar piano seriamente. O irmão Feliciano, desde os dezesseis anos morando no Rio de Janeiro, onde se dedicava ao comércio, escrevia incentivando-a, contando que ali vira muitas moças de família tocando muito bem, mas nenhuma que ele conhecesse se comparava a ela. Seu plano com Jacinto era fugir para o Rio, onde o irmão, com certeza, os ajudaria.

O outro irmão, seu gêmeo, Mariano, seu grande amigo e também amigo de Jacinto, prometera lhes ajudar em tudo o que pudesse. Depois da morte dos dois e sem conseguir perdoar a mãe, cuja culpa lhe parecia clara e irreparável, Mariano abandonou a fazenda e foi morar com o irmão no Rio.

Na fazenda, com Jacira, ficou apenas Justino, o último filho, nascido dois anos antes da morte de Dagoberto.

Jacira esforçava-se para evocar a fazenda de antes, quando Maria Bárbara tocava seu piano, Antônio, de olhos fechados, sonhava a seu lado e Mariano, apoiado no piano, também ouvia embevecido. Sobre o piano, o quadro feito por um jovem pintor que Dagoberto trouxe especialmente do Rio para pintá-los: ela sentada, envolvida na mantilha de seda azul, com seu cordão de ouro e camafeu, carregando os gêmeos no colo; Dagoberto atrás, todo elegante em seu traje escuro, cabelo repartido ao meio, um braço apoiado no espaldar da cadeira, o outro sobre os ombros de Antônio e Feliciano ajoelhado a seu lado, os dois filhos vestidos com roupas de festa. Justino ainda não havia nascido. As cores do quadro, antes tão luminosas, pareciam agora ter uma névoa pairando sobre elas, tirando-lhes para sempre o esplendor e a nitidez.

Jacira lembrava-se da alegre algazarra dos filhos quando meninos e da alegria nos olhos da filha, olhos que nunca mais a olharam de frente depois do dia cuja lembrança a dilacerava como uma eterna e renovada chaga, em que lhe disse, com esses mesmos olhos cheios de lágrimas: “Eu a odeio e jamais a perdoarei”. Lembrava-se da janela azul do quarto da filha, que se abria para o caramanchão de jasmins cujo perfume doce e pungente inundava todo o quarto. Foi perto daquela janela que Jacinto caiu. Alguns dias depois, não suportando mais o cheiro dos jasmins que ela mesma plantara, Maria Bárbara foi até o caramanchão, ao entardecer, no justo momento em que as flores soltam mais densamente seu perfume, e com as mãos arrancou os pés um a um. Foi nessa mesma noite — ou não, ela não consegue se lembrar direito — que a filha correu para o imponente pé de jatobá guardião da casa, tentando também arrancá-lo, as unhas se cravando na casca dura num desespero tão grande e perturbador que, para não vê-la assim, Jacira queria ter ela mesma morrido no lugar de Jacinto. Maria Bárbara teve que ser arrancada dali, as mãos cobertas de sangue e já com feridas tão fundas que nunca chegaram direito a se cicatrizar, ou não tiveram o tempo suficiente.

E Jacira pensava em Mariano, desde pequenino sempre ao lado da irmã gêmea, os dois como se fossem um só. Seu filho Mariano, que, no mesmo dia do enterro da irmã, arrumou suas coisas, montou em seu cavalo e, ao vê-la qual estátua muda na varanda, chegou até onde ela estava e, no lugar das palavras consoladoras de despedida que no íntimo Jacira aguardava, olhou fixo para ela e cuspiu.

Todas essas lembranças compõem hoje boa parte de seus dias. São dores que ela sabe que estarão dentro dela quando a terra cair sobre seu caixão. São momentos irremediáveis que ela jamais poderá apagar mas que poderá, isso sim, evitar que aconteçam outra vez. Evitar que aconteçam com Damiana, a preciosa criatura que lhe ficou da união de Maria Bárbara e Jacinto, essa união que ela

tentou de maneira tão estúpida evitar.

A neta agora, mais até do que a memória de Dagoberto, passara a ser a razão dos dias de Jacira.

Embora com atraso, notícias do que se passava pelo país sempre chegavam à fazenda. Viajantes que passavam traziam notícias do que acontecia nas outras províncias. Os tropeiros que iam ao Rio e à Bahia eram também fontes importantes de informação, além de trazer os livros encomendados. E, mais tarde, as longas cartas do filho Feliciano eram uma ligação direta com a capital e suas notícias nervosas.

Assim, Jacira ficava sabendo de certas ordens, como a que proibia a instalação de manufaturas e fábricas na colônia ou a que mandava cobrar todos os impostos atrasados. Ficou sabendo quando, em Minas Gerais, começaram a falar em levante por toda parte, em ruas, estalagens, ranchos de beira de estrada. Ficou sabendo, mais tarde, do final de tudo isso, da sedição de Minas e de como terminaram enforcando um dos líderes, o alferes Tiradentes, e prendendo todos os outros. Seu filho Feliciano, homem de ideias modernas que acompanhava os debates pela Independência, lhe descreveu em uma longa carta como seria a bandeira que os inconfidentes planejaram e que circulava em alguns lugares do país, com dizeres em latim.

Feliciano escrevia-lhe sobre o que acontecera na França em 1789 e como no Rio as pessoas diziam que a igualdade, a fraternidade e a liberdade eram direitos de todos os povos, "inclusive do nosso povo, senhora minha mãe, dos brasileiros". Muita gente chegava mesmo a dizer nas praças públicas, comentava ele, que os franceses fizeram muito bem em matar o rei e a rainha Maria Antonieta.

Jacira lia atentamente essas notícias, mas achava que tudo isso tinha pouco a ver com eles. Longe de tudo, isolada do resto do país, vivendo em função de suas terras e mercadorias, as grandes questões chegavam até ela já bem diluídas. Tinha com seus vaqueiros uma relação de ascendência que se baseava no poder econômico e na tradição, não na violência. E, quanto aos escravos, acreditava que a dependência deles em relação a ela era maior do que a dela em relação a eles. Como iriam viver, todos eles, se não tivessem quem lhes vestisse e desse de comer como ela?

A rigor, ela se via como uma grande mãe de todos, a mãe que lhes dava condições de sobrevivência e, se os castigava, eram castigos de mãe, castigos justos para seu próprio bem. Na fazenda, ela, como o capitão Dagoberto, nunca

permitia que os escravos fossem tratados com a violência que era usada em outros lugares. Quando algum fazendeiro vizinho lhes alertava contra o perigo da fuga de escravos, ela respondia que, quando o escravo não queria mesmo trabalhar com eles, não faria tanta falta se fugisse.

Quase dez anos depois, chegaram as notícias da sedição da Bahia, a conjura dos Alfaiates, os motins na cidade pela escassez de alimentos. Contavam como os escravos que transportavam grandes quantidades de carne no Sábado de Aleluia, destinada ao general comandante de Salvador, foram atacados pela multidão. Pela primeira vez, ela ouvia falar não apenas da Independência de Portugal, mas da proclamação de uma república brasileira, do fim da escravidão, do livre-comércio.

Quando dom João, sua mãe, dona Maria, a rainha louca, e toda a sua corte chegaram ao Rio, fugindo de Napoleão, as cartas de Feliciano transmitiam o clima de euforia que se apossou da cidade, apesar do caos provocado pelo aumento vertiginoso da população, engrossada com os quinze mil portugueses que acompanhavam a comitiva real. Para Feliciano, comerciante de gêneros alimentícios e miudezas, foi um deus nos acuda abençoado e promissor, e ele contava com detalhes as obras estupendas que o rei estava mandando fazer e como a vida de todos mudara tanto para melhor, como se um terremoto de coisas boas tivesse passado pela cidade.

Só de uma coisa essas longas cartas de Feliciano jamais falavam: de Mariano. Assim que o irmão chegou ao Rio, Feliciano escreveu a Jacira dizendo que Mariano chegara e ficaria morando com ele, mas lhe impusera uma condição: que nunca desse notícias suas para a mãe, que ele, como Maria Bárbara, se considerava morto para ela. Feliciano lhe disse que dera sua palavra ao irmão e, portanto, essa seria a primeira e última vez em que falaria nele. E, até o fim, cumpriu a promessa.

Com os anos, a economia da fazenda foi mudando naturalmente, apesar do discurso de Jacira continuar o mesmo, com o nome do capitão Dagoberto sempre num dos cantos da boca. Porém, sem que se desse conta disso, era como se esse nome tão repetido e constante tivesse se tornado um tipo raro de bala doce em sua língua, bala que se desgastava não de fora para dentro, mas de dentro para fora, o miolo lambido vagarosamente a partir do âmago pelo ser mais invencível e poderoso entre todos, o tempo, força que tudo leva e tudo apaga, irreparavelmente, e que deixara em seu lugar uma casca fina quase vazia com o nome de Dagoberto. Sem que se desse conta disso, Jacira foi deixando suas

próprias preferências e outros ventos de mudanças aos poucos atravessarem suas terras.

E, como ela parecia ter mais queda e tirocínio para cuidar de gado, o gado foi tomando conta, deixando para trás o engenho, o algodoal, as plantações, que continuavam existindo, sim, mas com menos escravos, menos trabalhadores, menos potência. Quem olhasse a partir de dentro talvez nem notasse essas mudanças, mas de fora, mais do que dona de engenho e de plantações, dona Jacira ficou sendo conhecida e falada como criadora de gado, a maior criadora de gado da região. Da varanda, no final da tarde, era com indizível gosto que ela via o seu rio branco de chifres entrando no imenso curral.

O reencontro com Alencar Ambrósio

Naquela longínqua e perdida manhã sem memória, quando Diogo Ambrósio matou a esposa e deixou Jacira na soleira da porta da casinha de taipa do cabo Jesuíno, seu filho Alencar, com nove anos e por insistência do avô paterno, acabara de partir para o Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro. Ao visitá-lo depois disso, o pai lhe disse apenas que a mãe morrera e que ele deveria se esquecer da irmã porque nunca mais a veria. Naquele momento, o menino não tinha condições de questionar o pai ou exigir dele qualquer tipo de explicação, mas sempre teve a intuição de que a irmã estava viva e sempre soube que, quando pudesse, teria maneiras de encontrá-la.

Com a herança da mãe e o dinheiro do pai, mais os contatos do avô paterno, Alencar Ambrósio, com pouco mais de vinte anos, uniu-se ao tráfico de escravos africanos. O notável aumento da demanda por mão de obra escrava para as minas de ouro fizera do comércio das "peças" negras o negócio multimilionário da época.

Os comerciantes ricos do porto do Rio de Janeiro e da Bahia haviam montado um sistema de comércio extraordinariamente lucrativo: os navios levavam para a África fumo, aguardente e outras mercadorias produzidas no Brasil e de lá voltavam com os escravos. Sem contar com o beneplácito português e sem proteção de nenhuma marinha, esses navios eram presas fáceis de piratas e naus de outros países, mas os lucros da travessia eram tão grandes que as maiores fortunas brasileiras começaram a se formar aí, maiores até do que a riqueza dos donos de lavras de ouro. A família Ambrósio se tornaria assim, em pouco tempo, uma das mais ricas do Rio, tendo Alencar como seu velho patriarca.

Depois de 1808, quando a Inglaterra começou a pressionar para acabar o tráfico de escravos no Atlântico, e até 1850, quando efetivamente esse tráfico negreiro foi proibido e definitivamente acabou, foram várias décadas em que a elite escravista se enriqueceu assustadoramente. Os filhos e os netos de Alencar Ambrósio transformariam os navios do avô em verdadeiros navios de guerra, capazes de enfrentar ataques piratas e a marinha inglesa. Continuariam também, como o avô já iniciara, a diversificar os negócios da família, tornando-se fazendeiros de café, banqueiros e armadores.

Pois esse velho patriarca, Alencar Ambrósio, jamais se esqueceu da irmã.

Enquanto o pai ainda vivia, ele não quis mexer nessa ferida, mas depois da morte do pai começou sua longa busca por ela. Deslocou um de seus empregados para descobrir o que acontecera com Jacira Antônia, mas ninguém da antiga fazenda do pai sabia para onde Diogo Ambrósio fora quando saiu a galope, naquela terrível e longínqua manhã, com a filha de três anos na garupa. Ninguém, nem mesmo uma das mucamas, escutara a fatídica mentira de Clara Joaquina antes de morrer; quase todos acreditavam que o pai, em seu acesso de loucura e ciúme, matara também a filha e enterrara seu corpo no mato.

Alencar, então, mandara o empregado continuar a busca junto à família do avô materno, de quem o pai também o afastara por completo. As pessoas que descendiam da família de José Garcia, porém, nunca escutaram falar do paradeiro da filha de Ana de Pádua, e muito menos de sua neta.

O empregado voltara sem pistas, e mais anos se passaram até que Alencar resolveu adotar outro ponto de partida: mandou que o empregado percorresse todas as vilas e arraiais para onde fosse possível ir e voltar no mesmo dia a partir da antiga fazenda. Foi uma busca bastante demorada, cheia de pistas falsas, mas por fim acabaram descobrindo com quem Jacira passara sua infância e com quem se casara.

Daí em diante, foi só questão de tempo.

E uma tarde, já com oitenta anos, mas ainda forte como as grandes árvores do sertão, Alencar se fez anunciar, ele mesmo e um de seus filhos, na fazenda da irmã.

A também já velha e também poderosa senhora recebeu seus visitantes sentada em sua rede, na varanda. Tinha setenta e quatro anos. Ao seu lado, estavam o filho caçula, Justino, e a neta Damiana, já com vinte e dois.

Jacira não pôde esconder seu tremor ao escutar o que lhe dizia aquele senhor imponente, de barba e cabelos totalmente brancos, e não soube o que pensar daquela figura patriarcal, com modos citadinos, tão diferentes dos seus. Em sua memória ficara o som do galope do pai, os nomes Diogo Ambrósio e Clara Joaquina. Um quarto escuro, uma névoa. Mais nada.

Nenhum irmão. Nenhum afeto, nem memória de carinhos, nem lembranças boas ou ruins. Nada.

E agora ali, na varanda de sua própria casa, seus grandes olhos negros se tornavam ainda mais densos na tentativa de encontrar dentro de si alguma ressonância para a atenção e as emoções de que estava sendo alvo.

Alencar lhe contou quem haviam sido seus pais e contou que, desde pequeno, jurou um dia reencontrá-la. Mas não soube explicar o que poderia ser a única motivação e interesse de Jacira para voltar aos mistérios do passado: desvelar as razões do seu trágico abandono, que motivos teve seu pai para deixá-la, tão pequena e trêmula, nas mãos de completos desconhecidos. Isso, Alencar não sabia. Alencar nem sabia com certeza como a mãe morrera: o pai lhe dissera que fora por causas naturais; com o tempo, no entanto, ouviu rumores fracos, nebulosos, de um crime pela honra. Mas isso ele não quis investigar, nesse mistério não lhe interessara remexer. O que foi já estava feito, acreditava, e não havia o que alterar nesse pedaço da história.

O que, infelizmente, ele não sabia é que não havia o que alterar nem nesse nem em nenhum outro pedaço dessa história.

Ela já estava vivida. Completamente pronta e já passada.

Mais impossível de mudar do que a mais inarredável das montanhas, pois, se existe algo absolutamente imutável no mundo, esse algo é o passado.

Jacira entrecerrou os olhos e se perguntou, como há quase uma vida não fazia, sentindo-se de repente tão desamparada como se sentira quando o pai a deixara na soleira da porta do cabo Jesuíno, e mais, mais ainda do que ficara quando morreu o esposo, trinta e quatro anos atrás: “Dagoberto, o que devo fazer? O que esse senhor espera de mim?”.

Não, Jacira não gostou de saber o que ficou encerrado na densa e intransponível escuridão dos três primeiros anos de sua vida.

Não gostou de compreender que, com o pai, a mãe e sua outra vida, perdera também um irmão. Não gostou de saber e não queria pensar em nada disso. Queria que aquele senhor de cabelos brancos e grande imponência fosse embora. Não queria saber de uma outra possibilidade, de uma outra vida que não fora, que acabara havia tanto tempo. Setenta anos são uma montanha irrecuperável de tempo, não há como transpô-la, jamais. Não queria tentar reviver o que nunca tinha sido, não queria se lembrar de uma impossibilidade.

Que aquele senhor fosse embora o quanto antes seria melhor para todos.

Justino e Damiana entenderam perfeitamente os motivos da mãe e da avó. Além de tudo, por influência de Feliciano e Mariano, eram jovens que odiavam os negreiros, navios cuja fama de horrores já se espalhava pelo país. Damiana, sobretudo, que mantinha uma correspondência intensa com o tio Mariano e se considerava viúva de José Batista, jovem mestre que morrera dois anos antes, todos eles entusiasmados abolicionistas.

Não gostaram desse parente que agora lhes aparecia, nem de seus modos de importantíssimo senhor dono do mundo.

Alencar e seu filho deixaram o cartão com endereço e se retiraram,

decepcionados com a seca acolhida, frustrados com o muro de frieza e a impossibilidade de reinventar o passado. Mas como não era homem de renunciar a seus desejos, muito menos a esse, que fora uma obsessão de toda a sua vida, Alencar saiu dali convencido de que, com o tempo, seria possível vencer a indiferença da irmã e de seus filhos e reatar esses laços que sempre prezara tanto.

Para Jacira, no entanto, esse reencontro fez um mal irreparável, fazendo-a reviver a dor que acreditava enterrada para sempre.

O esforço de rememoração que a presença do irmão provocara, demasiado, pareceu drenar suas forças. Pior, foi como se a deixasse outra vez sozinha, na soleira daquela porta, lá onde o terror do abandono e o pânico vinham de novo visitá-la depois de tantos anos, depois de toda uma vida.

Meu deus, setenta anos e essas coisas nunca se apagam?

A visita do irmão trouxe-lhe outra vez o som do tropel de um cavalo partindo, um só, um único tropel ensurdecedor em sua cabeça, varando a escuridão da madrugada, fazendo-a acordar alquebrada, em pânico, inteiramente só.

A força de Jacira foi se esvaindo aos poucos nessas noites de horror em que ela era outra vez a menina trêmula na soleira de uma porta escura vendo o pai partir.

Em pânico.

Inteiramente só.

Até a inevitável manhã, não muitos dias depois, em que sua mucama a encontrou fria e rígida no seu catre de casal, os músculos da boca já frouxos no silêncio oco da morte, o corpo voltado para o lado esquerdo da cama, o lugar para sempre vazio do seu capitão Dagoberto.

DAMIANA (1789-1822)

NA PEQUENA CELA, ESCURA e úmida, respirando mal o ar pesado, envolvida pelo enjoativo cheiro pestilento de umidade e podridão, os ouvidos abafados pelo *tum-tum-tum* de troncos socando mais uma cova, Damiana se pergunta: por quê? Por que sua vida foi sempre marcada por infortúnios, e por que não percebera ela desde o começo que não poderia ser outro o desfecho? Ainda antes de seu nascimento, seu destino fora acompanhado por um continuum de tragédias, que tinha pequenos interregnos, breves pausas de alegrias, mas que eram apenas pausas, logo seguidas por mais tristezas e sofrimentos.

Sempre foi amada, isso seria impossível negar; desde a infância sempre foi acompanhada pelo carinho até excessivo e os desvelos da avó e suas tentativas de lhe evitar o menor sofrimento. E os tios, todos eles, sempre tratando-a como pequena joia preciosa, todos protegendo-a como podiam, sobretudo o tio Mariano, muito mais do que um tio, o pai que ela não teve.

Mas de que lhe adiantaram todo esse amor e essa proteção?

Impediram o assassinato do pai, que ela nem chegou a conhecer?

Impediram o triste desespero que matou precocemente a mãe, que tampouco pôde conhecer?

Impediram os infortúnios de sua vida?

Não. Nada impediram, nada.

Em sua pequena cela pestilenta, Damiana não consegue explicar nem compreender de que maneira e por quais motivos tudo o que lhe dizia respeito parecia terminar em grande sofrimento.

Veja o pai e a mãe.

Veja João Batista.

Ela mal completara dezesseis anos quando o conheceu, um jovem mestre, professor de matemática e letras, amigo do tio Mariano, que chegara à fazenda trazendo-lhe uma carta. Mais do que a carta, no entanto, ele trouxera seus longos cabelos amarrados atrás, os olhos negros e profundos, a mente fervilhando de ideias generosas, entusiasmo e desejo, esses dons veementes da juventude. Viera passar um tempo na fazenda, a pedido de Mariano, que queria notícias vivas e detalhadas da sobrinha.

Damiana acredita que o amou desde o primeiro momento, e que também ele a amou tão logo a viu. Ele, com suas novidades, sua oratória, seu ardor; ela, com

seu espírito curioso, seus ouvidos atentos e embevecidos; ele, com os livros na bagagem e os conhecimentos que pareciam não caber quietos dentro dele; ela, com o desejo de aprender e conhecer o mundo; ele, com seus vinte e dois anos, charme e *savoir-faire*; ela com dezesseis e seu perfume moreno de flor silvestre.

João Batista foi recebido com todas as honras na fazenda e lá ficou inteiros dois meses. Nas manhãs de céu azul e tardes douradas, cavalgavam juntos pelos campos, passeavam nos bosques, sentavam-se lado a lado à beira da cachoeira, identificando cada ruído das águas, das folhas, dos pássaros e dos pequenos animais. João Batista tirava papel e caneta do bolso e escrevia. Escrevia pequenos textos sobre a liberdade, a igualdade e a justiça. Textos que falavam do Brasil, da Independência, da humanidade como atributo de todos os que nasceram homens, inclusive os escravos. João Batista lia os franceses, traduzia os textos iluministas, era abolicionista. Com Mariano, no Rio de Janeiro, participava de grupos que se reuniam para ler os livros proibidos e discutir os desatinos da Coroa. Participava também de noitadas, de música e bebida e, ao lado de Mariano, boêmio irreversível, cantava, tocava, compunha e era um sucesso nas noites do Rio.

Damiana era a mais ardorosa ouvinte que o rapaz jamais teve. Interessava-se apaixonadamente por tudo, queria entender, queria saber mais. João Batista pediu-a em casamento e a avó Jacira abençoou-os, apaziguada com seu remorso. Planejavam viver na capital, onde a vida parecia acontecer de maneira tão rica e cheia de possibilidades. Ele iria antes para arrumar as coisas e viria buscá-la quando tudo estivesse pronto.

Em seu lugar, no entanto, dois meses depois, chegou Mariano. Sombrio, exasperado, de luto. Não entrou na fazenda — onde jurou jamais entrar de novo enquanto a mãe vivesse. Mandou chamar Damiana no arraial vizinho para lhe dar a notícia da morte de João Batista numa briga de rua. Briga por bobagem, uma discussão por dívida de jogo, pura insensatez, excesso de energia estalando no ar, desabrida e sem rumo. Um punhal levantado e um golpe portando uma intenção descabida. O corpo caído e, ali mesmo, de repente, quase sem se dar conta de tão desmesurada consequência, um coração que para de bater.

Outra morte no caminho de Damiana.

Na fazenda, com as cartas de João Batista, ela tenta encarar o destino sem se deixar abater. É seu jeito de ser, essa capacidade de aceitar a vida com o que ela traz. Tem o dom de não fazer do passado um fardo e sim um cofre fechado onde guardará para sempre seu tesouro de luz inextinguível. Compreende que foi um privilégio ter vivido o amor que viveu e assume os ideais de João Batista; quer escrever como ele. Seu interesse pelas ideias modernas parece agora se multiplicar por dois. Pede ao tio Mariano que a oriente, que lhe envie os livros

que João Batista lia, que lhe informe sobre o que acontecia na capital, que a ajude a se tornar uma pessoa capaz de fazer sua vida significar alguma coisa. Parece ter uma fonte de vitalidade invencível dentro de si.

Desde a morte da irmã gêmea e de Jacinto, Mariano se sentia responsável pela sobrinha: uma filha que a tragédia colocara em suas mãos. Seu plano sempre foi tirá-la da influência de Jacira, mas sabia que não poderia simplesmente mandar buscá-la. Nem ele nem Feliciano, o irmão mais velho, tinham se casado; por razões diferentes, os dois optaram pela vida de solteiros na corte. Se tivessem se casado ou se Feliciano não tivesse morrido tão jovem, do coração, como o pai, talvez pudessem os dois cuidar da sobrinha na capital. Mas sozinho, com sua vida de boêmio, seus amores livres, ele sentia-se inadequado para cuidar de uma moça. Viajava muito e não tinha pouso certo. Gostava de conhecer as diferentes regiões do grande país e se apaixonar por suas mulheres e ficar quanto desse onde a sorte lhe sorrisse.

Depois da morte de Jacira, Mariano voltou a visitar a fazenda, mas nada daquela vida rural o interessava. Achava-a acanhada demais também para a mente inquieta da sobrinha, e o plano de tirá-la dali tornou-se quase obsessão. Para isso, só via como solução arrumar outro noivo para Damiana, outro amigo que pudesse trazê-la para o Rio como mulher casada, estabelecida, protegida.

Por isso, então, mais uma vez, Mariano enviou à fazenda um amigo. Inácio Belchior, um português, nascido no Porto, comerciante.

É estranho Mariano, tão experiente, tão urbano, ter se deixado enganar e se engabelar assim. Logo ele, que não morria de amores pelos portugueses e sabia das ideias nacionalistas da sobrinha.

Mas assim é como caminha a raça humana, com tropeços, equívocos e maus passos. Inácio, falante, falso, bajulador, tinha o dom de perceber à primeira olhada como agradar o interlocutor. Desde o começo insistira em afirmar a Mariano que, de fato, ele nada mais era que um legítimo brasileiro nascido por engano em Portugal. Adorava essa terra que de coração era sua pátria e dizia em detalhes tudo o que Mariano queria ouvir. Com mais veemência ainda depois que se tornou ciente das origens do amigo, das histórias da poderosa fazendeira dona Jacira e de sua jovem e única neta, a principal herdeira da grande proprietária de terras. Pois era a terra, grandiosa e soberba terra, com seu

prestígio e capacidade única de conferir a seu proprietário, fosse ele quem fosse, o status de importância e principalidade no vice-reino, era ela e quase só ela a secreta ambição do reinol.

Damiana recebeu o amigo de Mariano com curiosidade e aceitou com interesse sua corte, embora sem paixão. Com simpatia e, digamos, boa vontade, mas sem tremores, sem ansiedades, sem a grande emoção do amor que sentiu por João Batista. Seu desejo nada secreto mas apregoado aos quatro ventos era ir viver na capital, ver as belezas da cidade grande, fazer amigos, participar das reuniões de leituras, conhecer os teatros. E escrever.

O casamento aconteceu logo, e o dote de Damiana foi generoso: as extensas terras que Belchior tanto ambicionava. Em acertos bem formalizados, Justino, o tio caçula, continuaria a tomar conta das terras do casal, como já fazia, pois Inácio queria as terras pelo prestígio que conferiam, e não para a vida de fazendeiro que com certeza o mataria de tédio.

Damiana chega ao Rio de Janeiro com vinte e seis anos. Como previsto, apaixona-se pela cidade, por seu movimento, o burburinho, as mulheres impecavelmente vestidas, a elegância, a vida urbana tão diferente do marasmo da fazenda. O tio Mariano é seu cicerone e mentor. Apresenta-a à cidade e aos amigos. Leva-a ao teatro, às óperas que a rainha Carlota Joaquina mandava vir da Europa. Razão tinha ele ao intuir que o lugar de Damiana era a cidade, não a fazenda; ela passa o primeiro ano ali como se descobrisse um mundo novo. Encanta-se, ri outra vez, feliz ao lado do tio.

A capital é bela e febril. Os portos estão abertos e agitados, dezenas de navios estão sempre ancorados no cais, o burburinho é incessante. Mercadorias chegam e partem. Viajantes visitam continuamente o Rio; cientistas e artistas estrangeiros chegam para conhecer as maravilhas tropicais de que tanto se fala na Europa.

As festas são frequentes, as alegres e elegantes recepções, é animada a vida social.

Os amigos de Damiana são os amigos de Mariano: jovens artistas e intelectuais, brasileiros que tentam pensar alternativas próprias para o país, que

começa a ser visto como nação. Reuniões literopolítico-musicais varam as noites na grande casa onde Damiana foi morar com Belchior. Declamam poesias, discutem os filósofos, pensam em conseguir fundos para continuar a impressão de um jornal que defenda a necessidade de o Brasil se tornar independente, como fizera o *Correio Braziliense*, impresso em Londres e contrabandeado para o país e que cessara de existir por falta de fundos. Comentam os acontecimentos em Recife, os conflitos entre os produtores brasileiros e os comerciantes portugueses, o movimento pela separação de Portugal, as revoltas que começam a pipocar. Seguem o desdobrar dos incidentes, vibram quando lhes chega a notícia da instalação de um governo republicano em Pernambuco, inquietam-se quando ficam sabendo que dom João enviou todas as suas tropas para abafar a revolta. Usam braçadeiras de luto quando os principais líderes pernambucanos são enforcados em praça pública e seus corpos mutilados com requintes de crueldade, como acontecera com o alferes Tiradentes. Ajudam a circular um manifesto clandestino contra a tirania.

Nessas reuniões, Inácio Belchior ainda mantém durante algum tempo sua fachada de charme e simpatia, mas aos poucos começa a se cansar. Pior ainda: começa a se preocupar com o tipo de influência que essas amizades da esposa possa ter sobre suas ambições de se tornar um homem da corte.

Damiana não sabe bem em que momento as coisas começaram de fato a ficar muito ruins, mas o conflito em torno do nome da filha talvez seja o primeiro do qual ela se recorda com precisão. Antes mesmo de se casarem, combinara com o noivo que quando tivessem filhos, se fosse homem, ele escolheria o nome e, se mulher, ela. Desde que soube da gravidez, Damiana teve certeza de que seria mulher e disse ao marido que lhe daria o nome de Açucena Brasília, nome de flor, nome brasileiro, nome de uma filha autêntica do país. Era também o nome que escolhera com João Batista para a primeira filha dos muitos que planejavam ter, mas isso não disse ao marido, não por espírito de esconder alguma coisa, que não era esse seu feitio, mas por discrição, por considerar que sua história com o professor era uma história só dela, que não queria compartilhar com ninguém.

Inácio não reclamara do nome inusitado; ou por não acreditar que a filha seria mulher, ou por hábito de bajulação e falsidade, fingiu que gostava. Quando Damiana, toda entusiasmo, falava da filha, chamando-a já pelo nome, ele fingia sorrir, concordando. Assim, foi grande sua surpresa quando, depois do parto e da confirmação de que nascera uma menina, ele lhe disse que a filha se chamaria Antônia Carlota. Damiana, indignada, argumentou que haviam combinado que

seria ela a escolher o nome da filha mulher, que ele nunca se opusera a esse nome em todos os nove meses e que ele sabia bem que ela não queria nomes portugueses, a filha deles nascera em um país rico, jovem, magnífico e deveria ter um nome característico desse país. Belchior, pela primeira vez, mandou que ela se calasse. Gritou-lhe que em sua casa quem mandava era ele e que o nome da filha seria o que ele escolhesse e estava acabada a discussão.

Para grande consternação de Damiana, que acreditara na história que ele sempre repetira de ser nada mais que um legítimo brasileiro nascido por engano além-mar, Inácio registrou e batizou a filha com o nome português. E se o casamento, é bem verdade, começou a terminar ali, o conflito, não: a menina continuou a ser chamada pela mãe e por seus amigos de Açucena Brasília e, pelo pai e pelos amigos do pai, de Antônia Carlota.

Damiana já vinha percebendo a falsidade do marido, seu caráter mesquinho e arrivista por baixo da máscara de charme e bajulação para agradar a quem pudesse servir a seus interesses. Já notara como ele mal conseguia disfarçar a ojeriza por Mariano e seus amigos intelectuais, como a tratava com irritação e impaciência.

De fato, Inácio decidira deixar que seus verdadeiros pensamentos começassem a aparecer. Recriminava Damiana por levar uma vida pouco adequada para uma mulher de família e acusava Mariano e seu grupo de serem um bando de boêmios aproveitadores. Não concordava com as ideias que circulavam pela casa, que achava revolucionárias demais, independentes demais, um país de mestiços, afinal, deve ir com calma, deve se mirar no exemplo dos países de cultura mais elevada. Já não suportava o interesse de Damiana pela literatura, que considerava uma mera veleidade de herdeira rica. Se no começo fingia ler as poesias e os escritos da mulher e os elogiava, agora, quando os lia, era unicamente para fazer deles um exercício de seu deboche.

Só o temor de comerciante subalterno diante da carga simbólica do prestígio das terras da família da mulher e do cunhado ainda tolhia seus atos mais agressivos. Com o tempo, no entanto, à medida que foi conseguindo ampliar o próprio círculo de relações importantes, tornou-se cada vez mais confiante, como se finalmente conseguisse fazer a si mesmo o transplante psicológico do prestígio que tanto almejara: passava cada dia um pouquinho mais a se considerar o verdadeiro dono das terras da família, pois, se Damiana era esposa dele, era ele na verdade, de direito e de fato, o legítimo proprietário, era o dono, um principal.

Seu objetivo passa a ser conseguir do rei o título de barão, coroação de sua influência e seu poder. Com o dinheiro de comerciante próspero e status de grande proprietário de terras, as portas começam a se abrir. Faz amizade com

nobres influentes, dispostos a apadrinhá-lo, e presta favores capazes de começar a atrair a atenção do rei.

A comprovação de sua importância vem com o convite para as cerimônias de aclamação do rei dom João, depois da morte da mãe dona Maria, a Rainha Louca. Sente que nada mais o poderá deter. Fazer parte da luxuosa procissão da corte que depois da missa solene acompanha o rei até o arco do triunfo erguido para a grande festa no largo do Paço foi um marco na vida psicológica de dom Inácio Belchior: a partir de então ele se sente mais poderoso do que a mulher, capaz de fazer a ela o que bem lhe aprouver.

Sua ousadia não tem fim. Damiana, agora, é chamada de leviana, de dona de salão. Seus amigos são uns sem-vergonha. Suas poesias, escritos infantis. Seus hábitos, uma devassidão.

Damiana, porém, não abaixa a cabeça. Não sabe fazer isso, não foi criada assim. Sempre foi livre e dona de seu nariz e continuará a ser. A surpresa inicial com as mudanças do marido logo se transforma na decisão de se afastar, de viver só com a filha, de se divorciar. Mariano está viajando e ela decide lhe escrever, pois ninguém melhor que o tio para ajudá-la a decidir como encaminhar a situação.

Como pode acontecer nesses casos, no entanto, as coisas se precipitaram. Uma noite, ao chegar em casa e encontrar amigos visitando a mulher, Inácio praticamente expulsou-os de casa e, num acesso de furor, esperou Damiana no quarto e lhe deu um tapa no rosto. Damiana, com os olhos cheios d’água mas muito segura de si, lhe anunciou sua decisão de pedir imediatamente o divórcio.

Foi este seu trágico erro: deixar claro ao marido o que pretendia fazer.

Não se espantem; o divórcio era possível no Brasil. Era, inclusive, pedido, sobretudo por mulheres. Embora a doutrina da Igreja católica considerasse o matrimônio como vínculo indissolúvel, os tribunais eclesiásticos das dioceses podiam decidir sobre separações e anulações matrimoniais, e os tribunais civis depois decidiam sobre a divisão dos bens entre os cônjuges separados. O grande problema surgia quando o marido não queria aceitar o divórcio por temer o que considerava uma humilhação ou por não querer a divisão dos bens do casal. Exatamente o caso de Belchior.

Para ele, o divórcio significava o pior de seus temores: a perda de parte dos bens e um risco à obtenção do título de barão. Nunca lhe passara pela cabeça que

a mulher poderia pensar em tal coisa. Era uma ameaça e uma vergonha que jamais admitiria e lhe provocou todos os demônios e cegou todos os vestígios de escrúpulos.

Depois de passar a noite em claro, ele decidiu agir rapidamente. Era preciso aproveitar o fato de Mariano não estar na cidade. Procurou o intendente-geral da polícia do Rio de Janeiro, de quem era amigo particular, e lavrou denúncia acusando Damiana de libertina, irreligiosa, devassa e perdulária, indigna da sociedade. Ele, um vassalo honrado, comerciante condecorado pela Ordem de Cristo, proprietário de terras na província de Goiás, já não sabia o que fazer para preservar a honra do lar e da filha. Acusava-a de ser um perigo, de ameaçar tirar-lhe a vida e procurar o divórcio, o que seria para ele e sua pequena filha a desonra e a ruína. Não queria tornar pública a infâmia, mas queria castigar a adúltera que organizava reuniões políticas republicanas em sua casa, em sua própria casa, casa de um súdito leal e honrado do rei.

Procurou também o arcebispo e outros amigos de importância para fazer a denúncia e conseguir seu intento. Os amigos da mulher e de Mariano são principalmente do mundo das artes, sem grande autoridade política nem religiosa, e Inácio conta com isso para executar seu plano. Conta também com as próprias amizades e com o dinheiro para que todos se convençam de sua desonra e seu desespero e da necessidade de que providências sejam tomadas com urgência, antes que uma tragédia maior aconteça. Sem grandes dificuldades e sem demora, consegue testemunhas falsas para comprovar o estado calamitoso da mulher. O intendente, o arcebispo, o prelado acham proveitoso concordar; é preciso que alguma coisa seja feita com urgência.

Damiana, alheia a essas maquinações do marido, foi pega de surpresa. Na mesma noite da discussão em que ingenuamente anunciara sua decisão ao marido, a filha adoeceu com um surto de febres e ela passou aqueles dias e noites à cabeceira do berço, sem ter tempo nem condições de cuidar das próprias coisas, nem sequer de conversar com os amigos. Não estava nem um pouco preparada para o que ia lhe acontecer. Não estava nem de leve alertada para perceber a armadilha do marido ao lhe pedir que fosse com ele até o Convento da Ajuda para conversar com a abadessa. Inácio insistiu, quase implorou, jurou que era uma última tentativa de entendimento, que ela lhe devia essa chance. Disse que a mucama ficaria à cabeceira da menina, que já estava melhor, já sem febre.

Damiana, cansada depois daquelas noites de vigília e sem querer continuar

discutindo, decide que não lhe custa ir.

Quando chega ao convento e é conduzida por corredores sombrios e pedem que entre em uma pequena cela e fecham a porta às suas costas e a trancafiam, ela fica atônita. A princípio, não entende o que está acontecendo. Por alguns segundos, pensa na estranheza dos hábitos da abadessa para receber suas visitas no convento.

Um calafrio lhe atravessa, gelado, pela espinha.

Mas não se assusta, por que se assustaria? Veio fazer uma visita a pedido do marido; é deveras estranho esse procedimento, mas as coisas às vezes são mesmo esquisitas, a abadessa logo vai aparecer com alguma explicação.

A compreensão só começa a lhe chegar aos poucos. A princípio, como uma pequena insinuação que ela logo descarta da mente, chamando-se de “Tola, tola, como pensar numa tolice dessas? Inácio e a abadessa já vão chegar”. O tempo passa, no entanto, e aquela pequena ideia insinuada cada vez se demora um pouco mais, e, quando ela decide que efetivamente já se passara um tempo descabido, o pânico a invade de chofre e ela grita. Seus gritos aterrorizados ecoam no longo corredor vazio. Nenhuma resposta.

Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Damiana não tem noção de quanto tempo gritou, de quanto tempo passou ali entregue ao terror de todos os terrores, o de não saber o que lhe acontecia. A luz translúcida que entra pela pequena janela no alto começa a mudar de tom, a espalhar um amarelo mais denso, depois uma cor laranja-escura, quando ela ouve ao longe ruídos de ferrolhos se abrindo e, esperançada, grita mais forte: “Socorro, quem está aí?...”, mas nenhuma voz lhe responde. Só os sons de passos abafados no corredor de altíssimo pé-direito e a pequena portinhola da janela na porta de madeira maciça se abrindo para deixar passar uma bandeja tosca com uma caneca de água, um pão, um prato de sopa.

Os gritos de Damiana não param.

Sua voz parece um jorro incessante de desespero, terror e indagação.

Mais tarde ainda, quando a escuridão começa a tomar conta da pequena cela, ela escuta outra vez o barulho de ferrolhos se abrindo no fundo do corredor, e de novo sons de passos se aproximam. Abre-se a portinhola, e é a boca cavernosa do arcebispo em pessoa que aparece na pequena fenda para lhe explicar a situação.

A pedido do marido e por decisão unânime das ordens civil e religiosa, ela estava ali para se arrepender de sua vida dissoluta e de seus hábitos devassos e

corruptores. Seu tempo de reclusão dependeria sobretudo dela, de seu arrependimento e do bom comportamento. Ele esperava poder lhe dar a bênção para uma vida tranquila outra vez no seio de sua família, tão logo aceitasse seu papel e seu destino de esposa e mãe segundo as leis da Igreja e da sociedade.

Quando aceitasse sua situação, parasse com os gritos e se comprometesse a adotar com tranquilidade esse período de repouso e reflexão no convento, que era o que todos esperavam dela o mais rápido possível, poderia ser transferida para uma cela maior e ter a companhia de outras reclusas.

Damiana, no entanto, nunca aceitou a situação e nunca parou de gritar. Quando ficou fraca demais, seus gritos saíam entrecortados, roucos, mas ainda podiam ser ouvidos nos longos corredores. E tampouco alguma vez, nem por um átimo de instante, aceitou com resignação a vida do convento: por mais inútil, por mínima que fosse, nunca perdeu nenhuma oportunidade de tentar fugir.

Ah, Damiana!

Por quê?

Quando as pessoas enfrentam golpes assim inesperados e perdas intoleráveis, tentam reviver vezes sem conta os momentos que antecederam a tragédia, os movimentos que a levaram até ali, na tentativa desesperada de compreender o incompreensível. Não fazem isso pela esperança irracional de ainda poder modificar as coisas, nem pela ânsia de se torturar e se fazer pagar por algo que fizeram ou que deixaram de fazer, como se fossem em última instância tão responsáveis quanto seus algozes. Não é por isso, mas pela absoluta necessidade humana de entender o que acontece e por que acontece, onde estão e por que estão ali. E pela avassaladora precisão de descobrir um fio de lógica, por mais fino que possa ser, para poder se sustentar nele e flutuar sobre o incompreensível, o inaceitável, a loucura. Porque, se esse fio não existe, então restará apenas isto: o terror brutal que toma conta.

Damiana reviveu vezes sem conta os últimos dias em sua casa. Viu a abominável imagem de Inácio Belchior invadir repetidas e repetidas vezes sua mente, dizendo as mesmas palavras, refazendo os mesmos gestos. Viu-se a si mesma também repetindo os mesmos gestos e palavras. Vezes e vezes sem conta. Procurava sem cessar o fio que a pudesse fazer flutuar sobre tudo aquilo e a salvar.

Com o tempo ela foi transferida para uma cela um pouco maior, pelo menos com uma janela maior e uma visão mais ampla. Mas todos os muros são altos, as portas maciças, as trancas intransponíveis. Suas tentativas de fuga são

canhestras, infrutíferas e só servem para acirrar ainda mais a vigilância contra ela e tornar os limites de seu confinamento ainda mais insuportáveis.

Muitas vezes o ar pesado e úmido a deixa sem respirar e ela desfalece. Depois volta a gritar, a chorar, a ameaçar. Passa dias sem comer. Emagrece até ficar quase só ossos, enfraquece, tem alucinações.

Pede que lhe deem papel e lápis para escrever. Escreve ao tio, aos amigos, mas logo vê que as cartas não são enviadas. A única saída que lhe ocorre, então, é jogar suas cartas, poesias e denúncias pela janela do convento. Escreve, escreve e joga as páginas ao vento. Às vezes sobrescritadas, às vezes dobradas, mas em geral sem endereço, páginas escritas com mensagens, desabafos, denúncias, soltas para o vento levar para onde for.

Ela não sabe, pois nunca pôde subir o suficiente para ver, mas sua pequena janela não dá para a rua, e sim para um matagal. É ali que seus escritos vão cair e se perder entre as folhas caídas das árvores, uma folha a mais entre tantas, uma folha esbranquiçada e um pouco diferente com suas nervuras feitas a lápis, mais desolada e terrível do que qualquer outra, mas tão perdida e tão sem mão que a encontre quanto as outras. É ali que elas se juntam uma a uma, dia a dia, e formam um monte de solidão inimaginável, atolado na lama com as chuvas.

Escreve longamente para a filha, Açucena. São cartas muito tristes, um tanto ilógicas, pálido reflexo do absurdo da situação que vive. Às vezes, quando tem muita sorte, consegue mergulhar no passado e escrever para a filha contando as lembranças de sua vida tão antiga: a grande fazenda, o gado, o jatobá, a ampla varanda onde a avó Jacira se sentava para o ritual de lava-pés. Se consegue, mergulha também na época em que chegou à cidade e teve a ilusão de achar que poderia ser sua, e escreve sobre esses dias. Quando queriam castigar seu comportamento, no entanto, a transferiam para outra cela, a pior cela do convento, a cela do horror cuja pequena janela não se abria para o mato, mas para um pequeno cemitério de indigentes e escravos.

Era seu inferno dos infernos.

As igrejas, na época, ainda eram o lugar onde se enterravam os mortos, o que só mudaria depois da Independência, quando ideias higienistas modernas teriam influência suficiente para conseguir uma lei determinando que os cemitérios fossem feitos fora do perímetro urbano, obedecendo a regras básicas de saúde. Naquele momento, no entanto, os mortos ainda eram enterrados nas mesmas igrejas das freguesias que frequentavam quando vivos e onde, quando vivos, pisavam sobre os outros mortos. A rainha dona Maria, a Louca, ela própria, estava enterrada ali, naquele mesmo Convento da Ajuda.

Mas os mortos sem freguesia, os escravos abandonados pelos senhores nos becos, os africanos que morriam nas quarentenas antes do desembarque dos

navios negreiros, os mestiços indigentes — esses eram enterrados sem qualquer cerimônia religiosa, sem cuidados, em algum sítio qualquer, como aquele mato nos fundos do convento. Esses cadáveres, sem esquifes e sem mortalhas, eram atirados em covas de quase nenhuma profundidade, com um pouco de terra solta jogada por cima. Se alguma parte do morto ficava exposta, era socada com grossos tocos de madeira, *tum-tum-tum*, enfiada à força de volta ao pó.

Nessas covas rasas, a decomposição dos cadáveres produzia gases mefíticos, insalubres, portadores de doenças, que entravam pelas pequenas janelas do convento. O olfato terminava por se acostumar e já não sentir esses eflúvios e pestilências que, no entanto, continuavam lá, miasmas que pesavam como nuvens densas no ar da cela, causando náuseas, dores de cabeça e pesadelos.

Na escuridão da noite era pior. Damiana unia toda a sua força e determinação para conseguir que pelo menos seu pensamento fugisse para longe dali. Era quando, se tivesse sorte e conseguisse fazer o pensamento abandonar o negrume sufocante da cela, ela via a cidade completamente iluminada, as velas e os lampiões acesos em todas as ruas, até nas casas mais pobres. Em cada janela aberta e em cada porta via uma luz. Via as ruas juncadas de flores, as pedras atapetadas de ervas odoríferas, alecrim, camomila, manjericão. A princesa está vindo do cais, a princesa está chegando ao Brasil, a filha do imperador da Áustria, a princesa que é amante das artes e das ciências naturais, a esposa de dom Pedro, Carolina Josepha Leopoldina von Habsburg. A princesa está pisando nas ervas que foram colocadas ali para serem pisadas por ela, e ela as pisa e acena e sorri sob um dossel dourado, a princesa está encantada com o Brasil, viu à primeira vista que esse é um país magnífico que tem grandeza o bastante para ser independente, e ela pisa nas ervas com seus botins de salto, e um cheiro doce e envolvente começa a subir de seus pés, é um cheiro pungente, adocicado e asfixiante, um cheiro que começa a sufocá-la, a princesa vai desmaiar, ela vai desmaiar no calor tropical enquanto os sinos repicam, as salvas dos canhões e dos fogos, e entre os fogos soa um barulho mais alto, que aumenta, e Damiana com horror logo o reconhece, o *tum-tum-tum* dos tocos socando os cadáveres na cova, e o que ela vê agora são os corpos mal enterrados se levantando da terra, os mortos-vivos minando através das paredes, acompanhando o ritmo das batidas surdas dos troncos de madeira.

Ela abre os olhos, asfixiada, aterrorizada uma vez mais.

É mais uma noite que passará em claro e em completo desespero.

Não pensem vocês que Damiana foi a primeira ou a única esposa a ser presa em

um convento. Essa maneira de se livrar da mulher era usada na época, quando o marido não queria se divorciar da esposa para não dividir os bens mas não se sentia com coragem suficiente para matá-la de vez, ou queria apenas, digamos assim, ministrar-lhe uma lição.

No começo, ninguém sabia onde Damiana estava.

Só Belchior a visitava esporadicamente no convento, mas ela se recusava a conversar com ele. Recebia-o na esperança de que tivesse levado a filha, e mal escutava o que ele lhe dizia. Nos dois anos que durou seu confinamento, apenas em duas ocasiões, e para não desagradar à abadessa, que insistia que isso ajudaria Damiana a se emendar, ele levou Açucena para ver a mãe.

A todos Belchior dizia que Damiana estava em tratamento dos nervos e fora aconselhada pelos médicos a ficar de repouso, sem visitas. Aos amigos, dizia que ela estava na fazenda em Goiás. Aos tios de Goiás, mandava notícias falsas.

Mariano havia partido em uma longa viagem para o Sul. Era uma viagem que pensara fazer durante muito tempo, uma vontade antiga: conhecer as províncias que diziam quase formar um outro país. Com uma trupe de artistas amadores, três músicos, todos como ele de família abastada e um dos quais filho de uma família carioca de industriais de charque, rapaz de voz de tenor e vários conhecidos na região dos pampas, o cicerone do grupo, ele partiu em uma “excursão galante”. Mariano era o mais velho, o mais boêmio e o mais generoso. Acabou se envolvendo em tantas histórias, inclusive em um grande quiproquó, apaixonado por uma campônia açoriana que lhe virou a cabeça por um bom tempo, e só voltou à corte mais de dois anos depois.

Havia estranhado muito que suas cartas a Damiana não tivessem resposta. Chegou a escrever diretamente a Inácio Belchior pedindo notícias da sobrinha e recebeu uma resposta fria e cerimoniosa, afirmando que todos estavam bem e Damiana, graças ao bom deus, estava se recuperando de um tratamento para os nervos e por esse motivo não podia lhe escrever. Mas que não se preocupasse, pois os médicos garantiram que não era nada de gravidade e Belchior estava cuidando de todos os detalhes de seu bem-estar. Os irmãos de Goiás também lhe enviavam as mesmas notícias: que Inácio lhes escrevera contando que Damiana estava em tratamento dos nervos mas garantira que estava se recuperando muito bem, nas mãos dos melhores médicos da corte.

As notícias de tratamento tão demorado começaram a inquietar Mariano, e ele decidiu voltar. A paixão arrefecida pela açoriana já deixava sua cabeça raciocinar normalmente outra vez, e ele resolveu abandonar aquela vida de “conquistador

do Sul”. No mesmo dia em que chegou ao Rio, foi à casa de Damiana e, de início, ainda se deparou com as evasivas e os subterfúgios de Inácio. Ainda demorou algum tempo para conseguir descobrir toda a espantosa verdade. Só então, com a influência dos primos Ambrósios, a quem acabou sentindo a necessidade de procurar, e a ameaça de arrebentar todas as portas do convento, Mariano conseguiu finalmente autorização para visitar Damiana.

Mas já era demasiado tarde.

Encontrou-a enferma de corpo e alma. Alguma coisa — talvez tuberculose, talvez outra febre maligna — lhe incendeia o corpo e os pulmões.

É difícil para Mariano conseguir entender completamente o que acontecera. Damiana já não tem condições de lhe explicar de maneira coerente seus anos de cativeiro. Parece confundir os fatos, mistura-os, fala de absurdos que ele não pode compreender. Mariano se assusta e está perplexo: a sobrinha era tão forte, destemida, segura de si. O que lhe aconteceu? Por que ficou prostrada assim? Seu corpo parece um trapo sem cor, leve como uma pena, algo que ele pode carregar como se carregasse um pequeno travesseiro murcho. E é o que faz. Levanta-a, carrega-a nos braços e tira-a imediatamente dali, e nem a abadessa nem suas acólitas, depois de tudo, depois daqueles anos, ninguém ousa lhe barrar os passos decididos nem sequer lhe indagar o que pensa fazer. Estão de certa forma aliviadas por alguém assumir a responsabilidade pela reclusa que só lhes trouxe problemas e está cada dia mais enferma; contentam-se em mandar um aviso urgente para o marido.

Mariano leva-a para sua pequena casa de solteirão.

Ali, na sala da casa do tio, está uma aquarela que dela fez o pintor Chamberlain, um visitante de sua antiga casa e de suas reuniões. Mariano passa horas olhando o quadro onde Damiana aparece com todo o vigor: pele moreno-jambo, lábios levemente carnudos, estatura mais alta do que a média, cabelos presos em um coque. Sua vitalidade parece transbordar das cores leves da aquarela. Ela sorri com todo o corpo e os olhos, sorri com a alma.

Mariano não se perdoa.

O ar doentio do convento, a recusa em se alimentar direito, o tumulto de seu incompreensível sofrimento, tudo isso já seria demasiado mesmo para alguém forte como ela. Mas o fatal e decisivo parece ter sido a falta de notícias de todos, o completo isolamento. Mariano tem certeza de que, se pudesse ter lhe escrito, ter lhe falado desde o começo, ela teria tido condições de superar a malignidade de Belchior. Mariano não se perdoa, não admite ter faltado a quem sempre

considerou como filha justo na hora em que ela mais precisou.

Belchior chega à casa de Mariano: tenso, temeroso, fingindo preocupação mas bastante aliviado por constatar que a fraqueza e as incoerências de Damiana não poderão desmentir sua história. Já antecipa o momento em que se tornará viúvo e único proprietário de todos os bens da mulher. Traz Açucena pela mão, menininha de olhos arregalados que na verdade mal conhece a mãe.

Em suas tentativas de explicação a Mariano, ele insistira sem vacilações na doença de nervos de Damiana, em seus ataques, no perigo que representara para a segurança de todos, principalmente a dela mesma e da própria filha, Antônia Carlota, que um dia... não, ele não queria se lembrar. Inácio Belchior mente sem pejo e sem remorsos: ela estava doente e não sabia o que fazia, não era dona de seus atos. Sentira-se obrigado a agir como agira, para o bem da mulher, porque fora a isso aconselhado por todos, desde o arcebispo e o prelado até o médico que a vira na ocasião.

“Qual foi esse médico, Belchior? Dê-me seu endereço.”

“Não, não será possível, ele já não está na cidade. Voltou com dom João para Lisboa, era o médico da família real, o melhor de todos.”

Mariano não pode explicar por quê, mas não acredita em nenhuma palavra de Inácio. Os olhos aterrorizados de Damiana ao se recusar a receber o marido confirmam suas suspeitas. Não sabe o que fazer para reparar a culpa e a dor que sente invadi-lo.

A cidade está mais agitada do que nunca. Com os eventos em Portugal, dom João VI partira de volta a Lisboa, deixando dom Pedro como príncipe regente. Mas o clima tenso continuara, continuara o conflito entre as ordens de Lisboa e os interesses brasileiros. Em todos os cantos só se falava na necessidade de se declarar de uma vez por todas a Independência. Surgiam manifestos, as pessoas invadiam as praças, tumultos aconteciam. Os rumores iam e vinham. Os acontecimentos se precipitavam. A cidade estava elétrica.

Damiana morreu dois dias depois da declaração da Independência.

A cidade comemorava em festa, completamente iluminada, todos os lampiões acesos. Os fogos estouravam, os sinos repicavam, as pessoas nas praças faziam

discursos e dançavam, conjuntos de música tocavam nas ruas. Todos ostentavam no braço ou nas roupas os laços verde e amarelo, as cores do Brasil livre.

O enterro de Damiana é simples. Alguns amigos. Inácio Belchior levando pela mão Antônia Carlota. O tio Justino, que viera dias antes da fazenda para ver a sobrinha.

A cidade está demasiada e coletivamente feliz, não há espaço para as tristezas e os dramas individuais.

De volta do cemitério, Mariano em sua casa dirige-se ao armário do quarto, de onde tira duas pistolas. Com toda a calma do mundo, carrega-as e, assim como está, com as duas pistolas na mão, atravessa as ruas da cidade em direção à casa de Inácio Belchior.

Está completamente calmo.

Completamente seguro do que faz.

VICIOSA MODERNIDADE

Açucena Brasília / Antônia Carlota (1816-1906)

Mais do que os quatro nomes que nela até não soavam estranhos mas graciosos, o que chamava a atenção em Açucena eram os olhos risonhos, o sorriso, que parecia transbordar do rosto redondo e moreno, e as mãos, principalmente as mãos, que tinham um jeito cálido de tocar, uma qualidade de transmitir alguma coisa viva e forte que atraía as pessoas. Eram mãos que acariciavam e deixavam por onde passavam uma tranquilidade, um bem-estar que, embora não sendo efeito de massagem — e não eram —, pareciam provocar o mesmo alívio.

Com essas mãos, ela fazia doces cristalizados que recebiam sempre o mesmo comentário de quem quer que os comesse, a mesma apreciação dita quase da mesma maneira, como se um visse o que os outros diziam, como fechavam os olhos em êxtase e passavam a língua nos cantos da boca tentando disfarçar a vontade irreprimível de aí encontrar algum resíduo de sobra, por minúsculo que fosse, e deixando escapar um suspiro que nascia das profundezas mais aprazíveis, irmão gêmeo do comentário que vinha junto, com a mais completa franqueza: “Huummmm... Deus me proteja, mas esse é o melhor doce que já comi em toda a minha vida”.

Fazia também delicadas flores de penas de pássaros, nos mais variados tons de verde, azul, vermelho, tão naturais que muitas vezes se estragavam porque alguma escrava mais zelosa as colocava em vasos cheios de água como se seu frescor e sua textura necessitassem dos mesmos cuidados que as flores vivas. Eram flores disputadíssimas por quem passasse pela cidade. Eram presentes que Açucena dava para visitas e amigos e muitos acabavam usando, sem que ela soubesse e se soubesse acharia graça, para revender.

Açucena Brasília era miúda, gordinha e tinha uma queda natural para se enfeitar: vestia-se com cores vibrantes e usava em profusão brincos, colares, pulseiras e anéis todo dia, onde estivesse. Deixava cheios de sons os espaços por onde passava, com risadas, farfalhar das sedas e tilintar de joias. Era a mais gulosa fã de seus doces cristalizados, e era comum vê-la com minúsculos pedacinhos brancos do açúcar cristal se derretendo em um cantinho feliz da boca. Essa foi a figura de Açucena quando moça e depois como mulher. Exuberante, luminosa, atraente, como fonte cristalina de alegria e afeto.

Mas sua vida, convenhamos, teve um começo bem difícil. Um pai mau-caráter, interesseiro, criminoso. A mãe, que ela nem pôde dizer que chegou a conhecer. E os dois nomes, dois não, quatro, quatro nomes que, pensem bem, poderiam soterrar facilmente a portadora, não fosse ela quem fosse.

Por sorte, sua vida também teve seu lado fácil: o generoso e esclarecido velho tio que a criou com toda a liberdade e que foi — disso ela não tinha dúvida — um pai bem melhor do que teria sido Inácio Belchior. Ensinou-lhe a ler, a escrever e a ver as coisas pelo seu prisma mais leve, dom que ela herdou também de seus genes, a capacidade de ver sempre o lado positivo da vida, de colocá-la de ponta-cabeça para se divertir com seus fundilhos rotos, se necessário.

Só quando estava prestes a morrer, Mariano perguntou a Açucena — ela própria já mãe de dois filhos — se já lhe contara como matara seu pai.

Ela disse que não.

Ele então lhe contou como, nas ruas em festa onde a capital eufórica comemorava a Independência, ninguém reparara que ele carregava nas mãos duas pistolas.

Mesmo os amigos que encontra até chegar à casa de Inácio Belchior, todos sem caber em si de contentes, todos abraçam-no, insistem para que se una a eles naquela exuberante comemoração de alegria pública, mas nenhum presta atenção nas duas pistolas em suas mãos, nenhum comenta a morte da sobrinha, nenhum lhe pergunta em que direção vai naquele momento de festa.

Ele conta como bate à porta da casa de Inácio, que também está recebendo seus amigos na noite histórica, grandes comerciantes portugueses excitados com os acontecimentos e certos de que o herdeiro do trono português no governo não representará nenhuma ameaça a eles, que, pelo contrário, os negócios com certeza iriam prosperar com a nova situação. Havia também alguns amigos nobres, também se sentindo garantidos pelo sangue aristocrata de dom Pedro, todos tomando champanhe para comemorar os novos tempos, quando Mariano bate à porta e o próprio Inácio Belchior vai atender, porque boa parte dos escravos está nas ruas, também comemorando.

Ao ver Mariano, ele se assusta. E mais se assusta quando Mariano lhe entrega uma de suas pistolas e pede, com calma, que saia à rua porque pretende matá-lo. Mas não o matará como o rato que é; lhe dará o direito de morrer como o homem que nunca foi.

Mariano conta a Açucena que estava calmo como nunca se sentira antes. Tem certeza de que esse foi o momento mais calmo de toda a sua vida, seu dia de

sangue mais frio.

Inácio, pego de surpresa, na frente dos amigos, não tem sequer tempo para imaginar uma saída. Seu prestígio e sua honra estão presentes, ali na soleira da porta, trazidos com elegância pelas palavras que Mariano fez questão de pronunciar, muito calmo, para que todos ouvissem. Sob os olhos de todos, ali na sua própria porta, ele não pode sair correndo, como certamente suas vísceras estariam pedindo.

“O duelo, na rua em frente à casa, foi rápido e indolor para mim”, diz Mariano, “que acertei seu pai sem nenhum esforço e mesmo sem emoção. Como já lhe disse, esse foi o momento mais frio de toda a minha vida. Sempre tive boa pontaria, e é preciso reconhecer que a chance de morrer como homem era realmente a única que Inácio tinha; a de escapar de minha pontaria, não.”

E com a calma ainda intacta, ele continua, entrou na casa feericamente iluminada, procurou o quarto dela de menina, levantou-a da cama e a levou nos braços com ele. Estava seguro de que conseguiria lhe dar e fazer por ela o que não conseguira fazer nem pela irmã nem pela sobrinha.

“E conseguiu, sim, meu tio”, ela lhe diz, apertando sua mão, “conseguiu.”

Na confusão da festa em que estava mergulhada a cidade, Mariano sabia que tinha algum tempo à sua disposição, mas não muito, pois os amigos de Inácio, passada a surpresa inicial, com certeza procurariam prendê-lo. Na verdade, ele já havia preparado para onde fugir, um lugar onde não seria encontrado, uma fazenda que estava à sua disposição para que lá ficasse o tempo que fosse necessário. Uma das fazendas dos famigerados primos Ambrósios (e ali, no leito de morte de Mariano, os dois, tio e sobrinha, riem).

Os famigerados primos Ambrósios.

Era assim que de brincadeira eles tratavam os primos. Definitivamente, esse lado da família não conseguia tolerar o outro lado. E olha que os Ambrósios até que fizeram bastante, ajudaram no que puderam, praticamente salvaram Mariano da cadeia, cuidaram de todos os papéis para que Antônia Carlota — pois era pelo nome português que esse lado da família a chamava, não só por ser seu nome de batismo e registro, mas porque o consideravam mais nobre e adequado do que o esdrúxulo Açucena Brasília — recebesse sua herança com tudo o que era de seu direito. Continuaram administrando para ela o comércio do pai. Providenciaram a fazenda onde eles moraram até a justiça se esquecer da existência e do crime de Mariano, quando então os dois se mudaram para aquela pequena vila, onde moravam agora, quase na divisa entre Minas e São Paulo.

Mas, em que pese tudo isso e toda a sua elegância e pompa, os Ambrósios eram traficantes de escravos, donos de frotas de navios negreiros — o que continuavam sendo clandestinamente, mesmo depois da proibição do tráfico —, eram a vergonha da nação, e isso Mariano e Açucena não aceitavam. Consideravam-se muito devedores pelos favores que os primos haviam lhes feito, mas não aceitavam.

Sim, Mariano e Açucena sempre tiveram escravos como qualquer outra família de sua condição. E também não faziam trabalho braçal, como qualquer outra família de sua condição. A diferença entre eles e os outros estava na maneira como tratavam os escravos e sobretudo na maneira como encaravam a escravidão, na concepção que tinham de que ela era intrinsecamente errada, que não deveria existir. Mas seria exigir que vivessem fora de sua época se alforriassem seus escravos. Alforriavam muitos, é certo, e depois de um tempo e mesmo antes das leis passaram a alforriar os velhos e os recém-nascidos, davam guarida a escravos fugidos, tudo isso eles faziam. Mas também é certo que continuavam com seus escravos no trabalho e na casa, embora acreditassem sinceramente que os tratavam como iguais. É incoerente? Sem dúvida. Mas, sem a incoerente consciência desses primeiros abolicionistas, provavelmente a abolição demoraria mais do que demorou para chegar.

Na pequena vila onde foram morar depois que saíram da fazenda, Açucena chegou mal saindo da adolescência. Ali, seus amores foram vários e notórios. Como o tio Mariano, ela também não pensava em se casar, mas teve, ao que parece, todos os homens que quis. Com eles teve cinco filhos, mas apenas três sobreviveram.

Seu primeiro amor foi um viúvo quase vinte anos mais velho, comendador, filho de uma família de barões de Ouro Preto. Apaixonado por ela, o comendador foi seu professor nas artes do amor e nas locuções de latim que, como muitos rapazes brasileiros da época, incorporara ao linguajar cotidiano quando estudante de Coimbra. Não moravam na mesma cidade, e durante três anos Açucena recusou suas nove propostas de casamento, feitas a cada Páscoa, Advento e Natal, três propostas por ano, até o dia em que não só recusou a proposta mas lhe disse também que não viesse mais. Dele Açucena ficou com a graça de intercalar locuções latinas em suas frases, o que fazia por fina ironia, para colocar um chiste a mais nos comentários espirituosos e no jeito malicioso de falar. Volta e meia, lá estava ela com seus “*sine qua non*”, seus “*modus vivendi*”, seus “*quantum satis*” e seus “*dura lex sed lex*”, na sala, na cozinha, na

igreja, nas rodas de lundu, fazendo todos rirem, mesmo quem nem sabia que isso era latim.

Era um pouco palhaça, e fazia qualquer coisa para se cercar de risadas.

Seu segundo amor foi um jovem militar, de passagem pela vila. Viveram uma daquelas aventuras que se costuma definir como tórridas e breves.

O terceiro, mais duradouro até por exigir menos dela, foi o padre, uma de suas relações mais prolongadas — talvez tenha durado uns três anos — e das mais calmas, com encontros falsamente furtivos uma ou duas vezes por semana, sem nenhuma exigência de parte a parte, sem cenas de ciúme, sem posses nem pequenas brigas. Falsamente furtivos porque, sem dúvida, todos da cidade sabiam, só que agiam como se não soubessem.

Teve também amores com um jovem escravo. Um rapaz alto, musculoso, afobado. Mas já não tenho certeza se esse caso com o escravo foi nos tempos dos amores com o padre ou se foi um pouco antes ou um pouco depois. Deve ter sido um pouco antes, pois depois do padre, por fim, ela conheceu Caio Pessanha, nordestino fugido da revolução de Pernambuco de 1817, e com ele finalmente se casou.

Caio era um adolescente na época dos acontecimentos de Recife, quando mal completara quinze anos mas se envolvera de corpo e alma na insurreição pela Independência. Estava com o padre José Inácio de Abreu e Lima quando este foi em viagem à Bahia, levando no embornal as cartas em que os insurretos explicavam os objetivos do novo governo republicano, viagem em que foram capturados e o padre fuzilado. Caio, pouco mais que um menino, conseguiu fugir e, depois de perambular algum tempo pelo interior da Bahia e por Goiás, acabou na fazenda dos tios de Açucena.

Quando as coisas serenaram em Pernambuco, ele voltou para o curso em Olinda e continuou a militância republicana. Era ardoroso, efusivo, amante da Revolução Francesa e maçom. Sete anos depois, a história se repetiu em Pernambuco, e mais uma vez como tragédia, com os republicanos declarando a criação e a separação da Confederação do Equador. Caio estava entre eles. E de novo chegaram as tropas do Rio de Janeiro, invadindo, incendiando e saqueando Recife. A forte repressão militar, com a prisão e a morte dos líderes e o fuzilamento de Frei Caneca, obrigou Caio e outros revolucionários a fugir para onde desse.

Foi quando ele decidiu voltar para o centro do país e assumir a tarefa de divulgar as ideias revolucionárias. Tornou-se um mascate letrado e politizado,

que usava o charme de vendedor para divulgar a República. Desde então esteve ligado a muitas das rebeliões e revoltas provinciais que fizeram daqueles anos no país uma época de grande efervescência política.

No finalzinho de uma bela tarde de maio, ao vê-lo chegar à vila garbosamente montado, acompanhado por dois negros também montados, os longos cabelos escuros amarrados atrás, bigodes caprichosamente aparados e todo o seu charme moreno, Açucena sentiu, por um brevíssimo mas inesquecível momento, o coração parar de leve. Caio Pessanha desmontou com elegância e se apresentou, e apresentou também a bela égua manga-larga preta em que vinha montado, cujo nome era República; seus dois ajudantes negros, alforriados, Constâncio e Belisário, com suas mulas, Liberdade e Fraternidade. Apresentou também os baús de mascate, que eram seu disfarce e meio de vida. O inusitado de suas maneiras e sua loquacidade a encheram de surpresas e de felicidade desde o começo.

Mariano conhecia Caio e o recebeu com grande estilo em sua casa.

Açucena comprou dois formosos tecidos de seda e vários colares, pulseiras e anéis. Comprou os dois livros que ele trazia. Comprou um jogo de cama de linho, bordado por fiandeiras do Nordeste, dois candelabros de estanho, trabalhados com requinte, e um leque de osso e papel pintado com uma cena campestre. Comprou, na verdade, boa parte do estoque do mascate, que ficou para o jantar. E foi então a vez de Caio ser apresentado às delícias dos doces e, horas depois, às da cama de Açucena, e acabou fazendo da vila o pouso para onde sempre voltava durante os melhores anos de sua vida. Tiveram dois filhos: Sócrates Brasiliense e Diana América.

Que Açucena talvez fosse falada por seus amores e suas maneiras, tão avançadas para a época em uma cidadezinha interiorana, é bem provável, mas sobre isso nada se pode dizer com certeza. Pois, se é verdade que o narrador onisciente supostamente sabe tudo, é verdade também que aqui, como em todos os outros campos, há uma bela distância entre a teoria e a prática. O narrador sabe de muita coisa, isso é certo, caso contrário nem poderia estar lhes contando essa história, mas daí à onisciência, francamente, há um fosso magnífico e um enorme exagero.

Seja como for, falada ou não pelas liberdades que seu coração tomava, isso não impedia, contudo, que de uma certa maneira ela fosse considerada por quase todos como uma bênção para a cidade.

Por vários motivos, e todos muito concretos.

Assim que foram morar ali, depois de passar vários anos na fazenda dos Ambrósios em Minas, onde Mariano ensinou a Açucena quase tudo o que sabia, tio e sobrinha trouxeram vida nova à vilazinha agonizante. Viviam bem e sem preocupações, com a herança do comércio grosso de Inácio Belchior que os primos Ambrósios administravam para Antônia Carlota, e parte das terras de Goiás. Chegaram com dinheiro e com escravos, não muitos, mas o suficiente para animar a vila.

De uma pequena casa à beira da serra esmeralda que cercava a cidade, fizeram uma bela casa assobradada — a primeira a ser vista por ali. E, depois da casa da beira da serra, ajudaram a reformar a igreja e fizeram um coreto na praça. Mariano gostava de construir, de fazer os planos e ver a construção se erguendo. Mas foi de Açucena a ideia de dar a seus escravos a oportunidade de aprender uma profissão e de incentivá-los a se dedicarem ao aprendizado, pois um dos prêmios para quem se tornasse um mestre em seu ofício era a alforria. Tinha escravos taipeiros para construir casas de taipa, carpinteiros, ferreiros, alfaiates, artesãos qualificados que iam aprendendo e ensinando uns aos outros, até como estratégia de alforria, pois sabiam que sua capacidade de mestre seria mais facilmente reconhecida se conseguissem capacitar outros que pudessem, inclusive, deixar como substitutos para que sua liberdade não prejudicasse o sinhô Mariano e a sinhá Çucena, dignos só de apreço e gratidão.

Com seus escravos qualificados, eles transformaram o arraial em centro procurado por todos das redondezas, o que trouxe progresso e movimentação muito bem-vindos pelos da cidade. Vinha gente de fora encomendar móveis para o carpinteiro, ternos para o alfaiate, chaves, pregos e maçanetas para o ferreiro. A vila começou a ficar conhecida pelo pequeno centro artesanal que se formara no grande quintal da casa assobradada da serra, e isso foi bom para todos.

Outro motivo eram as mãos mágicas de Açucena. Não que ela fosse curandeira, mas seu talento natural com as mãos fez com que começasse a limpar um machucado aqui, apertar um ponto dolorido ali, examinar o velho que já não se levantava da cama, e, quando se deu conta, sua fama de curadora se espalhara. Com muita naturalidade, ela recolocava no lugar o osso que tinha se extraviado, tirava as dores da coluna alquebrada pela lida, desinchava a mão machucada. Ia conversando e apertando um certo ponto, dando tapinhas em outros, alisando, acariciando, com jeito afetuoso e risada contagiante, e pronto, a pessoa não queria mais sair de perto dela e quando saía era sentindo um bem-estar que nunca sentira antes. Com suas mãos, Açucena curava o corpo e consolava a alma.

Por tudo isso, os moradores da vila cobriam-na de agradecimentos e de afeto. Sua figura roliça, engraçada, alegre e benfeitora não ameaçava ninguém e, pelo

contrário, fazia com que as pessoas se sentissem inclinadas a aceitá-la e protegê-la.

Mariano também estava satisfeito com a nova vida. Na cidade pequena, uma das grandes atividades era o jogo de cartas e, junto com a pequena orquestra e banda que ele formou, onde permitia que negros forros ou escravos tocassem ao lado de brancos, não precisava de muito mais para se divertir. Reuniam-se quase todas as noites para ensaiar e tocar na casa de janelas azuis. Aos domingos, reuniam-se na pequena praça onde ele providenciara a construção do coreto especialmente para sua pequena orquestra. Tocavam também nos dias de procissão.

Açucena às vezes pensava que, se era católica, era por obra e graça da música e do incenso da igreja e das procissões. Ali onde não havia teatros, nem bailes, o que mais se aproximava de um grande espetáculo eram as missas cantadas e as procissões noturnas à luz bruxuleante das velas, acompanhadas pelo som melancólico da banda e pela cantoria aguda das mulheres. Açucena amava tanto essas procissões que tomou para si o encargo de organizá-las, e as procissões da vila se tornaram as mais famosas da região. Tanto pela beleza e profusão dos arranjos multicores das velas e dos enfeites dos andores e a qualidade da música quanto, sem dúvida, porque eram das poucas procissões do país onde os anjinhos podiam ser pretos. O padre, que atendia a tudo o que Açucena pedia, não podia lhe negar essa vontade, e ela fazia de seus anjinhos negros, filhos de escravos e de alforriados, os mais bem-vestidos da região.

Quando os coroinhas de batina vermelha e sobrepeliz branca apareciam à porta da igreja, agitando levemente os turíbulos de prata para fazer subir a fumaça perfumada do incenso e Mariano puxava os primeiros acordes de sua banda, o coração de Açucena se aninhava em seu peito procurando o melhor lugar para poder apreciar a fila colorida e musical que percorria as ruas.

A outra felicidade de Açucena era dançar o lundu. Dançava em sua sala ou ao redor das fogueiras dos escravos, dançava onde fosse. Roliça como era, tinha no entanto uma leveza, uma graça e um requebrar das cadeiras que sempre causava um bocado de admiração. Sua presença e sua sensualidade eram recebidas com muito gosto e regozijo e animava as rodas. Quando Caio estava presente, então, a dança dos dois era de fazer cair o queixo de quem a estivesse apreciando.

Caio Pessanha ia e vinha em suas viagens de mascate e revolucionário, em rotas e intervalos conhecidos por Açucena. Mas dessa vez estava demorando mais do que o devido, e, naquela madrugada, Açucena de repente despertou com

a certeza de que nunca mais o veria. Assim, quando na tarde desse mesmo dia ela viu chegar apenas Constâncio em sua velha mula Fraternidade, chamou os filhos para que estivessem a seu lado quando o fiel companheiro do pai lhes contasse o que deveria contar. Sócrates tinha doze anos e Diana, dez. E o que Constâncio lhes contou foi que Caio e Belisário haviam morrido nas estradas da Bahia, em emboscada de ladrões.

Constâncio contou também que na verdade foram àquela região na incumbência de uma missão arriscada, levar munição para um quilombo ameaçado, cujo chefe era um antigo companheiro de Caio. A situação estava cada vez mais perigosa, porque os preços dos escravos aumentaram muito com a proibição do tráfico e os feitores andavam que nem doidos atrás dos negros fugidos. Foi uma viagem tensa; tendo que viajar de noite e se esconder com a carga de dia, tiveram até duas escaramuças sem consequências com soldados que encontraram na estrada, mas tudo havia ido muito bem, eles se desincumbiram da tarefa e já estavam de regresso, tranquilos, sem cuidados, e talvez por isso mesmo, depois do perigo vencido com a entrega, estavam tranquilos demais e esquecidos de que as estradas ultimamente vinham tendo ataques de malfeitores foragidos que viviam de roubar viajantes. E o fato é que eles vinham mesmo desprevenidos, “Sinhô Caio só pensava na hora de chegar aqui, sinhá ‘Çucena’”, e então deu o que deu, eles não tiveram nem tempo de reagir, a primeira bala acertou em cheio no meio da testa de Caio. Belisário ainda sobreviveu umas horas e foi pior, porque, ferido ali na solidão da caatinga esperando a morte, com o sol fuzilando na cabeça e as sombras dos urubus sobrevoando seu desespero, sem uma gota de água que pudesse aliviar a queimadura seca da boca, morreu em grande sofrimento. Pelo menos isso foi poupado a Caio, que morreu sem perceber que estava morrendo.

Um frio gelado invade Açucena, e uma dor profunda se instala no centro de seu corpo. Ela sabe que uma parte de sua vida também morreu ali. A melhor parte de sua vida, com certeza, a parte do grande amor. Mas sabe também que, de todas as maneiras e em que pese tudo, é apenas uma parte. Sua vida e a de seus filhos terão de seguir adiante.

Três anos depois chega a morte para o velho tio Mariano. Chega sem estardalhaço, com uma doença de velhice que o deixou apenas dois dias de cama, dias em que Açucena passou a seu lado, tirando-lhe qualquer dor ou aflição. Foi nesses dias que ele lhe contou como matara seu pai, Inácio Belchior.

Depois de Caio, Açucena teve outros amores, mas nenhum que durasse muito.

Magnólia Liberta nasceu de um deles, um jovem músico que liderava a banda Justa Independência depois da morte de Mariano.

Açucena estava certa de que seu amor pelas procissões teve alguma coisa a ver com o misticismo e a carolice que marcaram a vida de Magnólia. Quando menina, ela era o anjo mais bonito, seu vestido de cetim azul brilhando no lusco-fusco das luzes e suas asas, as maiores, enormes asas de anjos feitas de penas miudinhas que pareciam fazê-la voar, magrinha como era, os cabelos castanho-claros cacheados e a voz que deixava a todos de olhos úmidos. Era ela quem fazia a coroação de Nossa Senhora, no mês de maio, e abria a Procissão do Senhor, no Advento.

Algo da emoção desses momentos que vivia tão intensamente deve ter marcado de maneira tão profunda sua alma de criança que Magnólia jamais quis outro papel que não esse. Sua vida transcorreu, toda ela, pelas calmas ruas de pedras claras da vila, a caminho da igreja e de volta à casa assobradada. Era tranquila, serena e parecia em paz consigo mesma.

Quando pequena, gostava de colocar sobre a cabeça a grande bacia de cobre da cozinha para lhe tapar o rosto e criar um eco de reverberação extraordinária para o som encantado de sua voz.

Quando mocinha, em um álbum de capa grossa, escrevia sonetos entre as páginas marcadas por pétalas e folhas secas, falando da bela natureza que a cercava e de amores místicos.

Depois, já crescida, reunia os escravos e vizinhos na sala do oratório à noite para cantar o terço com benditos, ladainhas e hinos. Açucena escutava da sala, admirando a voz da filha, que sobressaía forte e límpida da cantoria como se as outras vozes só existissem para fazer o coro de onde a dela se erguia triunfante.

Aprendeu também a fazer os doces cristalizados de Açucena e suas flores, só que não as fazia de penas, mas de tecidos suaves como seda, veludo, cetim. Eram tão belas quanto as da mãe.

De sua casa assobradada, Açucena viu os filhos crescerem e cada um seguir o rumo de sua vida: Sócrates foi estudar em Olinda, como o pai, e se formou em Direito, e ali continuou, casando-se com uma pernambucana e em estreito contato com a família do pai. Diana, aos treze anos, foi para o Rio viver seus desordenados amores. Magnólia viveu ao lado de Açucena, sem nunca se afastar de seu aconchego. Açucena também criou o primeiro filho de Diana América, o ruivo e sardento Dionísio Augusto, e foi uma influência decisiva na vida de Diva Felícia, a neta.

Na vila, ela continuou o centro de onde espalhava novidades boas e ações generosas. Com o tempo, suas mãos se tornavam cada vez mais sábias e balsâmicas, abarcando a todos em seu grande aro de afeto. Era um patrimônio da vila, e pessoas vinham de longe para conhecê-la.

Dali, de seu pequeno reino à beira da serra, Açucena viveu uma vida longa e viu muita coisa acontecer. Viu chegar a Abolição e dançou o lundu na praça com todos os negros da vila. Viu chegar a República, quando mandou abrir a garrafa de champanhe francês que a neta lhe trouxera na última visita. Viu entrar o novo século e nascerem os bisnetos, os filhos de Dionísio, que se casara com uma mulata dali mesmo e continuara morando na mesma casa, e os filhos de Diva Felícia. Viu nascer a bisneta Ana Eulália e foi nesse mesmo ano que se deixou, enfim, se despedir da vida, sua alegre companheira por noventa anos.

Morreu serena, da maneira mais natural do mundo, como quem fecha os olhos para um sono um pouco mais prolongado, enquanto ria com as histórias que lhe contava um dos bisnetos.

Seu enterro foi seguido pela vila em peso. O pequeno comércio fechou, e todos, antes de sair de suas casas, trancaram as portas e as janelas, coisa rara de se ver em lugar e tempo onde mesmo à noite ninguém trancava nada. As crianças se vestiram de anjos, e pétalas de flores foram espalhadas pelas ruas por onde passou a grande procissão dos moradores, homens, mulheres, jovens e crianças, a pé, de mula, de charrete, a cavalo, acompanhando até o cemitério o caixão enfeitado como um andor. A banda criada por Mariano vinha na frente, tocando inspirada sua última homenagem à veneranda matrona da cidade.

Foi um enterro que as pessoas da vila jamais iriam esquecer.

Diana América (1846-1883)

Vejam como a vida continuamente foge de qualquer controle: apesar das objeções da mãe e do tio, Diana América adorava os primos Ambrósios. Ao completar treze anos, pediu à mãe que a deixasse ir morar com eles no Rio de Janeiro.

Delicada e meiga até o momento em que algo ou alguém não lhe fizesse as vontades, Diana era de constituição frágil, sujeita a resfriados e indisposições. Tornou-se uma mocinha um tanto manhosa e voluntariosa, capaz de dobrar à sua vontade até o imperador, se achasse necessário.

Com essas características, ao completar treze anos e pedir à mãe que a deixasse ir para a casa dos primos do Rio de Janeiro porque desejava morar na capital, Açucena não chegou a se surpreender. Por seu feitio, ela era o tipo de mãe que jamais pretendeu governar a vida dos filhos; na verdade, achava que tudo era possível, tudo era natural, tudo tinha seu direito de acontecer sob o sol, crença que, certamente, teve muito a ver com sua longevidade. Apenas olhou fundo nos olhos da filha e lhe disse: “Se é isso que você quer, minha querida, muito bem, siga sua vida em paz”.

Diana América chegou à casa do tio Teófilo Ambrósio, que era então o patriarca da família e fizera ao avô, Alencar, a promessa de sempre cuidar da família de Jacira, no que ela precisasse.

Dom Teófilo não só compreendia como admirava a dedicação do avô à memória da pequena irmã e sua determinação em reparar a injustiça que lhe fora feita e, assim como o avô e depois o pai, tampouco parecia perceber que Jacira e a família haviam, por si mesmos, reorganizado suas vidas e de fato não precisavam de tanta condescendência nem protecionismo da parte deles. Do alto de seu poder, orgulho e vontade, Alencar acreditara e fez a família acreditar que eram responsáveis pelos primos, e só essa crença, que vinha muito mais da cegueira da arrogância do que da realidade, era capaz de explicar todo o esforço que faziam para isso.

Diana acabou fazendo-os se arrepender bastante dessa solicitude, mas no começo foi recebida com enorme gosto pelo tio e sua família. Imediatamente começou a ter lições com a preceptora francesa das duas primas e entrou no ritmo festivo e animado da vida de milionários no Império.

O Rio de Janeiro era, então, o grande terminal negreiro da América, com a

maior concentração de escravos existente no mundo desde o Império Romano. Era uma cidade meio africana, quase negra. Os escravos descalços enchiam as ruas no desempenho das tarefas cotidianas; nas horas de trabalho, poucos brancos tinham alguma coisa a fazer nas ruas, e mesmo os que não eram ricos o suficiente para ter vários escravos tinham pelo menos um ou dois que alugavam para outros e dessa renda tiravam seu sustento. O ócio era a refinada virtude cultivada pelos brancos e sinal de status e prestígio, pois, se o trabalho era feito pelo escravo, o trabalho então, por definição, era desprezível, um mal necessário que — graças a deus! — era incumbência do negro. Esse horror da sociedade escravocrata ao trabalho era coisa notada por todo estrangeiro que chegava ao Brasil.

Em que pese tudo isso, o Rio era a bela cidade que sempre foi, com suas montanhas, o mar e a claridade ofuscante. Era festiva, animada, agitada, com saraus, festas e bailes, tudo acontecendo ali, a capital do Império.

De início, Diana encantou os Ambrósios com seu domínio do piano — ela herdara o ouvido absoluto da família — e praticamente se apossou do belo piano de cauda, um pouco abandonado, da sala. Por um bom tempo, exibiu sua face meiga, cordata e logo aprendeu todos os modos necessários a uma elegante *mademoiselle* da sociedade, *très charmante*. Passeava com as primas nas garbosas seges conduzidas por cocheiro com lacaio ao lado, fardados de libré azul-ferrete guarnecida de frisos vermelhos. Andavam pela animada rua do Ouvidor comprando roupas importadas da França, *bien sûr*, espartilhos e anáguas metálicas, para dar maior volume à saia, xales de renda branca da China e leques de madrepérola que chegaram no *dernier bâteau*. Eram peças necessárias para com elas se exibirem nos bailes da corte e nos saraus musicais da cidade, onde os talentos de pianista da “sobrinha dos Ambrósios” eram cada vez mais requisitados.

De fato, Diana era uma intérprete excepcional. Aos cinco anos, já tocava várias músicas no pequeno piano-caixa do tio Mariano, seu primeiro professor. No Rio, com a oportunidade de estudar de maneira mais metódica, em pouco tempo se tornou intérprete admirada nos salões e considerada uma das mais originais, com estilo voluntarioso e marcante. Chegou inclusive a ser convidada para tocar num sarau de não profissionais patrocinado pelo imperador dom Pedro II e pela jovem princesa Isabel, de sua idade, que a aplaudiu com entusiasmo.

Diana passou seus primeiros anos no Rio em pleno deslumbramento. Com seu

temperamento inquieto, no entanto, ela queria mais. Queria usufruir o melhor dos dois lados que conhecia, aproveitar o luxo do estilo de vida do tio sem renunciar à liberdade do estilo de vida da mãe. Os conflitos com o tio e sua família não tardaram a surgir, mas dom Teófilo, no papel de benfeitor, tentava contemporizar ao máximo com o que considerava a extravagante rebeldia da jovem e que, a seus olhos, confirmava como aquele lado da família necessitava de seu pulso forte.

A ruptura, porém, acabou sendo inevitável, e por motivo sério, pois afinal tudo tem seu limite, e *il était sans pardon* Diana ter engravidado de um jovem estudante inglês que passava as férias no Rio. O tio disselhe que, se não se casasse, não poderia ter o filho ali, uma vergonha para a família, inadmissível pela sociedade. Mas casamento era a última coisa que passava pela cabeça de Diana e do jovem inglês, que, assustado com a veemência desse povo exótico, tomou o primeiro navio de volta para casa.

Diana também voltou para a casa da mãe e teve o filho, Dionísio Augusto, ao lado de Açucena. Mas não tardou a perceber que não gostava nada do papel de cuidar de uma criança. Passou uns dias fatigada, sem sair da cama, no que talvez tenha sido sua primeira pequena crise de neurastenia. Pensava sentir falta da vida movimentada do Rio e queria ouvir de novo, ah! como queria!, o som puro do piano de cauda. O piano-caixa que fora do tio Mariano, e tinha sido seu durante toda a infância, agora lhe parecia ter um som menor, sem potência, sem brilho. Sonhava em ir para a Europa, onde conheceria grandes mestres e aprenderia o que não podia aprender sozinha.

No Rio, dom Teófilo, fervoroso e sincero amante da música, sentia falta de ouvi-la tocar. Sentia muita falta também do prestígio que lhe dava ter a talentosa sobrinha para exibir nos salões da corte. Quando a própria princesa Isabel, ao cumprimentá-lo em um sarau, perguntou-lhe por Diana e disse que ansiava ouvi-la de novo, Teófilo Ambrósio decidiu perdoá-la. Enviou-lhe uma mensagem conciliatória, propondo recebê-la de volta, desde que não trouxesse o filho. Impôs-lhe também outras restrições, mas prometia enviá-la para estudar na Europa, assim que sua professora a considerasse pronta para isso.

Diana aceitou voltar, mas, nessa segunda estadia na mansão dos Ambrósios, já estava bastante mudada. Seu brilho irradiante e sua vivacidade pareciam ter se aquietado um pouco, talvez pela maternidade, talvez por estar longe do filho, embora decidisse, sem muito drama, deixá-lo nas mãos de Açucena e considerá-lo não corno filho, mas como irmão menor, fora de sua responsabilidade.

Dedicou-se mais seriamente às aulas de piano e já não era tão entusiasta como antes dos passeios e bailes. Sua professora de piano, no entanto, uma senhora alemã de perfil de águia e inflexível seriedade, era tiranamente adepta do estilo

clássico de tocar e não entendia nem apreciava, e muito menos aceitava, a heterodoxia da aluna. Diana era intérprete de grande originalidade, em clara oposição à ortodoxia da mestra; inevitáveis, portanto, os conflitos cada vez mais frequentes entre a aluna voluntariosa e quem supostamente estava ali para auxiliá-la a alçar voo. O resultado dessa tensão, além das lágrimas a cair dos olhos de Diana como cataratas, era o permanente adiamento da aprovação da professora para sua viagem à Europa.

É dessa época a foto que tirou no ateliê de fotógrafo da rua do Ouvidor. Ela aparece de corpo inteiro, como era praxe naqueles anos para valorizar o vestuário feminino, a mão pousada no espaldar da cadeira. É jovem, elegante, *très jolie*, mas é inevitável já identificar em seus olhos um indisfarçável desalento, algo que parecia ter começado a consumi-la por dentro.

Há uma outra foto, um pouco anterior, de toda a família, tirada por um fotógrafo que dom Teófilo chamou a sua casa. Ali estão o tio e dona Carolina, sua esposa, as duas filhas, Isidra e Irismara, um pouco mais moças que Diana, com as quatro mucamas postadas nos cantos. Os outros três filhos de dom Teófilo não aparecem nessa foto, pois já eram casados, vivendo em suas próprias casas, e não estavam presentes no momento. Há muitas outras fotos da família inteira, era uma coqueluche da época se deixar gravar para a posteridade com essa tecnologia tão nova e revolucionária, admirada por todos, até pelo imperador, que importara um aparelho para fazer os próprios daguerreótipos. Mas nessas, só da família, Diana não aparece.

Há ainda uma terceira foto de Diana, feita bem mais tarde, ela já casada. Está sentada no banquinho, em frente a seu piano Essenfelder de cauda — esse realmente seu, presente de núpcias do marido. Não está datada e portanto não dá para saber exatamente em que momento foi tirada. Pode ser efeito da tecnologia da época, quando era preciso ficar um minuto e meio parado na pose para que a fotografia saísse perfeita, mas o fato é que o olhar de Diana, que tem as mãos apoiadas no colo e não sobre o teclado do magnífico piano, é de uma tristeza quase insuportável: a foto é de grande beleza, mas ninguém consegue olhá-la por muito tempo sem querer desviar o olhar daquele perturbador sorvedouro de melancolia.

A mulher de dom Teófilo, Carolina, foi a primeira a suspeitar que o humor instável de Diana, com suas crises de reclusão no quarto, quando se recusava a sair durante vários dias, talvez não se devesse apenas ao espírito rebelde da sobrinha. Sempre a achara muito magra, tendendo a se alimentar pouco e mal.

Dona Carolina era muito dedicada às coisas da casa e aos filhos, e a magreza e o temperamento de Diana a preocupavam bastante, inclusive porque temia algum tipo de contágio. Por isso, sempre estava atenta aos humores da sobrinha e sempre a fazia ser examinada pelo médico da família, que lhe receitava sobretudo repouso e fortificantes.

Foi dona Carolina que um dia lhe perguntou se não queria levar para a mãe um pequeno porta-joias de madrepérola que pertencera à família da bisavó de dom Teófilo, Clara Joaquina. Suas filhas achavam o velho porta-joias muito feio, mas ela tinha pena de jogá-lo no lixo. Diana disse que sim, que o levaria para Açucena. Com a saúde sujeita a essas pequenas crises, o piano foi sofrendo as consequências, e Diana compreendeu que os sonhos de estudar na Europa eram, cada vez mais e apenas, quimeras.

Quando voltou ao Rio daquela segunda vez, era intenção do tio casá-la com alguém de suas relações — as duas filhas já estavam comprometidas —, mas Diana não queria nem ouvir falar desses pretendentes. Pouco acostumado a ter seus desejos e ordens contestados, a sobrinha lhe parecia cada vez mais difícil e, que o pai o perdoasse, ele em muitas ocasiões já não se furtava a se dizer arrependido de tê-la aceitado de volta. Como o país estava em guerra com o Paraguai, o tio envolvido em novos negócios parecia ter menos tempo para o cotidiano familiar, e, de todas as maneiras, Diana há muito fazia que não o escutava. Queria continuar ali e iria continuar ali, *n'importe quoi*.

A cidade fervilhava. Os cafés da rua do Ouvidor eram um centro agitado de notícias, e Diana passara a frequentá-los sem as primas, que já não a acompanhavam, proibidas pelo pai. Começou a fazer amizades com pessoas fora do círculo dos Ambrósios. Ali chegavam as notícias excitadas da guerra, o debate sobre escravos sendo libertados para lutar no lugar dos seus patrões, o burburinho em torno da lei do recrutamento. Havia também discussões literárias e artísticas. Havia música, alegria. Poetas recitavam seus poemas, compositores interpretavam suas canções.

Foi em um desses cafés que Diana conheceu o jovem Hans G., poeta de faiscantes olhos verdes e cabelos esvoaçantes, louros como trigo. Era uma figura esplêndida e parecia possuído ao subir na mesa para recitar suas traduções de poemas de Goethe e Schiller e também as próprias criações.

Diana mal conteve seu êxtase e deleite ao vê-lo pela primeira vez, aquele anjo louro trepado na mesa, aplaudido com ardor e que parecia estar declamando apenas para ela, os olhos cravados nela, suas palavras uma ponte que o ligaria

para sempre a ela. Foi quando primeiro disse a si mesma o que depois lhe diria inúmeras vezes, o amor incendiando-a por dentro: “Não seja tão sublime, Hans! Não seja tão sublime!”.

Naquela noite, ele desceu da mesa direto até onde ela estava sentada:

“Posso saber seu nome, senhorita?”

“Diana.”

“Como a deusa?”

“Como eu mesma.”

Misterioso, Hans falava pouco de si. Era com certeza mais jovem do que ela — embora Diana não conseguisse saber ao certo sua idade. Juntando tudo o que imigrantes para o Rio Grande do Sul, componentes de um grupo conhecido como a Legião Alemã, convidados pelo governo brasileiro a vir para o Brasil. Desse grupo faziam parte intelectuais, professores e jornalistas que participaram da Revolução de 48 na Alemanha, indo inclusive para as barricadas, onde o pai de Hans fora ferido e quase morrera. Mas nem seu nome inteiro ela sabia, só o conhecia como Hans G., pois assim ele assinava seus poemas e assim se apresentava a todos. Aos treze anos deixara a família no Sul e desde então perambulava pelo país. Estava ali de passagem, como sempre estaria na vida. Disselhe desde o primeiro encontro que seu destino era escrever e conhecer o mundo, esse portento de maravilhas, com suas batalhas e glórias, suas comédias e suas tragédias, seu céu e seu inferno.

Os dois viveram uma arrebatada paixão por um tempo que pareceu demasiado curto a Diana. Quando Hans lhe disse que chegara sua hora de partir, ela lhe implorou que ficasse um pouco mais ou a deixasse ir com ele. Mas Hans foi impassível como só conseguem ser os muito jovens. Os olhos verdes inflexíveis, os cabelos impacientes já querendo seguir adiante, a capa preta jogada entre seu corpo e o de Diana, ele foi claro: “Não quero ficar e não posso levá-la. Sempre lhe disse que era assim minha vida, esse o meu destino, solitário, andarilho e aventureiro. Apenas eu e minha poesia. Não há lugar para mais ninguém a meu lado. Nem para você, doce Diana. Adeus”.

Essas palavras foram dardos que os olhos verdes de Hans lançaram sem consolo na alma enamorada de Diana. Quando ela descobriu logo depois que estava outra vez grávida, não teve ânimo para sequer pensar no que fazer. Abandonou o piano. Abandonou para sempre o sonho de estudar na Europa. Abandonou a vida nos cafés.

Foi o momento ideal para Teófilo Ambrósio tomar o controle da vida da

sobrinha. Um amigo, Caetano Acioli da Fonseca, sócio de ingleses em vários empreendimentos no Brasil, sempre fora apaixonado pela jovem pianista e já pedira sua mão inúmeras vezes. Viúvo, bem mais velho do que ela, aceitou como se fosse uma missão casar-se e assumir a paternidade do bebê que iria nascer. Era um homem solitário, sem filhos, e se sentiu gratificado com a possibilidade de ter a seu lado a jovem que amava e uma criança.

Diana deixou-se levar.

Pouco depois do nascimento da filha, a quem deu o nome de Diva Felícia, ela teve uma crise mais grave do que as anteriores, sofrendo de intensa fadiga. Não conseguia dormir à noite, tinha pouco apetite e passava dias praticamente trancada no quarto, as cortinas abaixadas, porque não suportava a luz do sol e os barulhos da rua e da casa. Seus movimentos e a fala vagarosa, sua extrema palidez, confirmavam o profundo cansaço. Sua enfermidade foi diagnosticada como neurastenia e repouso absoluto foi indicado como tratamento.

A partir dessa época, e durante vários anos, Diana passou boa parte do tempo numa clínica de repouso em Teresópolis. Eram momentos em que sequer tinha ânimo para viajar até a casa da mãe. Só quando começava a melhorar é que ia terminar a convalescença na casa assobradada de Açucena. Era ali que conseguia melhorar e reunir as forças para voltar ao Rio e tentar retomar os fios de sua vida anterior.

Os fios de sua vida.

Não eram muitos. Mas entre eles estava o Clube Abolicionista de Mulheres.

No tempo em que frequentava os cafés da rua do Ouvidor, Diana começara a participar de suas reuniões, e esse era um dos fios que retomava sempre que voltava ao Rio; ali se sentia útil, além de achar revigorante o pequeno risco que às vezes pensava que corria. Elas divulgavam manifestos contra a escravidão, faziam pequenas passeatas com discursos em praças públicas e, para arrecadação de fundos e compra de alforrias, organizavam espetáculos artísticos onde o piano de Diana era a grande atração.

Mas, na verdade, era a participação em uma rede mais secreta que fazia a cor voltar às suas faces; uma rede clandestina que apoiava e auxiliava os planos de fuga de escravos, conseguindo documentos, transporte e informações que poderiam ajudar a neutralizar os planos de perseguição e recaptura.

Seu marido, Caetano Acioli, aliado dos ingleses, há muito também defendia a necessidade do trabalho livre para que o Brasil pudesse se transformar em um novo país, mais próspero e mais afinado com as ideias europeias. Ser o último

país do mundo a se aferrar à escravidão era uma pecha vergonhosa que premia apagar de nossa história. Ele sabia das atividades abolicionistas da esposa, mas não se aprofundava muito no assunto; em que pesem suas próprias convicções, seguramente julgaria muito do que ela fazia — mesmo sem falar na rede clandestina, da qual, evidentemente, não tinha a mais remota ideia — como pouquíssimo apropriado para uma mulher de sua posição. Já sabia muito bem, no entanto, que tentar limitar as vontades de Diana era um exercício sem futuro; além disso, o que ele mais queria era ver um pouco de vida nas faces da mulher, e para isso o clube abolicionista e o piano eram os melhores remédios.

Quanto à família dos Ambrósios, eles certamente conheciam as ideias de Diana e as consideravam como parte de seu espírito rebelde, mas nem de longe poderiam imaginar que elas estariam tendo algum tipo de aplicação prática. Ridicularizavam e desprezavam os clubes femininos em geral, e os abolicionistas em particular, como fúteis reuniões em torno de aparelhos importados de chá, onde mulheres mal controladas pelos maridos passavam as tardes. Mal sabiam eles que esses clubes — e muito especialmente o clube do qual fazia parte Diana, cuja mais importante fonte de informações eram justamente os salões da família Ambrósio — já haviam, entre outras coisas, conseguido impedir que tivessem sucesso muitos dos planos de perseguição a escravos fugidos articulados ali mesmo, entre baforadas de charuto e ironias regadas a excelente vinho do Porto.

Quem sabia com detalhes de sua participação nesses clubes era a mãe, Açucena, que também fazia parte da rede de apoio à fuga dos escravos. Se alguém fosse procurar alguma coisa em suas terras à beira da serra esmeralda, o que mais acharia, provavelmente, seriam escravos fugidos morando em pequenos ranchos e cultivando a terra.

O irmão, Sócrates, de quem periodicamente recebia cartas com notícias, era advogado também abolicionista militante em Pernambuco. Costumava enviar de Recife para o cunhado Acioli caixas de charutos com a efígie de Joaquim Nabuco.

Sempre chegava o momento, no entanto, em que esses períodos animados da vida de Diana no Rio, a casa movimentada, o som revigorado e voluntarioso do piano, as idas aos cafés da rua do Ouvidor, o vaivém das reuniões do clube, eram intercalados com os longos períodos no silêncio das serras de Teresópolis. Períodos que começavam a se anunciar quando ela, de repente, demorava a sair do quarto para o café da manhã ou se deixava ficar sentada longas horas na

varanda com os olhos vagos perambulando pelo jardim onde já não ia colher as camélias, as flores-símbolo da Abolição e com as quais gostava de enfeitar a sala. Ou quando se sentava ao piano e tocava suas peças favoritas, as peças inteiras, todos os seus movimentos apenas em piano e pianíssimo, enchendo a casa de desalento. Ou quando chamava a pequena Diva, sentava-a em seu colo e, tomando o rosto dela entre as mãos, fixava os olhos com irremediável desconsolo nos olhos verdes da filha, os mesmos olhos faiscantes de Hans G., até que a menina, assustada, começasse a chorar e espernear em seu colo, fugindo aos prantos para longe da figura estranha que começava a tomar o corpo da mãe.

Para Caetano Acioli, a esposa sempre foi um enigma que ele se julgava incapaz de decifrar. Fora e continuava apaixonado por ela, mas com os anos daquele instável matrimônio acabara se tornando um amor mais próximo à compaixão do que qualquer outra coisa. A princípio, tentara tudo para fazê-la feliz, e houve momentos em que acreditara ter conseguido dar-lhe um pouco de serenidade. Quando, no entanto, ela começou com seus surtos mais graves de neurastenia, doença que a ciência da época se reconhecia impotente para tratar — hoje, talvez seu caso fosse diagnosticado como uma forma mascarada de depressão —, ele se viu obrigado a se conformar com a situação. Compreendeu que a felicidade dele, se ainda fosse possível, seria apenas pela filha adotiva, que amava como nunca amou ninguém.

No verão em que a filha completava doze anos, Diana vivia uma fase tranquila de sua vida. O clima da cidade naquele ano estava terrível, com chuvas torrenciais, mosquitos, calor insuportável e uma epidemia de febre amarela começando a se espalhar. Como em todos os verões, quando o Rio se tornava um cadinho fervilhante de epidemias e doenças, Acioli fizera planos de ir com a família para a mansão de Petrópolis para não se exporem aos riscos do clima. Mas naquele ano Diana disse que preferia ficar no Rio, onde tinha muito a fazer. Fora contatada para ajudar na cobertura de um grande plano de fuga de um carregamento de escravos que vinha da Bahia. Pensava também em ir visitar a mãe e o filho, Dionísio Augusto, a quem não via há algum tempo, e sentia falta da casa à beira da serra, do carinho de Açucena e de seus doces. Quando fosse, queria também levar Diva, que adorava os dias passados na casa da avó.

O plano de fuga ao qual daria cobertura era, na verdade, muito simples, como inúmeros outros que vinham ocorrendo. Tratando-se de um comboio grande, com muitos escravos, a ideia era espalhá-los em rotas de fuga diferentes,

dispersando e enfraquecendo a perseguição. Seu papel era o de sempre: ficar atenta a alguma informação importante nas conversas que porventura escutasse na casa dos Ambrósios.

Como era verão, no entanto, a família do tio estava fora da cidade, e sua única possibilidade de saber alguma coisa passara a ser em visitas ao grande escritório comercial “Ambrósio & Ambrósio”, no centro da cidade. O escritório também andava semivazio, mas, como todo escritório que se preze, se havia qualquer movimento sendo planejado, aquele seria o cenário ideal para conversas, chistes e novidades. Além disso, era também um passeio a fazer naqueles dias parados, de chuvas torrenciais.

Assim, a caminho do escritório no centro e sem que desse muita importância a isso, ela passava por ruas de esgoto a céu aberto, enxames de mosquito e o cheiro agridoce de imundícies. Ainda que se julgasse bem protegida fechando a janelinha de sua sege ao passar pelas ruas semiabandonadas, os mosquitos doentios sequer cogitaram deixar passar incólume seu sangue doce, por mais neurastênico que fosse.

Diana América não chegou a ir visitar Açucena e o filho, como pretendia.

Morreu de febre amarela antes mesmo do final daquele abrasivo verão carioca.

E vocês querem saber se as informações que Diana conseguiu no escritório ajudaram na fuga do carregamento de escravos? Eu até poderia dizer que sim, não poderia?, e dar um *beaux final romantique* à instável história da vida de Diana. Mas não, posso até não contar tudo, mas mentir para adoçar ou suavizar as coisas, isso não farei. Portanto, infelizmente, a resposta é *não*. Daquela vez, com quase todos os seus contatos viajando, ela não conseguiu nenhuma informação que fosse realmente útil, e o pior é que boa parte dos escravos que fugiram foi recapturada.

Mas lembrem-se pelo menos de duas coisas para amenizar a frustração: naquele momento, os escravos eram muito caros e, portanto, não foram castigados pela tentativa de fuga, como teriam sido alguns anos antes; além disso, a abolição estava chegando. Mais cinco anos e pronto, todos estariam nas ruas comemorando.

Diva Felícia (1871-1925)

Bem. Agora falemos um pouco da beleza de Diva. Embora essa coisa de indiscutível em matéria de beleza não exista — sempre tem o gosto de um ou de outro que pode colocar um "mas" ou um "nem tanto" em qualquer coisa —, Diva era digna de figurar entre as mulheres mais bonitas já vistas. Ah, isso era! Os olhos verdes, com as faíscas dos olhos do pai, ligeiramente puxados e encimados por um par de sobrancelhas de veludo negro desenhadas com perfeição e cílios desses tão grandes e espessos que, fossem um pouquinho mais, poderiam atrapalhar a visão; as maçãs do rosto levemente salientes e o nariz tão perfeito que poderia servir como modelo para qualquer cirurgião plástico de hoje; lábios bem delineados e um pescoço que poderia ser o que anos depois Audrey Hepburn pretendeu imitar. Tudo isso e um corpo de dimensões harmoniosas em uma pele dourada, daquela cor de pele que, por si só, faz da portadora uma eterna privilegiada.

Felizmente, Diva teve mais sorte que sua longínqua ancestral assim tão bela, Maria Cafuza, e, ao contrário da Cafuza, tinha consciência de sua beleza incomum; só não sabia se isso era bom ou ruim. Quando a mãe, com aquela tristeza toda, a pegava no colo, puxava seu rosto e o segurava entre as mãos, olhando-a de um jeito que parecia querer sumir dentro de seus olhos, a menina sentia uma enorme aflição e uma confusa mistura de culpa e angústia por fazer a mãe querer transformar seus olhos em terríveis sumidouros. Chorava, esperneava e fechava os olhos para não deixar a mãe sumir. Quando, no entanto, eram as mucamas ou o pai que, ao olhá-la, deixavam refletir no rosto a harmonia feliz que provoca a contemplação de alguma coisa bela, ela se sentia bem consigo mesma, capaz de dar essa alegria às pessoas de quem gostava.

Foi sua avó, Açucena Brasília, quem um dia lhe explicou a razão desse conflito e o que fazer: "Você, meu bem, como todo mundo, aliás, só que um pouco mais, traz consigo o poder de provocar dor ou alegria. Isso, muitas vezes, não depende da gente. Depende dos olhos de quem nos vê, e nesses casos muito pouco se pode fazer a respeito. Mas uma coisa, sim, você pode fazer, e é algo que depende só de você: escolher o que mais quer provocar em sua vida, se é mais a dor ou mais a alegria. E, depois de escolher, é a isso que deve se dedicar, e assim poderá controlar um pouco melhor os dois sentimentos que de qualquer forma, queira ou não, todo mundo provoca. Provocar um e o outro independe de

você, mas provocar mais um ou mais o outro, isso sim depende”.

E Diva, na verdade, escolheu mais. Escolheu mostrar também a beleza das coisas que a cercavam, de coisas que são tão corriqueiras, comuns, acessíveis e tantas vezes vistas que nem somos mais capazes de perceber quanto têm de belo. Revelar a beleza das coisas banais: foi para isso que ela começou a fotografar no quintal da avó as espigas de milho mal tiradas das cascas, os cachos de banana, as bagas de jatobá, as inúmeras e desvalorizadas flores secas do cerrado. Fotografava legumes, frutos e flores em close, e ela mesma as revelava e ampliava no laboratório que montara em sua casa, enfatizando suas características e revelando formas surpreendentes porque nunca percebidas, embora, ou talvez até por isso mesmo, tão vistas e revistas.

Se hoje a fotografia é uma arte cara, imagine quando, além do mais, era rara. Mas para algo há de ser bom ser herdeira única de pai milionário, e a paixão de Diva começou quando o pai a presenteou com uma câmera no seu aniversário de doze anos, o ano da morte de Diana América.

A vida de Diva Felícia, como o final de século em que viveu, foi cheia de novidades e de acontecimentos.

Para começar, ela foi a primeira mulher da família a estudar sistematicamente em uma escola. Teve sua preceptora — que falava com ela só em francês —, mas também frequentou uma escola de moças durante alguns anos. Foi também a primeira a viajar para fora do país.

Depois da morte da mãe, o pai a levou para uma longa viagem à Europa. Foram de navio, passearam por Itália, Inglaterra e França, onde Diva ficou por quatro anos, estudando artes e, especialmente, fotografia e técnicas de laboratório. Houve um momento em que o pai lhe perguntou se não queria morar na Europa, mas ela disse que não, queria voltar a sua terra, ao país onde nascera.

Achava tudo aqui mais bonito, mais luminoso. Amava a paisagem, a brisa, os cheiros e sobretudo a luz, um pouco excessiva para alguns, mas para ela intensa fonte de prazer. Era amante da luz, cujas diferentes formas e intensidades sabia perceber e admirar. Dizia que, como Goethe no leito de morte, suas últimas palavras seriam: *Merh licht*, mais luz!

Sim, ela falava alemão corretamente, tendo lido Goethe e outros poetas alemães no original. Deslumbrou-se com sua viagem pelo vale do Reno e pela estrada romântica da Baviera. Nunca soube da origem alemã de seu verdadeiro pai, mas era como se alguma coisa atávica a fizesse admirar a língua e a cultura alemãs e ser como uma esponja onde os sons e as características daquele povo tão distante e diferente iam se acomodando sem nenhuma dificuldade. Caetano Acioli jamais lhe contou quem era seu pai biológico, porque na verdade ele tampouco sabia e, mesmo se soubesse, nunca lhe diria. Acreditava-se

verdadeiramente o pai daquela menina tão amada que vira nascer e criara como sua, sem vacilações nem perguntas. A única pessoa que poderia saber da identidade de Hans G. seria Açucena, mas Diana nunca disse à mãe de onde ele era. Disse, sim, que era um poeta “um poeta sublime, minha mãe, sublime!” — e o comparava entusiasticamente a Goethe e Schiller, mas não deve ter achado importante comentar sua nacionalidade. Açucena, de qualquer maneira, ainda que soubesse, tampouco diria, pois respeitava de todo o coração a decisão de Acioli, a quem também considerava o verdadeiro pai da neta. E pela própria cabeça de Diva, a mais interessada, jamais passou nem sombra da ideia de que não fosse Caetano Acioli seu verdadeiro pai.

Ela voltou da Europa com dezessete anos e um extasiado amor pelo Brasil e sua gente. Gostava de caminhar pela cidade, apreciando a maneira como a luz caía sobre as casas, os edifícios, os monumentos, as praças. Andava pelas praias, sorvendo a luminosidade da areia e do mar. Sentava-se no banco de uma praça e ali passava um bom tempo, maravilhada com sua cidade e com tudo o que pensava poder fazer ali.

Tivera a sorte de chegar em um momento de agitação febril e grandes mudanças, quando o Rio de Janeiro era um fervedouro de ideias apaixonadas. A princesa Isabel acabara de assinar a Lei Áurea, abolindo a escravidão, e as festas se espalhavam pela cidade, comemorando com efusão a chegada, ainda que tardia, de um tempo novo. As lojas de sapatos da rua do Ouvidor, cheias de escravos libertos gastando felizes suas precárias economias na compra tão sonhada dos sapatos que pela primeira vez usariam, eram um acontecimento por si só cercado de uma euforia que ninguém conseguia esconder.

E esconder por quê? A cidade estava feliz, a cidade comemorava, a cidade ria com todos os dentes. Das sacadas das casas, os moradores jogavam pétalas de flores que forravam as ruas e as calçadas. As pessoas desfilavam pelas ruas, em carruagens ou a pé, em grupos onde a alegria girava em rodopios. Músicos improvisavam concertos nas ruas, e nas praças as danças iam e vinham em torno do batuque arrebatador dos negros.

Não havia melhor época para estar na capital do país.

Logo depois foi a vez de aumentar também as manifestações e a efervescência dos defensores da República. A qualquer momento, nas ruas, podiam-se escutar vozes cantando *“La Marseillaise”*, o hino adotado pelos republicanos radicais, acompanhando as marchas animadas de jovens estudantes pelas ruas.

Uma tarde, Diva seguia com disposição um grupo assim, quando pararam todos para que um bonito moço moreno, de bigodes bem aparados, trepasse em um caixote e discursasse com ímpeto e carisma:

“Queremos a república do povo”, ele dizia, “a república das grandes

manifestações, a república da liberdade, da igualdade, dos direitos universais do cidadão. É essa a república que queremos. Não queremos a república do equilíbrio, do poder moderador, a república conciliatória, a república onde o valor mais alto é o exercício do poder. Queremos a república do exercício coletivo da liberdade. Não uma república apenas governável, mas uma república ingovernável, se preciso for, se isso for necessário para fazermos dela uma república do povo."

Aplaudido com entusiasmo pelo grupo ardoroso, o jovem foi carregado e a marcha continuou, todos cantando com emocionada vibração: "*Allons enfants de la patrie...*". Mais adiante, a marcha parou outra vez, e o jovem subiu de novo no caixote e fez outro eloquente discurso:

"A pátria perfeita não é a mátria, com seus dons femininos do sentimento e do amor, nem a pátria com os dons masculinos do poder e da força. A pátria perfeita é a pátria, a nação dos cidadãos iguais. O bom ditador comtiano, aquele que conduz as massas, onde está esse ditador? Esse ditador não existe."

E terminou exortando o público em francês:

"*La République doit être un gouvernement?*", ele gritava, e a plateia respondia: "*Noooonnnn...*". E continuava com voz vibrante: "*La République doit être le peuple*!". Ao que o grupo respondia aos urros: "*Vive le peuple*!".

Diva Felícia, entusiasmada e feliz, seguiu o grupo por algumas ruas, cantando ela também o hino que a emocionava como poucos. Queria continuar escutando as belas palavras do jovem visionário defensor da república.

Naquele dia não foi possível, mas nos dias seguintes teve a chance de escutá-lo e de aplaudi-lo outras vezes, tão ardorosamente quanto os outros. Ou talvez mais ardorosamente ainda, porque logo foi notada, e não tardou para que ele se aproximasse e se apresentasse. Chamava-se Floriano Botelho, era engenheiro e achava que a república era a única maneira de civilizar o Brasil, de fazer desta terra um país à altura dos ideais mais nobres da humanidade. Tinha vinte anos e também acabara de chegar de Paris.

Floriano era idealista, visionário, incansável. Participava de um clube republicano e contou com detalhes a Diva todos os seus sonhos de transformar o Rio e o Brasil em uma cidade e um país que seriam de causar pasmo a todos os que aqui chegassem.

A república que logo acabou chegando, no entanto, foi uma decepção devastadora para o rapaz ardoroso. Tinha colocado tanta esperança em uma nova pátria igualitária, modernizadora, de cidadãos irmãos, que a república como fora

de fato, a começar pela própria proclamação, tão chocha, ambígua e desunida como foi, deixou-lhe um travo sem graça na boca. Como é que a sua tão sonhada república poderia ter sido proclamada por um grupo de militares que tão somente deram uns “vivas” no Campo de Santana, depuseram o ministério e depois saíram em desfile militar pela cidade? Onde estava o povo? Onde estavam todos? Nas mãos de quem ficara o país? Disseram que o desfile passara em profundo silêncio pelas ruas do Rio, com o velho marechal Deodoro carrancudo, parecendo de mau humor, até meio verde, disseram, certamente em meio a um ataque de dispneia.

Floriano não se conformava.

Mas o fato é que a república foi o que foi.

E tudo o que se seguiu depois foi mais que um balde de água fria no fogo revolucionário do jovem engenheiro.

O espírito de especulação que dominou a elite, o enriquecimento a todo custo, o massacre de Canudos, cujas histórias horrendas chegavam diariamente pelos jornais, a criação do moderno mercado de ações e negociatas, todas essas novidades da república enchiam seu espírito de repulsa. Não cansava de repetir que essa república dos militares e da elite não era a dele.

Resolveu se afastar da política.

Foi nessa época que os dois decidiram se casar. Diva levou-o para conhecer a avó. É dessa época também a foto que tirou da avó e guardou como sua preferida. Sentada em sua cadeira de palhinha, enfeitada com seus colares, pulseiras, seu vestido e xale de seda, o riso saindo do rosto e cercada com seus doces, suas flores, amigas e negras libertas, as mãos cheias de anéis, Açucena é a imagem de uma rainha por direito próprio, a imagem de uma vida fértil e abundante. Tia Magnólia também está na foto. De pé ao lado da mãe, com seu ar diáfano de santa. Faltou o meio-irmão, Dionísio, que nunca estava quando ela aparecia. Ele não a aceitava como irmã, tanto quanto jamais aceitara a mãe. Julgava-se rejeitado por elas e pagava com rejeição maior.

Quando voltaram ao Rio, a decepção de Floriano perdera boa parte de seu ardor, e ele foi, quase sem perceber, como geralmente é o caso, se aproximando pouco a pouco dos técnicos positivistas da república. E, quando foi convidado para trabalhar com o prefeito Pereira Passos na reurbanização do Rio, não resistiu. O prefeito, também engenheiro e urbanista, era amigo da família de Floriano e sabia que o rapaz estudara em Paris e conhecera de perto as reformas monumentais da capital francesa feitas pelo falado barão Haussmann, reformas

que seriam um modelo para as que Pereira Passos tinha em mente. Ele precisava de jovens como Floriano ao seu redor e não poupou argumentos para convencê-lo.

O Rio sofria com o problema das ruas estreitas e a grande concentração da população pobre em casarões antigos no centro da cidade, em precárias condições sanitárias, tidos como perigosa ameaça à saúde pública. Considerava-se que era cada vez mais intolerável o caos urbano que se instalara, principalmente depois da abolição, quando os escravos libertos abandonaram as fazendas e se refugiaram nas cidades, onde tudo lhes faltava. O porto também já estava obsoleto para comportar o volume crescente das transações comerciais.

A ordem era modernizar o porto, sanear a cidade e fazer a reforma urbana.

Tudo isso poderia até parecer muito certo, mas o problema é que os militares e os técnicos, que reivindicavam o progresso acima de tudo, fariam essa grande transformação na cidade com métodos que não admitiam senões nem demoras ou empecilhos. Os casarões centrais foram decretados inimigos públicos número um, e a ordem era sumariamente "botá-los abaixo". Foram baixados decretos com leis de exceção que concediam ao prefeito plenos poderes para desapropriar e tomar posse de casas sem nenhum procedimento judicial e sem indenização. Os pobres foram literalmente jogados na rua.

Em nome das obras que avançavam a todo o vapor, instalou-se o terror da modernidade. Com estardalhaço, o progresso e a civilização chegavam, em rinha feroz contra o tumulto, a desordem e o "caos do populacho".

Floriano, bem no começo, ainda perguntava com seriedade se não seria possível usar métodos menos autoritários, menos desastrosos para desalojar os moradores. E a resposta era *não*, não havia tempo a perder com discussões, o que era preciso fazer deveria ser feito, doesse a quem doesse. No final, seria para o bem de todos, e todos acabariam compreendendo e agradecendo as mudanças que precisavam ser feitas de qualquer maneira para tornar o Brasil um país confiável e aceito pela moderna civilização ocidental.

Assim, abriam-se largas avenidas com amplos espaços, como os grandes bulevares de Paris; erguiam-se belos prédios para compor a esplêndida vitrine necessária à nova capital do novo país republicano; abriam-se redes de esgoto e de escoamento das águas pluviais. Ao mesmo tempo, chegavam os sanitaristas limpando, higienizando, incendiando as casas consideradas irrecuperáveis, quebrando móveis e vasilhas considerados contaminados, vacinando e revacinando quem parecia miserável demais e propenso a ser um foco ambulante

das patologias herdadas da colônia e do Império que era necessário sem mais demora erradicar.

Não levou realmente muito tempo para Floriano se convencer completamente de que a prioridade era modernizar o país, e, se para isso fosse preciso trabalhar para uma elite autoritária, esse era o preço que o progresso deveria pagar, e, se tudo tem seu preço, como não o teria o progresso? Sim, sem dúvida, a modernização de um país tinha um preço. Seu ideal passou a ser o mundo correto e certo, medido com a régua das mesas de trabalho de engenheiros como ele. E logo dizia, entusiasmado outra vez: "Agora vamos nos civilizar, vamos estar à altura do progresso da humanidade!".

Não tardou para que outras metrópoles brasileiras quisessem seguir o exemplo carioca. Floriano foi um dos técnicos convidados a participar da elaboração do plano de urbanização para Salvador, a terceira cidade mais populosa do país, onde o mesmo discurso sanitário higiênico, conclamando à limpeza da cidade, foi posto em ação. As concentrações de moradias pobres nos bairros centrais, em condições miseráveis e promíscuas, eram atacadas e temidas como focos odiosos de doenças e epidemias.

Floriano, quase sem se dar conta, se tornara um defensor ardoroso da necessidade das demolições e do método eficaz que deveria ser adotado para isso. E assim, com seu jeito veemente, passou a ser sobretudo um técnico, um arauto convicto do progresso a qualquer custo. A república de seus antigos sonhos, sua longínqua república do povo, foi sepultada sem honras nem glória na mesma tumba de seus sonhos fugazes de juventude.

Diva também, se não se esquecera, pelo menos nunca mais cantara os versos da "Marselhesa". Dedicava-se inteiramente a suas fotos.

Ela achara, de fato, um caminho todo seu e fascinante no mundo da arte fotográfica. Já não fotografava vegetais, flores e frutos inseridos na natureza, como antes. Passou a isolá-los, colocando-os contra fundos neutros, em estúdio, e fazendo deles verdadeiros *portraits*. As técnicas que usava, fotografando-os em composições sóbrias, em closes e com longa exposição, destacavam com rara força a irresistível beleza e perfeição dessas formas da natureza. Um punhado de pequis descascados contra um fundo neutro, uma única espiga de milho solitária sobre uma superfície plana, uma penca de tamarindos descansando, a flor solitária da bananeira aberta com seus minúsculos cachos de embriões de bananas, uma composição de flores secas do cerrado: fazia com que todos posassem com serenidade para ela. A extrema simplicidade da composição, o foco nítido de luz e o enquadramento em close revelavam com força curiosa o esplendor e a individualidade de cada um desses frutos da terra.

Por essas coincidências que ocorrem no mundo das artes, o trabalho de Diva

Felícia tem muitas semelhanças com o trabalho do britânico Charles Jones, que viveu mais ou menos na mesma época. Os dois, cada um em seu país, anteciparam em décadas alguns mestres da fotografia de naturezas-mortas que apareceriam depois. Infelizmente, a maior parte das fotos de Diva se perdeu no grande incêndio que acabou com o palacete da família no Flamengo, incêndio provocado por sua nora, esposa do filho mais velho, Eudoro, quando se confirmou a falência da família Botelho. Mas essa é uma história que contaremos mais tarde.

Diva e Floriano tiveram dois filhos homens, Eudoro e Gaspar, e, depois de um grande intervalo, uma menina, Ana Eulália. Mas o casamento não ia nada bem.

Floriano mudara em vários aspectos, não apenas quanto a seu tipo de república. Suas amizades, agora, eram os novos homens de negócios e traficantes de influência, os chamados arrivistas da república, cujo objetivo era o enriquecimento fácil e a ostentação do luxo. Adquirira obsessão pela elegância das roupas e cultivava o consumo conspícuo de obras de arte e bens importados. Começou a tomar gosto pelo jogo de pôquer e pelos cassinos. Aos poucos, o casamento com Diva foi se tornando uma relação de fachada, indispensável para sua boa posição, mas já sem emoção nem amigos, cuja companhia Diva não prezava.

Ela, por sua vez, montou seu ateliê e laboratório de fotos em um dos quartos de sua grande casa e lá passava boa parte do dia, quando não estava andando pela cidade, absorta na procura de novas formas, volumes e luzes para compor suas fotografias.

Era considerada uma mulher excêntrica. Vestia-se de maneira original, com estilo próprio, sem seguir as modas parisienses. Não tinha amigas, pois não gostava da pequena comédia da vida social, e preferia estar só. Por alguns anos participara de um grupo de pintores, mas a desunião e as rivalidades esfacelaram os precários pontos comuns entre eles. Seu único amigo de verdade era um velho pintor, um solitário morador do isolado morro de Santa Teresa, com quem conversava longas horas sobre arte e sobre a vida e para quem muitas vezes posava nua, sem que o marido sequer sonhasse com essa possibilidade. Sentia muita falta da avó Açucena e também da tia Magnólia, e desde a morte das duas nunca mais voltou à casa da beira da serra. Praticamente não tinha contato com o meio-irmão Dionísio, que, de qualquer maneira, sempre a tratara como estranha ou quase inimiga.

Os dois filhos e a filha estavam em colégio interno, e ela só os via nos fins de

semana. A ideia do colégio interno partira de Floriano; ela concordara por achar que seria o mais adequado para os meninos.

Muitas pessoas consideravam Diva excêntrica demais, estranha, até ligeiramente fora dos eixos. Pode ser. Ela sempre foi, de fato, muito solitária. Passou a infância e o começo da adolescência com a mãe, doente e ausente, e ao lado de um pai bem mais velho, que a idolatrava, mas que certamente não tinha muitos temas de conversa com uma criança. As temporadas inesquecíveis na casa da avó não eram mais que isso, temporadas, e não poderiam suprir as carências de seu cotidiano. Os tempos de estudo e viagens na Europa foram ao lado de preceptoras que, por mais gentis que fossem, com certeza não poderiam ser consideradas iguais nem companheiras. Depois, veio o casamento com um impetuoso republicano que logo se transformou em um técnico por demais ocupado consigo mesmo. De seus filhos, por mais que os amasse, não podia exigir que ocupassem os espaços vazios que não eram deles. Felizmente, tinha sua arte e nela se deixou absorver de maneira completa e até, de certa forma, satisfatória. Não era uma mulher infeliz. Era uma artista que se realizava. Apesar dos vazios de sua vida, no fundamental, estava em paz consigo mesma.

Assim, quando descobriu que Floriano tinha uma *garçonnière* na Lapa onde recebia conhecidas *cocottes* da vida boêmia do Rio, teve uma reação curiosa. Conseguiu a chave do pequeno apartamento e, com sua câmera fotográfica, foi inspecionar o local. Decorado com móveis importados, paredes forradas de seda verde-clara e cortinas de veludo esmeralda, era um lugar de certo bom gosto, ainda que modernoso demais. Ela passou algumas horas ali, fotografando tudo em detalhes. Depois foi até a Mansão Le Ciel sur la Terre, de Mme Marie Lamer, onde viviam as *cocottes* admiradas por Floriano. Apresentou-se a Mme Lamer como fotógrafa que gostaria de fazer um trabalho artístico com suas moças, pagando, evidentemente, pelas horas posadas.

Diva não tinha uma ideia muito clara sobre o que pretendia. Foi urna reação quase instintiva essa, de pegar sua câmera fotográfica e fotografar a *garçonnière* e as *cocottes*. Era como uma atitude de defesa, uma maneira de se preparar para alguma coisa, uma reação que intuitivamente sabia que deveria tomar. Tampouco tinha muita certeza sobre os sentimentos que a dirigiam. Não era tristeza nem ressentimento, pois havia muito deixara de amar Floriano; nem era algum tipo de raiva por se sentir ameaçada em seu suposto direito de posse sobre o marido, pois já não considerava Floriano como seu; nem era algum inexplicável sentimento de humilhação por ser traída, pois não vivia a relação assim. Nem era a surpresa de constatar quão pouco conhecia o marido, pois havia muito também sabia que o conhecimento do outro, qualquer outro, era uma impossibilidade.

Não era nada disso, e sim o choque de perceber de chofre que a partir daquele momento, de um jeito ou de outro, sua vida teria de mudar. Era o inesperado chegando sem aviso e colocando em movimento algo que estava parado em uma estabilidade sem sentido, mas tão estável havia tanto tempo que parecia impossível ter ainda capacidade de se mexer. O encontro abrupto com essa capacidade a deixou assim, sem saber como agir, mas agindo para poder pensar da maneira que sabia pensar, através do olho mágico de sua câmera.

E quando terminou de fotografar as *cocottes* — depois de um trabalho que acabou durando semanas — viu que tinha nas mãos um material de incrível originalidade. No começo, ela as fotografara ali mesmo, nos quartos, de várias maneiras e em vários estágios, em closes, em meio plano, de corpo inteiro, sentadas, deitadas, no banho, sorrindo, chorando, fumando, se vestindo, conversando. Logo, porém, começou a levá-las para posar em paisagens inusitadas do Rio. Ao contrário do que fazia com os vegetais, flores e frutos que retirava da natureza e isolava em seu estúdio, ela fez o movimento inverso, colocando as moças nuas ou quase nuas e sem adereços como frutos da terra, tornando-as um elemento a mais da natureza, integrando-as à paisagem. Assim, de árvores saíam pernas e braços como galhos, os arbustos se misturavam com uma nova espécie, as folhagens se confundiam com outros tipos de cabelo, os bulbos mostravam seu parentesco com os seios femininos.

Quando Diva viu que o trabalho estava terminado, percebeu também que já sabia o que queria fazer. Queria mudar completamente sua vida, passar um tempo na Europa, rever seus conhecidos de Paris e depois voltar para o Brasil para viver algo totalmente novo.

Explicou aos filhos que iria à Europa por alguns meses e deixou um grande envelope para Floriano com todas as fotos tiradas da *garçonnière* e um pequeno bilhete dizendo que estava de partida para Paris e, quando voltasse, não queria mais vê-lo no palacete que fora de seu pai. A série de fotos das *cocottes*, ela levou para mostrá-las aos amigos, junto com a série mais antiga de legumes, flores e frutas tropicais.

Foi uma viagem de reencontro consigo mesma, de reafirmação de sua pessoa e de sua arte. Viu o país que se reconstruía depois da guerra e teve certeza de que sua vida também poderia ser reconstruída. Depois de três meses, achou que estava pronta para voltar.

Na viagem de volta ao Brasil, Diva conheceu no navio uma pintora brasileira, uma jovem encantadora que também voltava de Paris, e as duas de imediato se

tornaram amigas. Apesar da diferença de idade, tinham muitos pontos em comum: Diva, a fotógrafa, bela e vivida senhora de cabelos brancos, e Tarsila, a pintora também bela e ávida em sua sofisticada juventude.

Com grande prazer, Diva mostrou a série de fotos que deixou Tarsila fascinada. Ao se despedirem, Diva lhe deu de presente duas fotos que a enfeitiçaram: uma, o close de uma solitária abóbora bojuda como se estivesse em pé; a outra, o close de um cacho de pequenos tomates silvestres como pérolas negras, como se iluminadas por dentro.

Em uma das longas cartas que depois escreveu a Diva, Tarsila lhe enviou esboços de quadros que estava pintando e lhe pediu que observasse como as formas e os volumes das fotos que lhe dera e lhe mostrara no navio a ajudaram a pensar nas formas e nos volumes de seus novos quadros. Convidou-a com insistência para visitá-la e ver a exposição que estava preparando, e também convidou-a para expor suas fotos em São Paulo. Falava de seus amigos paulistas e de como estava certa de que eles também ficariam encantados com seu trabalho.

Mas Diva não pôde fazer essa visita, embora tivesse planejado fazê-la logo. Regressara ao Rio para encontrar a terminante recusa de Floriano em aceitar a separação, que colocaria uma nódoa no nome da família Botelho. Os dois filhos e a filha caçula estavam todos a favor do pai, irredutíveis em aceitar a posição da mãe.

Apesar de seus esforços, a força da inércia e da hipocrisia de sua estabilidade conjugal lutava com todos os estratagemas para não perder território.

Ela, que voltara de Paris tão certa do que queria e devia fazer, estava agora confusa. Não contara com a pressão dos filhos e, sobretudo, com a infelicidade que via aparecer no rosto da caçula, Ana Eulália. Jamais conseguira entender bem o comportamento e os modos da filha. De fato, quanto pôde, tentou fingir que não via o que pressentia existir na alma de Eulália. Dizia a si mesma que estava errada, que assim seriam todas as adolescentes, mas no fundo sabia que seu problema com a filha, mais dia menos dia, teria de ser enfrentado. Tantas vezes acontece assim, não é mesmo? Esse pensamento mágico, esse adiamento quase inconsciente de um problema difícil demais, como se o fato de evitar vê-lo fizesse com que por fim desaparecesse, ou como se a tentativa de adiá-lo fosse dar o tempo necessário para a solução chegar.

Diva continuava com seu hábito de sair pelas ruas, absorta, com a câmera pronta na bolsa, nesses passeios que se tornaram sua maneira de pensar. Tinha quarenta e nove anos e, ao contrário das mulheres de sua geração, achava-se ainda perfeitamente capaz, amava a vida, a luz, sua arte. Mas estava confusa. Não sabia o que fazer, onde achar a saída. Voltar a Paris, não, ela amava o Brasil,

aqui estavam seus filhos, aqui queria viver.

Em toda a sua vida, sempre fora distraída, e o rapazinho ao volante do carro esporte importado que ganhara havia pouco do pai tinha a inexperiência e a sofreguidão que bastavam para vir a uma velocidade totalmente inadequada para as ruas de uma cidade. Diva não sabia como as ruas do Rio ficaram perigosas com os autos, os bondes e o movimento crescente. Os desastres automobilísticos haviam se tornado um elemento calamitoso da cidade, que não tinha estrutura viária adequada nem sinalização ou código de trânsito. Artigo de luxo, os carros eram encarados como modalidade esportiva cuja velocidade era o clímax da vida moderna. Os atropelamentos, mesmo com vítimas, recebiam como punição apenas multas, e pequenas.

O carro jogou-a longe.

Ela bateu a nuca no calçamento e morreu quase imediatamente.

Só lhe restou um átimo de tempo suficiente para ver o incandescente foco de luz instantânea que a inundou e a levou em sua fosforescência para sempre, satisfazendo sem premeditação e sem saber aquele que fora o grande desejo de toda a sua vida: mais luz!

Ana Eulália (1906-1930)

Na capela do colégio, o grande colégio de muros altos onde passou a maior parte de sua vida como interna, Eulália reza e chora e se aflige, ajoelhada sobre pequenos grãos de milho que conseguiu com a freira da cozinha. Reza pedindo a Deus que mude sua vida; são tantos os seus desgostos! Se a mãe se separar do pai, morrerá de vergonha; em suas orações, pede que isso não aconteça. Se a mãe morresse, seus problemas não existiriam mais; ficaria triste, mas não teria de que se envergonhar. Se a mãe morresse, ela cuidaria do pai, e tanta coisa seria melhor em sua vida! Minha Santa Rosa, me ajude!

Eulália nasceu em um momento acelerado de mudanças. O Brasil se urbanizava, mudava sua paisagem, acontecimentos surpreendentes levavam todos em sua esteira de novidades contínuas e turbulentas.

Quando Diva lhes disse — a ela e aos irmãos — que viajaria a Paris, não lhes contou o verdadeiro motivo. Queria evitar que os filhos soubessem da separação de maneira inadequada e limitou-se a lhes dizer que precisava viajar por alguns meses. Mas Floriano não teve esse cuidado. Pelo contrário. Aproveitou a viagem da mulher para dar aos filhos sua versão do acontecido, dizendo-lhes que a mãe estava cada vez pior, mais estranha e que agora estava com a ideia imoral de se separar. Queria que ele, o pai deles, saísse da casa onde moravam. Contou de tal maneira sua versão que todos os filhos ficaram revoltados com a decisão de Diva, especialmente Eulália, cuja cabecinha adolescente de católica fervorosa parecia um novelo emaranhado de pensamentos e desejos desorientados.

Ela chorou dias seguidos, sentindo-se traída, rejeitada, escandalizada, e se colocou irredutível ao lado do pai, a quem considerava também uma vítima da loucura e insensibilidade da mãe.

A notícia, na verdade, tinha sido mais uma gota d’água em sua relação atormentada com Diva. Em casa, era apaixonada pelo pai, cuja figura elegante e pomposa sempre admirara de maneira desmesurada; no colégio, acatava com fervor as regras e etiquetas do pequeno mundo de elite em que viviam. Ia assim assumindo valores que a levavam a se distanciar irremediavelmente da mãe, cujos modos e atitudes, tão diferentes dos das mães de suas colegas, ela via como extravagâncias e esquisitices e lhe provocavam grande constrangimento e

embaraço. A tal ponto era sua rejeição ao estilo tão peculiar de Diva que considerava um verdadeiro martírio os dias em que a mãe, e não o pai, ia buscá-la na porta do colégio para passar o fim de semana em casa. Sentia-se tomada por um inconfessável e difuso sentimento de vergonha quando via a figura de Diva vestida de maneira que considerava estapafúrdia e repreensível. As cores que usava, os modelos, seus gestos, atitudes e olhares, tudo nela destoava da discreta elegância francesa das outras mães. Eulália se encolhia, olhando para o chão, e, enrubescida, puxava a mãe para que se afastassem depressa da porta do colégio.

Uma tarde, ao saírem as internas para um passeio na praia da Enseada de Botafogo, Eulália reconheceu a mãe no alto de uma grande pedra sobre o mar, completamente absorta fotografando alguma coisa. Uma das colegas também a reconheceu e apontou a figura ao longe: “Olha lá sua mãe!”. Nesse momento, no entanto, Eulália já estava praticamente empurrando as colegas para darem a volta pelo outro lado e mal disfarçou: “Quem? Minha mãe? Não, você está enganada, não é ela. Vamos logo sair daqui, porque esse lado é perigoso, vem!”.

Mas, claro, era sua mãe, inconfundível com seu fino vestido branco, de luminosa alvura — a cor preferida de Diva, quase a única que usava, em contraste com as cores mais discretas e escuras das outras mães —, e seu xale de seda esvoaçante, também branco, alvo como espuma caindo sobre suas costas, os cabelos compridos soltos em ondas como o mar a seus pés, cabelos que deixava cair livres em mais uma diferença gritante com as senhoras que traziam os seus ordenadamente presos em firmes coques sob o chapéu. Era sua mãe, claro, nítida, precisa, inconfundível, com sua figura tão livre que a seus olhos parecia selvagem e que felizmente estava tão entretida olhando pelo olho mágico da inseparável câmera alguma forma perdida na pedra que não viu o bando de colegiais se afastando na praia ao comando da filha: “Vamos, vamos, soror Alfonsina já avisou que não devemos ir para este lado”.

A individualidade marcante de Diva era um fardo verdadeiramente insuportável para a adolescente insegura cujo desejo mais secreto era ter uma mãe tão normal e comum como as outras. Odiava as fotos que Diva tirava e lhe pareciam horrorosas — se fossem pelo menos de coisas bonitas, mas não, eram de coisas esquisitas, odientas, coisas que ninguém, só ela, fotografava! A câmera da mãe lhe parecia um ser detestável e incompreensível, e abominava entrar em seu estúdio tanto quanto tinha quase um medo físico do quartinho escuro onde ela revelava as fotos.

Eulália era um poço profundo de sentimentos pesados e negros, a contrastar com a luminosidade leve e solta da mãe: incompreensão, ciúme, rejeição, vergonha, ódio e o desejo obscuro de que tudo fosse diferente.

Quando Diva morreu atropelada daquela maneira estúpida, Eulália chegou a um paroxismo de religiosidade e pensamentos atormentados, tendo de acrescentar a seu caldeirão explosivo de turbulências o doloroso sentimento da culpa, do remorso e da perda. Claro, a culpada só podia ser ela!

Aumentou as horas caóticas que passava na pequena capela, chorando, se martirizando, acusando-se, pedindo perdão, se penitenciando.

Que mistura! Que coração transtornado!

Eu gostaria de poder dizer que essa confusão de Eulália era apenas coisa passageira, um dos tormentos da adolescência, mas não. Toda essa pletora de sentimentos perturbados e sem rumo, de um jeito ou de outro, acompanhou-a pela vida afora.

O famoso colégio de meninas ricas tinha alunas que vinham de vários estados.

Entre elas, estava Adriana, filha de barões paulistas do café, que se tornara a melhor amiga de Eulália. Adriana voltara das férias daquele ano apaixonada por um belo italiano que conhecera na casa de uma prima na capital paulista e com quem trocara algumas palavras e talvez dois ou três sorrisos, o suficiente, no entanto, para que a partir daí ele passasse a ser o tema constante de suas conversas, quando era descrito como descendente direto de Apolo só que melhor, pois, além de tudo, tinha uma covinha no queixo e duas covinhas ao sorrir. Tão logo chegara das férias, Adriana começara a lhe escrever de maneira formal e educada, como amiga, tentando reunir coragem para se declarar.

O mundo daquelas mocinhas, cercado pelos altos muros do autoritário colégio, passava a léguas de distância de qualquer mundo real. Quem era o jovem italiano, o que fazia ou não fazia, não entrava nem de longe nas conversas. As meninas privilegiadas não tinham sequer noção de seus privilégios, e era como se o mundo de fora fosse apenas uma ampliação do mundo delas. Aos olhos de todas, o rapaz por quem Adriana se apaixonara deveria ser certamente tão bem de vida quanto elas.

Mas não era.

Umberto Rancieri, no dia em que Adriana o viu, acompanhava o pai, alfaiate. Tinham ido levar o terno encomendado pelo dono da casa, o tio de Adriana, para fazer as provas necessárias e dar os últimos retoques. Umberto aprendia o ofício do pai, era seu ajudante e, de certa forma, também seu modelo e propagandista ambulante, pois, ao vestir com requintada elegância os ternos de primeira confeccionados pelo pai, demonstrava ao vivo como era se vestir bem. Esse requinte, aliado à sua beleza natural de jovem de covinhas, fazia as moças da

sociedade, mariposinhas de ilusão e ingenuidade, se derreterem ao seu redor.

Adriana se apaixonou por seu porte e sua figura de jovem deus, e isso lhe bastava.

Para Eulália, então, que o conhecia apenas através do relato enlevado da amiga, Umberto Rancieri passou a ser o príncipe que habitava todos os seus sonhos e merecia que se lutasse e morresse por ele.

Nas longas horas que passava na capela dando vazão aos sentimentos que lhe afligiam coração e mente, ela agora pedia em suas orações que o namorado de sua maior amiga passasse a gostar dela, Eulália. Com a sensualidade exacerbada por tantas emoções fortes, pedia a Santa Rosa que não deixasse Umberto responder às cartas de Adriana.

Mas, apesar da mente conturbada e da profunda religiosidade, a jovenzinha não era nada boba e intuía que não podia deixar a vida real por conta da santa. Assim, sem que a amiga soubesse, conseguiu o endereço do paulista de covinhas e começou a lhe escrever de maneira bem mais explícita e menos formal que a amiga. Além disso, conseguiu tirar uma das cartas de Adriana da caixa de correspondência e, imitando sua letra, o que sabia fazer muito bem, introduziu um *postscriptum* nada ambíguo sobre como ela, Adriana, estava encantada e feliz com a aproximação da data de seu noivado com um pretendente carioca, bom partido, muito lindo e de carreira indiscutivelmente promissora!

Com esse pequeno estratagema, seu campo amoroso ficou desimpedido. Só faltava agora conhecer pessoalmente o rapaz.

Ana Eulália estava tão envolvida com suas preocupações amorosas que nem estranhou ou se preocupou quando o pai lhe comunicou que ia retirá-la do colégio, dando sua educação por encerrada. Pelo contrário, essa lhe pareceu uma decisão natural e adequada; sim, realmente já podia considerar sua educação terminada, o que, dito de outra forma, significava que ela estava pronta para casar.

As coisas, no entanto, estavam caminhando para uma direção que a moça jamais poderia imaginar.

O motivo que fizera o pai tirá-la do colégio era totalmente diferente do que ela pensara. Dois anos depois da morte da esposa, Floriano Botelho constatou, sem sombra de dúvida, que estava à beira da falência, arruinado, sem ter para onde apelar.

Toda uma vida de gastos luxuosos, com os dois filhos mais velhos, Eudoro e Gaspar, dedicando-se sobretudo a consumir e pouco produzir, foi aos poucos

minando a fortuna do velho Acioli. Como engenheiro, Floriano ganhava bem, sem dúvida, mas não o suficiente para bancar o luxo a que se costumara. Fora isso, se era competente como engenheiro, era péssimo como financista: por duas ou três vezes tentara alguns empreendimentos com os filhos e amigos arrivistas, que só serviram para dilapidar o nada desprezível patrimônio deixado pelo sogro. Depois do último desses empreendimentos fracassados e de uma estrondosa perda no jogo, chegara ali onde estava agora, quase na miséria.

Para Floriano, era uma constatação inaceitável. Seu espírito de cálculos exatos considerava como erro inadmissível, fracasso vergonhoso, a situação humilhante em que se encontrava. Ia perdendo os amigos, um a um, como em uma fileira de dominó. Individualista ao extremo como se tornara, não podia sequer ter o consolo de procurar olhar à sua volta e ver os problemas que espocavam no país, ao seu redor.

A Primeira Grande Guerra na Europa acabara, mas trouxera novidades surpreendentes, como a Revolução Soviética e uma greve geral de operários que começara em São Paulo e chegara ao Rio. O país mudava de maneira acelerada, embora nem todos percebessem, e ninguém parecia muito satisfeito, nem mesmo os militares, com os jovens tenentes se mobilizando cada vez mais abertamente nos quartéis.

Foi no meio dessa efervescência que Floriano decidiu ir a São Paulo para tentar uma última cartada. Era 1924, época nada propícia para viagens, mas Eulália viu nessa intenção do pai sua grande oportunidade de conhecer Umberto e lhe pediu insistentemente que a levasse junto.

Estava cumprindo dezoito anos e tinha esse grande segredo no coração: uma paixão a distância.

Floriano, sem ânimo para se aprofundar em nenhuma decisão, concordou que poderia ser uma boa ideia levá-la: os paulistas não sabiam bem de sua situação financeira, e talvez a filha ainda pudesse conseguir um bom casamento entre os grandes fazendeiros do café.

Era junho, o sol brilhava alegre, como sabe brilhar em dias especiais do inverno paulista. O friozinho desconhecido dava uma certa euforia à jovem, que, tão logo chegou, mandou uma cartinha a seu elegante italiano, dizendo-lhe o nome do hotel onde estava hospedada, no centro da cidade.

Ele foi imediatamente conhecê-la. Apresentou-se também a Floriano, que mal lhe dirigiu duas ou três palavras antes de sair apressado, mergulhado em seus abismos pessoais. Umberto convidou Eulália para passear pelo Vale do

Anhangabaú e depois tomar um chá na leiteria em frente ao Teatro Municipal.

São Paulo era uma cidade calma, espaçosa, com ares provincianos. Bem diferente da buliçosa capital do país.

Naquele dia luminoso, Umberto segurava-lhe a sombrinha e admirava sua figurinha frágil, de olhos ardentes. Eulália tocava-lhe o braço com estremecimentos e sentia-se a mais feliz das criaturas, provavelmente invejada por todos os que passavam.

O que Adriana não diria se os visse agora!

O solzinho de inverno esquentara bastante a tarde, e uma pequenina gota de suor começou a descer com lentidão a partir da orelha esquerda de Umberto. Uma gotinha minúscula, translúcida, que fez Eulália sentir um desejo tão forte de beijá-lo ali, naquele lugarzinho perto da orelha, que sua respiração se perdeu um pouco e ela entreabriu a boca em uma levíssima tontura ao ter a certeza total e absoluta de que o amaria para sempre.

Alheia aos namorados e ao drama pessoal de Floriano, a revolta dos jovens militares paulistas crescia. Queriam a deposição do presidente Artur Bernardes, a redução do poder executivo, moralização. Os soldados se movimentavam nos quartéis. Amigos aconselharam Floriano a voltar ao Rio ou, pelo menos, sair do hotel onde se hospedaram, e um deles acabou convidando-os a se hospedarem em seu casarão de Higienópolis, afastado das ruas mais centrais, tomadas por soldados.

Mas Floriano não está bem; sente-se nauseado. Ensimesmado, fechado em si mesmo na expectativa do empréstimo que acredita ser sua salvação, anda pelas ruas quase sem ver a movimentação frenética, o clima de guerra que parece estar tomando conta da cidade, os panfletos que lhe estendem por onde vai, as calçadas interditadas. Parece nada ver, nada lhe interessar. Caminha ao lado de Eulália. Haviam saído os dois, apesar do clima de alarme, porque Floriano se sentia quase na obrigação de sair às ruas, como se tivesse alguma coisa importante a fazer, para evitar o peso da espera da resposta do empréstimo e parecer aos olhos de seu anfitrião que ainda era um homem de muitos amigos e atividades. É comecinho de julho. Andam os dois, pai e filha, pelas ruas de Higienópolis.

Eulália, que não queria ter saído, nota que Floriano parece andar sem rumo e

lhe pergunta para onde estão indo. Tem um compromisso com Umberto e não pode se demorar muito fora de casa.

O pai não responde. Pensa, sem muita clareza, que Umberto deve ser o jovem que está cortejando a filha. De que família será? Não o conhece, terá de se informar melhor, mas tudo lhe custa um grande esforço. É um rapaz elegante, bem-vestido, deve ser de família de posse; talvez seu plano de casar a filha com um paulista rico possa dar certo, afinal. Mas esse mal-estar que não passa, e agora a dor no braço, ele se vira para Eulália, quer dizer alguma coisa, mas a voz de repente não sai.

Floriano segura o próprio braço como se quisesse torcê-lo, cambaleia, sente o mundo rodopiar ao seu redor, quer alcançar algo à sua frente, dá uma volta e cai de olhos arregalados na calçada, na ânsia de dizer algo a alguém.

É fulminante o enfarte.

Quando as pessoas que passam pela calçada param para ajudar, Eulália não quer e não consegue acreditar que o pai já está morto.

Os dias que se seguiram passaram como uma névoa pela mocinha órfã. A cidade estava sendo bombardeada pelas tropas federais, que tentavam aniquilar a revolta dos militares paulistas. Seus irmãos sequer puderam vir para o enterro, pois a comunicação entre Rio e São Paulo estava interditada.

Era a guerra.

Canhões do presidente Artur Bernardes atingiram a Praça da República, o Viaduto Santa Ifigênia, o Largo São Bento, o Paiçandu. O estrondo pavoroso dos canhões assustou tanto quanto as labaredas que destruíram o centro da cidade, a cidade tranquila que Eulália acabara de conhecer. Prédios e casas foram arrasados. Milhares de pessoas tiveram de evacuar a cidade. Centenas de pessoas morreram, milhares ficaram feridas.

Levada pela família dos amigos do pai, que também providenciaram para ele um enterro simples e rápido, Eulália teve de se refugiar em um sítio a algumas léguas de São Paulo, onde passou aqueles dias perdida em sua névoa particular.

No final de julho, os revoltosos abandonaram a cidade, em direção a Mato Grosso. Era o começo do grupo que meses depois se poria em marcha e, juntando-se aos revoltosos que sairiam do Rio Grande do Sul, percorreria em dois anos, sempre perseguido, boa parte do território nacional e depois se tornaria conhecido como a Coluna Prestes.

O centro da cidade ficara em ruínas. As pessoas passavam por ali, espantadas com a destruição e com uma guerra cujos motivos não conseguiam entender.

Eulália voltou com os amigos do pai para o casarão de Higienópolis, onde Umberto foi procurá-la. O que lhe acontecera naqueles dias, a morte inesperada do pai, a vivência de uma guerra que não compreendia, o medo, o desamparo, o futuro que de repente lhe parecia uma escuridão onde nada conseguia ver, tudo isso deixara seu peso e sua marca sobre ela.

Estava mais magra, mais pálida e mais desorientada do que nunca.

Como todos os moradores da cidade, Umberto levou-a para ver as ruínas da guerra. Ela apoiava-se nele para achar um caminho entre os destroços, os da cidade e os seus destroços interiores, seu mundo virado e tão bombardeado quanto as ruas por onde passavam, os muros caídos, as paredes e o cheiro rançoso de queimado penetrando-lhe as narinas, os vidros quebrados no chão, os tijolos à mostra, chamuscados, pretos, expondo as feridas da devastação da cidade.

Não era um lugar adequado para um passeio de namorados e muito menos para um pedido de casamento. Mas foi ali, entre os cheiros e os estragos daquela destruição, que Umberto lhe disse que queria se casar com ela. Que não voltasse mais para o Rio, que ficasse ali, que ele tomaria conta dela para sempre.

Umberto muitas vezes se perguntou depois o que o levara a se casar com aquela moça estranha, que mal conhecia. Talvez tenha sido uma consequência da emoção disparatada que uma guerra provoca. Talvez tenha confundido com amor a forte vontade de protegê-la e a espécie de compaixão que sentiu desde a primeira vez em que a viu. Mas havia também o desejo pela suavidade cremosa de sua pele de leite, a vontade de envolvê-la em um abraço forte que a deixasse sem fôlego. E também a vaidade de saber-se tão amado, o orgulho de se deixar acariciar pelos olhos ardentes de uma paixão tão grande.

Quando recebera sua primeira carta, em que ela se apresentava como amiga de Adriana e dizia que de longe se apaixonara por ele, achou-a um tanto birutinha, engraçada, mas mandou sua resposta, um pouco pela graça da conquista, um pouco por sentir-se lisonjeado, um pouco pela aventura. Quando ela continuou a lhe escrever e mandou sua foto, um rostinho frágil a lhe sorrir apaixonado a distância, ele voltou a responder e, quando se deu conta, ficava esperando ansioso quando as cartas demoravam a chegar. O sorriso amoroso na foto, as cartas com pensamentos e comentários de terrível falta de lógica, a desorientação, alguma coisa nela começou a comovê-lo muito, embora não

soubesse exatamente o quê.

Quando a conheceu pessoalmente em São Paulo, achou-a diferente de todas as garotas com quem já convivera. Sua fragilidade, a pele tão branquinha e macia, os modos um tanto etéreos, ele jamais se esqueceria quando ela se sentou no banco da praça naquela tarde de sol um pouco forte demais para sol de inverno, entreabriu a boca mostrando os pequeninos dentes claros e o olhou de maneira tão intensa e apaixonada que ele achou, por um brevíssimo momento, que ela fosse desfalecer. Desde então, desde ali, daquele instante tão breve, ele soube que se dependesse dele nunca a deixaria partir.

Quando o pai dela morreu, daquela maneira repentina, naquela situação em que a cidade de repente parecia ter se transformado em um inferno, ela tão só no meio daquele pesadelo, ele sentiu-se ainda mais ligado a ela, como se o destino, ele próprio, com sua força incompreensível, estivesse colocando-a sob a exclusiva responsabilidade dele. Não poderia e não a deixaria só, e foi então que a pediu em casamento, no meio das ruínas da cidade.

Umberto era entusiasmado defensor dos revoltosos, embora o pai — anarquista de fim de semana — dissesse alto e bom som que não valia a pena se meter naquela briga, que dos dois lados nenhum prestava.

O pai era alfaiate de boa clientela em São Paulo. Morava no andar de cima de um pequeno sobrado no Bexiga, e seu ateliê funcionava na parte de baixo. Além do filho mais velho e de Umberto, o segundo, que trabalhavam com ele e aprendiam o ofício, tinha mais três empregados, todos homens. A pequena sala, com grandes mesas, pesados ferros de passar roupa e pedaços de giz de cor, azul, rosa, vermelho, recendia a pano limpo sendo passado, a cheiro do carbono do giz e a suor masculino.

Ali foi morar Eulália quando se casou.

O casamento aconteceu não muito depois da morte de Floriano. Quando a situação serenou e Eulália pôde voltar ao Rio, já voltou noiva. Estava mesmo apaixonada pelo atencioso italiano de covinhas e, como toda pessoa apaixonada, não pensou muito sobre a situação da família. Não tinha nem ideia da extensão das diferenças que encontraria em sua nova vida e, ainda que tivesse, não via muitas alternativas. Quando voltou ao Rio, encontrou seus irmãos em pé de briga pelo palacete do avô Acioli e seus móveis, o pouco que lhes restara como herança.

Eudoro, o irmão mais velho, que se casara com uma jovem da sociedade cujo pai tampouco estava bem de finanças, voltara a morar com a esposa no palacete

do avô, ainda quando Floriano estava vivo. Gaspar, que herdara a veia de jogo e boêmia da família, estava começando a viver de um pequeno cassino que montara na isolada praia da Urca; acabou aceitando ficar com os móveis e objetos de arte e vendê-los, enquanto Eudoro e Eulália ficariam com o palacete.

Com a promessa de Eudoro de que venderia o palacete tão logo fosse possível, para dividir com ela o dinheiro, Eulália embalou suas coisas e voltou para se casar em São Paulo.

Gaspar queria acompanhar a irmã e tinha curiosidade de conhecer a família de italianos, mas não podia se afastar do cassino naquele momento. Prometeu visitá-los em breve. Quanto a Eudoro e sua esposa, não tinham dinheiro sobrando para pagar passagem e hospedagem em São Paulo e temiam, além disso, que lhes fosse pedido para arcar com alguma despesa do matrimônio, caso comparecessem.

Eulália foi só, começar sua nova vida.

A família Rancieri acolheu-a de braços abertos.

Para ela, no entanto, as mudanças foram drásticas demais. De um belo palacete habitado por uma pequena e milionária família burguesa passava sem transição para uma casa semiproletária de poucos cômodos e muitas bocas para alimentar: o casal, os cinco filhos e a nova nora. Os recém-casados ocuparam um dos quartos, e os quatro irmãos Rancieri passaram a se amontoar no outro. Eram todos homens, o que foi mais um motivo para Eulália ser recebida como uma primeira filha; a efusão e a exuberância do afeto italiano, porém, a desnortearam. Sentia-se mais confusa do que nunca, perdida. Alegava qualquer pretexto para poder ficar a sós em seu quarto e rezar.

Onde estava, perguntava-se, onde estava?

Sua família se desmoronara, suas amigas do colégio, ela teria vergonha de procurar agora que estava morando assim, em um cômodo de uma pequena casa de bairro. Morreria de vergonha da sogra, uma mulher deselegante, gorda, horrorosa, que nem falava português e gritava tanto! Adriana, sua grande amiga, será que Adriana a enganara, fazendo-a acreditar que Umberto era de família rica? Será que Adriana já sabia? Meu Deus, ela queria morrer! Ou talvez a própria Adriana já tivesse morrido!? Se Adriana tivesse morrido, sua vergonha não seria tanta, Santa Rosa! Mas se não tivesse, o que poderia fazer?

Nada.

Ouvira falar de moças trabalhando como telefonistas. Mas ela, trabalhar? Que ideia estapafúrdia! Como poderia?

Se passasse por Adriana na rua, Deus do céu!

Adriana morava em São Paulo, um dia talvez a encontrasse, mas fingiria não ver, nunca, nunca veria Adriana outra vez! Certamente Adriana sabia que ela se casou com Umberto. Umberto com suas covinhas, tão lindo!

Quando Umberto a abraça, ela se esquece de tudo. Quando estão juntos, as coisas não lhe parecem tão ruins.

Nas horas em que não se fecha no quarto, Eulália vai ao ateliê de alfaiate, para ficar perto de Umberto. Fica ali, vendo o vermelho inflamado das brasas que um empregado coloca dentro do ferro de passar, o chiadinho arrepiado que sai da peça de pano umedecida ao contato com o calor do ferro estalando de quente, o cheiro adocicado que sobe do pano levemente chamuscado, as risadas dos rapazes e o sogro contando histórias dos anarquistas da Itália. Umberto, com a fita métrica pendurada em volta do pescoço, abaixa a cabeça para passar o giz pela régua de madeira grossa que marca o pano, deixando-a ver aquela gotinha translúcida de suor que desce minúscula por sua nuca e a inunda de desejo.

Aquele ambiente masculino, perto do seu belo Umberto, é o único lugar onde gosta de ficar.

A família do marido era do norte da Itália, da região do Vêneto. A sogra falava praticamente só italiano e fazia polenta todo santo dia, como se ainda estivesse na Itália e não houvesse outro tipo de comida. Os vizinhos e amigos também falavam italiano, todos muito alto, todos ao mesmo tempo. Eulália sentia-se soçobrar, meio tonta, não aguentava ficar muito tempo naquele tumulto, ia se trancar em seu quarto.

Sem se dar conta, começou a beber. Um pouquinho só, no começo. Ela tomava um, dois copinhos do vinho do sogro, e algo como que se soltava dentro dela. Um nó se desamarrava e seu coração ficava mais leve, suas válvulas e veias e portas e janelas se entreabrindo. Ela foi gostando da sensação, e os copinhos iniciais viraram quatro, cinco. Em algumas noites, sentia-se quase alegre, uma sensação que não conhecia bem e a deixava meio boba, rindo de si mesma e de sua vida. Nunca ficava de ressaca, e assim o prazer de beber não se corrompia, ficava intacto, esperando chegar outra vez seu momento.

Aos domingos, o sogro saía depois do almoço para se encontrar com os amigos, simpatizantes anarquistas mas sem radicalismos; eram profissionais artesãos que pouco a pouco estavam conseguindo arrumar a vida no Brasil e queriam que todos ficassem bem, que não houvesse tanta *infelicità, dio mio, tanta miseria!* Era um grupo divertido de alegres italianos para quem a tradição anarquista era mais um estilo de vida do que uma militância política.

Eulália ia à missa com a sogra católica; envolvia-se em seu xale preto para que ninguém a reconhecesse. Nenhum dos homens, nem Umberto, as acompanhava. Naquela família sempre fora assim: os filhos tinham permissão de acompanhar a mãe à igreja até os sete anos, quando então o pai puxava o menino pela gola e lhe dizia: *Questo allora è finito! Basta!*, e a mãe seguia só com os menores. Mas agora o menor já completara sete anos, e Eulália e a sogra iam sem acompanhantes masculinos.

Quando nasceu a primeira filha do casal, o sogro mandou construir um barracão só para eles nos fundos do sobrado. A mãe deu-lhe o nome de Rosa Alfonsina. Rosa, pela santa de sua devoção, e Alfonsina, pela freira a quem admirava muito no colégio e para quem sempre escrevia longas cartas onde dizia que tudo estava perfeito em sua vida, que Deus fora extremamente generoso com ela, que a família do marido era como se fosse sua própria família, que trouxera grande fortuna da Itália e moravam todos muito bem em uma bela mansão em São Paulo onde um dia esperava ardentemente sua visita. E será que por acaso soror Alfonsina sabia se Adriana havia morrido?

Apesar do amor pelo marido, Eulália sente que não aguentará muito tempo a vida assim. Suas esperanças estão no dinheiro que poderá receber com a venda do palacete da família, venda, no entanto, sempre adiada pelo irmão.

O marido lhe diz que os negócios estão melhorando, que a freguesia tem aumentado, e, de fato, o sogro começou a construir outra casa ao lado do sobrado, que será toda ela destinada à alfaiataria.

Eulália, contudo, não se acostuma à vida simples da família de imigrantes. Sonha com suas roupas, seu luxo, seu palacete em Laranjeiras, o quarto grande só para ela, as grossas cortinas que caíam com suavidade e harmonia fechando o quarto em um círculo escuro de aconchego e bem-estar. Agora, pelas janelas sem cortinas do quarto de casal quase minúsculo, o frio penetra e se enfia em seus

ossos como punhaizinhos afiados. Ela passou a andar de casaquinho de lã mesmo nos dias de verão de São Paulo.

Os nós dos inquietantes sentimentos na alma de Eulália continuam enredando suas pontas.

Sua religiosidade excessiva e um tanto torcida volta com toda a força e influência. Além do casaquinho de lã, passa a andar por todo canto com um rosário na mão, rezando, os lábios se fechando e abrindo na prece sem som; no bonde, na cozinha, sentada no pequeno alpendre da casa, no banheiro. As orações são sua companhia, seu refúgio, sua obsessão, seu estilo de vida. Rezando, pede tudo a Santa Rosa. Que a fortuna dos pais lhe seja devolvida. Que o sogro fique doente e deixe o negócio só nas mãos de Umberto. Que a sogra caia morta na cozinha, como acontecera com seu pai. Que toda a família do marido volte para a Itália, deixando apenas ela e Umberto e a filha na casa. Que o irmão lhe diga que o palacete é só seu e ela poderá voltar para viver com o marido em Laranjeiras. Que Adriana a veja na rua ao lado de Umberto e a filha e pense que ela é muito rica e feliz. Que Adriana nunca a veja na rua mas pense que ela está casada com Umberto e que os dois são milionários e felizes e moram num belo palacete no Rio. Santa Rosa, me ajude!

Eulália estava grávida pela segunda vez quando recebeu a notícia do incêndio em Laranjeiras. Seu desespero foi tão grande que ela desfaleceu ao ler a longa carta de Gaspar com os terríveis detalhes da tragédia.

Albertina, esposa de Eudoro, era doente mental. Eudoro relutava em enviá-la para uma clínica por não querer que ninguém soubesse da doença da mulher, que considerava como uma mancha de vergonha. O próprio Gaspar não sabia de nada. É bem verdade que frequentava pouco a casa do irmão, mas sempre que o visitava via a cunhada, muito pálida, muito magra, de pouquíssimas palavras, “bom dia,” “boa tarde”, “passe bem”. Parecia-lhe um pouco doentia, mas acreditava que fosse coisa passageira. Não era. Tinha crises de violência, e o esposo a trancava em um quarto isolado, de onde tirava todos os objetos com que pudesse se ferir.

Assim viveram aqueles anos no palacete que cada vez mais se deteriorava, sem os cuidados necessários, sem limpeza nem manutenção. Moravam ali apenas Eudoro, a esposa e uma velha empregada que cuidava da mulher. As coisas permaneciam praticamente como na época dos pais, inclusive o estúdio e laboratório de Diva, com suas fotos guardadas em pastas empilhadas e ainda com todos os líquidos de revelação e ampliação em garrafões.

Na última crise, Albertina por fatalidade encontrara a porta do quarto aberta. Era noite, e, com uma vela acesa, começara a perambular pela casa adormecida, indo parar nos aposentos que haviam sido os domínios de Diva e ali começara a botar fogo nas cortinas, nos papéis, nos tapetes, nos móveis.

Em pouco tempo, tudo se queimou. Todo o palacete, com Albertina, Eudoro e a velha empregada dentro. Os três estavam dormindo e não conseguiram abandonar a tempo a casa em chamas.

Quando Umberto entrou no quarto, encontrou a mulher desfalecida na cama, com a carta nas mãos.

A partir daí, ela passou o resto da gravidez de cama, numa grave crise de depressão, sem forças para se levantar.

Como tudo correra muito bem no primeiro parto, os problemas de Eulália pegaram a família de surpresa. A sogra era quem geralmente fazia os partos da família e fizera o parto de Rosa Alfonsina, mas dessa vez, assim que percebeu que o bebê parecia estar atravessado, mandou que fossem correndo chamar a parteira do bairro vizinho. A parteira, mais velha e experiente, achou que poderia dar conta, que o bebê iria virar e se encaixar a tempo. Com o passar das horas, contudo, Umberto não se conteve mais e decidiu chamar um médico.

Quando o médico chegou, no entanto, já nada pôde fazer, nem pela criança, nem por Eulália. Nada poderia fazer nem se tivesse chegado mais cedo.

Era uma noite fria e escura de inverno, quase nenhuma luz no céu sem nuvens.

Eulália foi enterrada, na garoa cinza da manhã seguinte, com seu casaquinho de lã e o rosário nas mãos. A seu lado, o pequeno caixão branco do filho.

SIGNO DO LUCRO

Rosa Alfonsina (1926-...)

Rosa Alfonsina dirige seu mais belo sorriso para a lente da câmera do repórter fotográfico da revista *O Cruzeiro*. Sobre seus ombros colocaram um pesado manto de macio veludo azul-marinho com bordas de arminho, em suas mãos um cetro e sobre os lisos cabelos mel-escuro uma deslumbrante coroa de ouro cravejada de brilhantes, em trabalhada imitação de luxo. Veste um belo longo de seda branca cujas incríveis alcinhas são dois cordões de ouro, deslumbrante vestido confeccionado especialmente para ela pelo famoso costureiro Umberto Rancieri, seu pai. Ela está esfuziante nesse seu dia de glória: acaba de ser eleita Miss Cidade de São Paulo e sorri com delicioso deleite para todos os que a aplaudem e para os refletores que iluminam a passarela por onde está passando, soberana e rainha.

Rosa é realmente muito bonita, embora tenha as cadeiras largas da família do pai, o que, possivelmente, com os anos a fará parecer mais gorda do que é. Mas, por enquanto, não. Está de bem com seus quadris e foi eleita miss, depois de uma batalha tremenda para conseguir a autorização do pai e da avó, que não queriam nem ouvir falar de uma coisa dessas, mas que agora ali estavam, os mais orgulhosos da primeira fila, aplaudindo-a quase com frenesi.

Rosa não era apenas uma mocinha bonita e talvez tola. Nada disso. Era estudiosa e cheia de ideias; acabara de se formar como professora e fazia o curso de datilografia como as moças da época. Tinha muitos sonhos fermentando em sua cabecinha de fartos cabelos dourados escuros que caíam sobre seus ombros como denso melado escorrendo, com vagar, de uma colher que transborda.

‘Com a morte tão prematura da mãe, Rosa fora criada na casa dos avós. O pai, depois de longa e inconformada viuvez, acabou casando-se com uma italiana já não muito jovem mas que, além de simpática e acolhedora, era também excelente costureira. Não tiveram filhos, pois Umberto — que nunca se perdoou por não ter sido capaz de proteger Eulália como lhe prometera — exigiu da nova esposa a promessa de que seguiria a tabelinha dos dias férteis e tomaria todos os cuidados para não engravidar. Juntos, eles expandiram bastante a alfaiataria depois que o velho Rancieri se aposentou, tornando-a uma das primeiras, se não a primeira, lojas de roupas de alta-costura de São Paulo. Gostavam do ofício e

tinham a noção instintiva do que deveriam fazer para que a textura e as formas do tecido caíssem com perfeição sobre um corpo, masculino ou feminino, gordo ou magro, de formas harmoniosas ou sem formas. Umberto e Leda Rancieri tornaram-se nomes conhecidos na alta sociedade paulistana.

Passada a euforia do concurso de miss, houve um enorme fuzuê na família, porque o pai, se permitira que Rosa chegasse até miss da cidade, não permitiria de maneira alguma que continuasse a concorrer para miss do Estado e muito menos para miss Brasil. No fundo, só consentira, e a contragosto, pois achava que, embora a filha fosse realmente a mais bonita, esses concursos tinham cartas marcadas e provavelmente ela não chegaria a lugar algum. Sua surpresa e seu orgulho foram grandes ao constatar que estava enganado, mas a história toda já tinha ido longe demais, basta! Basta, basta! Só se passassem sobre seu cadáver!

Rosa fez o que pôde. Queria ser miss porque era emocionante e divertido e ela gostava de se divertir. Era alegre, desinibida, com todas as suas janelas abertas de par em par para receber o que o mundo tinha a lhe dar, agora que a grande guerra europeia se acabara e já não era preciso pensar nos sofrimentos de países distantes. Diante da recusa do pai, ela chorou, gritou, bateu portas. Disse que a família atrapalhava sua felicidade, que nunca mais sorriria, que a vida assim não valia a pena viver. Passou à risca por todos os exageros de praxe. Mas o pai, dessa vez com o apoio da avó, foi irredutível.

Basta! Basta! Basta!

Por feliz coincidência, naquele mesmo dia de muito choro e imprecações, Rosa recebeu o bilhete de um fã, um jovem médico que pedia permissão para se apresentar e conhecê-la. Escrito com letras elegantes, em fino papel de seda branca, fora trazido por um moleque que ficou aguardando a resposta.

Fosse em outro dia, ela certamente relutaria um pouco e quase com certeza diria *não* a esse ousado desconhecido, vejam só que atrevimento! Mas, naquele momento de revolta contra a família, decidiu que não tinha nada melhor a fazer do que conhecer imediatamente o fã. Mandou o moleque dizer que a resposta era *sim*, que ela o esperava em casa às cinco horas da tarde, e foi então secar suas lágrimas para não se apresentar de cara inchada.

Pela vida afora, depois, se congratulou mil vezes pela sábia decisão de conhecer, naquela tardezinha suave do mês de maio, aquele que seria para sempre o grande amor de sua vida. Túlio Faiad, o rapaz moreno, que chegara com uma rosa na mão.

Dez anos mais velho que Rosa, era formado pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Filho de imigrantes libaneses com pequeno comércio no interior mineiro, viera fazer um estágio em São Paulo. Cabelos pretos e olhos castanhos, simpático e de sorriso fácil, vira Rosa no concurso e, desde então, sonhara noite

após noite com aquela moça de formas exuberantes, sorriso de deusa e cabelos de mel.

Rosa gostou imediatamente de Túlio. Seus modos gentis e educados, seu ideal de usar a medicina para ajudar a minorar a dor do mundo, seu entusiasmo de jovem que conseguiu realizar o sonho de ser médico e sabe que pode realizar muitos outros, tudo isso mais seus olhos escuros e suas bonitas mãos de dedos compridos fizeram Rosa esquecer por completo suas ambições de miss.

O namoro foi curto e também o noivado, pois o doutor impaciente e a impaciente miss queriam logo começar vida nova. O plano de Túlio — que teve a adesão incondicional de Rosa — era ir para o interior, onde a falta de médicos era drástica e ele seria mais útil do que nas capitais. Com a bênção do pai e o choro avassalador da avó, foram morar em uma pequena cidade do interior de Minas, cidade indicada por um amigo da família, doutor Juscelino, amigo mais velho que se formara na mesma faculdade de medicina e se tornara algo assim como um conselheiro a quem Túlio muito admirava.

Rosa Alfonsina está feliz. Ama o marido e se orgulha muito do trabalho e da inteligência dele. Gosta de segurar sua mão e discretamente levantá-la para admirar seus dedos compridos e o anular, onde faísca o anel de esmeralda de médico ao lado da aliança de ouro.

Na pequena cidade onde vão morar, cidadezinha ávida por mexericos, Rosa é vista com curiosidade e desconfiança no começo. É a mulher do médico, e é da capital. Tem os modos diferentes de cidade grande, entra nas conversas das rodas dos homens, tem ideias próprias, quer ajudar o marido, torna-se uma enfermeira prática e aprende fácil o que é preciso. Desde o princípio faz também seus bons amigos, fãs incondicionais que serão seu apoio para aos poucos ir ampliando as conquistas na cidade.

Os problemas de saúde da região são mais drásticos do que eles pensavam. É aterradora a miséria de famílias inteiras largadas à própria sorte, com pedaços de terra tão pobres que não produzem sequer para o sustento, morando em casas de barro infestadas de barbeiros. O bócio é comum, pois o sal iodado ainda é artigo raro e caro naquele fim de mundo; os barbeiros da doença de Chagas atacam famílias inteiras. Os grandes problemas são endêmicos e precisam mais de campanhas sanitárias do que de sofisticados conhecimentos médicos. O jovem

médico se desespera, sente-se impotente, chega exausto em casa depois de passar o dia a cavalo sob sol forte procurando atender a famílias perdidas no mato cujo mal maior, a miséria, não está nem em sua alçada nem em sua competência resolver.

Encontra tanta coisa inesperada, tanta doença que já deveria estar extinta, tanto sofrimento com uma única e desoladora causa, tanta desgraceira que sente sua missão se ampliar: se não tratar das causas sociais, jamais poderá dar cabo das doenças.

Com outros amigos, os intelectuais da cidade, o professor, o farmacêutico e o dentista, começa a fazer um jornal mensal, *O Piston*. O farmacêutico, seu Matias, é simpatizante comunista, mas os outros não têm muita clareza sobre opções ideológicas. São apenas pessoas que enxergam o que acontece a seu redor, acham inaceitável a miséria do interior, querem melhorar o país.

As reuniões para elaboração do jornal acontecem na casa de Rosa, que, com entusiasmo e energia, serve cafezinho e biscoitos mas serve também ideias, participa das discussões e começa a escrever pequenos textos que passam a ser publicados. Escreve crônicas, às vezes comoventes, às vezes divertidas, sempre com muita verve. Ela se preocupa com o isolamento da pequena cidade e procura escrever sobre o que se passa no resto do país, mas de maneira toda intuitiva e pessoal. É uma das raras pessoas dali que assinam as revistas nacionais, compram livros pelo correio e sabem o que acontece fora, longe, lá de onde sai a estrada que chega até ali.

Seus textos tornam-se uma das partes mais lidas e comentadas do pequeno jornal. Sempre através de pequenas histórias de pessoas conhecidas, como as histórias de seu avô Rancieri, o velho simpatizante anarquista, falam principalmente do que acontece fora daquele pequeno mundo fechado em si mesmo.

Ficou famosa a crônica que escreveu sobre o avô em 1932, quando São Paulo outra vez pegou em armas e se agitou com a guerra contra a ditadura de Getúlio, exigindo a promulgação de uma constituição. Sua avó, nona Sofia, ficava na janela vendo, animada, passar as tropas, atrás das tropas os jovens, atrás dos jovens as mocinhas e atrás das mocinhas os moleques, como se tudo não passasse de uma grande festa, e se lamentava: “*Dio mio, com tanta terra em questo paese, siamo fermati in quella in cui si piace di più far la guerra!*”. Fechava as janelas e as portas, pegava o terço para rezar e proibia as crianças de sair às ruas.

Mas o avô Rancieri, não. Escondido da mulher, ajudava a fazer as “matracas”, esquisitos instrumentos de ferro e lata que ao serem girados emitiam sons parecidos com os de metralhadora e serviam para disfarçar a crônica falta de

munição e armas dos revoltosos nas frentes de combate. Incentivava Rosa, menina de seis anos, e as outras crianças do bairro a saírem desfilando pelas ruas, carregando bandeiras e batendo latas como se fossem tambores; dizia-lhes que deviam desde cedo aprender a fazer o que fosse preciso para que o mundo fosse mais justo. Rancieri, por princípio, não tomava partido de nenhum dos lados, achava que aquela guerra era guerra dos ricos, queda de braço entre os que mandavam, acerto de contas entre o imperialismo inglês e o americano, que nenhum dos lados prestava e nada tinha a ver com eles, os pobres dessa terra. Mas, como era visceralmente contra ditaduras, não podia deixar de torcer pelos revoltosos.

Outra crônica de Rosa muito comentada foi a que contou a história do "velho" Damasceno, que morava em sua casa e se tornara uma figura prestativa e querida na cidade. Como um dia batera à porta da casa do médico um preto maltrapilho, com os pés tomados por vermes e uma ferida estuporada na perna. Ao levantar-lhe a camisa imunda para fazer um exame mais completo, o doutor encontrou surpreso um enorme rosto de Cristo tatuado em toda a extensão das costas do velho. Era uma tatuagem muito bem-feita, e o rosto de Cristo coroado de espinhos parecia saltar da extensão negra das costelas, os olhos cheios de compaixão encarando a pessoa de frente, sem piscar, mas como que adquirindo vida conforme o movimento das escápulas.

Damasceno explicou ao médico que morara no Rio quando jovem e capoeirista e sofreu toda a repressão da operação policial montada para modernizar a cidade. A capoeira fora proibida, os capoeiristas perseguidos, e os soldados espancavam quem resistisse a sair do centro, onde tinham suas casas. Muitos deles então se tatuaram com imagens sagradas em várias partes do corpo na tentativa de inibir os espancamentos, acreditando que os soldados não teriam coragem de bater o cassetete no rosto tatuado de Jesus.

"E deu resultado?", perguntou o médico.

"Que nada, seu doutor, eles batiam do mesmo jeito! A rua da cidade grande é que nem bicho peçonhento que tem veneno. Fugir da rua é o único jeito. Naquele tempo, a polícia perseguia quem não tinha trabalho nem moradia, e quem de nós, os negros libertos, tinha trabalho e moradia? Nenhum. E eles perseguiam os curandeiros, os feiticeiros, os capoeiristas. Diziam que estavam limpando a cidade. Com tanto sofrimento, acabei saindo de lá e vim parar nestas bandas. A miséria da gente continua em qualquer canto, seu doutor, mas por aqui a polícia ainda não chegou pra bater na gente."

Damasceno ficou morando num quartinho dos fundos da casa do médico até se curar. Quando se curou, se apegara tanto a dona Rosa que pediu para ficar. Tornou-se um agregado da família, um avô, contador de histórias e violeiro, uma

alegria para os filhos de Túlio e Rosa, que começavam a nascer.

Como era de esperar, *O Piston* foi uma grandíssima novidade na região, onde as mudanças andavam a passos de filho de lesma com cágado.

Os fazendeiros da região viviam na aparente tranquilidade de um poder bem estabelecido que não costumava ser questionado. Depois de um passeio de vistoria por aqui e ali em suas terras, davam uma ou outra ordem aos capatazes e voltavam para casa para se deitar na rede e descansar. Quando o sol se recolhia um pouco, davam uma passada na casa de um ou de outro para tomar um cafezinho quente, mastigar um biscoito e jogar conversa fora. Mais tarde, era a hora da pinga e do carteado, que havia que espairecer.

As preocupações eram poucas: a força da inércia fazia o cenário ser o mesmo há décadas. O mundo tem suas leis naturais, e uma delas é o poder de quem já tem o poder.

Se alguma preocupação existia era com o reino da natureza, que peca sempre, por abundância ou por escassez. É raro ter um ano em que sol e chuva se entendam de maneira satisfatória e a plantação cresça como se espera e o gado engorde como é devido. Ou é sol demais e chuva de menos, ou é o contrário. Ou o sol abrasa, os poços secam, as gretas aparecem na terra que nem horrorosas cicatrizes secas, ou lá vem aguaceiro torrencial, trombas-d’água, rios que transbordam e inundam até a alma dos animais.

Gostavam muito de conversar sobre o clima e sua história, passavam horas comentando como a natureza era mais regular e previsível no passado. Para eles, a mudança do clima era o sinal mais palpável do fim dos tempos. Era praticamente a única coisa que mudava, embora fosse uma mudança que só se deixava perceber em décadas e séculos.

O jornal foi visto com desassossego e falso desinteresse.

Fingiam não se interessar por coisa de comunista, mas no fundo se preocupavam. Não muito, nada que levasse ninguém a perder o sono. Mas era uma ferroadinha de marimbondo no cocuruto de cada um deles. E também no cocuruto do padre. Era coisa da turma do seu Matias, que é ateu e anticlerical, todo mundo sabe, ele dizia, e ia ter que levar uma cópia do jornal para o bispo dizer o que deveria ser feito.

Mas não era tempo de se levar nada disso muito a sério.

Claro, havia um ou outro artigo que os deixava pisando forte ao entrar no bar da cidade, pedindo uma cachaça e falando alto para todos ouvirem que o bando de comunistas estava precisando de uma lição.

Isso acontecia principalmente quando os artigos escritos por Túlio associavam a miséria da região com a prática dos latifúndios, a expulsão dos trabalhadores de seus pequenos sítios na ânsia de tirar deles qualquer coisa que possuíssem para que não tivessem outra liberdade a não ser a de vender os braços para o trabalho dos grandes.

Eram artigos que faziam Rosa pensar nos primos que conhecera havia pouco tempo.

Ela soube da cidade onde moravam os parentes porque o pai lhe contara que um irmão de sua mãe, Gaspar Botelho, dono de um cassino no Rio de Janeiro, fora uma vez a São Paulo visitá-los. Na ocasião, ele contara histórias da família e falara que a mãe, Diva Felícia, avó de Rosa, tivera um meio-irmão que ninguém conhecera. Gaspar sabia, no entanto, que esse irmão, de nome Dionísio Augusto, fora criado pela avó Açucena, dona de terras no interior de Minas, terras que, pelo que ele soubera, tinham sido vendidas havia muito tempo. Umberto gravou o nome da cidade e o disse à filha, que muito depois, em viagem pelo Estado onde agora morava, passou pela região e quis procurar informações sobre os parentes.

O que descobriu foi uma antiga casa em ruínas, à beira de uma bela serra verde-esmeralda cujas encostas começavam a se erguer em um dos cantos da cidade.

Descobriu também que, dos doze filhos do velho Dionísio Augusto, só três netos continuavam morando em um pequeno pedaço do que fora a grande fazenda da matriarca Açucena. Rosa foi visitá-los. Dois não estavam em casa, mas o terceiro, sim.

A pequena casa de piso de chão batido era limpíssima, e as panelas de alumínio brilhavam dependuradas na parede da cozinha de fogão de lenha. Era casa de pobre, casa de gente honesta. Ali morava um dos netos de seu tio-avô Dionísio Augusto.

Ele recebeu-a com grande afeto e amabilidade e, enquanto tomavam o café que sua mulher prontamente preparou para a visita, lhe contou como a família de muitos filhos foi tendo que repartir a terra e depois vendê-la e hoje os herdeiros acabaram só com aquele pequeno sítio e, mesmo assim, ele já via a hora em que teria de vender tudo porque não dava para cultivar quase nada. Os rebanhos dos grandes fazendeiros estavam tomando conta das terras de cultivo, e o povo daquelas bandas se via obrigado a se mudar. Seus filhos foram tentar a vida na capital, as filhas estavam casadas com gente dali mesmo, todos trabalhando em

terras dos outros, e o único filho que continuava com ele trabalhava na fábrica de manteiga e queijo da cidade.

No final da visita, quando Rosa se levantou para ir embora, ele disse que queria lhe mostrar uma coisa: era uma caixinha encardida, que parecia ter sido algum dia um porta-joias. Pertencera à matriarca Açucena, mas estava ali, largada, e se Rosa quisesse podia levar, que ele não via serventia para essa caixinha velha, mas tinha dó de se desfazer de uma coisa antiga da família.

Dentro da caixa havia um toco de lápis e uma pequena camélia encardida de seda.

Ao abri-la, Rosa sentiu uma emoção desconhecida, intensa mas fugaz, rápida como uma aragem de assombros vinda de séculos atrás.

Agradeceu muito o presente e levou consigo a pequena caixa. Mandou limpá-la bem, emendar as presilhas de couro e colocou-a com carinho em sua penteadeira de cedro envernizado. Realmente, já não era bonita. Mas era difícil definir a insólita sensação de riqueza interior que Rosa sentia ao abri-la.

Bons e tranquilos anos, aqueles que Rosa e Túlio passam naquela vidinha pacata de interior.

Quase nada acontece fora da ordem natural dos dias.

Rosa fica grávida do quarto filho.

A primeira filha, Lígia, e o irmão Lauro brincam ali perto. O terceiro, Leandro, ainda muito pequeno, dorme sua sesta da tarde. Rosa quer que esse seja seu último filho. Antes pensara em ter mais, seis ou oito. Agora, acha bom o número quatro. Sua família já está muito grande, pois além dos seus está criando dois filhos de um cunhado cuja esposa morreu no parto do último filho. A família dos pais de Túlio tinha um comércio pequeno e passava por dificuldades, e Túlio achava importante ajudar os sobrinhos a terem a oportunidade de estudar, como ele teve.

No rádio, entram os acordes da música de suspense que marca o final do capítulo da novela que Rosa Alfonsina gosta de escutar todas as manhãs. Logo depois o jingle do sabonete Lever, o sabonete das estrelas.

Nessa modorra pacífica, chegou a eleição para presidente de 1955, e um dos candidatos era o velho amigo e conselheiro de Túlio, doutor Juscelino, que já fora prefeito e governador do Estado. De fato, por duas vezes ele convidara

Túlio para que se juntasse ao seu governo, mas o médico gostava daquela vida pacata de interior e não queria se mudar.

A campanha eleitoral dessa vez arrebatou a cidade, agitando as ruas e transformando todo mundo em partidário excitado de um lado ou de outro. Afinal, era campanha para presidente e o candidato era mineiro, com forças para ganhar.

Rosa e Túlio participaram com entusiasmo. Os comícios animavam as praças, grupos de mulheres passavam os dias ensinando o povo a votar certo, de porta em porta, de sítio em sítio, de fazenda em fazenda. Cavalos, carros de bois, charretes e tudo o que se movia pela cidade carregavam bandeirolas coloridas dos candidatos. Festas para arrecadação de fundos aconteciam todas as noites, com quermesse, rifas e bandas de música tocando para arrasta-pés animados.

O dia da eleição foi um dia inteiro de festa que, na verdade, começou bem antes. Os eleitores chegavam do interior desde o início da semana, trazidos por carros e caminhonetes, a pequena frota motorizada da cidade. A maioria, no entanto, viera a cavalo, carroças e mesmo a pé. Grandes galpões foram armados para abrigar os que chegavam, e festas e bailes e ranchos de comida seguiam pela noite adentro.

A UDN também tinha seu “curral” eleitoral armado, mas suas chances eram poucas, a cidade era um reduto de Juscelino, e não houve as grandes brigas que aconteciam em locais onde a correlação de forças era mais igualitária. Ali, não. O PSD dominava a cidade, e o doutor Juscelino era conhecido e amigo de muitos moradores. Além disso, era mineiro, e Minas tinha obrigação de elegê-lo.

Como se esperava, a votação do novo presidente foi avassaladora na cidade. A festa continuou quando chegou o esperado resultado final da vitória em todo o país.

O povo dali nem ficou sabendo da tentativa de golpe frustrada no Rio de Janeiro, com Carlos Lacerda querendo que os militares impedissem a posse dos eleitos. O povo dali nem ficou sabendo e continuou a festejar, comemorando com estrepitosa alegria a eleição do novo presidente.

Essa eleição mudaria radicalmente a vida da família Faiad.

Dessa vez, quando doutor Juscelino, ele mesmo, o novo presidente, insistiu que o amigo participasse como médico do gigantesco canteiro de obras que começara a levantar no meio do Planalto Central, Túlio sentiu que sua obrigação era aceitar. O projeto era importante demais, e o médico pacato achou que não poderia deixar de dar sua contribuição à construção da nova capital do país.

Túlio e Rosa arrumaram suas malas, deixando a casa nas mãos do velho Damasceno.

Rosa lembra-se de maneira muito nítida da tarde em que chegaram naquele cerrado imenso, as nuvens gigantescas de poeira em redemoinhos se levantando da terra vermelha e cobrindo tudo, inclusive seus cabelos, que só ficaram novamente limpos, limpos, anos depois. Chegaram na hora do pôr do sol mais bonito que ela jamais vira, e, de imediato, como era de seu temperamento, se tomou de amores pelo céu de Brasília e pela cidade que estava nascendo ali, naquele promissor deserto.

Sentiu-se invadir por uma emoção quase eufórica de desbravadora de uma vida nova: seus filhos cresceriam naquele planalto no coração do país, e, ao lado de Túlio, que agora lhe dava uma cidade, ela era uma mulher plena e feliz.

Lígia (1945-1971)

Que Lígia era uma pessoa de luz própria e determinada, era fácil perceber à primeira vista. Como percebeu Damasceno, que se tomou de carinho pela menina e era como um avô que lhe fazia com gosto todas as vontades. Foi ele quem lhe ensinou a tocar violão, jogar capoeira e ver com naturalidade os assombros do mundo.

Mas um dia ele abriu a mãozinha branca da menina para ver as linhas da palma de sua mão. Foi um gesto sem intenção, quase uma brincadeira, coisa que o velho nunca fazia pois jamais lia mão de crianças e jamais lia a mão de gente de sua família, e a família de Rosa era a sua. Mas vá procurar explicação para entender por que de repente as pessoas fazem coisas que nunca fizeram! Vai passar a vida procurando.

E o fato é que o velho abriu a mãozinha de Lígia mas quase instantaneamente a fechou, a branca mãozinha entre seus dedos grossos, e o sorriso que estava de início bailando em seus olhos, como sempre bailava ao lado da menina, foi para algum outro lugar distante.

Lígia perguntou: “Então, o que você está vendo? O que vai acontecer comigo?”.

“Ah, menina, já estou ficando velho demais para isso! Não enxergo mais; acho que vou ter que arranjar uns óculos.”

E o certo é que depois, nunca, jamais, ele voltou a ler a mão de ninguém.

Isso aconteceu antes da mudança da família para Brasília. Até o velho morrer, com idade indefinida mas com certeza perto dos cem, Lígia sempre voltava para passar as férias na velha casa, ao lado dele, seu velho violão e suas histórias.

Quando a família se mudou para Brasília, Lígia tinha doze anos. E ali, ela, que cresceu vendo crescer uma cidade — e não uma cidade qualquer, mas a cidade mais moderna e bela que até então existia, a maravilhosa cidade mágica do cerrado —, cresceu acreditando que tudo era possível. Era possível transformar o país em uma terra justa para todos, era possível fazer dos homens irmãos, era possível acabar com a miséria.

Aos dezoito anos, fez o vestibular para arquitetura na Universidade de Brasília, que começara a ser criada na nova capital. Era 1963, justo um ano antes

do golpe militar.

Nessa época, Lígia ainda não fazia parte de um grupo político, apenas se reunia com amigos para ler e discutir livros marxistas. Leram *O manifesto comunista*, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, *O dezoito brumário* e agora estavam começando a ler *O capital*. Eram jovens entusiasmados com as possibilidades abertas por um conhecimento que trazia consigo a necessidade de entender e mudar o mundo.

Logo depois, nos dias tensos do começo de abril de 1964, uma onda de prisões passou por todo o país, levando políticos, líderes sindicais, estudantes, professores, operários. As rádios sob censura passavam o dia tocando solenes músicas clássicas, espalhando em suas ondas a certeza fúnebre de que algo de grave e de ruim estava acontecendo. Tropas aquarteladas estavam de prontidão, ninguém saía à noite, as cidades se recolhiam, quietas. Começava a deprimente época das cassações, dos inquéritos policiais, das torturas e da primeira leva de brasileiros tendo que se exilar.

Foi a primeira vez em que o país todo, de norte a sul, conheceu ao mesmo tempo o mesmo clima de repressão e de medo, o ar irrespirável de uma ditadura militar.

Lígia e seus amigos viveram perplexos tudo aquilo.

Como a vida tem sempre o poder de retomar seu curso, no entanto, pouco a pouco as coisas pareceram reencontrar sua precária normalidade. As aulas na universidade recomeçaram, e os estudantes voltaram a se organizar. Os partidos e o movimento de oposição ao regime renasceram.

E de repente foi como se houvesse no país um surto cultural efervescente e inesperado. São os anos em que a ditadura militar, preocupada em massacrar a vida política e econômica, deixa um pouco de lado a área cultural e uma pequena trégua acontece, com uma explosão de criatividade na cultura. É quase uma guerrilha cultural, e o cinema, o teatro, a música, a literatura passam a viver a ilusão de ser um território livre e a fazer um enorme barulho.

Na universidade, Lígia faz parte de um grupo musical onde toca violão e canta. Tem a voz rouca, densa e também compõe e escreve letras para as músicas. Participa dos shows de protesto que os universitários organizam por todo o país. De blusa e calças compridas pretas, os cabelos alisados à base de toucas de meia noturnas, os olhos enormes brilhando mais que os refletores, a voz amplificando verdades tão óbvias e, ainda assim, tão negadas, ela canta para um público tão jovem quanto ela, tão vital quanto ela, tão utópico quanto ela: “A

terra é dos homens, não é de deus nem do diabo”.

Chico viu Lígia pela primeira vez no auditório da universidade, quando ia começar uma assembleia de estudantes. Abaixada, ela falava com alguém sentado em uma cadeira do auditório superlotado; ele tentava organizar um pouco o espaço efervescente de estudantes e bateu em seu ombro com a intenção de lhe pedir que procurasse um lugar para se sentar, pois os companheiros iam começar a falar. Quando Lígia girou os longos cabelos e se virou, o rosto sob a moldura da franjinha cobrindo a testa, ele se viu de cara com os maiores e mais expressivos olhos que jamais vislumbrara e ficou literalmente boquiaberto com o tamanho daqueles olhos estupendos.

Eram realmente assim os olhos de Lígia, extraordinários. Havia até quem os achasse exagerados demais, tirando a harmonia do rosto da figurinha, de resto toda mignon. Mas havia quem, como Francisco, os julgasse os olhos mais fascinantes e luminosos que jamais vira em toda a face da Terra.

Mas nessa época, se alguém lhe perguntasse o que mais valorizava em seu corpo, Lígia não diria os olhos, e sim os cabelos. Os cabelos eram seu objeto de vaidade pessoal, sua obsessão particular. Desde adolescente, colecionava receitas de cremes e tratamentos caseiros e vivia experimentando as mais diferentes misturas de ovos e azeite de oliva, banhos de chá, o que fosse. À noite, escovava-os religiosamente antes de enrolá-los ao redor da cabeça, para então colocar a touca de meia e só depois dormir.

Ah, esses cabelos! Por eles, ela entrava em um transe bastante particular. Quando conheceu as cidades do barroco mineiro, por exemplo, em uma viagem de estudantes, o que mais a fascinou em Aleijadinho foram as ondas dos cabelos de seus profetas, os cachos que ele fazia cair com frescor e naturalidade, emoldurando suavemente as graves cabeças das criaturas esculpidas. Lígia passava horas tentando reproduzir ondas iguais em seus sedosos cabelos pretos.

E foi também por causa dos cabelos das santas que ela jamais se esqueceu de uma pequena capela em ruínas em uma vilazinha de poucas casas, quase tão abandonada quanto a pequena capela, onde pararam uma vez quando saíram de Brasília em uma viagem de férias. A vilazinha nem tinha um nome certo, como lhes disse o senhor da borracharia de beira de estrada, mas era conhecida como Capela. Não planejaram parar ali, e pararam porque o carro estava com um

defeito. Enquanto seu pai e o senhor da borracharia consertavam o carro, Lígia saiu com os irmãos para explorar o local.

No alto de um pequeno morro, descobriram a capelinha, as paredes forradas de nichos com pequeninas imagens de santas em pedras verde-azuladas, os cabelos esbranquiçados caindo em ondas até os pés. Lígia ficou um tempão parada, muda, admirando as figuras. Ah, que vontade quase irresistível de levar uma daquelas santas para casa! A capela estava praticamente abandonada, e tinha-se a impressão de que outras estatuazinhas haviam sido tiradas dali; vários lugares vazios eram como antiquíssimas feridas nas paredes, mas Lígia — como entender! — não teve coragem de cometer esse pequeno furto profano. De forma para ela inexplicável, no entanto, sempre se lembraria com emoção daquelas minúsculas imagens e se arrependeria da falta de coragem de levá-las, pois, com certeza, a capelinha não tardaria a ser completamente vandalizada.

Chico — Francisco Mata — também era aluno de arquitetura. Vinha do sertão do sul de Sergipe, filho de sitiantes pobres, e só com muita determinação chegara à universidade. Moreno magérrimo, de pele curtida pelo sol escaldante do Nordeste, era sertanejo de pouca fala e gestos calmos. Ele chamou-a para fazer parte de um grupo de estudos da obra de Lenin e de Che Guevara, e assim começaram o namoro dos dois e a militância política.

Lígia gostou de seu jeito quieto e reservado, sua inteligência rápida e profunda. Gostou das pernas cobertas por uma floresta emaranhada de pelos enroladinhos. E do peito rijo, onde ela podia deitar a cabeça e sonhar.

Logo que se formaram, foram os dois contratados como monitores em pós-graduação pela universidade e passaram a morar nos pequenos apartamentos do campus universitário. Menos de um ano depois, em 1968, ela ficou grávida. Sua figurinha mignon, de barriga proeminente, era presença certa em todas as passeatas, em todas as pichações, distribuindo panfletos, correndo de gás lacrimogêneo e de patas de cavalos e cassetetes.

Maria Flor nasceu em noite de lua cheia, e seu nascimento coincidiu com a chegada do momento mais sombrio do país, o AI-5, a repressão mais feroz, o final da trégua cultural, a decisão dos militares de acabar com qualquer tentativa de oposição à ditadura.

No pequeno apartamento do campus universitário, o disco branco dos Beatles toca até rachar.

Nas paredes, os pôsteres e as frases pichadas parecem já envelhecidos: “É proibido proibir”, “A terra é azul”, “Que desabrochem mil flores”. Os rostos

estão tensos e indignados. De um momento para o outro, fica claro como o dia que a revolução não se fará dentro das universidades. Há uma nova radicalização em tudo, a festa decididamente acabou e o brilho da manhã já não é o mesmo, está e ficará durante longos anos embotado pelo laivo escuro da clandestinidade, do vermelho-sangue de uma guerra à morte entre o *status quo* e a utopia, entre a injustiça do que é e as mil possibilidades que poderiam se abrir.

Entre profissionais e amadores.

Lígia embala a filha recém-nascida com as canções que todos cantam, ainda acreditando que o perigo, como tudo o que é vivo, deve ser recebido de peito aberto:

"É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte... Atenção, tudo é perigoso. Tudo é divino, maravilhoso. Atenção!".

Como milhares de jovens universitários, no entanto, Lígia e Francisco não viram outra saída a não ser entrar para a oposição da luta armada contra a ditadura. A guerra aberta aos estudantes e às organizações de esquerda declarada com o AI-5 estava em franca escalada. As organizações se radicalizavam. Chico e Lígia, procurados pela polícia em Brasília, sem poder circular pela cidade, onde eram por demais conhecidos, viram-se obrigados a sair dali. Decidem ir para o Rio de Janeiro.

É doloroso deixar Maria Flor com a avó, mas não existe alternativa no momento. Procurados pela polícia, sujeitos a qualquer momento a ter a casa invadida e ser levados sem complacência nem apelações, não podem ficar com uma criança que mal começa a andar.

A revolução não é um convite para um jantar de gala.

Não.

A revolução não é mesmo um jantar de gala — logo eles vão saber exatamente o que isso significa.

No Rio, são treinados para a ação armada. É um treinamento, vamos ser francos, bem amadorístico, nenhum deles é profissional da guerra, são apenas jovens com a convicção absoluta e generosa de que estão fazendo o que devem e que, se abrirem o caminho, o povo brasileiro, essa abstração mitológica, virá eufórico logo a seguir. Esse povo faminto, explorado até os ossos, esse povo que não tem emprego, não tem terra, não tem escola, não tem futuro, esse povo com certeza virá logo a seguir. É só mostrar o caminho.

Para sua surpresa, Lígia descobre que tem excelente pontaria e sangue-frio. É rápida nas decisões e capaz de enfrentar a polícia como se a vida inteira tivesse feito isso. Às vezes, em conjunturas específicas da vida, em momentos fora do desenrolar comum dos dias, descobrimos de repente que somos capazes de coisas com que jamais sonharíamos. E a Lígia que poucos anos antes não ousou

tirar de uma capelinha em ruínas uma pequena estátua verde-azulada de pedra-sabão é a mesma que agora, sem vacilar, assalta bancos e faz expropriações.

Só tem uma coisa: ela não gosta de falar sobre o que faz. Aliás, essa parece ser uma característica quase generalizada, e talvez o seja de qualquer guerra: os jovens militantes não gostam de comentar suas ações armadas. São momentos tão grandes que não podem ser assunto de conversa posterior. Ninguém se vangloria, eu dei aquele tiro, eu fiz isso ou aquilo. É tão sério o que estão fazendo, eles são tão jovens e inexperientes que participar de uma guerra de vida ou morte os faz quase reverentes de tão graves.

A vida do casal, agora, é totalmente diferente da vida de antes, de universitários. É isolada, de “aparelho” em “aparelho”, em movimento constante para não atrair a desconfiança dos vizinhos; os amigos são os companheiros, as atividades são o trabalho revolucionário: muita leitura, estudos e discussões sobre textos marxistas e análises sobre a realidade brasileira, elaboração de panfletos e jornais, panfletagens em portas de fábricas e lugares estratégicos, preparação e requisição de carros e de armas para as ações: expropriação de bancos para conseguir fundos para a revolução, que não é um jantar de gala mas é cara, e sequestros para liberar os companheiros presos e conseguir que as mensagens revolucionárias sejam lidas nas rádios e nas televisões.

De vez em quando, um cineminha e um chope para relaxar.

Falando assim, parece que era uma vida árida, triste e muito ruim. Mas não era. Em tudo isso havia um sentido poderoso, a participação em algo tão maior do que cada um, um projeto coletivo cuja generosidade e objetivo, por mais utópico que fosse, tinha o poder de espalhar e criar em todos um sentimento de grupo e de realização extraordinários. Como nunca antes nem depois, vivia-se um momento cujo significado com óbvia clareza transcendia o cotidiano de cada um. Talvez só quem teve o privilégio de viver esses momentos únicos em que a história parece adquirir plenamente seu sentido seja capaz de entender por que e como o indivíduo, aí, apesar e contra tudo, se torna maior, mais realizado e mais feliz.

Lígia, como todos eles, preservava intactas suas utopias. Às vezes era até, talvez, um pouco sonhadora demais: compunha músicas enquanto esperava um companheiro no “ponto”, escrevia poemas na véspera de uma ação, levava seu violão para cada “aparelho” onde ia morar.

Na cabeceira da cama onde dorme, seja onde for, sempre rabisca a frase do Che: *Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás*.

Em uma tarde de panfletagem no centro do Rio, do alto de um edifício na avenida Rio Branco, ao pegar o punhado de panfletos dentro da grande bolsa a tiracolo, pega sem querer vários papéis com letras de suas músicas e os joga junto com os panfletos pela grande janela de vidro. Sobre o povo que passa pela avenida naquela tarde, chovem panfletos denunciando a situação do país e poesias. Mais tarde, ela volta ao local para ver se recupera alguma folha de poemas perdida na calçada. Em vão. Na calçada e no asfalto, os panfletos e os poemas haviam sido pisados, enlameados, rasgados. Perdidos.

O tempo passa rápido, e não a favor. A ditadura ganha cada vez mais forças, o cerco se aperta, cada dia mais companheiros caem presos, são torturados, assassinados, “desaparecidos”. Fotos de Lígia e Francisco aparecem em cartazes de terroristas procurados, espalhados pela cidade.

A foto de Lígia é antiga, mas ela se vê obrigada a cortar os longos cabelos e arranjar falsos óculos de grau para ocultar os olhos perturbadores.

É um dos dias de grande tristeza em sua vida, esse em que se põe na frente do espelho e corta, ela mesma, mecha por mecha, seus queridos e bem cuidados cabelos. Lágrimas caem, molhando as ondas que também caem uma a uma, como caíam um a um os companheiros, presos, assassinados, torturados, desaparecidos. Eles estão cada vez mais isolados, estão perdendo essa guerra que começara com tanta esperança e tanta crença na capacidade humana de criar coisas boas.

Parece cada vez mais impossível reverter o caminho que tomaram.

Uma tarde, poucos dias depois, Lígia e Chico preparam o levantamento para o assalto a um banco de Madureira. O casal abre uma conta no banco, o pretexto para conhecer e examinar o local. Mais tarde, ela terá um “ponto” com outro companheiro, ao lado de uma banca de revistas no Jardim Botânico. Despede-se de Chico com um abraço forte, porque nesses dias é sempre assim: quando se separam, não podem ter certeza se ainda vão se encontrar outra vez.

É uma bela tarde de sol, e ela passa pela lagoa Rodrigo de Freitas, maravilhada com o inesgotável poder da beleza da natureza no Rio. Acha quase incompreensível essa capacidade que a beleza tem de ocultar a injustiça e a

crueldade que vicejam ao lado.

Mas Lígia naquele momento está feliz porque também vive a perspectiva de poder ver Maria Flor daí a poucos dias. Há meses não conseguia ver a filha; a mãe está constantemente vigiada pela polícia, é difícil sair de Brasília sem que eles percebam. Será uma operação complicada, mas valerá a pena e ela não vê a hora chegar. Tira de sua carteira a última foto que a mãe lhe enviou da filha enrugando exageradamente os lábios para fazer um biquinho e lhe mandar um beijo.

Assim que desce do ônibus perto do local do encontro, Lígia sente de imediato uma contração na boca do estômago. Tem a clara intuição de que alguma coisa está errada. O corte bruto do perigo bate gelado em seu estômago. Dá alguns passos tentando se situar e resolve atravessar a rua, sem parar, sem olhar para os lados, reta, em frente, dura.

Tarde demais; já fora detectada.

Ela vê sem olhar algumas sombras borradas se movimentando em sua direção. Tenta correr por entre os carros, mas um sorveteiro, policial disfarçado, atira; cai ferida nas costas, os carros freiam, buzinas soam alarmadas, e Lígia é imediatamente cercada e puxada por quatro, cinco homens e levada para um carro que sai a toda com os pneus rangendo.

É tudo incrivelmente rápido, os transeuntes mal têm tempo de ver e muito menos entender o que está acontecendo.

No lugar onde Lígia caiu, uma mancha de sangue rapidamente fica preta no asfalto escaldante. Os carros, passado o minuto do susto inicial, retomam a marcha, apressados. Não fazem questão de ver e muito menos entender o que aconteceu ali. As pessoas que instintivamente pararam na calçada, ao intuírem o que foi aquilo, também instintivamente se dispersam o mais rápido que podem. A cidade está em pânico, e ninguém quer se meter com os homens da repressão militar.

O tiro perfurou uma costela de Lígia e, infelizmente, muito infelizmente, não a matou ali no asfalto.

Jogada no chão frio de uma pequena cela, em um intervalo das torturas, em meio à bruma vermelha e negra que envolve seus pensamentos entrecortados, descontínuos, despidos de lógica ou razão, Lígia vê o rosto de Cristo nas costas

do velho Damasceno. Aquele rosto sempre a inquietara, não gostava de vê-lo, os irmãos viviam pedindo ao velho, sempre gentil e condescendente, que erguesse a camisa para lhes mostrar o rosto inquietante, mas ela não, não olhava, como se o achasse obsceno. De certa forma, agora, via que seu horror ao Cristo tatuado era quase uma premonição do que lhe aconteceria. Mas se ela tivesse agora um Cristo assim, teria que tê-lo tatuado não só nas costas, mas nas coxas, nos peitos, nas nádegas, na cabeça, na vagina, no ânus, em todos os lugares do seu corpo onde eles encontravam pontos para provocar dores agudas e atrozes. Como a tatuagem de Damasceno, porém, de nada adiantariam os Cristos espalhados em seu corpo.

Não sabia quanto tempo estava ali, se horas, dias ou anos.

Vê outra vez Damasceno, o velho que a criara. Seus dedos grossos, a pele negra da cor do carvão sem fogo sobre o branco de uma mãozinha delicada de criança, a sua, em um tal contraste que faz o branco de sua pele brilhar. Ele tenta colocar seu pequeno dedo de menina no ponto exato onde apertar a corda do violão. Mas logo já é outra a imagem que ela percebe. Com o pé descalço, Damasceno joga-a para o alto só para imediatamente apará-la com segurança, ao lhe ensinar um golpe de capoeira e lhe dizer: “Se quiser, você pode ser boa nisso, minha filha. Mas tem que aprender a controlar a força de cada pedacinho do seu corpo”.

Os pedacinhos do seu corpo.

Ela aprendeu muito com o velho Damasceno, muito mais do que os irmãos.

Mas de que adiantou?

Como naquela história que Chico contou e todos riram muito. Era o enterro de um militante intelectual, muito culto, e um outro companheiro, pragmático, contrário aos intelectuais pequeno-burgueses que, segundo ele, infestavam a organização, comentou: “Está vendo? Ele leu todo *O capital*, leu a obra completa de Lenin, tudo de Engels, tudo de Mao, sabia tudo, tinha lido tudo, mas de que adiantou? Morreu”.

Leu tudo, sabia tudo, mas de que adiantou? Morreu.

Os lábios intumescidos de Lígia quiseram se mover num esgar de sorriso.

Ela não consegue abrir os olhos, vê borrões vermelhos escuros e traços pretos, mas é a si mesma que está vendo no espelho. Tem quinze anos e está experimentando seu vestido do baile de debutantes; o avô fez questão de que debutasse em São Paulo, numa festa de gala nos salões do clube chique da cidade, o Paulistano. Sim, é verdade, debutou no Paulistano, totalmente pequeno-burguesa. Tinha quinze anos e lia *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, e *Terra dos homens*, de Saint-Exupéry.

Terra de que tipo de homens será essa onde está agora?

Entre as placas de sangue coagulado em seus olhos, vê a figurinha de sua Maria Flor, caminhando com os braços estendidos para ela.

Não, não. Isso não. Não pode pensar na filha, não resistirá se pensar nela, não resistirá.

Concentra-se no vestido branco de debutante. Tão branco, tão fino, de organza e crepe, com suas extraordinárias alcinhas de cordão de ouro que foram de sua mãe, e vê o rosto sorridente do avô, o avô que felizmente está morto, pois não suportaria vê-la assim. Única neta, desde pequenina ganhava dezenas dos mais lindos vestidos feitos por Umberto e Leda Rancieri. Vestia-se sempre na última moda com as criações de alta-costura que eles faziam absoluta questão de lhe enviar. Era a mais bem-vestida das amigas, em todo lugar, inclusive nas reuniões políticas e nas passeatas. Seu nome de guerra era Chanela, inventado por um companheiro em homenagem à famosa Madame Chanel.

A dor lancinante volta e ela já não precisa se concentrar em nada, pois pelo menos esse alívio a dor lhe traz: impede-a de pensar.

Lígia morreu três dias depois de presa e depois de vários tipos de tortura no quartel da PE, na rua Barão de Mesquita, no Rio.

Nem sua prisão nem sua morte foram oficialmente reconhecidas.

Até hoje seu corpo não foi encontrado. É uma entre os quatrocentos e trinta e quatro brasileiros dados oficialmente como mortos e desaparecidos durante a repressão da ditadura militar.

Maria Flor (1968-...)

Cabelos azuis como papel-carbono, rosa-*pink* como roupinha de bebê, roxo-paixão-de-cristo: todas as cores do arco-íris já coloriram os cabelos de Maria Flor, cabelos sempre cortados certinhos para deixar aparecer a borboleta tatuada que esvoaça em sua nuca, do lado oposto ao pequenino triângulo escuro cujo vértice se vira para a esquerda, a marca com que nasceu. Hoje, seu cabelo está verde-samambaia.

No umbigo, dois piercings deixam manifesto a que geração pertence, a geração de final de século e de milênio, a geração de meninos e meninas que nasceram no meio da inquietação das infinitas opções da vida moderna, que nasceram mergulhados na avalanche de informação e de possibilidades e também de violência, miséria, descalabros, trânsito, novas doenças, obsessões, estresse, selvagerias de quem tem muito e de quem nada tem.

Que vida!

Que vida a de Maria Flor!

Do apartamento no Flamengo para o seu ateliê em Santa Teresa, pode levar de trinta minutos a duas horas, dependendo do dia, da hora e dos caprichos do trânsito. Se estiver num dia de sorte, não será assaltada, como já foi oito vezes ao parar seu carro nos sinaleiros. Todos os seus amigos, de um jeito ou de outro, já foram vítimas de algum tipo de violência nessa escalada do desemprego e da miséria urbana. Viver em cidades grandes, no Brasil, nesse final de milênio, é viver no olho do furacão. Sente-se oprimida e impotente diante de tanto descalabro, e em seus sonhos está o desejo de mudança para outra cidade, outro país ou, se possível, outro mundo.

Da janela de vidros fechados do carro, ela vê o pivete na calçada, o canivete na mão tapado pela manga comprida da camiseta demasiado grande para ele. No verão insuportável, o traje oficial dos pivetes é este: a camiseta extragrande, com sua manga comprida puxada sobre a mão para esconder a arma ou o crack. Ela ainda se lembra da primeira vez em que foi assaltada, quando viu o menino sujo, de nariz escorrendo, chegar todo envolvido pela camiseta grande demais para ele e, antes que a abordasse, ela em sua ingenuidade ainda teve tempo de lhe dizer: “Por que você não tira essa camisa de manga comprida, menino? Está tão quente!”.

É, menino! Por quê?

Ergue a vista para o horizonte e vê o pôr do sol vermelho da poluição; os raios que batem nos bilhões de bilhões de bilhões de partículas de sujeira e na refração assumem esse tom vermelho inflamado e assustador porque fora de lugar, um vermelho doentio que não pertence ao sol.

Mas agora Maria Flor está grávida e deveria pensar positivo, e pensaria. No Rio até que isso não era tão difícil assim, bastava desviar a vista para os lados, se abstrair e deixar a indestrutível beleza da natureza da cidade fazer seu trabalho.

Maria Flor era boa para se abstrair.

Quer dizer, era e não era. Em alguns momentos era, em outros momentos, não. Deve ser assim com todo mundo, pensa. Mas anotou mentalmente que esse era um tema para consultar com Joaquim, seu analista particular a domicílio.

Grandes problemas, ela abstraía bem.

Os pequenos, não.

Mas já teve várias preocupações que antes lhe pesavam e agora eram só vestígios.

Uma, por exemplo, era com seu peso. Gordinha desde criança, durante muitos anos sentiu-se obrigada a viver contando as calorias que comia até o dia em que decidiu abordar toda a questão por um novo ângulo e se convencer de que não tinha sentido nenhum tanto remédio e regime para ser aceita socialmente. Avaliava com certo orgulho essa reviravolta em sua vida. Começou a levantar dados sobre a milionária indústria do emagrecimento e a se dar conta de como a publicidade se esmerava em tentar convencê-la de que seu corpo era inadequado. Que sistema de opressão é esse que criaram à custa dos gordos?, perguntava-se. Por que o corpo adequado só pode ser o magro? Se acredito que meu corpo também pode ser agradável e poderoso assim, arredondado e macio, posso fazer com que ele seja tão desejável quanto um conjunto de ossos pontudos. Se você não se sente bem no próprio corpo, não se sentirá bem em lugar nenhum: essa passou a ser sua máxima pessoal e certamente teve muito a ver, depois, com seu futuro sucesso na profissão.

Outra preocupação sua era com dinheiro: como muitos jovens de sua geração, achava que o dinheiro certamente era alguma coisa na vida, mas, ao contrário de muitos deles, acreditava que a maneira de consegui-lo fazia muita diferença. Sentia-se constrangida diante de amigos cujos valores eram medidos pelos talões da conta bancária. Para ela, a grande ambição era fazer bem o que gostava de fazer e ter uma qualidade de vida que pudesse considerar boa. Queria viver sem estresse, curtindo calmamente o que viesse, vivendo e deixando viver. Ou seja,

se as coisas continuassem como andavam no Brasil, ia ter mesmo que convencer Joaquim a mudar de país depois que o bebê nascesse.

Este país!

Ela se achava incapaz de compreender o que via acontecendo sob seus olhos, e era imensa sua desilusão com a possibilidade de o brasileiro vir a ter algum tipo de vida melhor e mais justa.

Por três vezes sentira o gosto de participar de uma crença e de uma vontade coletiva e por três vezes vira tudo continuar na mesma ou até pior. A primeira vez foi na época da mobilização pelas eleições diretas; mal voltara ao Brasil com o pai, adolescente, e achava muito importante bater panelas e ir às grandes manifestações carregando cartazes pintados com as letras garrafais de “Diretas Já!”. A segunda foi quando o PT quase ganhou as eleições para presidente e ela e a avó — sim, a velha dama da educação, Rosa Alfonsina — distribuíam panfletos com a foto do Lula sorrindo, na bela campanha em que ainda fazia sentido conclamar o povo a “não ter medo de ser feliz!”. A terceira foi para o impeachment do Collor, quando pintou o rosto de verde e amarelo e sentiu que, por fim, o país mudaria, que afinal afastar um presidente por corrupção significava que o povo dissera seu basta!, que nunca mais aceitaria nada parecido.

Mas deu no que deu.

Mais miséria. Mais concentração de renda. Mais desemprego. Mais violência. Mais deterioração da vida na cidade. Mais carros blindados da alta burguesia passando nas ruas, onde cada vez moram mais famílias de desempregados. Mais corrupção que se tornou moeda corrente nas notícias diárias dos jornais, que ela nunca lia por não querer encher seu prezado cérebro com tantas notícias infames.

Ah, este país!

Conversava muito com o pai sobre sua perplexidade e lhe pedia que explicasse por que nada parecia dar certo aqui. Mas como poderia ele explicar?! Claro, Chico tinha suas teorias, mas, a rigor, nenhuma era capaz de dar realmente conta das características predatórias e perversas da classe dominante brasileira.

Mas agora não é hora de pensar em nada disso.

Olha-se pelo espelho retrovisor do carro, retoca o batom lindamente vermelho

nos lábios grossos, sorri para si mesma: está grávida! Vai ter um filho! Não é lindo isso?

Acha graça de si mesma.

Acha graça de seus descabidos problemas de poucos anos atrás. Sua saída preferida sempre foi fazer de quase tudo um pequeno drama, como se exagerando os problemas pudesse achar alguma brecha para rir deles e, talvez assim, neutralizá-los um pouco. Passava horas ao telefone com o pai, no Nordeste, ou com a avó, em Brasília; ou com os tios, um em Brasília, dois em São Paulo, relatando seu pequeno teatro do cotidiano. Sua conta telefônica sempre foi quilométrica, o calcanhar de aquiles de suas despesas.

Lembra-se de como foi complexa e atormentada sua escolha de uma profissão. Sua avó foi a primeira mulher da família a ter o que se chama uma profissão, a de educadora; em compensação, Maria Flor se deparara com uma miríade de escolhas: o que gostaria de ser? Em que trabalhar?

Seu tio Lauro lhe dera um único conselho: seja o que for que você decida fazer, que seja algo de que realmente goste e a que possa se dedicar com prazer. Essa é a precondição que importa e que fará a grande diferença em toda a sua vida: ter prazer no que está fazendo.

Mas é que ela tinha prazer em tanta coisa!

Primeiro, pensou no cinema. Influenciada certamente pelos dois tios cineastas, pensara em ser atriz. Poderia tentar o teatro ou ser atriz de novelas. O problema é que, para ter acesso não apenas aos papéis da gordinha da história, teria que viver em regime, e isso desestimulava bastante qualquer vontade que pudesse ter. Segundo, pensou em ser bailarina: desde pequena estudara balé, e seu colo do pé sempre fora elogiado como o mais bonito das academias que frequentara. Para ser profissional da dança, no entanto, também teria que ser magra e teria que ter se decidido mais cedo para desenvolver a tempo uma técnica — ou não? De qualquer maneira, não daria.

Terceiro, pensou em ser cantora, mas, embora tivesse uma voz interessante, não era tão boa quanto a da Gal, por exemplo. Maria Flor tinha a boca de gato da Gal, sempre pintada de fortes batons vermelhos, mas sua voz, ainda que bonita, não era extraordinária. Portanto, não era boa o suficiente.

Na área científica, não tinha interesse. Não era exatamente uma entusiasta de estudos e não tinha vontade de entrar no campo de pesquisas, passar anos e anos debruçada sobre alguma coisa para descobrir outra. Não era a dela.

A área de humanas, achava definitivamente sem graça e um tanto inútil. Tinha o ceticismo de sua geração e nem cogitava na possibilidade de entender melhor como funcionam as sociedades, muito menos mudá-las. Achava a burrice, a crueldade e o egoísmo do homem coisas indecifráveis e queria distância da

política. Só de pensar no que acontecera com sua mãe...! Seu conflito com esse campo era compreensivelmente insolúvel.

Arquitetura, Advocacia, Jornalismo, Economia, também não, não, não e não.

Medicina, Odontologia e profissões afins, de jeito nenhum: não podia ver sangue e tinha grande tendência para a hipocondria, sentindo os sintomas de qualquer doença sobre a qual ficasse sabendo alguma coisa. Em sua cabeça, já padecera de quase todos os males que apareceram nos últimos anos: angústia, depressão, ansiedade. Era viciada em automedicação e ganhou inúmeros prêmios na farmácia da esquina de sua casa, da qual era cliente cativa. Decididamente, não tinha isenção suficiente para ser uma profissional da área.

Administração, NÃO! Tinha horror à Administração. Achava mesmo que tinha um trauma a esse respeito: o cara mais nojento que conheceu na vida se formara como administrador de empresas. Herdeiro de terceira geração, era um pobre imbecil que achava que podia comprar tudo com o dinheiro da família e tentou forçar Maria Flor em um episódio que, por incrível que pareça, ela preferia nem contar. Era um cara totalmente esbranquiçado, transparente de tão branco, louro aguado, de olhos vermelhos e pestanas brancas: fuja de homens com pestanas brancas, dizia seu subconsciente. São monstrengos ridículos, repelentes — e provavelmente têm pinto fino e ejaculação precoce. Na verdade, sentia um nojo tão grande por caras assim que imaginava algum motivo obscuro, alguma coisa de que não tinha consciência, mas que de alguma forma estava lá, no fundo de sua mente, de prontidão.

Contando um dia à avó esse seu horror a homens brancos demais, com olhos avermelhados e pestanas brancas, Rosa Alfonsina se lembrou de um detalhe do tempo de suas desesperadas jornadas aos gabinetes militares na tentativa de saber notícias de Lígia. Não queria expor a neta a esse martírio e nunca levava a menina de três, quatro anos, àqueles lugares. Nesse dia, porém, havia uma chance mínima de ser recebida. No caminho, ia deixar Maria Flor na casa de uma amiga, mas houve um mal-entendido e a amiga não estava. Já atrasada e sem ter com quem deixar a menina, Rosa se viu obrigada a levá-la.

Foi tudo inútil, como sempre; também naquele dia não conseguiu nenhuma notícia do paradeiro de Lígia.

O que lhe provocara a esperança fora o fato de ter sido atendida ao telefone pelo general que conhecera nos primórdios de Brasília, Antônio Camargo Garcia. Ao telefone, ele fora muito simpático, dizendo que, sim, se lembrava de Lígia quando menina brincando com seus filhos entre as gigantescas máquinas que abriam o buraco do lago Paranoá. E, claro, lembrava-se muito bem de Rosa Alfonsina, a exuberante mulher do doutor Túlio. Veria o que poderia ser feito.

O ocupado general não poderia saber a verdadeira razão que, contra seus

princípios, o impulsionou a olhar com certa condescendência o caso da jovem desaparecida. Pensava que se lembrava de Rosa Alfonsina por ser ela uma mulher bonita a quem, uma época, lançara olhares de cão faminto.

Não poderia saber — e jamais saberia — que era alguma coisa em seu sangue que o fazia se lembrar dela e da filha, a menininha alegre, de franjinha e extraordinários olhos pretos que vira um dia brincando com seus filhos. Alguma coisa em seu sangue que tinha a mesma origem que o sangue de Rosa e de Lígia, ele um descendente de Gregório Antônio Garcia, o irmão de Clara Joaquina.

Mas o vestígio de um gene tão antigo e, afinal, obscuro não seria capaz de comover de modo mais duradouro um general do governo militar. Ao ser informado de que a jovem dada como desaparecida de fato morrera em tortura nos quartéis da polícia no Rio, o general Garcia preferiu evitar o encontro. Pediu que seu assistente informasse à senhora em sua antessala que nada conseguira saber e que estava demasiado ocupado para recebê-la. Se quisesse, poderia agendar um outro dia, quem sabe teria mais sorte?

Ao sair do ministério, Rosa não conseguiu conter o choro, e Maria Flor, atenta ao seu lado, percebeu. Mais ainda: elas foram seguidas pelo assistente do general, o sujeito forte, alto e louro que as estivera vigiando na antessala.

Era um tipo de voz alta e desagradável, que, ao dizer que o general não poderia recebê-la, arrematava, depois de cada frase de suas desajeitadas justificativas, como um tique nervoso, “a senhora não concorda?”, “O general é um homem muito ocupado, a senhora não concorda? Tem que dedicar seu tempo às coisas prioritárias, a senhora não concorda?”. O sujeito as seguiu por um bom trecho, e certamente a menina percebeu o nervosismo e as lágrimas da avó. Pois esse cara correspondia com exatidão à descrição do ser abjeto da neta: alto, forte, quase transparente de tão branco, cabelo louro aguado e horrorosas pestanas brancas! Sim, a neta estava certa: com certeza ele tinha pinto fino e ejaculação precoce.

Maria Flor passou quase toda a sua primeira infância com a avó e os tios.

Era uma casa barulhenta de rapazes, os irmãos de Lígia: Leandro, Lauro e Laércio. Todos estavam na universidade, e, embora fossem simpatizantes do movimento de esquerda e participassem das passeatas e manifestações estudantis, nenhum se engajou na luta armada como a irmã mais velha. Leandro e Lauro eram apaixonados por cinema e queriam mudar o mundo e o povo brasileiro através de seus filmes e de sua arte. Laércio, o mais jovem, era um tanto mais descrente e cínico e, se concordava que quase tudo estava errado, não

via soluções em nenhum horizonte, nem próximo, nem longínquo. Ficava na sua, à espreita, sem se comprometer. Era estudante de Economia.

Maria Flor era a menina dos olhos de todos eles, que a enchiam de balinhas, pirulitos e chocolates.

Rosa Alfonsina ficara viúva de maneira totalmente inesperada e prematura. Túlio mal chegara aos cinquenta quando morreu em um desastre de teco-teco sob uma tormenta tropical, um toró desses que inesperadamente escurecem o céu, parecendo a chegada do fim do mundo. Como médico, fora chamado a um acampamento de mineração de esmeraldas a poucas horas de Brasília, onde grassava uma epidemia de malária. Fora investigar a situação, passara ali uma semana, horrorizado com a precariedade das condições de vida daqueles homens, mulheres e crianças abrindo valas na terra cinza de xisto à procura das reluzentes pedras verdes. Salvou muitas vidas naquela semana, inclusive a do filho de um dos grandes chefes das minas, que fez questão de lhe dar de presente uma esmeralda pura, quase do tamanho de um ovo de codorna, pedra encontrada dentro de sua mão fechada e que Rosa leva até hoje no pescoço, pendurada em um cordão de ouro que nunca tira, nem quando toma banho.

Depois da morte de Túlio, a vida de Rosa mudou em vários aspectos. O mais importante deles, talvez, foi começar a trabalhar. Por sorte, Brasília era uma cidade a gerar empregos naqueles anos de crescimento, quando a mudança da capital provocou lendas engraçadas que faziam os funcionários cariocas dar a alma para não ter de mudar para a cidade sem mar e — que contrassenso! — sem esquinas. A cidade sem esquinas era a pecha de horror que estigmatizou Brasília em suas primeiras décadas de vida, afugentou muita gente e deixou vagos muitos postos dos órgãos do governo, obrigados a se transferir do Rio para a nova capital. A visão utópica que deu origem à cidade era tão irreal e desconectada da vida contemporânea que a tornava, para muitos, incompreensível e inaceitável. No entanto, para outros, como Rosa, era exatamente por essa mesma razão que ela exercia fascínio e sedução.

Não foi difícil para ela, esposa de um dos pioneiros de Brasília, conseguir emprego no Ministério da Educação, embora nunca tivesse trabalhado antes. E ali poderia ficar tranquilamente, meio como passatempo, meio como arrimo, meio como encosto, uma entre os incontáveis funcionários que fazem do emprego público um meio descansado de levar a vida. Rosa, contudo, não era mulher de parar no tempo.

Considerava-se, então, que as mulheres aos quarenta anos entravam, com

passos bem dados, na estrada do envelhecimento. Rosa não pensava assim. Do alto de seus quarenta anos, se sentia vital, madura, muito mais sábia e mais bela do que naquele dia em que desfilou com seu manto, cetro e coroa de miss. Tinha quatro filhos preciosos para criar e não deixaria que a vida deles se enchesse de melancolia porque o destino lhes roubara o ombro paterno. Túlio fora a pessoa mais formidável e amada que conhecera, mas, se ela fora deixada na vida para viver, viveria.

Começou a trabalhar com afinco e criatividade surpreendentes em alguém que nunca trabalhara antes. Desencavou do fundo da memória o que aprendera em seu curso de professora e procurou os livros mais recentes sobre educação, descobriu cursos rápidos e palestras na universidade, voltou a estudar, a se informar, a descobrir o que havia para ser feito. Com o tempo se tornou um nome de prestígio na área educacional. Seu propósito era combater o otimismo fácil de achar que todo país subdesenvolvido naturalmente vai se desenvolver, como se estivesse trilhando um caminho necessariamente único e em progressão. Para Rosa, o país — qualquer país — encontra problemas, conflitos e obstáculos que pode ou não conseguir superar para dar o passo em frente. É imprescindível que as pessoas façam algo nesse sentido, e ela procurava fazer a parte dela.

Ficou mais cheia de carnes, os quadris largos da herança familiar aumentaram, mas sua exuberância e sua alegria permaneceram as mesmas. Teve vários pretendentes, porém dizia que, se um dia se apaixonasse de novo, casaria, se não, continuaria como estava, pois estava bem.

No tempo da repressão, quando sua casa era constantemente vigiada pela polícia e ela seguida nas ruas, Rosa havia começado a trabalhar. Como sempre fora pessoa de muitos amigos, desde a época dos canteiros de obras da fundação de Brasília conhecia deus e todo mundo, inclusive vários coronéis e alguns generais.

No começo, quando ainda se tratava de movimento estudantil, através de seus contatos pessoais ela conseguia permissão para visitar algum amigo de Lígia que estava preso e sem notícias ou para saber em que quartel estava preso outro estudante para lhe enviar roupas ou alimentos, coisas assim. Com a escalada da repressão, no entanto, essa fresta na porta foi se tornando cada vez menos acessível. Pessoas que ela conhecera nos acampamentos da cidade deixavam de cumprimentá-la. Esposas de militares, que muitas vezes foram a sua casa pedir receitas da exímia cozinha de Rosa, ao passar por ela agora fingiam não reconhecê-la.

Quando Lígia desapareceu no Rio, foram inúteis suas jornadas de gabinete em gabinete para saber notícias da filha, onde estava presa e como estava. Às vezes passava tardes inteiras de dias e dias esperando ser recebida nas antessalas de coronéis que conhecera para no final ser despachada com mal disfarçada grosseria. Sua entrada nos ministérios militares e nos quartéis da cidade acabou sendo proibida.

Foram dias de dor, dias de inferno.

Ao chegar em casa, depois de mais um dia assim inútil à procura de notícias, Rosa deitava Maria Flor em seu colo e lhe contava tudo o que sabia sobre sua mãe. Mostrava-lhe os álbuns de fotos de Lígia, falava com detalhes de todos os pequenos acontecimentos de sua infância, como era quando adolescente, como se vestia, do que gostava, suas comidas e suas cores preferidas, tudo o que poderia dizer para uma filha sobre a mãe que nunca conheceria.

Maria Flor lembra-se muito bem dessas horas em que se deitava no colo da avó para escutar as histórias de Lígia, as histórias que preferia, que preferia muito mais a qualquer história de fadas e de princesas. Depois foram as histórias que o pai contou, o país que os dois e seus companheiros queriam transformar, por que lutaram, o que acontecera, por que Lígia morrera como morrera.

Ela só tem duas fotos com a mãe: uma no hospital, no dia em que nasceu, e outra nos braços dos pais, no dia em que eles saíram de Brasília.

Nas fotos, Lígia é magrinha, mignon, cabelos longos e olhos hipnóticos de holofotes iluminando o rosto.

Flor se compara à mãe. É bem diferente: é alta, gosta de usar os cabelos curtos e seus olhos herdaram da mãe apenas a cor escura e os espessos cílios negros. Acha que nem de longe tem a beleza de Lígia. A avó diz que não, que ela é tão bonita quanto Lígia, mas a avó é especialista em dizer coisas assim, e o fato de ela acreditar que seja assim não significa que seja verdade. E, depois, ela quer mesmo que a mãe seja mais bonita, é mais um motivo de orgulho.

Só em uma coisa, naquele momento, sentia não ser como a mãe: magrinha, as saboneteiras aparecendo. Era uma época em que ainda se importava com isso, pois havia pouco voltara da França e estava com o maior peso que jamais tivera.

Maria Flor vê com muita ambiguidade os anos em que morou na França com o pai.

Gostava de estar junto com o pai, mas tinha muita saudade da avó e dos tios e detestava o sombrio inverno europeu. Detestava o frio embaçado, úmido, que a fazia encolher-se toda e trincar os lábios. Também não gostava dos garotos da escola onde passava o dia, meninos e meninas que se divertiam puxando seus cabelos, chamando-a de latina, como se isso fosse um insulto, e tomando-lhe as barras de chocolate que ela sempre levava nos bolsos, seu consolo. Seus únicos amigos eram, como ela, filhos de exilados e no geral formavam um grupo que, por mais que todos os adultos próximos se esforçassem para que não acontecesse, acontecia: em algum lugar pairando em volta deles sempre estava o peso do passado, das denúncias, do sofrimento, da tristeza: nas conversas dos adultos, nas notícias do Brasil, nos planos para a volta, nas histórias que contavam, no indefinível escuro que marca o futuro de um exílio.

Depois do desaparecimento de Lígia, Chico não tivera condições de permanecer no Brasil. Decidiu ir para o Chile, exilado como outros milhares de brasileiros na mesma situação, naqueles anos em que a ditadura expulsava levas e levas do país.

Durante muito tempo, teve a esperança de reencontrar Lígia, que ela estivesse apenas presa em algum lugar desconhecido mas concreto, que um dia reapareceria. É curioso o espaço que a mente humana permite à irracionalidade quando no fundo de seu poço de desejos brilha a pequenina luz do “se”, minúscula e completamente sem razão, completamente maluca, completamente cega, mas que está lá e brilha. Até voltar ao Brasil com a anistia, essa luzinha maluca ainda se acendia nele, embora já um tanto fraca e já só por minutos, a luz que esperava encontrar os olhos perturbadores de Lígia ao virar uma esquina, ouvir sua voz grave ao atender um telefone.

Ele estava preparando a ida de Maria Flor para o Chile quando o golpe contra Allende aconteceu. Os horrores daqueles dias repetiram os horrores dos últimos dias no Brasil. Chico foi preso no estádio de futebol, ao lado de chilenos, brasileiros, argentinos, americanos, europeus, gente de tantas nacionalidades que foram mudar o mundo no Chile. De lá, foi exilado para a Bélgica e da Bélgica para a França.

Só na França, com o tempo, teve condições de mandar buscar a filha.

Lá Maria Flor viveu com o pai até quase a adolescência. Depois da anistia, voltaram para o Brasil, Chico se casou com uma pernambucana e foi morar em Recife. Embora Maria Flor adorasse o pai e as praias do Nordeste, não quis ir com eles. Preferiu ficar com a avó em Brasília, onde terminou o segundo grau e passou pelo seu pequeno drama de decidir o que queria fazer da vida.

Flor gostava de desenhar figuras humanas com trajes variados e sempre teve um interesse genuíno pelo corpo em todos os seus aspectos. Era vaidosa; gostava de se enfeitar e se pintar e, dada sua natureza fora dos padrões, sempre confeccionara as próprias roupas e arranjos. Houve inclusive uma época em que fizera, com muito sucesso, os figurinos para filmes dos tios. Sabia como ninguém como a roupa certa ajuda a compor o perfil de um personagem.

Debruçando-se sobre esse pensamento e suas ramificações, ela decidiu: ia ser estilista. Ia trabalhar com moda, como seus bisavós, Umberto e Leda Rancieri.

Assim que tomou essa decisão, Flor virou outra pessoa. Esqueceu suas doenças pós-modernas, suas dúvidas e angústias, adotou a máxima de "quem não se sente bem no próprio corpo não se sentirá bem em lugar nenhum" e lá foi ela: mudou-se para o Rio, onde alugou um apartamento com outros amigos, e pôs-se a trabalhar com animada dedicação.

Para ela a roupa era parte integrante da pessoa, de seu caráter e sua personalidade. Podia acrescentar ou diminuir, mudar seu jeito de olhar o mundo e o jeito como o mundo olhava para a pessoa. Podia dar, ou tirar, encanto e graça. Era capaz de atrair, ou rechaçar, admiração e interesse. Era um gatilho. Era um primeiro passo. Era o ímã. Depois, cada qual que fosse responsável por si.

Estava feliz com sua escolha e logo se tornou figura requisitada na área. Fazia figurinos para cinema, teatro e novelas e possuía um ateliê badalado no alto de Santa Teresa. Pesquisava novos materiais e tinha belas ideias. Ganhava prêmios, como ganhou uma vez com seu vestidinho preto, seco, num tecido sintético molinho que ela ajudara a desenvolver, sem nada, nada, só com as alcinhas de cordão de ouro do avô Rancieri. Vivia entre cores, formas e a beleza de que tanto gostava.

Mas às vezes ainda passava por algum pequeno drama a respeito de sua escolha profissional. Como no dia em que uma pessoinha dessas más e cruéis que infestam a humanidade chegou perto dela — o que era até raro, pois no geral Flor se cercava de gente tão simpática, calorosa e afetuosa como ela.

Pensando bem, espera aí! O que acabo de dizer não pode ser verdadeiro. Ninguém consegue se cercar só de gente simpática, calorosa, afetuosa. É que Flor não era lá muito expert em julgar as pessoas e tendia a achar que os outros eram sinceros como ela quase sempre era. Achava-se muito cética, muito tarimbada, muito experiente e conhecedora das coisas, mas no fundo, no fundo, tendia a ser ingênua como tendem a ser as pessoas simpáticas, afetuosas e

calorosas nos dias de hoje.

E essa pessoinha se achegou apenas para perguntar a Flor se ela achava que a mãe, que morreu pela revolução, iria gostar de vê-la dedicar sua vida a uma futilidade tão vã quanto a moda.

Flor chegou aos prantos em casa.

Nunca pensara nisso assim dessa maneira e felizmente tinha a seu lado Joaquim, o namorado psiquiatra, bom entendedor da alma humana e melhor entendedor da alma de Maria Flor. Assim, ele pôde ajudá-la a digerir e afastar aquela pequenina mas corrosiva dose de veneno. Escutou com atenção seus pensamentos, e o que ela pensou foi que: primeiro (Maria Flor tinha esse espírito de tentar pôr ordem nas coisas e gostava de pensar assim, classificando, cada ponto em seu devido lugar, primeiro, segundo, terceiro), sua mãe era sua mãe e, fosse como fosse, a aceitaria e a amaria como sempre amou. Segundo, a beleza e o bem-estar das pessoas poderiam ser considerados como um acessório, mas jamais como “futilidade vã”. Faziam parte do item “imaginação e diversão”, que, embora não fosse — isso ela até poderia reconhecer — tão básico quanto casa, comida, saúde e educação, era um item importante para a felicidade de uma pessoa hoje. Portanto, seu trabalho dizia respeito à felicidade das pessoas, exatamente o mesmo ideal pelo qual morrera a mãe. Terceiro, ela nunca dera seu voto a nenhum desses horrores que atormentavam a vida dos brasileiros; todos esses governantes sem escrúpulos foram eleitos sem a menor contribuição da parte dela, e, portanto, não poderia se sentir responsável pelo que estava acontecendo.

E por aí ia seu pensamento, e poderia chegar até o nono ou décimo argumento, porque Flor, quando começava a raciocinar e classificar, ia longe. Mas ela já estava se sentindo calma e segura, e Joaquim houve por bem terminar a sessão.

Flor conheceu Joaquim Machado, psiquiatra, três anos mais jovem do que ela, no coquetel de lançamento do livro de uma amiga comum. De família amazonense, ele estudou no Rio, fez especialização na França e nos Estados Unidos e acabara de abrir seu consultório no Rio, quando se conheceram.

Em torno de taças de vinho branco, eles começaram uma animada conversa que continuou num restaurante badalado da cidade em torno de um delicioso *prosecco*, mas nem aí se encerrou, continuando depois no apartamento dele em torno de outras coisas. A conversa inicial que detonou todo esse intenso processo fora o velho e batido tema da diferença entre os sexos, mas que no caso, estimulado por uma curiosidade genuína de ambos os lados, foi capaz de varar

noite adentro.

Os dois estavam participando de uma roda de coquetel onde algum dos participantes masculinos, certamente por falta de assunto melhor, já levantara aquela história de que as mulheres possuem o cérebro menor, proporcional ao tamanho do corpo, ao que alguma mulher da roda, também vencendo o tédio, já respondera “Mas com neurônios distribuídos de forma mais densa”, e por aí amenamente ia a coisa quando Maria Flor fez ao recém-conhecido psiquiatra a seu lado uma perguntinha, apenas com o intuito de não deixar a conversa cair em um vazio constrangedor: “Mas de onde foi mesmo que os homens tiraram essa ideia de que as mulheres necessitam menos de sexo? Que os homens, por natureza, são mais promíscuos e que as mulheres estariam, por natureza, interessadas em relações estáveis?!”.

Como a pergunta fora feita diretamente a ele, por mera obra-prima do acaso, que o colocara ao lado de Maria Flor, o jovem psiquiatra passou também a se dirigir diretamente a ela, e em pouco tempo, graças à velha química que costuma acontecer em casos assim e mover o mundo, a roda dos outros sumira aos olhos dos dois, que da conversa chocha passaram para um *tête-à-tête* interessantíssimo sobre o mesmo tema, como os homens haviam criado a repressão feminina e depois acreditado que o resultado de sua própria invenção era um produto legítimo da natureza, e como era surpreendente que até hoje não fosse dada a devida importância ao fato de o clitóris ser o único órgão humano que tem como exclusiva finalidade servir ao prazer das mulheres, enquanto ao pênis, com seu papel de servir a dois senhores como canal condutor de urina e de sêmen, falta o refinamento da especialização.

Com tal tema inicial discutido ardorosamente, não é de surpreender o desenrolar desse encontro que, em certo sentido, continua até hoje.

Os dois, cada um em sua área, estão relativamente bem de vida. Gostam mais ou menos das mesmas coisas, música, cinema, bons restaurantes, novos programas de computador, conversas sobre o terceiro milênio, a insensatez humana e as possibilidades de um futuro melhor para o país e para o mundo. Um é Fluminense e o outro, Vasco. Um cria um gato siamês, outro um cachorro vira-lata. Gostam de dançar e de comida vegetariana em casa, mas sem fanatismos. Passam horas na internet. Enquanto um faz ginástica na academia, o outro faz sessões de acupuntura e *shiatsu*.

Flor gosta das mãos sensíveis e nervosas de Joaquim, e ele gosta de seus pés de quase bailarina.

Em pouco tempo, decidiram viver juntos e, depois de mais algum tempo, ter um filho. Maria Flor está com trinta e três anos, idade que lhe parece adequada, e Joaquim também acha que está na hora de viver a experiência de ser pai.

Por talento ou por acaso ou por conhecer algumas pessoas-chave, ou por tudo isso junto, Maria Flor se viu transformada em um sucesso da mídia. E, embora um tanto assustada com a fama que cresce acelerada ao ritmo próprio da indústria da moda na era da globalização, ganha razoavelmente bem e pretende usar isso para satisfazer um antigo desejo.

Um antigo e misterioso desejo que nasceu quando passou férias em praia pouco conhecida da Bahia e cresceu muito agora que está grávida. É o desejo de morar à beira do mar, onde as manhãs brilham com o sol dourado, sua cor legítima de sol sem poluição. Planeja talvez, quem sabe, ir viver em algum lugar assim, fundar uma pousada, passar alguns meses lá e outros no Rio, com Joaquim. Acha que é uma ideia um pouco maluca, mas que pode dar certo, pelo menos por uns tempos. De que é feita a vida, afinal, se não exatamente disso, de períodos de tempo, alguns longos, outros curtos, todos finitos, épocas bem marcadas que formam nossa pequena história na terra, com suas diferentes camadas, ontem aquilo, hoje isso, amanhã, quem sabe?

No fundo, ela quer descansar da caótica vida da cidade grande, onde as desgraças brasileiras parecem se exaltar. Quer dar um tempo para que o país melhore.

Quer correr descalça pela praia coberta com a mesma areia que um dia talvez tenha sido pisada pelos pés de alguém que ela não conheceu mas sabe que existiu e pode bem ter passado por ali. Que pode ter sido sua mãe, ou a mãe de sua mãe, ou a mãe da mãe de sua mãe.

E, como em momentânea miragem, ela sente o ruído de risadas e passos leves correndo na areia da praia. Sente o gosto de água salgada do mar e frutas sumarentas, gosto de mato, cheiro de vento, pés descalços na lama, murmúrio de águas de rios, ouro fino, sedas que farfalham, cheiro de carne assada, chiados da cana no canavial e manhãs luminosas. Sente o silêncio impossível dos grandes espaços e a escuridão, uma voz que ecoa na mata, acordes de pianos tristíssimos e plangência de violões. Sente galopes e mugidos de gado, tiros secos, pés que correm, sangue, sangue, sangue, o gosto da poeira vermelha do cerrado, a altura do jatobá e um cálido perfume de mulher.

São, ela sabe, sabores camuflados do passado.

Sabores de gosto fugaz, mutante, mas que de alguma maneira ela sente que

fazem parte dela. Que pertencem a ela, estão nela e estarão nos filhos que se preparam para nascer.

Filhos.

Maria Flor estaciona o carro em frente ao edifício onde mora. Grávida, cabelos agora da cor azul-escuro-mar-revolto, volta do médico com Joaquim. A notícia que acabaram de receber deixou-os, no primeiro momento, perplexos, quase assustados: como adivinhar o que o destino lhes reservara depois de tantos anos de pílula anticoncepcional?

Mas agora estão rindo com a novidade, pensando no que terá de ser feito, neurônios e adrenalinas antenados nesse inesperado futuro que agora será o deles: na ultrassonografia que Maria Flor acaba de fazer, souberam que não terão apenas um filho, mas gêmeos, uma mulher e um homem.

Vocês.

Estão escutando as risadas?

Amanda (2001-...)

Ao ouvir a porta do apartamento se abrindo, o barulho de Maria Flor chegando em casa, Amanda mais uma vez olhou-se no espelho, deu um suspiro e foi procurar a mãe. Encontrou Maria Flor sentada no sofá da sala, as mãos cobrindo o rosto... Chorando outra vez!?

Mesmo sabendo como a mãe andava chorando ultimamente, Amanda esquece por completo o que se preparou a manhã toda para lhe dizer.

“O que aconteceu?”

Flor tirou as mãos do rosto, puxou a filha, sentou-a a seu lado e disse, com a voz embargada:

“A neta da dona Inácia do ateliê morreu por causa de uma bala perdida. Uma gracinha, filha! Oito anos. Uma vez ela trouxe a menina aqui, não sei se você lembra.”

“Ai! Como é possível?! No morro?”

“Não sei onde foi.”

Flor limpou os olhos, fungou e olhou para a filha.

“E você, em casa a essa hora?”

“Estava falando com Ben no Skype.”

“Não foi à aula?”

O celular tocou, e Maria Flor se apressou em atender. Era Joaquim. Disse que ia voltar para casa. Alguns pacientes ligaram cancelando. Acontecera alguma coisa na cidade naquele dia, ele não sabia o que era. Fecharam o Túnel Rebouças. O clima estava carregado.

Amanda voltou ao seu quarto. Fechou a porta. Agarrou o travesseiro. O que estava acontecendo? Mais uma guerra dos policiais com o tráfico? Como daria a seus pais a notícia de que vai fazer um aborto?

Após se acalmar, voltou à sala onde a mãe e o pai, recém-chegado, conversavam com uma perturbação que ela poucas vezes vislumbrara.

“Como chegamos a esse ponto?”, Joaquim se perguntava. “Como?”

O telefone fixo tocou ao mesmo tempo que o celular dos dois. Amanda atendeu o fixo. É seu tio Lauro, quer falar com a irmã.

“Ela tá no celular, tio. Tá acontecendo alguma coisa?”

E, sem que ela entendesse bem por quê, sua voz ficou embargada. Sentia uma raiva e um choro crescendo no peito. Não deu conta de falar nem de escutar o

que o tio dizia. Só deu para falar: “Vou desligar, tio. A neta da costureira da mamãe morreu. O Rebouças tá fechado. Tá todo mundo triste aqui, desculpa”.

Voltou a se trancar no quarto. Sentou na cama, abraçou o travesseiro, soluçou e soluçou, até que... Basta! Jogou com força o travesseiro no chão. Engoliu o choro. Entrou no banheiro, ficou de pé em frente ao espelho, e a imagem que via mudara. Já não expressava desespero, mas indignação. Por alguns minutos, olhou com atenção seu rosto, mirou fundo em seus olhos. Levantou a camiseta, pôs a mão na barriga.

“Você está aí? Está escutando?”

E, nesse exato instante, ela decidiu que não faria o aborto. Mudou completamente sua decisão. Ia ter essa criança.

Entrou outra vez na sala, serena. Abraçou o pai sentado no sofá, esperou a mãe desligar o celular e disse para os dois: “Estou grávida. E vou ter meu filho”.

Do alto de seus dezessete anos, Amanda pensava que já nascera velha. É o que deu desde pequena escutar a mãe dizer: “Essa menina é mais adulta do que eu!”.

A seriedade em pessoa, concordava o pai, puxando para um abraço a menina que fechava a carinha, sem saber se os comentários eram elogiosos ou não. Pois Benjamim, Ben, seu irmão gêmeo, esse não tirava da cara o sorriso de derreter pedra, malandro e brincalhão. Quase morrera quando bebê, vira e mexe ia parar no hospital, magrinho, sofredor. Quando por fim se restabeleceu, sua avidez pela vida o tornou um belo e sorridente aventureiro. Belo mesmo. Traços meio selvagens, cabelos agitados, tudo nele parecia ter a desproporção do rebelde. Em Amanda, quase tudo era como devia ser, traços de harmonia próximos à perfeição: olhos, nariz, boca na devida proporção em um rosto oval envolvido pelos cabelos, esses sim, um tanto inesperados, já que castanho-avermelhados. Maria Flor se perguntava: De onde essa menina tirou essa ruivice? Bonita, sem dúvida. Mas em tudo diferente do irmão.

Menos no amor recíproco. Como eram agarrados esses dois! Ben, devido à doença dos primeiros anos, parecia menor, mais novo, mais carente. Apertavam-se um contra o outro para ver televisão, jogar seus joguinhos eletrônicos. Quando por algum motivo ele se sentia inseguro, quando alguma coisa o assustava, era para a irmã que se virava: “Me abraça”. Ela era a forte, a protetora, a que saberia defendê-lo de qualquer coisa.

As coisas mudaram um pouco no dia em que Amanda reparou no olhar que a mãe dirigia ao filho que ainda parecia tão frágil. Não era o mesmo que lhe dirigia. Havia um enternecimento ali, uma diferença amorosa que ela entendeu

como se refletisse o tamanho do afeto. Doeu em seu coração, fechou-se frente à mãe. Talvez tenha vindo desse sofrimento solitário isso que os pais chamavam de sua seriedade.

Continuou aos carinhos e brincadeiras com o irmão, mas, assim que a mãe se aproximava, Amanda o escorraçava sem dar atenção a seu olhar aflito. Tomava seus brinquedos. Provocava-o. Mas, tão logo Maria Flor saía de perto, Amanda voltava às boas com ele. A mãe percebeu, comentou com Joaquim. Sempre o psiquiatra da família, sua resposta foi tranquila: “Deve ser uma fase. Isso passa”.

As brigas com o irmão de fato passaram. Mas a desconfiança do amor da mãe, não.

Felizmente, Ben já estava completamente recuperado quando Maria Flor sofreu seu grande baque financeiro. A empresa que fundara sem capital, com cara e coragem, foi literal, ainda que legalmente, roubada. Três anos antes, os gêmeos e as encomendas começaram a assoberbá-la. Tornara-se uma estilista requisitada, e seus contratos para fazer figurinos de filmes e novelas aumentavam. Foi aí que ela cometeu o desatino de aceitar um sócio, dono de uma grande empresa do ramo. Um senhor que ela conhecia de coquetéis e eventos, pose de experiente, cara de confiança, que se tornou um amigo com quem ela conversava sobre os negócios. Confiou nele e cometeu o segundo desatino, esse fatal, aceitando que sua injeção de capital correspondesse a 51% das cotas da empresa. Seu tio Laércio alertou: “Não seja tão confiante”, mas ela precisava ser, queria ser, e foi.

Viveu três anos de grande crescimento, juntando a seu talento a infraestrutura e o capital do sócio. Não previra que por trás do capital em geral tem uma família, o que só descobriu quando os dois filhos do sócio chegaram. Com a soberba de seus diplomas estalando — o rapaz formado em Administração, a garota, em Design — aliada à falta de qualquer experiência, deixavam clara a avidez daqueles que matam a galinha pelos ovos de ouro.

Até hoje matam galinhas dos ovos de ouro? Sim, matam. Os dois convenceram o pai de que as coisas iam tão bem, por que precisavam de Maria Flor?

Haviam chegado com a ideia de que a empresa precisava se modernizar, examinar as tendências, brilhar na mídia, ir para onde estava o dinheiro. O que, trocando em miúdos, significava investir em roupas exclusivas, cortar ao máximo os custos de produção, diminuir o setor que cuidava das encomendas de figurinos artísticos. O tipo de segmento que Maria Flor planejava expandir — peças populares para o dia a dia que todos pudessem usar — não lhes interessava. Em absoluto.

No final de um processo desgastante de reuniões, forçaram a compra de sua

parte pelo preço que bem quiseram e a puseram literalmente para fora da empresa que havia criado. Na última reunião, o sócio pai, expressão compungida e talvez até sincera frente ao constrangimento em que seus filhos o puseram, teve a coragem de afirmar: “Isso é apenas negócio, Maria Flor. Gosto muito de você. Não quero perder sua amizade”.

Flor, com a boca seca, levantou-se. Pegou o copo a seu lado, levou-o à boca, encheu-a com um grande gole, aproximou-se e cuspiu, chispante, em sua cara de falsa condescendência para que nunca, jamais, ele se esquecesse do que ela pensava da amizade dele.

Chegou em casa e soçobrou. Tudo virou um caos à sua volta, e Joaquim e as crianças sentiram a rebordosa. Furiosa, irascível, voltada para sua impotência e sem saber o que fazer da vida, o casamento com Joaquim desabou.

Mas Rosa Alfonsina, a velha dama da educação já aposentada, ainda morando em Brasília, não deixaria seu querer-bem murchar assim. Em longos telefonemas, perguntou: “Você ainda sonha com uma pousadinha à beira-mar?”.

Sim, sonhava. Até sabia onde seria. Em uma cidadezinha adorável que conhecera quando fora à Bahia, alguns anos antes, por onde passa um riozinho de águas alaranjadas em seu caminho para o mar. Exatamente o lugar onde ela adoraria morar por uns tempos. Sair daquela loucura da cidade grande, dar aos meninos a liberdade de crescer correndo na praia, nadando entre rio e mar. “Então vamos”, Rosa decidiu. Tinha umas economias. Uma cidadezinha assim seria um lugar bom para viver seus oitenta anos. Maria Flor e as crianças poderiam ficar por lá com ela enquanto assim quisessem.

A cabeça de Flor voltou a se agitar com os planos. De lá, via internet, poderia retomar seu trabalho na moda. Os meninos cresceriam soltos como bichinhos, pelo menos até certo momento. Talvez ali a separação de Joaquim lhe fosse mais leve.

A pousada foi montada em uma casa cercada por uma larga varanda, cujo quintal era praia e palmeiras, um pouco afastada da cidade. Foram feitas as reformas necessárias, sete suítes (três para a própria família) e áreas em comum pintadas de cores exuberantes. Por fora, apenas o branco das nuvens nas paredes e o azul do mar nas portas e janelas de madeira, o que tanto para Rosa como para Flor parecia estranhamente familiar. Redes coloridas foram penduradas nas árvores, e bancos de madeira foram espalhados por todos os cantos.

Os gêmeos de imediato se juntaram à paisagem, à areia e à cidadezinha cheia de moleques como eles, como se dela já fizessem parte há séculos. Corriam com a meninada, trepavam nas árvores, lambuzavam-se de cajus, goiabas, pitangas. Recém-chegados, mas já iguais a todos dali. As diferenças, no momento, eram a urbanidade da mãe e da bisa e a pousada branca com suas suítes lotadas nas

temporadas e vazias nos entretempos. Rosa Alfonsina, com a determinação costumeira, contratou uma excelente gerente para dividir o comando da pousada, enquanto Maria Flor conhecia as costureiras da região, montava seu ateliê e seu negócio pela internet.

Joaquim vinha ver as crianças sempre que possível. Quando eles tivessem que ir para a escola, como seria? Aí a gente vê, dizia Maria Flor, para quem os ares da beira-mar faziam muito bem, outra vez animada, feliz com suas criações mais ligadas à natureza e às coisas da terra. Joaquim e ela se amavam sem compromissos, cada um seguindo sua vida depois.

Quem sempre aparecia era o vô Chico, outra vez viúvo. Mais um a fazer a alegria da criançada e da filha. Passava longas horas conversando com Rosa. Estavam animados com as mudanças que começavam a acontecer no país. Chico, ainda trabalhando com as comunidades, viajava pelas cidades do Nordeste, via a diferença na vida das pessoas.

“Esse país finalmente está mudando, Rosa. Lígia iria gostar de ver.”

“É verdade. Minha filha ficaria contente.”

E sem querer, ela que pensava que suas lágrimas haviam secado, sentiu outra vez os olhos úmidos, a dor imensa pela morte da filha de alguma forma suavizada pelo entendimento conseguido a duras penas de que a vida é o que pode ser. Amanda, que acabara de subir correndo os dois degraus da varanda, deu um pulo em seu colo e gritou para Ben: “Ganhei! Cheguei primeiro!”.

Rosa gemeu com os agarramentos das duas crianças em cima dela. Chico riu.

Amanda cresceu menina do rio de água mansa e doce. Do mar, temia a imensidão incontrolável, como se dele viesse um perigo profundo, milenar, incompreensível. E talvez fosse isso, justamente, o que Ben, menino da praia, amasse. O perigo, o descontrole, o azul profundo mais poderoso do que qualquer outra coisa que pudesse ver ali.

No mar, Amanda não se aventurava longe. Brincava nas ondas só por brincar. Quando as brincadeiras eram no rio, ela se entregava às águas, peixe no cardume de meninas. Ben, ao contrário, entediava-se com a água doce sem surpresas, todo dia a mesma. Nem das saídas de barco com algum pescador que tirava seu tempo para ensinar a meninada a pescar, ele gostava. Aborrecia-se com a lentidão da pesca, do paradeiro. E Amanda, dedicada pescadora, não lhe dava nem um pedaço dos peixes que por acaso conseguia fisgar: “Não quis pescar, agora não come”. Ao que Ben rápido se erguia, pegava o rabo do peixe frito no prato dela e saía correndo, ela correndo atrás.

Ao cair da tarde, Maria Flor permitia os joguinhos de celular, e até mesmo desenhos na TV e no computador. Nisso, obedecia às recomendações de Joaquim: "Não aliene demais os meninos. Eles vão voltar para a vida na cidade. A partir do ensino médio, a educação deles terá que ser na metrópole".

Ela concordava. Preparava-se também para um dia voltar. Trabalhar pela internet era bom, mas não o suficiente. Sempre fora ambiciosa, queria ver suas roupas se movendo nos corpos da cidade. Se era uma felicidade ver seus filhos criados naquela beleza, a beira-mar era tão só um refúgio, não seu mundo.

Já Rosa Alfonsina se integrara completamente à vidinha do interior. Fez amizades, aprendia a sabedoria dos que sempre viveram ali, mordia a língua para não dar palpites não solicitados, seu corpo e sua alma agradecendo pelo cotidiano de coisas boas que vivia ali. Quando os gêmeos começaram a frequentar a escola, ela quis colocar em prática o que vira em uma cidade perto de Brasília, que visitara em uma viagem de inspeção quando trabalhava no Ministério da Educação. Conhecera uma senhora — por sinal, quase sua xará — que, debaixo das árvores frondosas do seu quintal e vendo passar os pavões que criava, montara um lugar para ajudar as crianças da cidade em suas tarefas escolares e lhes oferecer, mais que apenas almoço, uma preparação para futuros empregos. Além de tirá-los da rua. Em torno de uma mesa de biscoitos de queijo e cafezinho fumegante, Rosa Alfonsina conversara muito com essa figura admirável, magrinha de cabelos brancos, óculos fundos e maneiras da professora amorosa que fora a vida inteira, e agora via que poderia, ela também, fazer algo menor, porém parecido. Deve ter seu endereço em algum lugar. Vai lhe escrever uma carta contando dos frutos que uma iniciativa boa é capaz de espalhar.

Mandou construir um galpão onde montou um salão de reforço para os netos e seus colegas. Começou apenas com a ajuda nas tarefas e um lanche. Embora fosse uma atividade completamente particular e voluntária, achou conveniente informar o prefeito, que só faltou colocá-la em um pedestal pela iniciativa: "Se eu puder ser de alguma ajuda e valia, considere-me à sua disposição".

Não foi preciso. Rosa queria distância de burocracias e bajulações.

Com o tempo, o galpão se encheu de meninos, o lanche ficou mais robusto e, além das tarefas, havia uma ou outra lição básica no computador comprado especialmente para isso. Maria Flor também, de vez em quando, ensinava rudimentos de desenho para as crianças que se interessassem. Talentos ocultos apareciam, como o de Laurilene, melhor amiga de Amanda, filha do porteiro da igrejinha evangélica. Seus desenhos começaram a ser colados nas paredes do galpão. Outro talento, esse na matemática e no computador, era Zé Trovãozinho. Filho de mãe solteira e briguenta, Zulmira Trovoada, exímia passadeira que, nas horas de folga, fazia leques e cestos de palha que Trovãozinho, bom de

convencimento, vendia para os turistas. Nos sábados à tarde, Rosa passou a dar também um reforço na metodologia para os professores da rede municipal que se interessassem. Sentia-se tão bem fazendo isso que às vezes pensava ter nascido para passar o final de sua vida assim, compartilhando o que sabia com quem quisesse aprender.

Quando o ensino fundamental da cidade começou a se sair melhor nas avaliações nacionais periódicas, o prefeito e o vice vieram cumprimentá-la: “Ah, dona Rosa! Quem dera as pessoas que viessem desfrutar de nossas praias e do nosso sossego ajudassem a comunidade como a senhora!”.

Rosa agradeceu, serviu café e biscoitinhos, escutou sua ladainha sobre as próximas eleições, mas não deu trela.

“Estou muita velha para a política, seu prefeito. E meu título é de Brasília, esqueça! É lá que eu voto, e sempre voto muito bem, obrigada.”

Nesses anos tranquilos, Maria Flor, em sua rede em frente ao mar, observava seus filhos bronzeados pelo sol, Ben imitando passarinhos, tocando pandeiro, aprendendo viola, querendo crescer para fazer parte da banda da cidade, e Amanda apenas sendo criança, com pequenas sardas no rosto, rodeada das amigas Laurilene, Dercy e Salviana, a indiazinha pataxó que aparecia de vez em quando. Salviana estudava em sua aldeia, mais distante, e só vinha à cidade no final de semana ou nos feriados, quando a mãe vendia o seu artesanato. Às vezes, no meio das crianças, suas perguntas soavam estranhas:

“Seu povo todo mora nessa casa branca, Manda?”.

“Meu povo?”. Amanda não entendia. “Não é povo. É família.”

Salviana não concebia uma pessoa sem povo. Encasquetava com isso.

“Se é sua família, então são seus parentes, são seu povo.”

Aí é que Amanda não entendia mesmo.

Trovãozinho, para quem Amanda era a menina mais especial que ele jamais vira, vinha em seu socorro: “Se ela não quiser ter povo, ela não tem, Salviana. Ninguém é obrigado a ter povo aqui”.

O tio Lauro era outro que tinha um xodó especial pela sobrinha. Começou a ensiná-la a mexer com sua câmera. Em uma de suas visitas, filmou o grupo de meninas na areia dourada e, quando mostrou o filmete à família, apresentou-as como “As quatro graças brasileiras”: a indiazinha, a branquinha, a pretinha e a

moreninha. Ao fundo, a câmera captava Ben e Trovãozinho tentando atrapalhar as brincadeiras das meninas.

Nesses momentos de puro deleite com a vida, Flor se perguntava por que ela e seus filhos, e mesmo a avó e os tios, por que todos se sentiam tão bem ali, que lugar encantado era esse que para ser mesmo um paraíso só faltava Joaquim.

Quando podiam, os tios vinham passar pelo menos uns dias com a mãe e a irmã. Lauro, divorciado, trazia a companheira do momento, e Leandro, que não se casara, preferia vir só. Até Laércio, que trabalhava como economista em Nova York, vinha pelo menos uma vez por ano com a esposa americana. Em uma tarde dessas, quando a pousada recebia apenas a família, todos na morrinha de depois de um bom almoço, Rosa e Chico estavam na varanda quando ouviram a gritaria dos meninos na praia.

Em dias de mar agitado como aquele, os meninos de terra de pescador estariam em outro lugar, sabedores de que não se brinca com as águas revoltas do mar. Assim, no instante mesmo em que o som da praia chegou aos seus ouvidos na rede, Flor entendeu que não eram gritos de alegria. Algo estava errado. Em um salto, correu. Rosa e Joaquim atrás, no passo mais rápido que conseguiam. Os tios começando a se erguer das redes.

Ela vê Amanda agachada em um ponto alto da areia, ouve os gritos dos meninos chamando: “Volta, Ben!”.

O coração da mãe se detém, mas não seu corpo, nem sua cabeça. Corre para o ancoradouro do barco que Juracy, o parrudo pescador que trabalha com eles, está empurrando para o mar. Ela pula no barco, e vão juntos em busca da cabecinha que podem ver entre as ondas. A perícia de Juracy e a ânsia louca de Flor dão conta de chegar e agarrar Ben pelos cabelos, cabeça, braços, pernas e colocá-lo no barco. Uma onda enorme se arma em ameaça, mas, talvez desencantada por ter perdido o corpo que estava em seu poder, muda de ideia no meio de sua erguida e arremessa-os, furiosa, direto para a praia. Os tios agarram o barco enquanto Juracy levanta o corpo e deita-o na praia. Seguem-se desesperados minutos de respiração boca a boca que Amanda vê de longe, grudada na areia, as mãos enfiadas fundo entre os grãos como se para prendê-la para sempre ali, paralisada e sem pensamentos, sem existir, sem estar em seu corpo. Em seu lugar, o terror.

Quando, por fim, ela percebe a mudança no tom da gritaria, agora aliviada, agora celebrante, Ben reagira, o ar outra vez dá voltas em seus pulmões. Amanda se levanta, ainda não ela e sim outra estranha onda furiosa, ainda que pequena, ainda que dessa vez humana, indo com sanha até onde o irmão está abraçado pela mãe e, sem titubeios, sem pena, olhos estreitados no rostinho sem cor, joga com toda a força no rosto de Ben um punhado picante de areia, gritando: “Seu...

seu imbecil!”. E corre dali, desaparece assim como chegou.

Foi sua primeira grande briga com o irmão. Não falou com ele, não deixou que se aproximasse, não queria ouvir nenhum pedido de perdão, muito menos tentativas de se explicar. Aguentou uma noite e um dia assim, até que Ben se aproximou, imitando o canto do passarinho que ela gostava. Amanda deixou-o chegar e ouviu sua voz pedindo: “Me abraça”.

Ela abraçou.

“Jura que não faz mais isso?”

“Juro.”

“Nunca mais entra no mar bravo?”

“Nunca.”

Ben pode ter cumprido a promessa no que se refere a mar bravio, mas estavam em sua alma a aventura, a fome pela adrenalina, a força da vida querendo viver.

Quando os pais decidiram que já era hora de voltar para o Rio de Janeiro, Amanda e Ben ficaram emburrados. Não queriam sair dali, onde a vida era como devia ser. Joaquim foi firme, e Maria Flor concordou: não queria ouvir nem um pio a mais sobre o assunto. Mesmo porque ela e Joaquim tinham decidido voltar a morar juntos e estavam radiantes. A Pousada da Bisa estaria sempre lá à espera deles. Mas, na hora de entrar no carro, um Joaquim arquejante teve que carregar Amanda aos gritos, pernas e braços batendo no ar, tentando livrar o corpo da força do pai.

No começo, os dois irmãos estranharam bastante a cidade grande, o calor do bairro do Grajaú, o pequeno apartamento onde foram morar, mas nada como a beleza do Rio para expulsar os emburramentos — não os hormônios, que logo se fizeram presentes. Enquanto Ben lidava de uma forma mais amigável com os seus, Amanda tornou-se uma adolescente quase insuportável, inquieta, incapaz de se fixar em qualquer coisa. A mãe era seu alvo predileto para as respostas insolentes. Flor queixava-se a Joaquim: “O que fazer com essa menina?”.

E ele, inabalável: “É uma fase. Isso passa”.

Em 2013, quando o país começou a se agitar de maneira incomum, os gêmeos viviam sua primeira adolescência. Ben descobria sua homossexualidade, Amanda se descobria um fogo ardente. Enquanto os primeiros sinais de uma combustão não prevista por ninguém começaram a borbulhar por todo lado,

panelas batendo, irritações, xingamentos, um fosso se abrindo e dividindo o país, Amanda e Ben escutavam os comentários dos pais espantados com o que liam nos jornais, escândalos e mais escândalos, e em seus doze anos se esforçavam para entender o que aparentemente não tinha explicação. Viam a mãe, chorosa, telefonando quase todo dia para o vô Chico para falar de Lígia, da morte de Lígia, seu sofrimento na tortura: “Tudo em vão, pai. Acabou”.

O que o avô respondia, os gêmeos não escutavam.

Ben começou a voltar cada vez mais machucado da escola. Revidava a qualquer gracinha que fizessem com ele, qualquer vestígio de *bullying*. Defendia-se, era agredido, agredia de volta. Amanda ia em sua defesa e tampouco tinha paz. Os dois chegavam raivosos das aulas e se refugiavam na internet. Os pais colocaram Ben em outra escola, recomendada por colegas de Joaquim, mas Amanda quis ficar onde estava, com os amigos e os namorados. Tudo bem, disseram os pais. Poderia ser saudável separar um pouco o grude daqueles dois.

Quase imperceptivelmente, Ben foi se transformando. Descobriu o violoncelo e, de uma hora para a outra, se focou. Querer tocar bem aquele instrumento fez dele alguém com um destino, uma ambição, um sentido. Passou a ter aulas com um professor particular — quem primeiro falou de seu ouvido absoluto — e a treinar, obcecado. Queria recuperar o tempo que achava ter perdido. Amanda lhe dizia: “Você tá parecendo maluco”.

Ele respondia: “Se isso for maluquice, é bom ficar maluco. Você devia ficar maluca também”.

E, mais uma vez, Amanda sentia que o olhar da mãe para ele, admiração e amor sem queixas, era diferente do que ela recebia. Pois que fosse. Ela contribuiria para que se tornasse ainda pior.

O problema não era a liberdade — que os pais sempre deram aos dois. “Prestem atenção a isso e àquilo”, diziam. “Tenham cuidado. Tenham responsabilidade com vocês e com os outros.” E lhes davam a autonomia de que precisavam. Os dois saíam com suas turmas, iam ao cinema, aos bailes funk e às baladas, pouco à praia — longe, cheia e poluída, nenhum deles gostava de ver o mar assim. O que preocupava Maria Flor não era essa exuberância normal dos jovens sendo jovens, mas o afastamento, a irritação e a rotatividade dos namorados da filha. Enquanto Ben enchia a casa com seu som, Amanda a enchia com seus namorados.

“Você é muito jovem”, dizia Flor. “Mal começa a namorar alguém, logo vem outro. Não quero a cada semana ver um jovem diferente na minha cozinha.”

A petulância de Amanda respondia: “Se é isso que você quer, depois não venha se queixar quando eu dormir fora de casa”.

Flor sofria: “Essa menina parece ter um núcleo indignado dentro dela, Joaquim. Não entendo”.

“O mundo dessa geração vive uma fermentação incontrolável, querida”, apaziguava Joaquim. “Todos os dias recebem as piores notícias. Deve ser meio assustador. Mas é o mundo deles. Nossa filha tem todas as condições para amadurecer e enfrentá-lo.”

Nas férias, voltavam à pousada. Da grande turma de moleques de antes, os anos e a vida radicalizaram as diferenças, e poucos permaneceram amigos. Amanda, mesmo no Rio, e pela internet, mantinha contato frequente com Laurilene, Dercy e Trovãozinho, já promovido a Zé Trovão. Para Ben, no entanto, ficava cada vez mais difícil o reencontro anual com seus antigos companheiros. As desigualdades óbvias levavam todos eles a caminhos tão gritantemente diferentes que o diálogo tornava-se artificial demais. Não achavam graça em seu violoncelo, nem em seus modos, nem em suas roupas estapafúrdias, seus cabelos soltos ao vento. Zé Trovão era o único que se aproximava e enfrentava com ele as ondas daquele amado braço de mar que Ben aprendera a respeitar depois de quase morrer em suas ondas.

Às vezes, quando estava sozinho, sentava-se na areia e cantava Caymmi quase aos sussurros, um ritual particular, longe de todos, sobretudo de Amanda: “É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar”.

Seria mesmo? Foi isso que ele tentara averiguar naquele dia, com os amigos gritando atrás: “Volta, Ben, volta”?

Já Amanda sumia com as amigas. Maria Flor comprara alguns desenhos de Laurilene para suas estampas, queria comprar outros, mas o pai evangélico não deixava. Não via com bons olhos os desenhos da filha. Amanda se indignava: “Lauri, você é uma artista! Não deixe seus pais te dominarem. Fuja!”.

“Fugir como?”

“Eu te ajudo. Falo com minha mãe. Você vem morar com a gente.”

“Gosto daqui, Manda, não posso abandonar minha família. Seria como matar minha mãe. Minha vida é essa. A sua é que é diferente.”

Amanda não se conformava.

Já Dercy pensava em morar com os tios de Salvador e lá fazer o ensino médio. Agora estava bem mais fácil para alguém como ela entrar na universidade, mesmo como cotista. Queria fazer Enfermagem, casar e ter dois filhos.

De quem ninguém tinha notícias era de Salviana. Ela e a mãe já não apareciam na feira.

Namoradeira como era no Rio, Amanda ali se aquietava. Já tinha dito a Zé Trovão: “Depois do Ben, você é meu melhor amigo, mas nunca vamos namorar, Zé. Crescemos juntos. Você é meu irmão”.

Sofrendo ou não, Trovão aceitou, mas continuou sendo o primeiro a visitá-la quando a amiga voltava nas férias e a passar os dias à sua disposição. Levava-a de barco, pescavam juntos, e era como se Amanda voltasse a ser criança. Não queria e não criava problemas.

Flor comentava com Joaquim: “Amanda aqui parece outra, pé no chão, vestidinho velho, se esquece de si mesma. O que se passa na cabeça de nossa filha?”.

“Adolescência é puro mistério”, Joaquim respondia. “Nem ela mesma sabe o que é, o que pretende. Está apenas se formando, querida.”

E Flor, no que já havia se tornado uma brincadeira entre eles, perguntava: “Isso passa?”.

“Passa”, assegurava o marido.

Flor queria perguntar: “Para melhor ou para pior?”, mas se calava. Joaquim teria que ser adivinho para saber a resposta.

O impeachment de Dilma Rousseff pegou os gêmeos aos quinze anos. Maria Flor se debulhava em prantos nas longas conversas pelo telefone com o pai e a avó: “O que vai ser de nós, pai? Que democracia derruba uma presidenta eleita? Se mamãe estivesse viva, não iria acreditar!”.

Amanda e Ben acompanhavam a situação também pelos colegas e pelas redes sociais. Confundiam-se com as *fake news*. Ben acabou preferindo se autoexilar das notícias cotidianas e de seus escândalos. Deixava-se prender na rede de sons e exercícios de seu violoncelo, esquecia o mundo. Estava empenhado em conseguir uma bolsa de estudos no exterior. Preparava-se. Já Amanda seguia as notícias com sofreguidão até não poder mais e se sentir mal. Entrava, então, no quarto do irmão, aninhava-se em sua cama e se deixava levar pelos acordes que Ben tocava, e era como se a música os envolvesse, juntos outra vez no útero protegido da mãe.

Como é difícil viver tempos assim! Mesmo não querendo, mesmo tentando se proteger da insegurança que os cercava. Na escola, os jovens se agitavam. Indignação, revolta, medo. Notícias da polícia matando jovens negros, jovens pobres, jovens favelados. Tráfico e milícias dominando as comunidades. Balas perdidas. Sempre balas perdidas. E roubos, corrupção. Xingamentos. Retrocessos e retrocessos. Divisão: você está do meu lado ou está contra mim.

Brigas até na família. Tio Laércio deixando de aparecer, depois de uma grande discussão com os irmãos. Ia à pousada ver Rosa Alfonsina quando nenhum irmão estava por perto. Por nada desse mundo Maria Flor brigaria com algum de seus tios, mas não falava de política perto de Laércio.

Mais ou menos por essa época aconteceu a segunda grande briga da vida dos gêmeos. Ben quis conhecer a Parada Gay de São Paulo, Amanda foi junto. Foram em um grupo com dois amigos e, no ônibus Rio-São Paulo, conheceram outros rapazes com o mesmo objetivo deles: dormir no ônibus na ida, passar o dia na parada, dormir no ônibus na volta. Juntaram-se. Ben e os novos amigos animadíssimos, Amanda deixando-se contagiar pela alegria deles.

Em um parque da avenida Paulista, eles colocaram suas plumas e se maquiaram. Ben o mais lindo, o mais feliz. Amanda no meio da euforia. Divertiram-se muito. A liberdade dançava na avenida entrelaçada com o orgulho gay. Fantasias, música, alegria. Melhor que o Carnaval. Fizeram novas amizades: gays, *drag queens*, trans, cis, héteros. Tarde perfeita.

Foram tomar o ônibus de volta já quase meia-noite. Cansados, mas com a alegre disposição de querer sorver até o último momento, Ben e os amigos continuaram com suas plumas e sua maquiagem. Foi no metrô, a caminho da rodoviária, que o clima mudou. Três brancões abrutalhados, munidos de toda a parafernália de skinheads, entraram no mesmo vagão, ameaçando o grupo. Um escondia alguma coisa na mão. Amanda puxou o irmão.

“Vamos descer e pegar outro trem.”

O grupo de amigos se afastou, menos Ben, que se ouriçou como galo de briga.

“De maneira nenhuma!”, ele gritou. “Esses caras não são donos desse vagão.” Indiferente à voz da irmã e dos amigos, voltou-se para os três: “Vocês não nos metem medo, nazistas! Quem tem medo de nós são vocês, enrustidos!”.

Amanda só ouviu o estalo em uma perna de Ben e ele cair, urrando. Felizmente, a porta do vagão se abriu na estação, e os brutamontes desceram entoando gritos obscenos e ameaças. Da próxima vez ia ser para matar.

Ai, Amanda em seu ódio! Tomada por uma raiva irracional não apenas dos animais que os atacaram, mas também de Ben. Ser obrigada a se angustiar pelo imbecil do irmão, provocador, irresponsável consigo mesmo! Teve que controlar sua vontade de estapeá-lo.

Ela o levou para o hospital, telefonou para o pai e esperou por sua chegada, sem ter notícias do estado do irmão, levado pelos plantonistas para o fundo das portas fechadas do pronto-socorro. A noite mais infernal de sua vida. Nem quis saber dos detalhes quando o médico avisou que fora necessário fazer um implante no osso estraçalhado da perna esquerda. Fez o boletim de ocorrência e voltou para o Rio, deixando Joaquim com Ben no hospital. O pai que cuidasse

do filho irresponsável que tinha.
Dessa vez, passaram-se dias antes que ela quisesse abraçá-lo de novo.
“Como é possível você não pensar em ninguém? Os nazistas poderiam ter arrebentado sua cabeça. Ou suas mãos, Ben. Você não sente nem um pouco de medo quando faz esse tipo de coisa?”
“Só a vontade de ir em frente.”
“Você é louco. Nem imagina a vontade que me dá de te bater.”
“Não preciso imaginar porque sei. Até hoje sinto a dor da areia arranhando a minha cara.”
“Foi pouco. E fique já avisado: se um dia você morrer por uma besteira sua, vou te levantar do caixão pra te sentar a mão na cara!”
“Que meeeda!”
Aliviados pela paz recém-feita, gargalharam.
“Se você não tem medo por você, tenha por mim. Ou por essa sua adoração pela música. Se te aleijarem, nunca mais você vai tocar nada. Promete?”
“Prometo.”
Pegando seu violoncelo, Ben fez um som surpreendentemente lindo e exclusivo para a irmã. Depois, lhe deu a notícia: fora aceito em um curso de música em Montreal, com bolsa e tudo. Era para lá que ele iria.

E eis que, então, ocorreu uma mudança também na escolinha da pousada. As crianças começaram a debandar. O número de professoras que iam aos sábados para o reforço na metodologia também diminuiu drasticamente. Só iam as que não estavam empregadas. Rosa estranhou e perguntou a uma das mães que encontrou na feira:
“Por que seus meninos não vão mais ao reforço escolar, don’Ana?”.
“Ah, dona Rosa, o prefeito num quer deixar.”
“O prefeito? Mas o que ele tem a ver com isso?”
“Ele disse que a mãe do menino que for pro reforço num vai ter nenhum apoio da prefeitura.”
“Ele não tem o direito de fazer isso.”
“Ter não tem, mas faz de qualquer jeito.”
Dali mesmo, Rosa, com sua cesta colorida de legumes e frutas, foi direto à prefeitura. Disseram-lhe que o prefeito estava ocupado.
“Tudo bem, eu espero”, ela respondeu. Esperou até a hora do almoço, quando a fome fez o homem sair de sua sala.
“A senhora por aqui, dona Rosa?! A que devo a visita?”

“Não é visita, senhor prefeito. Vim só para um esclarecimento. Ouvi falar que o senhor está dizendo para as mães não levarem os filhos para o reforço escolar.”

“A senhora sabe como o povo gosta de falar, dona Rosa.”

“Então não é verdade?”

“Não se preocupe com essas coisas. Volte pra seu sossego. A senhora já faz muito para a cidade com sua pousada.”

“É que, se for verdade, eu gostaria de saber com que autoridade o senhor está fazendo o que não tem o direito de fazer.”

Aí o prefeito se espezinhou, com fome e irritado por ter passado a manhã trancado em seu gabinete na tentativa justamente de evitar aquela conversa: “Ora, dona Rosa. Quem entende os direitos da prefeitura é este que vos fala. E, sim, já que a senhora insiste em saber, vou lhe dizer. Sim, estou pedindo para que as mães não enviem seus filhos para as suas aulas de reforço. Sabe por quê, dona Rosa? Por um motivo simples: eles não precisam mais. As professoras da prefeitura estão muito bem preparadas para atender às crianças”.

“O senhor não pensava assim quando estive aqui no início do seu primeiro mandato, explicando o que eu pretendia fazer para contribuir com o ensino da cidade.”

“Eram outros tempos, dona Rosa. O Brasil está mudando. A senhora não viu o que aconteceu em Brasília? Também aqui não vamos admitir que gente de fora faça a cabeça de nossas crianças. Fique avisada. Passar bem.”

Rosa, acostumada a tantos enfrentamentos na vida, sentiu um esmorecimento tão grande que suas pernas ficaram bambas. Teve que se sentar. A secretária — que a conhecia — veio lhe trazer um copo d’água com açúcar e pedir desculpas.

“Agora que o prefeito saiu posso lhe contar, dona Rosa. Ele proibiu também as professoras de comparecer ao reforço da metodologia. Muita gente da cidade está revoltada. Mas ele tem o poder, não é? Até a próxima eleição, que Deus queira que ele não seja eleito. Desculpa, dona Rosa.”

“Imagina, filha! Você não tem que pedir desculpa. Eu é que agradeço o copo d ´água e as palavras.”

No dia seguinte, o galpão apareceu pichado com letras graúdas: “Esquerdista”, “Deixe nossas crianças em paz”. Um assustado Juracy veio lhe mostrar a parede. Quase imediatamente chegou também um grupo de meninos com suas mães e um galão de tinta para cobrir a ameaça.

Mas o fato é que o tão louvado reforço do começo minguou de alunos e professores. Pela primeira vez, Rosa Alfonsina sentiu-se velha, sem forças em seus intensos noventa anos. Ferida. Chico — a única pessoa de fora para quem ela contou o que acontecera — veio imediatamente. Viu na cara da sogra um abatimento que nunca vira antes.

“Que doença corrompeu esse país, Chico? Não o reconheço mais.”

Pediu ao genro que não contasse a ninguém o que ocorrera. Mas Chico ligou para a filha, dizendo apenas que achou a sogra esmorecida, seria bom se alguém pudesse visitá-la.

Mal desligou, Flor telefonou para os tios: “Vovó não está bem. Vou dar um pulo lá”.

Quando voltou, Flor contou novidades. Um amigo de Rosa Alfonsina desde os tempos de Brasília, um pouco mais novo do que ela — um antigo apaixonado, Flor desconfiava —, viera também morar na região, em uma casa um pouco isolada, mas, ainda assim, perto da pousada. Visitava Rosa todo fim de tarde, trazendo ervas aromáticas e ensinando a ela os prazeres do escalda-pés depois que caminhavam pela praia. A presença dele estava fazendo um bem danado à avó, e Flor pôde voltar despreocupada.

Contou também para Amanda notícias de suas amigas: Laurilene estava de casamento marcado, o que Amanda já sabia. Salviana, a pataxozinha, estava estudando Advocacia no interior de São Paulo. E Dercy teve que voltar de Salvador. Foi vítima de um estupro, quase morreu e ficou grávida. A família não deixou que ela fizesse o aborto. Flor até tentou encontrá-la, mas não conseguiu.

Amanda se enfureceu. Então foi por isso que Dercy deixara de escrever e responder suas mensagens de texto. Que raiva desse mundo onde essas coisas acontecem! Que ódio! Bateu a porta do quarto, agarrou o travesseiro, esmurrou-o e chorou, abalada com o sofrimento da amiga.

Acompanhando os dramas de Maria Flor com a filha, os tios cineastas, Lauro e Leandro, resolveram dar uma força para a sobrinha e a chamaram para trabalhar meio período com eles. Amanda sempre se interessara pelo trabalho dos dois.

Ainda criança, com as mãozinhas mal conseguindo segurar com firmeza a câmera de Lauro, ela filmou Ben. O filminho caseiro ficou na história da família porque, sem que o ator e a cineasta percebessem, foi a primeira vez em que Maria Flor e Joaquim de fato viram os gestos afeminados do filho e uma doçura que nem Amanda possuía. Na época, Flor virou-se, rindo para Joaquim: “Isso passa?”.

E ele, também rindo: “Não, querida, isso não passa. Nosso Ben terá que enfrentar a hostilidade do mundo, mas estaremos com ele”.

Amanda chegou para o estágio dos tios como uma faz-tudo: assistente de produção, assistente de câmera, assistente dos workshops que Lauro costumava ministrar.

Nenhum deles estava filmando nada de ficção naquele estranho momento em que o país parecia outro. Leandro dedicava-se a documentar as manifestações, tanto da esquerda quanto da direita, que aconteciam de norte a sul. Tentava mostrar, através dessas manifestações, as divisões que se radicalizavam e mudavam o rosto do país que amavam. Era um processo, uma experiência, explicou a ela. Não sabia bem o que sairia de tudo isso. Esperava que o entendimento viesse na hora da montagem.

Já Lauro estava mais voltado para documentar a cultura e a luta indígena. Sumia por regiões longínquas do interior, que chamava de “o coração do coração do país”, e de lá trazia imagens e histórias ainda não conhecidas. Estava espantado com a capacidade de resistência e luta dos povos indígenas, a sobrevivência de tantas etnias que julgava perdidas, a beleza do que encontrava. Sua admiração ia direto para o coração da sobrinha, que mal conseguia apreender tudo aquilo.

Ela comentava com Ben: “Tô começando a entender sua paixão pelo violoncelo. Estou sentindo isso pelo cinema. E você estava certo. Estou louca para aprender mais”.

Ouvindo as risadas, a mãe se aproximava.

“Está gostando de trabalhar com seus tios?”

Amanda cortava o riso: “Mais ou menos”.

Dessa vez, assim que Flor se afastou, Ben perguntou, chateado: “Por que você não responde direito pra mãe?”.

“Você sabe.”

“Que coisa, Manda! Com essa história de que mamãe gosta mais de mim, você faz tudo pra que ela goste mesmo. Essa autoprofecia vai acabar se realizando se você continuar assim. Já passou da hora de acabar com isso. Vou falar com o pai desse seu trauma.”

“Não vou perdoar se você fizer isso.”

“Então para de uma vez. Tô de saco cheio dessas briguinhas.”

“Azar o seu.” Amanda saiu batendo a porta.

Murã Kuikuro vivia no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso. Era um dos chamados cineastas de sua aldeia, formados pelo trabalho de antropólogos e cineastas, através do projeto Vídeo na Aldeia. Fazia parte do Coletivo Kuikuro

de Cinema. Desde meninote participara de documentários sobre cantos, danças e outras práticas culturais de sua etnia, e se apaixonara pelas possibilidades que o cinema oferecia. O entusiasmo das pessoas das aldeias quando se viam em movimento nas telas era bonito de ver, a descoberta de uma linguagem que se comunicava perfeitamente entre si e também com o mundo. O próprio cacique kuikuro fizera um pedido: que os cineastas da aldeia registrassem sua cultura e suas tradições, que, assim, não se perderiam para as futuras gerações.

Lauro e Laércio achavam uma beleza tudo isso. A cultura indígena altamente visual, colorida, dançante e ritualística parecia ter encontrado sua forma perfeita de expressão através do cinema. Eram abelhas revelando o mel. Todos os anos, o Festival de Cinema Indígena mostrava uma qualidade crescente em técnica e conteúdo. Para quem nunca tinha visto, era surpreendente. Lauro sentia-se privilegiado por participar dessa descoberta da forma de expressão ideal de um povo.

Para adquirir mais técnica e aperfeiçoamento, Murã tinha vindo passar um tempo no Rio para fazer o workshop de cinema de Lauro, gratuito para os indígenas e os jovens das comunidades cariocas. Enquanto fazia o curso, ele morava na Aldeia Vertical, um edifício de cinco andares, do projeto Minha Casa, Minha Vida, onde moravam tukanos, guajajaras, pataxós, kuikuros e várias outras etnias dos 17 mil índios que viviam na cidade do Rio de Janeiro.

Era jovem, simpático, falador. Não exatamente bonito, mas se destacava pela urgência que o queimava para mostrar quem eram de fato os indígenas. Dava para ver esse fogo quando ele contava de sua aldeia, suas malocas ovaladas, a terra cor de laranja madura. Quando se apresentou ao grupo, mostrou as primeiras imagens que fizera na aldeia. Imagens simples, sem som, que ele ia explicando quando achava necessário.

No início, um pouco da paisagem que cercava a aldeia, o mundo das águas e das matas. Um jovem pescando com arco e flecha.

“A gente pesca também com lanças, anzol e linha, arpão, rede, o que for”, dizia a voz de Murã no escurinho do galpão.

Logo, surgiu um zoom nos caramujos branquíssimos que homens e mulheres limpavam.

“A gente vende nosso artesanato no atacado e no varejo pro mercado de arte indígena, nas cidades ou pra quem chega na aldeia. Nosso povo cria muita coisa bonita.” E as imagens mostram os colares e cintos pendurados em um varal dentro da oca. Um contraste bonito entre os caramujos lapidados e branquíssimos e o escuro da oca atravessado pelos raios de luz do sol do lado de fora.

“Tantas pessoas da cidade ainda dizem que o índio não trabalha. O índio

sempre deu um duro danado.”

A câmera mostra a roça e, de passagem, um pequizeiro. Uma mocinha pega o fruto, tira a sua casca e mostra sua cor amarelo-sol.

Murã brinca:

“Êêêê, que daqui tô sentindo o cheiro desse pequi! Demais de gostoso! Dá também um óleo desse amarelo forte que passamos na pele pra embelezar e proteger”.

Em seguida, surgem na tela dois rapazes da aldeia saindo em motos e caminhonetes com espingardas. Logo eles estão no meio da mata, mostrando um grosso tronco serrado.

“Isso é quando a gente fica sabendo dos madeireiros e vamos lá expulsar e filmar o que fizeram. Filmamos o crime deles pra denunciar na internet. Acontece quase todo dia. Eles não respeitam nossa terra. É tudo isso que eu quero mostrar no cinema”, finalizou.

Amanda aplaudiu com gosto o entusiasmo de Murã.

Os dois se tornaram amigos e no final de um dia de trabalho, arrumando o galpão — era tarefa de Amanda fechar os trabalhos do dia e dele, ajudá-la — depois de uma sessão especialmente bem-sucedida, deram-se conta de que haviam ficado sozinhos. Amanda, sendo quem era, se aproximou. Queria conhecer mais de perto aquele corpo forte, moreno avermelhado, o nariz bem-feito. Queria ver de perto seu colar de caramujos. Tomou-o nas mãos: “Você disse hoje que Giti, o Sol, herói criador, é gêmeo de Aulukuma, a Lua. Para vocês, irmãos gêmeos têm algum valor especial? Eu tenho um irmão gêmeo”.

Mas antes que ele respondesse, ela o beijou. E ali mesmo, no chão duro de cimento, fizeram amor. Um amor calmo, atento e alegre, ela focada no corpo dele, e ele, no corpo dela. Ela sentindo o cheiro úmido da pele avermelhada dele, ele sentindo a maciez do corpo branco e do cabelo avermelhado dela. Amaram-se.

Mas só dessa vez.

O curso estava para terminar, Murã já preparava sua volta para a aldeia.

Ainda bem, ele pensou. Quando Amanda o procurou tão livre, sua pele doce, seu cheiro de cidade, ele se atordoou. Sentiu-se como que apoderado por algo que não tinha nome. Melhor nem chegar perto outra vez. Sabe-se lá! Menina assim entra fácil no coração de um homem que nem ele. Não vai brincar com isso. Mulher da cidade complica muito, e, mesmo se não complicasse, ele não quer se ligar a ninguém. Nem sofrer por ninguém. É jovem e livre como ela, mas tem o compromisso com seu povo. Não vai chegar perto dela outra vez, não.

No dia do encerramento do curso, no entanto, ele lhe trouxe um colar de caramujos.

“Eu que fiz. Quero que traga só coisa boa pra sua vida. Quero muito o seu bem.”

“Que lindo, obrigada, Murã! Eu também só quero que o mundo lhe dê o que você e seu povo merecem.”

Deram-se um abraço cheiroso, e foi tudo.

Como era de esperar, depois que Amanda fez o anúncio de sua gravidez, a primeira pergunta que seus pais fizeram foi a mais óbvia: quem era o pai?

Amanda não sabia. Podia ser o Daniel e podia ser o Murã. O Daniel, ela conhecera em um baile no Andaraí. Era um cara com quem ficava de vez em quando, mas nada sério. Tampouco Murã; ela se encantara com ele e suas histórias, mas era outro o mundo dele, jamais seria o dela. Dele ficara o colar de caramujos que ela gostava de usar.

Mas nada disso ela falou com os pais. Respondeu apenas que não sabia quem era o pai e que isso não tinha a menor importância porque esse filho seria só dela e pronto.

Assim que voltou para o quarto, Amanda ligou para Ben no Skype para contar a reação dos pais. Desde que ele fora para Montreal, os dois passavam um bom tempo nessas conversas, mas ele não sabia que ela acabara de decidir ter o filho. Iria amar receber essa notícia.

“Mas nem pra mim você disse quem é o pai”, ele se queixou.

“É que eu não sei mesmo, Ben. Claro que uso camisinha, mas camisinha fura. Pode ser o Dan, que você conhece, da rádio comunitária.”

“Do Andaraí?”

“Ele mesmo.”

“Até que podia ser.” Ben riu. “Eu ia amar ter um sobrinho de cabelinho crespo e pele mais escura que a nossa. E o Dan é muito legal.”

“Eu sei. Mas acho que não é ele.”

“Então quem é?”

“Talvez o Murã, que você não conhece. Com ele, foi só uma vez, a gente transou sem camisinha.”

“Você é maluca, Manda.”

“É que foi tão natural, Ben. Tão como deveria ser. Eu esqueci.”

O irmão balançou a cabeça.

“E o que te fez de repente mudar de ideia e ter o bebê?”

“Sei lá! Vontade de colocar mais uma pessoinha boa no mundo? Quem sabe assim o mundo melhora um pouco?!”

“Claro que vai melhorar, e muito!” Ele soltou outra risada. “E os velhos, o que mais eles falaram?”

“O pai ficou calado e depois só disse que estava começando a entender por que nós, *millennials*, sempre respondemos *não sei, sei lá*. Com as confusões que aprontamos, não dá pra saber nada mesmo. Mas ele é que estava com cara de confuso dessa vez, até fiquei meio com pena. E a mamãe, com aquele jeito dramático dela, não chorou como eu pensava que fosse fazer, mas ficou repetindo: ‘Com a sua idade! E eu pensando que você era madura! Você sabe o que é ter um filho?’. Vou te contar, Ben, não sei como os pais complicam tanto as coisas.”

“Eles são assim mesmo, mas passa, como o pai gosta de dizer. Mas vamos combinar, então: eu vou ser padrinho e pai desse nenê.”

Laércio, ao receber a notícia na ligação semanal que fazia para a mãe, comentou: “Logo a Amanda dar uma de desmiolada! Ter um filho em um momento tão incerto do mundo, e ainda mais sem pai!”.

Rosa, porém, imediatamente o cortou: “O que está feito está feito, filho. Não cabe a nós julgar. E as crianças devem continuar nascendo, senão o mundo acaba”.

Como os fatos consumados têm uma força que ultrapassa qualquer outra, à medida que a barriga de Amanda crescia, mãe e filha começaram a se entender melhor. Uma noite, as duas conversavam sentadas no sofá, e Amanda por fim conseguiu ver no olhar de Maria Flor pousado nela o mesmo enternecimento que uma vez vira no olhar que a mãe lançara a Ben. Sentiu um rearranjo dentro do peito. Respirou fundo. Abraçou forte a mãe. Beijou-a várias vezes.

“Tenho sido uma peste, mãe. Não vou ser mais.”

Amanda quis ter a criança na pousada com a Bisa, como todos, por algum motivo, esperavam. Um parto normal, caso fosse possível, como nos tempos de antes, em casa.

Aos sete meses, já estava na Bahia. Zé Trovão foi como sempre o primeiro a visitá-la. O amor de amigo por ela permanecia intacto. Ficou encantado ao vê-la

tão radiante, contando que já sabia que era uma filha que crescia em sua barriga. E, quando ele contou que estava fazendo um curso de Contabilidade a distância e — surpresa! — namorando, Amanda bateu palmas.

“Bravo, Zé!”

Foram juntos até a nova casa de Laurilene, agora uma dona de casa, esposa de um pastor. Graças a Deus, estava muito bem, Lauri fez questão de lhes dizer. Planejava ter logo um filho, se Deus quisesse. Amanda não deixou de perguntar sobre os desenhos.

“Coisa de criança”, a jovem respondeu. “Na minha vida, não tem lugar para isso.”

A visita foi curta. Abraçaram-se com tristeza ao se despedir, as duas sabendo que nunca mais voltariam a ser o que foram antes.

Dali, Amanda seguiu para a casa de Dercy. Trovão quis evitar esse reencontro:

“A Dercy tá muito mudada. É besteira ir até lá.”

Amanda insistiu, queria ver com os próprios olhos. A mãe de Dercy a recebeu na porta e chamou a filha. Demorou um tempão, ela e Trovão parados ali, sol quente na cabeça. Por fim, Dercy apareceu. Não convidou Amanda para entrar e logo cortou o sorriso que se formava no rosto da amiga.

“Vá embora. Não quero mais ver você. Não temos mais nada a ver uma com a outra.”

E, sem dar chance de Amanda falar, fechou a porta na cara deles.

Ainda bem que Trovão estava ali.

“Dercy ficou assim”, ele explicou. “Muito revoltada. O pior, dizem, é que o filho saiu mais pra branco. Ela não contou nada pra nenhum de nós, mas a mãe disse que foi um colega que a estuprou.”

Mesmo assim, Amanda não entendeu. Disse apenas:

“Depois a gente se vê, Trovão”.

Queria caminhar sozinha. Sentia aquilo que a mãe chamava de seu pequeno núcleo raivoso querendo explodir. Por que Dercy terminara assim a amizade delas? Que ódio de tudo aquilo! Sua mão tentava proteger a barriga de si mesma.

“Não se deixe contaminar por mim, minha nenê. Fique calma. Às vezes sua mãe não entende as coisas, mas não esquente. Quando entender, explico pra você.”

Tantas vezes ela se achara tão segura no mundo. Mas não, nada disso! Não tinha nascido velha nem séria, muito menos adulta, como os pais e ela mesma uma vez pensaram. Era uma menina ainda, uma menina tola tentando viver. E se sentiu como em um mar revolto, o mar de que não gostava, do qual tinha aquele medo obscuro como se ele a desafiasse a entrar para medir forças, sabendo de antemão que, se ela fizesse isso, perderia. Lágrimas começaram a rolar de seus

olhos. O mundo é um mar? Não, não pode ser. O mundo também é um rio. Areia dourada. Mata verde. O mundo não é só maldade. Murã sabe que não é. Dan sabe que não é. Ben sabe que não é. Eu sei que não é. Trovão sabe. Nós sabemos. Não se preocupe, nenê, nós vamos fazer um mundo melhor pra você.

Agora, em seu nono mês, Amanda gosta de se sentar na beira do rio, deixando a tranquilidade de suas águas a contagiarem desde os pés. Já havia nadado um pouco, a filha se mexendo em aprovação na sua barriga, agora estava apenas sentada ali. Lembra-se de Salviana contando o significado do nome “pataxó”: “É água da chuva batendo na terra, nas pedras e indo embora para o rio e o mar”. Ela nunca ouviu Murã contar o significado do nome “kuikuro”. Deve ser alguma coisa bonita.

“Se ele for mesmo seu pai.” Tocando o branquíssimo colar de caramujo em volta de seu pescoço dourado pelo sol, Amanda fala para a barriga estufada: “Será que um dia eu vou querer contar pra você e pra ele?”. Logo responde, pensando no próprio pai e sorrindo para si mesma: “Sei lá!”.

Mais tarde, no entanto, pela primeira vez ela conta para Bisa sobre seu dilema das duas possibilidades paternas. Quer criar a filha sozinha, mas gostaria de saber quem é o pai.

Rosa tirou um tempinho para pensar.

Disse: “Sabe o que eu acho? A essa altura, na verdade, não importa. Quando o nenê nascer, talvez traga no rosto os traços do pai, talvez não. Você vai ter tempo para decidir. E agora venha, meu bem, vamos ver o entardecer na praia”.

Já, já Maria Flor e Joaquim vão chegar para o parto. Ben exigiu que o pai filmasse todo o nascimento pelo celular. Estava inconsolável por não poder vir, mas queria de alguma forma estar junto de Amanda nesse momento.

Será bom. Será uma alegria.

A vida continuará.

CHEGAMOS ASSIM, MAIS UMA VEZ, ao final de nossa história.

A hora está próxima.

Seu código genético já está processando suas informações, e as proteínas que formarão suas lembranças inexplicáveis começaram a se reproduzir, essas lembranças com que alimentei você nesses nove meses. É parte do meu papel de

placenta. Assim, as longínquas memórias do tempo continuarão a viver em você e em seus filhos.

Amanhã, dia 21 de dezembro, será um dia cheio, o primeiro de todos os dias de sua vida.

A nuvem que está lá fora, nessa noite de linda lua, noite em que os bebês gostam de começar a nascer, já vai passar. O dia, amanhã, será tão bonito quanto costumava ser nos meses de dezembro séculos atrás.

Na cidade grande, o céu estará de um azul-claro e resplandecente, que em dias especiais ele ainda é capaz de aparecer assim; a poluição abrirá uma pequena e repentina brecha no ar, que então ficará ameno; o barulho do trânsito fará uma pausa imprevista, e o menino na rua fechará o canivete em um instante de descanso.

Aqui, na beira do mar onde você vai nascer, a manhã brilhará com o mesmo sol dourado que acariciou Inaiá, o primeiro útero de onde você veio.

Mas não crie demasiadas expectativas.

Coisas do arco da velha esperam por você.

FIM

Agradecimentos

Primeiro, devo agradecer aos vários profissionais que têm se dedicado a pesquisar e a escrever sobre a História do Brasil: suas obras foram de imprescindível valor para este livro. É extraordinária a riqueza da historiografia brasileira, que, hoje, cobre com pesquisas sérias e competentes quase todas as épocas da nossa história. Talvez muito ainda reste a ser feito, mas nossos historiadores estão, já há algum tempo, trabalhando muito, e muito bem.

Quero mencionar ainda a origem de três episódios do livro: a história de Hans Staden, da qual a de Teberețé é uma versão, entre as muitas que já foram feitas; a cena do sabão, que está no relato de Yeda Brandão sobre uma antepassada comum e me foi enviado por Dulce Pedroso; e uma tarde de 1970, quando Maria Lúcia Torres, sem perceber, jogou suas poesias junto com panfletos contra a ditadura militar do alto de um edifício da Praça João Mendes, no centro de São Paulo.

Quero também agradecer a vários amigos, pela leitura do manuscrito e pelas valiosas sugestões e incentivo: Maria Lúcia Torres, Peg Silveira, Neide Rezende, Rodrigo Montoya, Alípio Freire, Virginia e A. C. Scartezini, Laura Duque, Maria Lucia Alves, Maria Luiza Torres. A Otavio, Px, Flavio e Denise, Jacinta.

E muito especialmente a Felipe, que, "desde o fim até o começo", tornou possível este livro.

Livros consultados

ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua geografia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

BELMONTE. *No tempo dos bandeirantes* (edição revista e aumentada). São Paulo: Melhoramentos, 1998.

BITTENCOURT, Adalgisa. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

________. *Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_______. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros (org.: Miriam Moreira Leite). São Paulo: Hucitec, 1993.

COUTO, Jorge. *A construção do Brasil*. Lisboa: Cosmos, 1998.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

DIEGUES Jr., Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano*

colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1995.

FLORENTINO, Manolo. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico. Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: As origens da família patriarcal brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

GENTILI, José Carlos. *Isabel Maria, a duquesa de Goyas*. Goiânia: Kelps, 1996.

História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa (coordenador-geral da coleção: Fernando A. Novais. Org. do volume: Laura de Mello e Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

História da vida privada no Brasil: Império: a Corte e a modernidade nacional (coordenador-geral da coleção: Fernando A. Novais. Org. do volume: Luiz Felipe de Alencastro). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio (coordenador-geral da coleção: Fernando A. Novais. Org. do volume: Nicolau Sevcenko). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

História das mulheres no Brasil (org.: Mary Del Priore). São Paulo: Contexto, 1997.

História geral da civilização brasileira (direção de Sérgio Buarque de Holanda). Rio de Janeiro: Difel, 1985.

História geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária (coordenadora-geral: Maria Yedda L. Linhares), Rio de Janeiro: Campus, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

LANDMANN, Jorge. *Troia negra: a saga dos Palmares*. São Paulo: Mandarim, 1998.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MELLO, Ewaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 2ª ed., revista e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

______. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª ed.,

revista e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1975.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *História da família no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

STADEN, Hans. *Portinari devora Hans Staden*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1998.

TRENAD, Françoise; FERREIRA, Epaminondas, H. *Pequeno dicionário da língua geral*. Manaus: Seduc, 1989.

VASCONCELOS, Sílvio de. *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

Viagem pela História do Brasil (org.: Jorge Caldeira). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações (org.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Ateliê/ Unesp, 1998.

Sobre a autora



Maria José Silveira nasceu em Jaraguá, Goiás. Graduada em Comunicação pela UnB e Antropologia pela universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru), com mestrado em Ciências Políticas pela USP, fundou em 1980 a Editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998. É autora de dois livros de ensaios e esta é a sua estreia como romancista. Atualmente dedica-se sobretudo a escrever. Maria José mora em São Paulo.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editora responsável: Amanda Orlando
Assistente editorial: Lara Berruezo
Revisão: Laila Guilherme e Elisabeth Lissovsky
Diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Capa: Renata Zucchini
Imagem de capa: Archiartmary/Shutterstock

Editora de livros digitais: Lívia Furtado
Conversão para e-book: Joana De Conti
Revisão do e-book: Fernanda Dias

1ª edição impressa, 2002
2ª edição impressa, 2019
ISBN: 978-85-250-6697-8

1ª edição digital, junho de 2019
ISBN: 978-85-2506753-1

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S589m

Silveira, Maria José, 1947-
A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas [recurso eletrônico] / Maria José Silveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2018.
recurso digital

Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788525067531 (recurso eletrônico)

1. Ficção; brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-53143 CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

11/10/2018 19/10/2018

Rua Marquês de Pombal, 25 – 20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ
www.globolivros.com.br